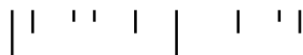


FOLCLORE, FOLCLORIZAÇÃO E  
IDENTIDADE: ANÁLISE DO PAPEL DOS  
GRUPOS FOLCLÓRICOS NA CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA DE JOVENS DE UM CENTRO  
URBANO E DE UM CENTRO RURAL

Mário João da Palma

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção  
Comunitária

2019-2020



FOLCLORE, FOLCLORIZAÇÃO E  
IDENTIDADE: ANÁLISE DO PAPEL DOS  
GRUPOS FOLCLÓRICOS NA CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA DE JOVENS DE UM CENTRO  
URBANO E DE UM CENTRO RURAL

Mário João da Palma

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção  
Comunitária

Orientadora: Cristina Barroso Cruz

Co-Orientadora: Isabel Bezelga

2019-2020

| | ' | | | ' |

## **Agradecimentos**

A conclusão desta tese só foi possível graças ao apoio e ao contributo de um conjunto alargado de pessoas que me ajudaram na concretização desta investigação, por isso quero manifestar a enorme gratidão a todas as pessoas que me apoiaram nesta caminhada e peço desculpa por não mencionar todos e cada um pelo seu nome.

Expresso os meus mais sinceros agradecimentos às minhas orientadoras, Professora Doutora Cristina Barroso Cruz e Professora Doutora Isabel Bezelga, pela orientação ao longo de todo o percurso, pelas sugestões e acompanhamento que me ajudaram a clarificar o caminho a seguir, pela disponibilidade e palavras de incentivo que foram fundamentais para chegar ao fim desta caminhada.

Dirijo um agradecimento muito especial ao RCU por me receberem no grupo, pelos momentos que partilharam desde os ensaios, às atuações e nos momentos de convívio que foram basilares para a investigação.

Dirijo de igual forma um agradecimento ao RCR, pela disponibilidade e forma como me receberam e pelas vivências que me proporcionaram que me permitiram conhecer o grupo e a região.

Um profundo agradecimento aos elementos de ambos os grupos pela disponibilidade para as entrevistas, pelas conversas que tivemos nas quais partilharam a vossa opinião e relação com o grupo e o folclore.

Um agradecimento aos dirigentes e ensaiadores de ambos os ranchos que sempre se mostraram disponíveis para me fornecerem os elementos que lhes solicitei e pelas agradáveis e muito ricas conversas que tivemos sobre o folclore, da região assim como do folclore em geral.

Um carinhoso agradecimento à professora H., pela entrevista e conversas que me ajudaram a compreender como surgiram os grupos folclóricos naquele território, do contexto urbano. Obrigado pela partilha de saberes sobre a etnografia e a dedicação que tem conferido ao folclore da sua região e por disponibilizar bibliografia sobre o folclore da região da serra de Montemuro.

Um agradecimento também ao Vicente Trindade e António Laginha pela cedência de livros que apoiaram bibliografia. Agradeço à Joana Guerreiro pela ajuda e amizade.

E porque esta tese resultou do contributo de várias pessoas, um grande bem-haja a todos.

## **Resumo**

Os grupos folclóricos e etnográficos enquanto estruturas organizadas, cuja inspiração advém das comunidades rurais e suas vivências, continuam a ser uma tradição cultural muito vinculadas ao contexto rural, no entanto esta prática também está muito presente em contextos urbanos. A maior parte destes grupos têm a sua origem em processos migratórios de pessoas que saíram do meio rural para os centros urbanos e que mantiveram as memórias do seu contexto de origem concretizando-as em recriações como forma de reforço e preservação dos seus alicerces identitárias. Este processo torna-se particularmente evidente e emergente perante a aceleração das transformações na sociedade, num apelo à materialização do passado como forma de impedir o seu esquecimento e desaparecimento nas gerações futuras. As tradições culturais continuam a ser uma componente para a construção de identidade individual e coletiva, tanto nos meios rurais como nos urbanos.

Este estudo pretende compreender os motivos que estão na origem da participação dos jovens em ranchos folclóricos e o papel dos grupos folclóricos na construção identitária. A investigação assume-se como um estudo de caso e o seu foco de estudo em dois grupos, um inserido num centro urbano e outro num meio rural, mas têm em comum o facto de representarem uma tradição cultural da mesma região. Optou-se por uma metodologia de análise qualitativa e a estratégia para recolha de dados foi o método etnográfico que combinou a observação participante e entrevistas.

As conjugações dos dados empíricos com a revisão da literatura forneceram elementos que indicam a importância das relações sociais estabelecidas dentro do grupo que lhes transfere um sentimento de pertença e identidade, ao grupo e à região. No caso dos jovens do meio urbano o interesse surge das memórias de infância, das vivências na aldeia, enquanto que os do meio rural o rancho é uma ocupação de tempos livres e o gosto pela música e dança. Para ambos os seus interesses são sustentados e completados pelo convívio e amizades estabelecidas que os remete a um conceito de família que encontram e reconhecem no grupo.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Identidade, Pertença, Folclore e Folclorização.

## **Abstract**

Folkloric and ethnographic groups support their activities and performances under the conceptualized idea of rural culture. This premise is also true to the groups that exist in urban contexts. Most of the folkloric groups in urban contexts emerged from migration processes of people who left their rural origins. These groups offer a form of reinforcing the sense of belonging and identity in a foreigner context, particularly relevant in a globalized and culturally uniform reality such as the one with live currently. Cultural traditions are thus perceived has a tool to establish and/or strengthen the individual or collective identity both in rural and urban contexts.

The present study intends to understand the relation between youth participation in ethnographic or folkloric groups and their identity. To do so, the present research was developed has a case study, focusing in two folkloric groups, one from a rural context and the other one from an urban context, both representing the cultural traditions of the same geographical region. We opted for a qualitative analysis methodology and the strategy for data collection was the ethnographic method that combined participant observation and interviews.

Data analysis was combined with literature review revealed that the social relations established within the groups, provides a sense of belonging and identity to the geographical region and between individuals. When we analyse data from the urban context it is clear that they associate their participation with their family cultural heritage. Regarding the rural group, the individuals refer the opportunity to travel and occupy their free time with cultural activities. For both groups these interests are complemented with the idea of friendship, the sense of family and conviviality provided by the group dynamics.

## **Key-words**

Identity, Belonging, Folklor, Folklorization

## Índice geral

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. OBJETIVOS.....	6
3. ENQUADRAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO .....	8
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA DOS TERRITÓRIOS DOS GRUPOS EM ESTUDO .....	9
3.2 MIGRAÇÕES NACIONAIS DA SERRA DE MONTEMURO PARA AS FÁBRICAS DE LISBOA .....	11
3.3 TERRITÓRIO DO RANCHO CONTEXTO URBANO .....	13
3.4 TERRITÓRIO DO RANCHO CONTEXTO RURAL .....	15
4. QUADRO TEÓRICO E METODOLÓGICO .....	20
4.1. IDENTIDADE: ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL .....	21
4.2 PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....	23
4.2.1 <i>Identidade individual</i> .....	23
4.2.2 <i>Identidade grupal</i> .....	25
4.2.3 <i>Identidade cultural e o impacto da globalização</i> .....	27
5. FOLCLORE E FOLCLORIZAÇÃO .....	30
5.1 CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DA CULTURA POPULAR.....	31
5.2 A DANÇA POPULAR E O FOLCLORE COMO ESPETÁCULO .....	35
5.3 CARACTERÍSTICAS DO FOLCLORE ENQUANTO MANIFESTAÇÃO CULTURAL .....	37
5.4 ORGANISMOS QUE REGULAM AS PRÁTICAS FOLCLÓRICAS EM PORTUGAL.....	40
5.5. EMERGÊNCIA DAS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS.....	43
6. QUADRO METODOLÓGICO .....	46
6.1. JUSTIFICAÇÃO DO ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	47
6.2 DESENHO METODOLÓGICO.....	47
6.2.1 <i>Estudo de caso</i> .....	49
6.3. MÉTODO ETNOGRÁFICO .....	50
6.4. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	52
6.5 NOTAS DE CAMPO .....	54
6.6 ENTREVISTA ETNOGRÁFICA .....	54
7. OBJETO DE ESTUDO .....	57
7.1. CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS GRUPOS EM ANÁLISE .....	58
7.2 RANCHO DE CONTEXTO URBANO: FREGUESIA DA ZONA ORIENTAL DE LISBOA.....	60
7.3. CARACTERIZAÇÃO DO RCU.....	61
7.4 RANCHO DE CONTEXTO RURAL: SERRA DE MONTEMURO.....	62
7.5 CARACTERIZAÇÃO DOS ELEMENTOS DOS GRUPOS ALVO DO ESTUDO .....	65
7.5.1 <i>Jovens do RCU</i> .....	65
7.5.2 <i>Jovens do RCR</i> .....	66
8. ANÁLISE DOS DADOS .....	68
8.1 RANCHO CONTEXTO URBANO.....	69
8.1.1 <i>Relação com o rancho</i> .....	69

8.1.2. <i>Motivação para pertencer e permanecer no rancho</i> .....	73
8.1.3 <i>Identidade e pertença</i> .....	73
8.2. RANCHO CONTEXTO RURAL.....	74
8.2.1 <i>Relação com o rancho</i> .....	75
8.2.2 <i>Motivação para pertencer e permanecer no rancho</i> .....	76
8.3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS .....	78
8.3.1 <i>Resultados das entrevistas do RCU</i> .....	78
8.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS DO RCR .....	87
9. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	93
9.1 ANÁLISE DOS DADOS DOS GRUPOS RCR E RCU .....	94
9.2. CONCLUSÃO.....	100
10. REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS .....	110
ANEXO A Entrevista ao Vice-Presidente da Autarquia do RCR.....	111
ANEXO B Guião de entrevista.....	121
ANEXO C Entrevistas à professora H.....	125
ANEXO D entrevistas aos elementos do RCU.....	142
ANEXO E entrevista aos elementos de RCR.....	218

## **Lista de abreviaturas**

ADEFRDS-L: Associação de Defesa da Etnografia e do Folclore da Região do Douro Sul  
– Lamego

ADLDCTP: Associação do Distrito de Lisboa para Defesa da Cultura Tradicional Portuguesa

CIMTS: Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa

CIOFF: International Council of Organizations FOLK Arts.

CML: Câmara Municipal de Lisboa

FFA: Fundo de Fomento da Habitação

FFP: Federação de Folclore Português

FNAT: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

IEFP: Instituto do Emprego e Formação Profissional

INATEL: A associação está filiada na Fundação

IPDJ: Instituto Português do Desporto e Juventude

JCCP: Junta Central das Casas do Povo

PALOP: Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

RCR: Rancho de Contexto Rural

RCU: Rancho de Contexto Urbano

RNAJ: Registo Nacional do Associativismo Jovem

SNI: Secretaria Nacional Informação

SPN: Sociedade de Propaganda Nacional

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## 1. INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' |

A presente dissertação resulta da análise de um estudo de caso com o foco em dois grupos, dois ranchos folclóricos, um inserido num meio urbano, com uma significativa componente de jovens, aqui nascidos e criados, mas mantêm uma relação muito próxima com um contexto rural da origem dos seus antepassados. Para perceber a importância da identidade na construção de redes sociais, de convivência e de pertença e nas relações que os grupos estabelecem com os territórios, entendeu-se observar também um grupo inserido no meio rural, localizado na região de origem dos antepassados do grupo de contexto urbano.

De modo a salvaguardar a privacidade dos grupos e dos indivíduos, optou-se por recorrer ao anonimato, utilizando a designação de Rancho de Contexto Urbano (RCU) e Rancho de Contexto Rural (RCR). Designou-se também um código alfabético nas referências feitas aos elementos de cada grupo.

O RCU está situado numa freguesia na zona oriental de Lisboa, relacionado com as dinâmicas migratórias ocorridas na década de 60 do século XX, em Portugal que levou milhares de famílias a procurar melhores condições de vida na indústria que proliferava, na altura, nos grandes centros urbanos e após seis décadas continuam a conservar algumas tradições culturais da região de origem e com uma participação significativa de jovens descendentes destas famílias. Esta comunidade persiste em manter vivas algumas tradições culturais resistindo às influências pelo contacto permanente com outras culturas. Enquanto o segundo grupo está inserido em pleno contexto rural, num concelho do distrito de Viseu, mais próximo do que ainda poderá existir da tradição cultural de origem, numa região do interior do país, onde a desertificação continua a ser uma realidade em pleno século XXI e que tem vindo a ser confrontada com as assimetrias sociais, económicas e culturais.

Este estudo pretende compreender os motivos que estão na origem da participação dos jovens em ranchos folclóricos e o papel dos grupos folclóricos na construção identitária de jovens de dois contextos socioculturais distintos, um inserido num centro urbano e outro num meio rural, mas têm em comum o facto de representarem uma tradição cultural da mesma região.

A investigação foi organizada em duas grandes partes: a primeira parte é sustentada pela revisão da literatura como suporte, onde se aclararam conceitos referentes às questões de

fundo do estudo a tradição e identidade. As influências teóricas serviram de base à investigação; a segunda parte apresenta o conteúdo empírico, o desenvolvimento da investigação, os resultados e as conclusões finais.

No ponto dois são apresentados os objetivos e a motivação para a realização do estudo e o que levou à escolha de ambos os grupos, os fatores que têm em comum e qual o papel do rancho folclórico na construção da identidade dos jovens de ambos os grupos.

No ponto três é feito um enquadramento e caracterização do objeto de estudo e a contextualização histórica e política dos territórios dos grupos em estudo, com enfoque nos fenómenos sociais que surgem por efeito dos processos migratórios, que originam desequilíbrios económicos e sociais, tanto nos territórios de acolhimento como nas regiões de origem das populações.

A seguir é apresentado o ponto quatro que se refere ao quadro teórico e metodológico que inicia com uma análise sobre a identidade enquanto construto conceptual e as mudanças sociais que ocorreram ao longo da história, principalmente as mudanças estruturais que transformaram as sociedades modernas nos finais do século XX. Foi ainda neste período, e no âmbito da Política do Espírito do Estado Novo, um momento relevante no processo de folclorização em Portugal e sua instrumentalização, pelo poder político, para afirmação de uma cultura nacional que deu origem à proliferação dos ranchos folclóricos e à mobilização das populações rurais, assegurada por organizações que promoviam o lazer de massas.

O ponto cinco trata do folclore, da folclorização e da emergência das manifestações folclóricas. Neste ponto é feita também uma contextualização histórica e política da cultura popular e a instrumentalização e sentido político que os países totalitários deram ao folclore. Neste ponto é ainda feita uma breve síntese sobre as práticas performativas dos grupos folclóricos formalmente organizados, uma prática que parece ter ocorrido em Portugal no final do século XIX e início do século XX.

O ponto seis apresenta a metodologia de recolha e tratamento dos dados que foram usados tendo em conta os objetivos do estudo e que se entendeu serem os mais adequados e permitiu ao investigador encontrar procedimentos de pesquisa e diretrizes para o trabalho em campo. De modo a compreender a forma como as questões de identidade emergem e se desenvolvem nos contextos selecionados. O desenho metodológico dividiu-se em três

momentos: i) análise documental e revisão bibliográfica, ii) observação participante e iii) análise dos dados recolhidos. A estratégia utilizada para entender melhor o papel dos grupos folclóricos na construção identitária dos jovens, de ambos os contextos, foi estar com eles por um período de tempo, conhecê-los de forma a efetuar a recolha de dados que combinou a observação participante com a entrevista.

A seguir no ponto sete apresenta-se o objeto de estudo e os critérios de escolha dos grupos em análise que garantissem a recolha de dados necessários para efetuar o estudo. Um dos critérios definido foi que um dos grupos teria de estar inserido num contexto urbano e outro em contexto rural, no entanto ambos teriam de representar as tradições culturais através do folclore, da mesma região. Neste ponto é ainda feita uma identificação e caracterização dos grupos em estudo.

O ponto oito trata da análise dos dados, começando com uma breve interpretação e análise dos três blocos definidos para a recolha e reunidos nas notas de campo durante da observação participante. Neste ponto são também apresentados os resultados por categoria de análise, de ambos os grupos e separadamente.

E por último no ponto nove da tese faz-se a discussão dos resultados, numa análise dos dados dos grupos RCR e RCU e termina com uma breve consideração sobre o papel que o movimento associativo, como veículo para a participação. Esta ponte termina com as conclusões. Por fim são apresentadas as referências bibliográficas.

Ainda que as dinâmicas da tradição do folclore continuem vinculadas ao meio rural, elas continuam a ser disseminadas por agremiações coletivas, muitas delas surgidas de processos migratórios, que continuam a reinventá-las, tanto nos meios rurais como nos meios urbanos. É através destas recriações que a comunidade é recordada e sobretudo promove a participação e o convívio. A interação entre os participantes nos grupos acaba por se constituir como um espaço gerador de relações, no qual os sujeitos se influenciam mutuamente acabando por desenvolver uma pertença ao grupo e, por sua vez, à agremiação cultural que influencia não só a identidade dos indivíduos mas também da própria estrutura associativa. Importa refletir sobre o papel e impacto que tem o movimento associativo, como veículo para a participação e motor de transformação social. Qual o papel das estruturas associativa ligadas ao coletivo do folclore, como podem estruturar a sua intervenção em articulação com profissionais das ciências sociais

e os desafios que lançam à Educação Social? Tal como referem Timóteo e Bertão (2012, p.13), “assistimos deste modo a um alargamento de fronteiras da Educação Social, para além da genérica formação para a socialização, situando-se em novos contextos e desenvolvendo-se com outras populações específicas nomeadamente” as organizações de base local, criadas para sustentar os grupos folclóricos, podem fortalecer a sua intervenção através de projetos de desenvolvimento local que valorizem as regiões e o coletivo.

## 2. OBJETIVOS

| ' ' | | ' ' |

O presente estudo tem como principal objetivo perceber quais os motivos que estão na origem da participação dos jovens num rancho folclórico, uma tradição cultural com as suas origens muito vinculadas ao contexto rural, no entanto, praticada também por jovens de contextos urbanos. A motivação para a realização do estudo surge após um contacto com o Rancho de Contexto Urbano (RCU) com sede, numa freguesia da zona oriental da cidade de Lisboa, com 38.102 habitantes. O RCU desenvolve a sua atividade num núcleo residencial constituído por bairros municipais, de habitação social, com uma população, aproximadamente, de 6.000 habitantes. Este rancho está inserido em pleno contexto urbano, com uma significativa componente de jovens, nascidos e criados na cidade, em pleno contexto urbano, no entanto, mantêm uma relação muito próxima com o contexto rural de origem dos seus antepassados.

O RCU assenta a sua prática performativa naqueles que se consideram ser os costumes rurais de uma região do interior norte do país de onde é proveniente uma grande parte da população do território sob análise e, nesse sentido, foi escolhido o RCR localizado na região de origem destas famílias. Os jovens de ambos os contextos têm em comum o facto de representarem as tradições culturais da mesma região, com a particularidade de residirem em zonas geográficas distantes e inseridos em contextos socioculturais distintos. Os jovens do contexto rural residem no território onde têm origem as tradições culturais que representam, enquanto que os jovens do contexto urbano, o que os liga às tradições culturais da região, é o facto de ser a região de proveniência dos seus familiares. O estudo pretende compreender quais os motivos que estão na origem da participação e permanência dos jovens num rancho folclórico, habitantes em contextos urbanos e rurais, se resulta de uma herança cultura, de uma tradição familiar, a necessidade de ocupação de tempos livres ou o gosto por esta expressão performativa/artística e em que medida influi nos processos de construção identitária dos jovens de ambos os contextos.

Interessa-nos também perceber se há diferentes motivações para a pertença e permanência nestes grupos em função do contexto (urbano ou rural).

### 3. ENQUADRAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

| | ' ' | | | ' |

### **3.1. Contextualização histórica e política dos territórios dos grupos em estudo**

O tecido sociocultural do contexto urbano em análise é fruto dos processos migratórios e o êxodo rural que teve lugar em meados do século passado em Portugal e que apresenta um conjunto de características que ajudam a melhor compreender as características territoriais de ambos os contextos.

A emigração é um fenómeno social que surge ao longo da história da humanidade e influencia a dimensão das populações, na origem e no destino estes fenómenos são descritos e explicados através de diversas variáveis demográficas, económicas e sociais. A mobilidade das populações faz acentuar “os desequilíbrios territoriais”, evidenciando a “incapacidade dos grandes núcleos urbanos para acolher a população em condições dignas de habitabilidade” (Villar, 2008, p. 44). Também na opinião de Fonseca (2005, p. 48) as “migrações têm constituído, ao longo da história da Humanidade, um dos principais fatores de transformação dos padrões espaciais de distribuição da população e de mudanças nas estruturas demográficas das regiões de origem e de destino dos fluxos migratórios”. As migrações resultam em desequilíbrios económicos e sociais, em geral, com consequências nas condições de vida e na integração social dos migrantes, tornando-se assim num problema político. Portugal é um dos países da Europa onde se tem verificado este fenómeno social, ao longo das últimas décadas do século XX e inícios do século XXI, relacionados com os fenómenos da migração, de partida e de chegada. De acordo com (Barreto, 1995 p.842) as mudanças rápidas e profundas, que aconteceram nas últimas décadas, contribuíram para que Portugal seja hoje uma sociedade plural, com uma população multicultural, tanto nos traços étnicos, religiosos e culturais, com sinais evidentes na organização do Estado, na competição económica e na organização da sociedade civil.

Barreto (1995) refere que até finais dos anos cinquenta viviam em Portugal duas sociedades distintas, num mesmo território e sob a domínio do mesmo Estado, ainda que ambas tivessem raízes e génese comuns, “pareciam territorialmente separadas e destinadas a seguir caminhos diversos”. De um lado uma sociedade urbana mais concentrada nas regiões do litoral, e “em contacto com o mundo exterior” a iniciar um

processo de “modernização lenta, em vias de alfabetização gradual, quase letrada”. Enquanto este lado da sociedade mantinha um acesso à informação assim como aos “modelos de consumo próprios das sociedades industrializadas”, nas regiões do interior do país, vivia-se numa sociedade rural, tradicional e dispersa nas zonas do interior, impossibilitada de ter acesso às formas modernas do consumo e à informação. Dominavam as hierarquias informais e vivia-se à luz de modelos de uma agricultura de subsistência, com grandes carências de serviços de saúde na comunidade, com poucas possibilidades de frequentar a escola e pouco acesso aos meios de comunicação e subjugados por uma religião que dominava a cultura. Era esta a realidade que se vivia em Portugal até finais da década de cinquenta e início da década de sessenta.

Barreto menciona que desde a década de 60 do século XX têm surgido profundas e rápidas “mudanças na sociedade portuguesa” e apesar das ruturas e das diferenças, nas mudanças de comportamentos e das mentalidades passámos a viver numa sociedade muito diferente, mas não se perdeu o sentido “da nacionalidade e da identidade cultural”. A continuidade e a memória fazem com que os cidadãos se sintam pertencer ao mesmo país. (Barreto, 2002).

Fazendo uma retrospectiva dos fenómenos sociais que ocorreram desde a década de 60, que poderiam ter promovido uma transformação mais intensa da identidade cultural dos portugueses, mas ainda assim permanecem alguns laços identitários com raízes históricas mais profundas. No início dos anos sessenta alguns acontecimentos vieram atenuar o isolamento político internacional que se vivia em Portugal, durante o regime de ditadura de Salazar e inicia-se o “processo de abertura da economia (do comércio e da indústria, especialmente) ao exterior, designadamente aos países europeus” (Barreto, 2002). Este acontecimento levou a que o investimento externo aumentasse em Portugal com a construção de fábricas e empresas industriais de fabrico e montagem, com a finalidade de produzir para exportar. Foi necessário proceder a uma reorganização do trabalho, com melhores salários, trabalho garantido por mais tempo ao longo do ano. Esta reestruturação converteu-se numa alternativa concorrente ao emprego agrícola que promoveu o êxodo das populações rurais para as zonas urbanas do país ou para o estrangeiro.

Na sequência da operação de guerrilha, os movimentos de descolonização vividos nas antigas colónias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné, a partir do início da

década de 1960, afetaram fazendeiros e trabalhadores, forçando alguns deles à migração. Estes fluxos migratórios que passaram a ter como destino Portugal implicando uma alteração do tecido demográfico e sociocultural da antiga metrópole, nomeadamente, nas regiões mais industrializadas e nos centros urbanos, em particular na zona da grande Lisboa. A guerra do ultramar continuava a recrutar cerca de duzentos mil soldados por ano. Esta guerra prolongou-se até à revolução do 25 de Abril de 1974 e representava quase cinquenta por cento da despesa pública. O investimento na manutenção da guerra colonial implicava um desinvestimento noutros sectores sociais, forçando à miséria várias famílias que, desta forma, se viam obrigadas à emigração. Paralelamente a esta “sangria migratória” outras realidades marcam esta época. Estava a surgir a indústria do turismo de massas em Portugal tendo como destino principal o Algarve. Turismo oriundo da Alemanha, Inglaterra e Espanha, com efeitos significativos para o equilíbrio da balança de pagamentos assim como o desenvolvimento da atividade hoteleira e indústria do turismo principalmente nas regiões do litoral do país, onde se começou a ouvir falar outras línguas que não o português, começou-se a conviver com outras pessoas, com hábitos e culturas diferentes. Com estas mudanças surgem outras atividades profissionais, que até aqui quase não existiam, como é o caso das profissões ligadas ao turismo. Toda esta nova conjuntura veio contribuir para a criação de melhores salários e condições de vida para os portugueses e por conseguinte introduzir também mais uma alternativa ao trabalho agrícola, revertendo-se no abandono e na desertificação das zonas do interior, deixando as aldeias, ao cuidado dos mais velhos, algumas mulheres e crianças que lá se mantiveram.

### **3.2 Migrações nacionais da Serra de Montemuro para as fábricas de Lisboa**

Ao longo da segunda metade do século XX, mais concretamente na década de 1960, devido às circunstâncias acima apresentadas, milhares de pessoas de origem rural, de várias regiões do país rumaram até aos grandes centros urbanos. Também as aldeias encrostadas da Serra de Montemuro, no distrito de Viseu, viram partir a sua gente para

procurar melhores condições de vida nas regiões mais industrializadas e com melhores condições laborais. A grande maioria destes beirões oriundos de três concelhos da Serra de Montemuro, distrito de Viseu deixaram as suas aldeias e rumaram até Lisboa e muitos fixaram-se nesta freguesia da zona oriental de Lisboa, para trabalharem em muitas das fábricas e armazéns aí existentes.

Ainda que o acesso ao trabalho, com melhores salários e à educação estivessem mais facilitados, o acesso à habitação não era garantido, um paradigma que ainda hoje é um problema nacional. A integração das comunidades rurais, que migravam e chegavam aos seus novos destinos, geralmente acontecia com facilidade. As comunidades de migrantes têm tendência em se agrupar no local de destino, seja no estrangeiro ou no próprio país.

Na segunda metade da década de setenta, um outro acontecimento veio alterar o panorama sociocultural do país: o início do processo de descolonização dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que, até à revolução de abril estiveram sob soberania portuguesa. Milhares de pessoas regressaram a Portugal, mais uma vez alterando as variáveis demográficas, sociais e económicas principalmente das regiões urbanas do país em particular de Lisboa e Porto.

Portugal, que tinha sido um país de saída de emigrantes até à primeira metade do século XX, ao longo das últimas décadas do século, passou a ser também um país de acolhimento de imigrantes oriundos de vários países principalmente de África, Ásia, Europa e da América Latina. Imprimiram-se assim, outras dinâmicas na população criando um panorama multicultural, alterando as variáveis demográficas, sociais e económicas e culturais, principalmente, dos centros urbanos enquanto nas regiões do interior a desertificação continuava a ser uma realidade em Portugal, em pleno século XXI.

Evidentemente os processos de aculturação são um fenómeno de facilitação da integração e aceitação para os emigrados e podem condicionar os processos de construção identitária, tanto ao nível individual como do grupo. Contudo, ainda que as comunidades de emigrantes possam integrar novos valores materiais e imateriais, isso não é sinónimo de rejeição da sua identidade de origem, havendo manutenção e preservação dos referenciais identitários do grupo cultural de origem. Sendo a identidade um processo relacional, isto é, que se estabelece e define no contacto com o outro, ela não é estanque e imutável.

Contudo, assenta num alicerce partilhado por um grupo que lhe atribui um valor simbólico que funciona como um vínculo de pertença, solidariedade e proteção.

### **3.3 Território do Rancho Contexto Urbano**

O contexto sociocultural que está na base deste projeto de investigação, tem a sua origem num bairro situado na zona oriental da cidade de Lisboa. Um dos vários que surgiram na década de 60, com condições de habitabilidade precárias. Como refere (Coelho, 2015, pp.53-67), num artigo do livro “Comunidade em Construção”, em 1970 este bairro era o maior bairro da cidade com estas características. O bairro era constituído por um núcleo de cerca de 2000 barracas e uma população aproximadamente de 10.000 pessoas. A população era constituída maioritariamente por famílias oriundas da região das Beiras, distrito de Viseu, predominantemente de três concelhos da região da Serra de Montemuro. Estas famílias vinham à procura de melhores condições de vida nas indústrias e armazéns circundantes. Estes migrantes, que aqui se fixaram, trouxeram consigo as famílias e conterrâneos e construíam as suas redes de relações mantendo alguns hábitos e costumes das suas regiões de origem que continuaram a fazer parte das suas vivências diárias. Ao longo dos tempos foram consolidando o “seu projeto de vida cruzando a cultura e as relações originárias com a cultura urbana e industrial.” Foi através deste cruzamento de culturas e relações que se formou uma comunidade com raízes na cultura rural, originária, que se revelou muito importante para a sua integração no contexto social urbano. (Sousa, 2013, p.70).

Esta comunidade foi alvo de um processo de realojamento, faseado, que se iniciou no final da década de 60 do século XX e terminou nos primeiros anos do século XXI.

As primeiras duas fases do realojamento tiveram na origem um projeto promovido pela Associação de Produtividade na Autoconstrução, um projeto com o apoio da Caritas Portuguesa, da Câmara Municipal de Lisboa (CML) e do Fundo de Fomento da Habitação. Estas instituições apoiaram a construção de habitações destinadas aos moradores do bairro que acederam a esta iniciativa. As duas primeiras fases do realojamento ocorreram entre 1969 e 1974. Estas habitações eram constituídas por casas

de pisos térreos ou com dois pisos. O projeto de autoconstrução teve uma participação e um envolvimento muito ativo da comunidade, tanto no processo de organização com os moradores, bem como no processo de construção das habitações no que se refere à mão-de-obra para os acabamentos interiores das habitações. Este processo veio evocar o espírito colaborativo e de interajuda que esta comunidade já mantinha no bairro, muito à luz dos hábitos que traziam das suas regiões de origem, onde todos cooperavam, tanto nas tarefas agrícolas como nas dinâmicas comunitárias. No entanto, as fases seguintes do realojamento consistiram num formato completamente distinto: as famílias foram realojadas em edifícios construídos com vários pisos, em terrenos adquiridos pela CML no mesmo lugar onde já habitavam. Para além disso, na última fase do realojamento foram introduzidas novas dinâmicas naquele modelo de realojamento, que juntou famílias vindas de outras zonas da cidade, sem qualquer relação com aquele local, ou relação com as famílias que ali moravam há vários anos e que por isso, já tinham imprimido no território uma identidade reforçada por via das relações de vizinhança. Também o facto de as famílias terem sido realojadas em construção vertical, em edifícios de vários pisos, veio alterar os hábitos e dinâmicas com que estavam familiarizadas, hábitos que fizeram parte dos processos de socialização destas pessoas já nos seus territórios de origem e que mantiveram no contexto urbano. Como refere Cardoso e Perista (1994, p.109) “Mesmo quando a transferência para outra zona da cidade não se verifica, a mudança para outro tipo de casa é quase uma constante”, este modelo de realojamento veio alterar as dinâmicas, hábitos e relações que estas famílias tinham estabelecido ao longo de anos. Com este modelo de habitação “Não só se quebram as antigas redes de vizinhança, como se corta a relação entre a casa e a rua” um espaço que “funciona como um prolongamento da habitação”. É neste espaço, rua, que se estabelecem as redes de vizinhança, laços, e surgem “os projectos e estratégias de vida”. (Cardoso, 1993, citado em Cardoso & Perista, 1994, p.109).

Esta alteração de modelo de habitação pode alterar hábitos e dinâmicas das pessoas e contribuir para um maior isolamento destas comunidades, privando-as das dinâmicas comunitárias e redes de vizinhança que estavam habituadas no modelo de habitação anterior. Também a chegada de outras culturas ao território veio alterar as dinâmicas comunitárias já existentes.

Todas estas mudanças nas interações e nas relações sociais podem comprometer a convivência, por via das tradições culturais de origem, serem desvalorizadas ou até mesmo perderem-se nas gerações seguintes. No entanto e apesar de todas estas mudanças urbanísticas e a convivência com outras culturas, recentemente chegadas ao território, não comprometeram a preservação dos referenciais culturais de origem. Aliás, após seis décadas, existem traços culturais das regiões de origem destes migrantes, que prevalecem de forma bastante vincada, o RCU é um desses exemplos e um dos vários grupos etnográficos que surgiram numa fase posterior ao realojamento, em pleno contexto urbano em convivência com outras culturas. “A presença de várias culturas no mesmo território leva a que mutuamente se afirmem no resguardo da sua identidade” (Lages & Matos, 2008, p.16). É na observação da cultura do outro e nas diferenças que a caracterizam que se toma consciência da importância da nossa própria cultura. É neste contexto que surge o RCU, um grupo etnográfico com uma componente de jovens, de segunda e terceira geração que nasceram e cresceram neste local. Ainda que as suas origens familiares estejam ligadas ao meio rural e através das famílias mantêm uma ligação à região dos seus antepassados.

### **3.4 Território do Rancho Contexto Rural**

O Rancho de Contexto Rural (RCR) está localizado num concelho do distrito de Viseu na Beira Alta. O Município teve a sua origem na segunda metade do século XIX e foi “criado pelos decretos liberais de 24 de Outubro de 1855”. Mendes (2000) salienta que o número reduzido de estudos científicos sobre o concelho se deve ao isolamento e à distância geográfica dos principais centros onde ocorre a produção científica. Esta ausência de documentação pode dever-se ao facto de a região ter “uma classe nobre mas rude, mais afeita às coisas agrícolas do que propriamente às da escrita,” a que acresce “uma elite clerical (. . .) pouco mais ou menos culta” mas devido aos seus “dogmas” e “vícios” não podiam “produzir qualquer investigação histórica local, racional” (Mendes 2000, p.18). O autor refere ainda que a região ao longo dos dois últimos séculos tem sido muito caracterizada pelas desigualdades sociais. De um lado a nobreza com muitas terras

e do outro o povo, pobre, sem terras para cultivar, necessitando de trabalhar para os que conservavam grandes propriedades e um modelo de agricultura obsoleto e de subsistência. Situação que determinou a saída da população ativa, homens e mulheres para o estrangeiro ou para os grandes centros urbanos, deixando as aldeias apenas com os mais velhos, algumas mulheres e crianças. Esta situação provocou um êxodo de trabalhadores agrícolas da Serra de Montemuro para Lisboa com o objetivo de trabalhar nas indústrias em expansão nas regiões do litoral do país. Por sua vez a mobilização dos jovens para o serviço militar, com destino a guerra do ultramar, veio também contribuir para a desertificação das aldeias e vilas. Todos estes fatores contribuíram para que a agricultura, pouco modernizada, acabasse em crise. Segundo os Censos, em 1960 a população empregada no sector primário era de 43,6 %. “Em 1960, as mulheres não deveriam representar mais de 20 a 25 por cento do total” da população empregada foi a emigração e saída dos jovens para a guerra coloniais que levaram as mulheres para o emprego, trocaram o campo pela cidade, vieram da Serra de Montemuro para trabalhar nas fábricas, deixaram a sua terra natal em busca de algo mais, do que a agricultura de subsistência.

Atualmente o concelho é constituído por 14 freguesias, segundo dados recolhidos dos censos 2011. Tem uma população residente de 20.427 pessoas: 5.457 pessoas entre os 0 e os 24 anos, 10.744 dos 25 aos 65 anos e 4.226 com mais de 66 anos. Segundo os dados da autarquia a população do concelho tem vindo a diminuir continuamente desde a segunda metade do século XX, particularmente, a partir da década de 1950, este facto é explicado pelos movimentos migratórios que sucederam nas regiões do interior do país, como já foi exposto anteriormente. A diminuição da população continuou com uma queda acentuada no início do século XXI. Através dos dados recolhidos no site do Pordata, em 2001, o concelho de onde está situado o RCR mantinha uma população de 22.353, no entanto em 2011 baixou para 20.359 e segundo a mesma fonte, numa atualização realizada em 2017, atualmente apresenta uma população de 18.775 habitantes.

O Município apresenta uma baixa densidade populacional, mas um elevado potencial de natureza turística, com um vasto património natural e cultural. As pequenas aldeias erguidas nas encostas da Serra de Montemuro debruçadas sobre o rio Douro e o património românico estão entre as principais atrações da região. Para o turismo que

procura “autenticidade” centrado na conservação e proteção da natureza, encontra aqui um lugar com grande potencial endógeno que conjuga o património natural com o património cultural ainda existente.

A capacidade de alojamentos turísticos, o turismo rural e alojamento local, aumentaram de 42 alojamentos existentes em 2011 para 125 em 2017.

Com refere o vice-presidente da autarquia “É obvio que estamos aqui numa região em que a juventude não tem trabalho necessário para se inserir, alguns ainda ficam, outros após o estudo secundário, avançam para a universidade e depois seguem o seu tramites (Anexo A). Também as particularidades geográficas da região montanhosa, formando pequenas aldeias isoladas na Serra de Montemuro, têm conduzido aos efeitos da desertificação e por conseguinte a diminuição da população mais jovem. Os grupos de folclore também têm sentido os efeitos da desertificação, com a falta de juventude que sai para os grandes centros urbanos, para dar continuidade aos estudos ou mesmo para trabalhar no estrangeiro. O autarca refere ainda que o concelho regista uma baixa taxa de abandono escolar e que a autarquia atribui apoios às famílias para os transportes escolares. Para além disso “são dados apoios aos estudantes que vão para o ensino superior”, no entanto “a partir do 12º ano os jovens que vão para a universidade ou para o mundo do trabalho começam a afastar-se um bocadinho do concelho”. (Anexo A) Este afastamento dos mais jovens, por não conseguirem arranjar trabalho que vá ao encontro das suas ambições compromete o desenvolvimento local, num concelho que tem como maior entidade empregadora a própria autarquia e logo a seguir as instituições de solidariedade, IPSS, principalmente as que intervêm na área da geriatria, que são também grandes entidades empregadoras para os mais jovens que aqui pretendem continuar a viver, porque, como foi notado anteriormente, esta é uma região envelhecida.

No que se refere às ofertas de lazer e ocupação de tempos livres para jovens, a autarquia tem feito esforços para trazer atividades culturais para os seus munícipes. O Auditório Municipal disponibiliza uma programação cultural que vai desde o cinema, à música, teatro, etc. No entanto, as distâncias que separam as aldeias da Serra de Montemuro, do centro do concelho, poderão contribuir para um ainda maior isolamento destas populações. O autarca refere ainda que há dificuldade em envolver as pessoas nas atividades culturais que são promovidas durante o inverno. No entanto durante o verão a

população tem uma maior participação nas atividades culturais e de lazer propostas pela autarquia, ou por outras instituições de base local. Para além dos eventos organizados pela autarquia, como é o caso do S. João, da Expo Montemuro e do festival da Juventude, também as aldeias organizam as festas de verão, os festivais de folclore, etc. O Festival Internacional de Folclore sob a égide do CIOFF (Comité Internacional de Organização de Festivais de Folclore) e Artes Tradicionais que é organizado anualmente pelo RCR, tem o apoio da autarquia e traz o folclore e a cultura de outros países ao Município. Na opinião do autarca os ranchos folclóricos, que existem nas várias aldeias e freguesias do concelho, têm um papel importante na ocupação de tempos livres para os mais jovens. Segundo dados facultados pelo autarca existem 12 ranchos folclóricos no concelho, 2 estão inativos, 10 estão ativos e contam com o apoio da autarquia. Os 10 grupos ativos envolvem cerca de 150 jovens com idades entre os 10 e os 31 anos.

O RCR é um dos ranchos do concelho, apoiado pela autarquia, inseridos em pleno contexto rural. Todos os jovens que participam no rancho, nasceram e vivem neste local, em contacto permanente com as dinâmicas da região e, por conseguinte, mais próximos do que ainda poderá existir da tradição cultural de origem. Como referem Guimarães e Neves (2013, p.150) ainda que, as vilas e aldeias mantenham a essência do rural, os fenómenos da globalização vieram trazer outras dinâmicas, às populações que estão em constante movimentação. Estes territórios que para além da perda demográfica, económica e cultural perderam também as referências originais e tornaram-se comunidades numa “crise de identidade”. Para assumir a crise identitária que o espaço rural atravessa, é necessário identificar as transformações que ocorreram nas comunidades.

Foi partindo destes pressupostos que se definiu a problemática que se constitui como a linha orientadora do presente projeto investigação que pretende perceber quais os motivos que estão na origem da participação e permanência dos jovens num rancho folclórico, habitantes em contextos urbanos e rurais, se resulta de uma herança cultura, de uma tradição familiar, a necessidade de ocupação de tempos livres ou o gosto por esta expressão performativa/artística e em que medida influi nos processos de construção identitária dos jovens de ambos os contextos.

A integração nas comunidades de acolhimento surge quando os indivíduos procuram referenciais que lhe confirmem um sentimento de pertença e de integração. Este exercício torna-se particularmente relevante quando associado a processos migratórios que obrigam ao desenraizamento e ao desaparecimento das redes de apoio social. Estes mecanismos poderão facilitar o processo de convivialidade evitando, ainda que em pequena medida, sentimento de marginalização.

#### 4. QUADRO TEÓRICO E METODOLÓGICO

| ' ' | | ' ' |

## **4.1. Identidade: enquadramento conceptual**

Sendo um dos objetivos da presente dissertação a compreensão das motivações subjacentes à replicação de práticas culturais percebidas como sendo identitárias de uma determinada região, importa definir o quadro conceptual em que a ideia de identidade se enquadra. Para compreender as questões da identidade é necessário considerar a evolução histórica do conceito, entrando em linha de conta com a percepção que o homem foi tendo de si mesmo e das suas experiências ao longo da história e das mudanças sociais que ocorreram.

Na opinião de (Baumeister & Giddens citado por Azevedo, 1992, p. 113) a questão da identidade foi-se “tornando um problema no decurso do desenvolvimento histórico”, ainda que alguns desses problemas, tenham sido mais centrados, especificamente, em certos períodos da história. Numa breve síntese, recuando alguns séculos até à Idade Média, entre o século XI e XV, a identidade de cada indivíduo “era essencialmente definida por atributos relativamente fixos como a linguagem, o género ou o status social” de cada pessoa. Os vários estádios da vida do sujeito eram geridos “por processos institucionalizados” cada indivíduo tinha um papel “relativamente passivo”, ou seja, “a identidade limitava-se a algo “superficial”, simples e não problemático” (Azevedo, 1992, p. 113). Nos séculos seguintes, de XVI a XIX, a expansão do comércio possibilitou uma maior ascensão social que originou “o surgimento de conceitos de mudança e desenvolvimento pessoal”. Desta forma “a posição social começa a depender também da realização pessoal do indivíduo e não só da origem social”. No entanto, os fatores sociais surgidos desde meados do século XIX até à atualidade, têm marcado a época pelas características muito específicas das sociedades contemporâneas. Como observa Hall (1992), nos finais do século XX ocorreram “mudanças estruturais” que transformaram as sociedades modernas “fragmentando as paisagens culturais de classes, géneros sexualidades, etnias, raças e nacionalidade” que no passado nos nortearam como “indivíduos sociais” que somos. Também os movimentos sociais que surgiram nos anos sessenta apresentam-se como um “grande marco da modernidade tardia” que juntou as revoltas estudantis, movimentos revolucionários, os movimentos pela paz e muitos outros associados ao momento histórico de 1968. Estes movimentos, que contestavam as

políticas capitalistas do ocidente e as políticas estalinistas do oriente, tinham a sua afetação e uma “forma cultural forte” e apelavam a uma “identidade social” referente às causas que sustentavam. (Hall 1992, p.45). Atualmente e tendo em conta os contextos da modernidade, a identidade é construída através de processos reflexivos e conexões entre o sujeito e as mudanças sociais, nos contextos onde o indivíduo está inserido (Azevedo, 1992, p. 115). Todas estas transformações têm interferido e mudado as nossas identidades pessoais e conduzido a um questionamento sobre “a ideia que temos de nós próprios que somos sujeitos integrados”. Hall refere que o questionamento e as dúvidas sobre a identidade podem arrastar, o indivíduo, a uma “crise de identidade” e a um questionamento: “Quem sou eu? Quem sou em relação ao outro?” Necessito de ser reconhecido pelos outros ou pela sociedade para ter uma identidade? (Hall, 1992, p.9). Outra questão, que pode ser considerada, é se o indivíduo desde que nasce até à morte conserva a mesma identidade. Esta questão pode ser sustentada do ponto de vista biológico, com o argumento de que o indivíduo mantém a mesma identidade enquanto for possível afirmar que se trata do mesmo corpo vivo. Então vejamos, se uma pessoa quando nasce, o seu corpo, corresponde ao mesmo organismo vivo, quando atingem a idade da velhice continuando com ele a mesma identidade, e a mesma mente, que lhe assegura um conjunto de memórias, crenças e experiências adquiridas ao longo da vida. Embora não se saiba ao certo como é que o cérebro origina aquilo a que chamamos de “mente” sabemos que é nele que a mente se processa e que permite ter a noção de consciência.

A investigação acerca da identidade tem dado origem a vários estudos que na opinião de Detry (2001) exige uma abordagem multiforme face à presença de inúmeros e diversos fatores na formação da mesma. A identidade do indivíduo resulta das relações que tem com a sociedade e vai sendo moldada ao longo da vida, influenciada pelos lugares onde passa ou vive e nas interações com pessoas e grupos com os quais se relaciona e contribuem para o seu desenvolvimento pessoal, social e humano, e por consequência, intervêm na formação da sua identidade. A construção da identidade faz-se no interior de quadros sociais, na "interação" entre o eu e a sociedade ao longo da vida. A identidade vai engrandecendo se considerarmos que a identidade permite a cada indivíduo reunir-se

emocionalmente e afetivamente a um grupo ao qual se sente pertencer, ou até mesmo reconhecê-lo como estranho ou contrário, à sua maneira de ser ou estar (Hall, 1992, p.11). Frequentemente confrontamo-nos com padrões culturais de outras culturas, tendo como referência os nossos padrões culturais, baseados em legislações ajuizadas à luz de modelos culturais ocidentais que contrariam princípios ancestrais de outras culturas, e que nos podem induzir a um etnocentrismo e incapacidade de olhar para a cultura do outro como parte integrante de uma sociedade global, da qual fazemos parte. Pode-se afirmar que qualquer cultura resulta do contacto e colaboração de várias outras culturas. Efetivamente o contacto com diferentes realidades culturais, étnicas e religiosas proporciona uma consideração sobre a cultura do outro e, por conseguinte, permite ter uma maior consciência da diversidade cultural. A educação é sem dúvida um fator fundamental para a construção da identidade. Estimula o pensamento crítico e combate as desigualdades culturais, promove o conhecimento e o desenvolvimento pessoal e cultural. As tradições culturais, de cada país ou região, são parte integrante da identidade individual e coletiva, ainda que uma das “características da pós-modernidade é o rompimento do homem moderno com os seus laços de cultura e tradição” (Silva, 2002, p.14), as tradições culturais continuam a ser uma componente para a construção de identidade individual e coletiva.

Os princípios e valores da democracia, da liberdade de expressão e o pluralismo cultural são fatores que influem a formação de identidade e desenvolvem o pensamento crítico e ideológico. A família é sem dúvida uma parte basilar na construção da identidade, porque é a família que legitima a origem, transmite valores e nela encontra referências e modelos orientadores. São todas estas trocas e interações sociais que sucedem ao longo da vida e contribuem para a construção da identidade.

## **4.2 Processos de construção identitária**

### **4.2.1 Identidade individual**

A Psicologia é uma das áreas das ciências sociais que estuda a identidade, com várias teorias e perspetivas acerca da identidade. Piaget desenvolveu o modelo teórico

construtivista que analisa a gênese e os processos do pensamento; Bronfenbrenner no seu modelo Bioecológico considera o impacto dos vários sistemas do meio que rodeiam o sujeito; Para Erikson, na sua teoria do desenvolvimento psicossocial, o enfoque está na crise em cada “estádio” de desenvolvimento e na construção da identidade. Sprinthall & Sprinthall, (1993) na sua reflexão sobre a teoria de Erikson refere que ele entendia que o desenvolvimento humano tinha continuidade ao longo da vida e a propósito da psicologia do desenvolvimento na adolescência, Erikson enfatiza a construção da identidade como tarefa primordial nesta fase da vida e a questão central da adolescência. As mudanças que ocorrem na adolescência conduzem a uma transformação fundamental em termos de desenvolvimento pessoal. A fase da adolescência é a mais complexa, as transformações acontecem, tudo gira à volta de mudanças fisiológicas e cognitivas que criam por si transformações psicológicas significativas proporcionando ao adolescente uma nova forma de pensamento e compreensão que convergem no seu desenvolvimento pessoal. (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 151). Ou seja, a formação da identidade ocorre na relação de fatores intrapessoais, nas capacidades inatas do indivíduo e nas capacidades adquiridas ao longo da vida. Como referem Neves & Faria (2009) o autoconceito e a autoeficácia são dois “constructos” relevantes na construção da identidade e ambos “referenciados na noção de competências pessoais” que remete o indivíduo a ter uma perceção sobre si mesmo”. O autoconceito está intimamente ligado à noção de competências pessoais, às capacidades intelectuais e competências, mais específicas, de cada indivíduo, “a autoeficácia centra-se mais numa avaliação daquilo que os sujeitos acreditam ser capazes de fazer com as capacidades e competências que possuem” (Neves & Faria, 2009, p.208, 209). A identidade está associada, não só, aos padrões de comportamento e formas de estar, mas também à relação com o seu ambiente e às práticas sociais e culturais de cada indivíduo. As mudanças que ocorrem na adolescência conduzem a uma transformação fundamental em termos de desenvolvimento pessoal. O adolescente pode agora entender o mundo de uma forma diferente e a capacidade de diferenciar sentimentos de emoção, entre si e o outro, ele passa a ser compreensivo e empático e a entender o ponto de vista do outro.

#### 4.2.2 Identidade grupal

A identidade só poderá ser compreendida em articulação com a noção de alteridade, ou seja, o espaço para a alteridade surge apenas na medida em que esse âmbito da identidade de si configurado como “outro” é levado em consideração. (Stefani & Salvagni, 2011. P. 24). Identidade e alteridade estão sempre presentes na sociedade e relacionadas com o “eu e o outro”. Martins e Gomes (2011) referem que há uma profunda relação entre o autoconceito e a identidade social. A imagem que o sujeito constrói de si funciona como a espinha dorsal da sua identidade social, do conhecimento que têm de pertencer a um grupo, de o avaliar positiva ou negativamente e de estar afetivamente ligados a ele. É aqui que reside a noção de pertença que pode ter diversas dimensões: grupal, regional, nacional, etc. (Martins & Gomes, 2011, p. 70).

À medida que o adolescente vai crescendo, o interesse por novos e vários grupos organizados também vai aumentando, sendo que a diferença começa a ser tolerada tornando-se numa fonte de aprendizagem importante. São estes movimentos de uniformização grupal a partir do conhecimento dos outros que leva à diversidade do contacto relacional e ao surgimento de comportamentos maduros e normativos (Martins & Gomes, 2011, p. 68). O grupo exerce também uma influência no comportamento do sujeito. “Não é nada estranho, quando mudamos de uma certa categoria grupal, apresentarmos paralelamente uma mudança considerável de mentalidade, enfim de atitude”. (Rattner, 1977 citado por Capitão & Heloani, 2007, p.51).

O conceito de identidade remete-nos para as características diferentes do carácter de uma pessoa ou de um determinado grupo. Estas características resultam de uma multiplicidade de interações que o indivíduo vai mantendo com o meio social em que se encontra inserido. Capitão e Heloani (2007, p.51) referem que se acompanharmos um indivíduo isoladamente ao longo da vida verificamos que tem uma trajetória abrangente e que não se limita a si mesmo porque há sempre outras pessoas com que se relaciona ou depende diretamente. Ou seja, para viver em sociedade o sujeito tem de pertencer a um ou a vários grupos sociais, só assim é possível ocorrer o processo de socialização através de interações que levam o sujeito à interiorização de normas, crenças e representações que acabam por modelar a sua identidade individual e social. Na opinião de Fialho (2017) a

identidade social não se refere apenas aos sujeitos, mas também ao coletivo. O grupo apresenta também uma identidade de acordo com a sua definição social, “a identidade social é simultaneamente inclusão, pois só fazem parte do grupo aqueles que são iguais sob determinada perspectiva – e exclusão – visto que sob o mesmo ponto de vista são diferentes de outros” (Fialho, 2017, p. 139).

O grupo pode surgir também como um agente de apoio em situações de isolamento, de falta de perspectivas vivenciais e outros problemas psicossociais, ou até mesmo, carências ocupacionais. Assim, a identificação ao grupo desempenha um papel fundamental no domínio do desenvolvimento da identidade social. Na opinião de Pereira, Pedro, Amaral, Martins e Peixoto (2000) o grupo tem uma importância para os adolescentes a vários níveis: suporte instrumental e emocional. O grupo oferece ao indivíduo experiências positivas, pela aceitação e reconhecimento e pelo seu contributo, para as finalidades do próprio grupo, “em contrapartida, o indivíduo ganha no sentido da pertença, da solidariedade entre os membros do grupo, confirmando assim a parcela do auto-conceito que deriva da partilha de uma identidade grupal” (Pereira, Pedro, Amaral, Martins & Peixoto, 2000, p.191). Um indivíduo inserido num grupo sente-se forte e capaz de resolver todos os problemas. Na opinião de Martins e Gomes (2011) “a identificação ao grupo desempenha um papel fundamental no domínio do desenvolvimento da identidade social e da categorização social, quer a nível intergrupar quer nos processos intergrupais”. A motivação de pertencer a um grupo, ou a uma agremiação, pode partir de um interesse que os seus filiados têm em comum, ou uma forma de sociabilização que possibilita a criação de relações interpessoais, geralmente assinalada pelo voluntarismo. Neste caso a relação entre associativismo e identidade acaba por desempenhar um papel coerente considerando a importância do grupo de pertença e o seu papel no que se refere a uma atividade de ocupação tempos livres, acaba por ser um projeto pessoal e um contributo para a construção da identidade. Como refere Pereira (2002) importa “analisar o impacto que a pertença a uma associação tem para os seus próprios membros”. A participação num grupo, ou estrutura associativa, pode não ser por um sentimento de pertença identitário a uma cultura ou a uma atividade recreativa, mas sim uma necessidade de ocupação de tempos livres ou um projeto pessoal, mas não tem que existir

necessariamente, qualquer relação prévia com essa cultura ou atividade em causa, mesmo que a estrutura associativa promova uma identidade coletiva.

O estudo da identidade considera uma observação do social e do meio onde o indivíduo está inserida como um espaço produtor de material simbólico, Fialho (2017). É a partir das relações e interações criadas com os outros elementos da sociedade, consoante as dinâmicas e relações instituídas que podem ser mantidas, alteradas ou remodeladas as identidades.

#### 4.2.3 Identidade cultural e o impacto da globalização

A identidade cultural tem sido um assunto amplamente “discutido na teoria social” na pós-modernidade, com a argumentação que as velhas identidades estão em decadência causam novas identidades dividindo o “indivíduo moderno” encarado “como um sujeito unificado” dando origem a uma “crise de identidade” um processo de mudança que está abalando as estruturas das sociedades contemporâneas (Hall, 1992, p. 7).

De acordo com Fróis (2004), o mundo de hoje é composto por sociedades com características culturais distintas, geralmente ancoradas em "fundamentos religiosos", tão antigos "quanto o processo de formação dessas sociedades. "O homem procura "estabelecer critérios de convivência e de ritualização" com significados "que tornam a sociedade dos homens" num mundo próprio "construído e consolidado na mente das gerações", que contribui para que a cultura espelhe a "expressão e o caráter de um povo." Um processo lento que valoriza a transmissão e preservação das tradições e saberes do povo, uma cultura construída à luz do que é socialmente aceite "e regulada pelo corpo da própria cultura." O sentimento de pertença a uma cultura significa ter uma identidade, perante o outro, e partilhar um grau de igualdade com outros que pertencem a uma mesma cultura (Fróis, 2004, p. 3-4). A identidade cultural é algo que permite a cada indivíduo reunir-se emocionalmente e afetivamente a um país, grupo ou religião ao qual se sente pertencer, ou até mesmo, “reconhecê-lo como estranho”, distante “ou incompatível” com a sua própria forma de estar e de ser.

Quando nos apresentamos ou nos descrevemos dizemos que somos portugueses, franceses ou outra nacionalidade. Quando o fazemos estamos a falar num sentido figurado, essa identidade não está gravada no nosso gene, no entanto nós pensamos na nossa nacionalidade como uma parte integrante da nossa origem ou naturalidade e fazendo parte da nossa identidade.

Embora o indivíduo atue como um ser autónomo, quando se apresenta e refere a sua nacionalidade ou origem está a identificar-se com um país, um grupo, etnia ou religião que reconhece instintivamente como seu. Sem um sentimento de identificação a uma pátria, grupo ou religião sentiríamos “um profundo sentimento de perda subjetiva” (Sucruton 1986, p. 156 citado em Hall 1992, p. 48).

No mundo moderno as culturas nacionais, onde nascemos, constituem as principais fontes de identidade cultural. As mudanças conceptuais no que se refere ao conceito de identidade cultural na pós-modernidade, em particular a identidade nacional, está a ser afetado, ou influenciado, pela época de globalização que o mundo atravessa. A última fase da globalização teve um impacto expressivo sobre as identidades nacionais. Uma das suas características principais da globalização é a aceleração dos processos globais, com impacto no sentido de espaço-tempo que nos remete para uma perceção que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, os eventos que acontecem num determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. Um processo contínuo de construção e desconstrução, a um ritmo acelerado no que se refere às relações entre países proporcionado “pelas novas tecnologias que mudam fulgurantemente a cada instante que passa.” (Moreira, 2006, p. 1 e 2).

Os fatores da globalização tornaram o homem num “sujeito de identidades provisórias e instáveis,” não só pela quebra de barreiras administrativas e territoriais gerando uma espécie de “continente global”, que lhe permite uma coabitação com outras culturas, mas também porque o homem pós moderno procura outras formas de representação para a sua identidade, ainda que tenha a consciência que não consiga recuperar os símbolos da sua cultura original. Em suma, a identidade cultural de um país, ou sociedade, consolida-se ao longo do tempo através de “marcas que nela vão sendo passadas por outras culturas”. De acordo com Hall (1992) “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia”. Ou seja, “As nações

modernas são, todos, híbridos culturais.” (Hall, 1992, p. 62). As culturas nacionais são uma designação da pré-modernidade. As diferenças regionais e étnicas foram sendo "subordinadas" e formadas em "estado-nação". As formações de culturas nacionais contribuíram para a criação de padrões de “alfabetização universal”, criaram uma língua como forma de comunicação de cada nação e “sistemas educativos nacionais.” (Hall, 1992, p. 49). A identidade cultural de um país consolida-se com o passar do tempo e fortifica-se com as marcas trazidas por outras culturas, ancorada na desconstrução e construção de novos símbolos e paisagens, favorecida pelas novas tecnologias que facilitam a comunicação e se transformam a cada momento que passa.

Embora não seja possível afirmar qual é a identidade cultural própria de um povo, sabendo que ele está em constante transformação, as indústrias culturais e processos de turistificação que ocorrem na contemporaneidade têm vindo a reforçar a generalização de uma cultura popular de identidade nacional, através da produção e esteticização de símbolos culturais identitários na conquista de públicos para os seus produtos numa sociedade de consumo. Apesar disso, podemos considerar que, em muitos casos, estas estão relacionadas com algumas manifestações culturais que continuam a subsistir reinventando-se, manifestações de índole performativa, como a música e a dança, têm-se constituído num campo de reflexão muito interessante e rico na discussão desta área. Nomeadamente através dos estudos realizados sobre os muitos grupos de música tradicional, de cariz etnográfico e sobre o movimento que agregou as centenas de ranchos folclóricos existentes de norte a sul do país.

## 5. FOLCLORE E FOLCLORIZAÇÃO

| ' ' | | ' ' |

## 5.1 Contexto histórico e político da cultura popular

A cultura é um conjunto de saberes e práticas de memórias coletivas que se transmite por tradição, em sintonia com identidade. “A cultura recebe-se do passado e transmite-se para o futuro” (Reimão 1996, p.310). A cultura concede aos indivíduos que integram um determinado grupo uma identidade coletiva de tradição e de memórias. A UNESCO, na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da Humanidade, entende por Património Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões” assim como “instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados” que as comunidades e os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. O Património Cultural Imaterial é transmitido de geração em geração e recriado pelas comunidades, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade promovendo o respeito pela diversidade cultural conciliando com os instrumentos internacionais de direitos humanos UNESCO (2003).

As recomendações da UNESCO para a salvaguarda da cultura tradicional e popular, indicam que “A cultura tradicional e popular, enquanto expressão cultural, deve ser salvaguardada para e pelo grupo”. Recomenda que as comunidades, em especial as autóctones e indivíduos, desempenham um papel importante na salvaguarda, manutenção e recriação do património cultural imaterial, contribuindo desse modo, para o enriquecimento da diversidade cultural e da criatividade humana. Por essa razão é necessário promover uma maior tomada de consciência, em especial entre as gerações jovens, para a importância do património cultural imaterial e da sua salvaguarda. O folclore é parte integrante da cultura de um povo, de uma nação e compreende tudo o que é entendido por legado popular, usos e costumes tradicionais. O folclore, na sua vertente de dança popular, é património intangível e identitário de um povo ou região.

A ideia de cultura popular e folclore misturam-se na concepção do senso comum. Contudo, a ideia de folclore foi construída com propósito político numa época histórica em que importava reforçar as especificidades dos vários grupos humanos.

Foi em 1846 que o arqueólogo inglês William John Thoms tituló a palavra *folk-lore* que significa “sabedoria do povo” para designar as “antiguidades populares” contos, lendas,

mitos e provérbios populares e que se veio denominar de “literatura oral”. Posteriormente foi “incorporada a música, elemento inseparável da poesia popular,” e a dança. O folclor, “depois de algumas resistências, ganhou o mundo” e como disse Máximo Gorki, citado em Almeida (1957) “o folclore não desaparece, transforma-se, é voz atual do presente” é o povo que o mantém “interminavelmente dentro dos elementos da sua criação e adaptação” (Almeida, R. 1957, p.19, 22). A expressão “folclore” só surgiu em Portugal em 1875 num estudo de Adolfo Coelho, publicado na Revista Ocidental de Lisboa. O Folclore é considerado o estudo das tradições populares, incluindo superstições, lendas, canções, adágios, jogos, festas e medicina tradicional. (Damasceno 2010, p.17). A autora refere que ao longo do século XIX foram surgindo movimentos de construção de identidade nos países da Europa, consequência do que vinha acontecendo desde o século XVIII, o século da supremacia cultural francesa, movimentos que surgiram primeiro na Inglaterra e depois na Alemanha, “um movimento de busca das origens, como arma de contestação a essa prepotência cultural”. Damasceno, (2010) refere que foi então que as tradições associadas ao campo e ao rural, começam a ser muito valorizadas e consideradas como puras sendo o povo o seu representante e entidade guardiã da memória coletiva.

Em meados do século XVIII realizou-se em Londres a primeira Exposição Internacional um género de “passerelle” que mostra as identidades de cada nação. Também em 1867 e 1878, na Exposição Internacional de Paris são apresentados trajes nacionais, reconstituições etnográficas e recriação de aldeias nacionais que posteriormente deram origem a outros eventos, como foi o caso da Exposição Universal de Chicago onde foi apresentada a “aldeia alemã”. E assim a etnografia converteu-se “numa linha de carácter identificadora dos povos”.

O século XVIII é também marcado pelos primeiros modelos de símbolos nacionais. Na Grã-Bretanha, surge o primeiro hino e posteriormente, na última década do século, entre 1790-1794, em França nasce a primeira bandeira, como símbolo nacional, na sequência da Revolução Francesa. (Damasceno 2010, pp.18 e 19).

No entanto, foi só a partir das décadas de 1870 e 1890 que a antropologia, de construção de nação, “se desenvolveu e afirmou na cena cultural e intelectual portuguesa”. (Leal, 2000, p. 27, 28). Só em 1910, com a implantação da República, é que são criados e oficializados novos símbolos, a “bandeira verde-rubra e o busto de Mariana com barrete

frígio” e o hino “A Portuguesa” ainda que este tenha sido escrito anteriormente em 1890 por Henrique Lopes Mendonça com música da autoria de Alfredo Keil, na sequência do ultimato inglês (exigindo a retirada dos portugueses dos territórios entre Angola e Moçambique). A versão original apelava ao patriotismo contra os britânicos mais tarde, com algumas adaptações, foi consagrado como hino nacional, em 1911 após a implantação da República. “Ao mesmo tempo que se constrói a ideia de nação, valoriza-se o património como o resultado visível dessa memória colectiva.” (Damasceno 2010, p.18).

Os países totalitários viram no folclore um estratagema dando-lhe um sentido político, como refere Almeida (1957) tiraram da sabedoria popular meios de ação e de penetração ideológicas. Para o regime nazi, o folclore era “o estudo científico do povo alemão na sua configuração e essência, como o formaram as heranças e o meio, a natureza humana geral e a cultura comunitária em interação com o destino histórico”, o que veio ultrapassar o problema do quadro do povo para o plano da raça.

Na extinta URSS o folclore foi igualmente dirigido, tudo o que tivesse um carácter religioso ou supersticioso deveria desaparecer, mas tudo o que tivesse um cariz de canto, epopeia ou o que expressasse um sentimento de beleza deveria ser conservado e orientado para um sentido de educação nacional. (Almeida, R. 1957, pp. 282, 284). Em Portugal “As políticas “estado-novistas” para a cultura popular seguiram de perto estratégias de sucesso que vinham a ser desenvolvidas por regimes totalitários europeus, sobretudo na Alemanha, Itália e na vizinha Espanha.” (Pestana, 2012 p. 103). O período que correu entre 1930 e 1970, que coincide com as políticas do Estado Novo, foi um período marcante no desenvolvimento da antropologia portuguesa. Um grupo constituído por etnógrafos ligados ao Estado Novo, cuja “Política de Espírito” reservou um lugar extremamente importante à etnografia e ao folclore, estes etnógrafos e antropólogos portugueses, conjuntamente com outros especialistas, foram essenciais no processo de transformação de um conjunto de aspetos, traços e objetos da cultura popular portuguesa, retirados do seu contexto da vida rural, puderam funcionar como emblemas da identidade nacional (Leal, 2000, pp 18 - 35). Posteriormente o modelo etnográfico criado pelo Estado Novo é posto em causa, no período pós II Guerra Mundial, por alguns intelectuais que defendem uma expressão mais genuína da cultura popular portuguesa a partir das recolhas

musicais feitas nos contextos, com testemunhos dos portadores desses saberes. Os impulsionadores deste movimento foram Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça. O folclore foi também fonte inspiradora para as artes eruditas. Os músicos procuraram interpretar a alma lírica dos povos, nas suas melodias e ritmos; na pintura e na escultura foram utilizados motivos folclóricos para a criação de grandes obras de arte. No panorama das artes em Portugal, o folclore e as tradições populares foram inspiradores para muitos artistas, José Malhoa, Almada Negreiros e muitos outros. Da mesma forma que poetas e escritores viram na cultura popular inspiração para as suas criações, também a dança erudita descobriu no folclore, e no seu ambiente bucólico, elementos inspiradores para a criação de obras. Nos finais do século XIX e inícios do século XX muitos países da Europa viram na dança e nas tradições folclóricas um símbolo de identidade cultural. No início do século XX surgem os Grandes Ballets Russes de Diaghilev, ainda que se apresente com um carácter mais modernista, algumas das suas criações coreográficas foram inspiradas em rituais e tradições populares, que reunindo coreógrafos e compositores, como o caso de Igor Stravinsky, o lendário bailarino, Vaslav Nijinsky e o coreógrafo Michel Fokine. Muitos dos seus bailados foram inspiradas no folclore Russo, traços de uma cultura que percorreu vários países do mundo. Os Grandes Ballets Russes como refere Roubaud (2003) eram considerados pelas elites intelectuais da Europa de então, como um dos expoentes máximos do modernismo da dança. Foi quando a companhia de Diaghilev passou por Lisboa, em 1918 que António Ferro se inspirou para criar uma companhia de dança à semelhança da companhia Russa. Mas foi só em 1940, com a Política de Espírito do Estado Novo, que essa vontade se concretizou, quando criou a companhia de dança, Verde Gaio, que tinha como inspiração o folclore português, as danças e as lendas, com traços de uma estética mais moderna, numa aposta na promoção de uma identidade nacional idealizada, (Roubaud, 2003, pp. 339, 340). Os países de regime totalitário europeus viram no folclore e na cultura popular um símbolo de promoção de um ideal de identidade cultural única.

## 5.2 A dança popular e o folclore como espetáculo

Ao que parece, os registos mais remotos sobre exibições públicas de danças populares, organizadas como espetáculo em Portugal, deverá ter acontecido nos fins de junho de 1850, numa feira organizada na cidade do Funchal, na ilha da Madeira, onde foi apresentado um grupo de 13 camponeses, organizados e vestidos com trajes característicos que realizaram uma exibição de danças populares, para os visitantes do certame. Mais tarde em 1898, aquando das comemorações da largada de Vasco da Gama para a Índia é apresentada, em Lisboa, uma exibição de Pauliteiros de Miranda do Douro. Estes dois acontecimentos mostram que a “música e dança populares interpretados por camponeses não são fenómenos do século XX.” (Castelo-Branco & Branco, 2003, p.2). No entanto, as práticas performativas populares em torno dos grupos de folclore, formalmente organizados, parece ter acontecido em Portugal no início do século XX, com a designação de “Ranchos” atribuída a estes grupos. Surge como consequência da designação dada a grandes grupos de militares ou de trabalhadores agrícolas, uma palavra muito frequente na literatura portuguesa até meados do século XX (Carvalho, 1999). O mesmo autor refere que o conceito de Rancho Folclórico parece ter surgido em Viana do Castelo, pelo punho de Abel Viana, nascido em 1896, em Viana do Castelo e detentor de uma educação musical formal que ainda muito jovem começou por se interessar pela etnografia do Alto Minho.

Também Vasconcelos (2001) refere que “Abel Viana atribui a si mesmo a fundação dos primeiros ranchos folclóricos em Portugal” que terão surgido a partir de 1917, organizados por ele e o seu irmão, a que chamaram de “ranchos de lavradeiras” e pretendiam apresentar “os diferentes tipos de trajes de ricos” que eram chamados, pelos de fora, de trajes vianenses e para os autóctones de Viana do Castelo, de trajes de lavradeiras (Vasconcelos 2001, p. 402).

Em 1919 Abel Viana foi convidado para organizar uma apresentação sobre alguns costumes rurais de Viana do Castelo, no “Certame Regional de Danças e Descantes Populares”. Foi aí que apresentou um rancho de raparigas da Areosa, usando trajes e adereços que as avós guardavam nas arcas, dançando e tocando, a que o autor chamou de “Demonstração Coreográfica” e exibindo-se no Jardim da Marginal de Viana do Castelo.

Posteriormente surgiram os primeiros “Ranchos Folclóricos” na região “formalmente constituídos” pela mão de Abel Viana, prática que imediatamente se alastrou a outras regiões do país e que deram origem a uma ronda de festivais e digressões em Portugal e no estrangeiro.

Como refere Carvalho (1999) foi nesta reprodução de “Ranchos Folclóricos” que “governos e governantes encontraram no folclore o instrumento adequado para as suas políticas.” Instrumento que marcou as políticas do Estado Novo, nos finais da década dos anos 30 do século XX, com a institucionalização da prática do folclore, “dotando-o de mecanismos de produção e de instrumentos de regulação orientadores” para produzir exposições públicas de trajes, músicas e danças na tentativa de tornar o folclore um símbolo identitário da nação (Carvalho 1999, p. 55, 62).

A folclorização passou a ser um fenómeno cultural da modernidade e “entende-se como o processo de construção e de institucionalização de práticas performativas, tidas por tradicionais, constituídas por fragmentos retirados da cultura popular, em regra geral, rural” (Castelo-Branco & Branco, 2003, p.1). Os mesmos autores referem que “O folclore assenta num paradoxo: a essência ruralista do seu conteúdo cria-se, institucionaliza-se e reproduz-se a partir de um quadro urbano” (Castelo-Branco & Branco, 2003, p.1).

A convocatória feita ao povo rural, a partir dos anos 30 do século XX, para integrar projetos de teor nacionalista de folclorização levou o Estado Novo a criar organismos constituídos por “figuras letradas” que assegurassem a «autenticidade» das representações. Apesar de ser o povo o detentor “das tradições legítimas” e transmissor das mesmas, não lhe era reconhecida a capacidade de distinguir entre a autenticidade e a vulgaridade, uma incumbência exclusiva que era atribuída às figuras letradas. Para que esta ação fosse aceite pelos senhores detentores do conhecimento e pelos grupos performativos foi necessário criar uma política de regulação de cima para baixo, através de eventos folclóricos controlados por órgãos como, a Sociedade de Propaganda Nacional (SPN), Secretaria Nacional Informação (SNI) ou de patrocínios institucionais e que só assim poderiam participar em cortejos ou em exposições. (Pestana, 2012, p.107)

### **5.3 Características do folclore enquanto manifestação cultural**

O folclore, de acordo com o entendimento comum e dos seus agentes, é a expressão das vivências do povo e dos seus antepassados, na sua singeleza e maneira natural de ser e de estar e que nos remete para as memórias de tempos antigos. A designação dada inicialmente ao folclore referia-se às tradições, costumes e superstições das classes populares, mas posteriormente passou a ser atribuída a toda a cultura nascida e transmitida, de geração em geração, principalmente vinda do povo. O folclore tem de ser popular e usado pelo povo e, em geral, de autor desconhecido. Uma grande parte das criações populares são feitas de transformações sucessivas ao longo dos tempos, do tradicional, passando de geração em geração, por via oral ou por imitação, fazendo como se via fazer ou se ouvia aos mais antigos e mantidas pelas gerações seguintes. Entende-se por tradicional a adoção de comportamentos e usos, ser pertença de uma comunidade cultural e não apenas de uma família ou pessoa. O folclore remete para o presente e para a memória coletiva de um tempo passado.

O folclore apesar de ser popular e usado principalmente pelo povo, tem sido fonte de inspiração, não só para as artes eruditas como já foi referido mas, também para a aristocracia e burguesia que organizavam serões musicais e bailes de máscaras, preferindo os trajes populares, para disfarce nestes eventos, retratando com ironia as vestes do povo. Enquanto a aristocracia se divertia com os trajes do povo, o povo observava as danças da burguesia imitando-as e reinventando-as, nos momentos de diversão e lazer. Foi nesta tentativa de imitação do “outro”, ou de representações entre duas classes sociais distintas, que a dança popular foi incorporando outros elementos, realizando demonstrações performativas, deixando de ter o terreiro como palco e a aldeia como cenário, para subir aos tabuados dos palcos e outros recintos que a tornaram pública.

Esta aculturação por convivência está muito óbvia nas danças folclóricas de algumas regiões do país, como é o caso da região dos grupos em estudo, em que as danças que fazem parte dos seus reportórios têm passos e características das danças que eram executadas nos salões da fidalguia. A valsa e a quadrilha ou contradança como também é conhecida, são disso exemplo. Esta última terá surgido em França no século XVIII e tornou-se popular entre os membros da nobreza europeia chegando a Portugal. A

quadrilha ou contradança continua a ser uma das danças mais características desta região e ainda hoje é dançada nos bailes organizados nas festas populares da região do RCR.

Tal com as danças também alguns instrumentos musicais, que incorporam as tocatas destes ranchos estão muito relacionados com a música erudita, como é o caso do violino, um instrumento muito presente na música da região e que é aprendido e transmitido de geração em geração e não pelo método tradicional e escolar de aprendizagem musical. Os elementos que tocam violino, de ambos os ranchos em estudo, têm mais de 70 anos e aprenderam por “ouvido” com outros que os sabiam tocar.

Também o traje foi sendo incorporado e adaptado às manifestações folclóricas. O uso do traje folclórico regional só foi institucionalizado a partir do século XIX, até então as diferenciações nos modos de trajar estavam relacionadas com a condição social de cada um. O traje folclórico regional não era usado no dia-a-dia, mas sim em dias festivos. Ainda hoje os grupos etnográficos fazem essa distinção nas suas recriações etnográficas, há elementos que apresentam trajando de rico, de pobre, ou com outros trajes alusivos às tarefas, na maioria relacionadas com o universo rural. Na opinião de Castelo-Branco & Branco (2003) houve “a intenção de padronizar o traje”, que viria “a ser usado em desfiles pela via pública”, desassociando-lhe o sentido de “espaço de paródia”, a ele associado até então e alcançando o estatuto de traje regional. Afirmando-se como pertença a uma terra ou região, ocorreu assim uma intelectualização e legitimação do popular pelas elites.

A partir dos finais de 1920, multiplicaram-se os desfiles, cortejos e outros eventos. O ano de 1932 foi marcado por vários eventos em que a prática do folclore teve uma importância crescente. Foi neste mesmo ano que se iniciaram as Marchas Populares de Lisboa que passaram a ser um modelo para “grupos de jovens nas cidades da província”. Grupos que se inspiravam ou reproduziam “gestualidades e sonoridades de procedência urbana inspiradas no teatro de revista”, assim como noutras influências de géneros musicais difundidos pela rádio. (Castelo-Branco, & Branco, 2003, p.5). Foi ainda no mesmo ano que surgem as festas do Colete Encarnado, em Vila Franca de Xira que, devido à grande receptividade que teve, deu origem a rivalidades regionais e desencadeou outras manifestações folclóricas, em concorrência e com a mesma intencionalidade. Foi o caso do aparecimento da Festa do Barrete Verde, em Alcochete, concorrente aos festejos do concelho vizinho e resgatando, para si, os mesmos símbolos folclóricos. Nesta avalanche

de manifestações folclóricas também a Mocidade Portuguesa, que surge em 1936, utiliza o “folclore musical” como ferramenta política. Os seus dirigentes viram na música folclórica, executada em coro, copiada das práticas militares, uma forma de inculcar o sentimento nacionalista na juventude. (Castelo-Branco, & Branco, 2003, p.3,7,8). O folclore deixou de ser uma prática exclusiva do contexto rural e passou também a ser uma prática dos meios urbanos.

Nos anos seguintes à institucionalização do folclore, que deu origem à proliferação de ranchos folclóricos, verificou-se a dificuldade em recrutar raparigas para os ranchos, por via da convivência mista nesta prática, o que acabou por fomentar a vinda de famílias inteiras para os ranchos, como forma de controlo das jovens raparigas. Só assim era possível garantir a continuidade dos elementos do sexo feminino no rancho. Desta forma os ranchos folclóricos tornaram-se uma extensão da esfera familiar. Ainda hoje, pelas mesmas e outras razões, continua a verificar-se uma grande participação de núcleos familiares, na composição dos elencos dos ranchos, mas a situação inverteu-se, atualmente. Hoje, os dirigentes dos ranchos manifestam grande dificuldade em recrutar rapazes para os ranchos, o que vem na linha do que outros estudos sustentam, relativamente a outras práticas performativas Godinho (1998).

O folclore passa a integrar também o extenso role no âmbito do património imaterial, consignado pela UNESCO, considerado objeto de proteção das tradições populares do passado legando-as às gerações futuras e preconizando a “relação da sociedade com o seu passado”. Esta relação entre cultura popular e folclorização apresenta ambiguidades, no sentido em que a apropriação é feita num quadro social diferente do de sua origem e segundo as normas definidas pelos grupos dominantes da sociedade, que “selecionaram e submeteram manifestações da cultura popular a intensos processos de folclorização “ Castelo-Branco, & Branco (2003). Os ranchos folclóricos fazem demonstrações etnográficas procurando apresentar um quadro “atemporal” situando-se no “período da viragem do século XIX para o século XX”. A justificação encontrada pode estar relacionada com a fonte de recolha que foi prevista quando do concurso das aldeias em 1938, ao ter como referência e fonte de recolha de testemunhos, as pessoas mais idosas que relataram factos relativos aos usos, costumes e tradições que reportava á época da sua

juventude, situando-se na última década do século XIX e inícios do século XX (Castelo-Branco, & Branco, 2003, p.21).

#### **5.4 Organismos que regulam as práticas folclóricas em Portugal**

O processo de folclorização português que ocorreu no âmbito das “Políticas de Espírito” do Estado Novo, que visava a construção duma imagem de representação da nação, e que levou a que o regime procedesse a uma ação fiscalizadora e de acompanhamento dos grupos folclóricos, por organismos dirigidos pelo próprio estado. No entanto, na década de 70 do século XX, com a democratização da sociedade em Portugal o folclore passou a ter uma afirmação na sociedade civil.

Como refere Alves (2003) foi a partir de 1933 que “o Estado Novo dá “um impulso decisivo à sua política folclorista”. Criou a SPN sob a direção de António Ferro, impulsionou várias iniciativas no âmbito da arte popular com a designação de “etnografia e folclore” com uma expressão significativa, não só em Portugal, mas também no estrangeiro, através da organização de exposições e “patrocinou espetáculos e concursos” (Alves, 2003, p. 191). A prática do folclore foi institucionalizada nos finais dos anos 30 e criados vários organismos governamentais que se ocuparam da regularização política e estética do folclore, designadamente a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) e a Junta Central das Casas do Povo (JCCP). Todas estas organizações sobrevividas de interesses políticos e vontades em torno das práticas performativas, com base nas tradições populares, deram origem à reprodução de ranchos folclóricos em todo o país.

Porém, foi só a partir da década de 1950 que se começou a falar em movimento folclórico na sociedade portuguesa e só mais tarde, a partir de 1959, é que algumas personalidades, estudiosos e entusiastas interessados pela causa do folclore, decidiram juntar-se e debater sobre a deturpação que se estava a verificar nas manifestações e práticas do folclore. Vieram defender e estabelecer algumas regras para impedir, o que consideravam, ser a “adulteração da indumentária” no que se refere às cores mais garridas devendo ser adotadas cores mais pálidas; as saias deveriam estar ao nível do tornozelo; as posturas

corporais não deveriam ter como padrão as do teatro de revista e também alguns instrumentos musicais, adotados, deveriam ser substituídos, como por exemplo trocar o acordeão pela concertina. (Castelo-Branco, S. & Branco, J. 2003, p.10) Este grupo que teve o seu começo na década de 1950, foi constituído formalmente em 1977 com a designação de Federação de Folclore Português (FFP). A FFP é uma estrutura associativa, criada já em pleno regime democrático e tem como missão:

“a salvaguarda do património cultural tradicional e popular português através de uma ação institucional reguladora dos agentes culturais deste setor e da sociedade portuguesa afetas à instituição, esteada num processo de investigação e numa adequada representação dos factos folclóricos, através da formação e aconselhamento técnico, envolto num espírito de cooperação e auxílio interinstitucional” (Carta de Princípios da FFP, artº 3º, p.4.)

A FFP é um organismo de regulação voluntária no movimento folclórico, define parâmetros de autenticidade e dita os métodos a aplicar. A admissão de um grupo na FFP representa a certificação da autenticidade que é reconhecida a um rancho ou grupo etnográfico que poderá aumentar as oportunidades de atuações e, por conseguinte, uma maior responsabilização para os grupos no que se refere a uma maior autenticidade, das suas tradições e cuidados nas atuações.

O total de ranchos folclóricos federados, de norte a sul de Portugal continental e ilhas, somam já os 415 efetivos e 155 aderentes (que estão em fase de apreciação). No distrito de Lisboa existem 22 grupos federados efetivos e 8 aderentes. Só no concelho de Lisboa existem dois grupos federados, sabendo que um deles é o RCU. No distrito de Viseu existem 31 grupos federados efetivos e oito aderentes. No concelho do RCR existem cinco grupos federados efetivos, um deles é o RCR, e existem ainda dois grupos no concelho que estão em processo de adesão a FFP. Existem ainda centenas de outras associações culturais e etnográficas, por todo o país, constituídas por grupos amadores que não estão agremiadas nem enquadradas pela Federação. A maioria destes grupos dedica-se exclusivamente à figuração espetacular de danças ou cantares tradicionais, embora alguns trabalhem num domínio mais amplo do registo «etnográfico». (Vasconcelos 2001, p. 402)

O processo de candidatura de um rancho folclórico à federação é moroso. Cada rancho candidato elabora um portefólio para avaliação da atividade do grupo, no qual se descreve o repertório e as respetivas recolhas efetuadas pelo grupo, os seus usos e costumes, os trajes, as músicas e danças da região que pretende representar. Como se pode verificar na Carta de Princípios da FFP datada de março de 2019, os grupos que pretendam filiar-se, na FFP, não podem incluir no seu repertório músicas, danças e “trajes que não tenham resultado de recolhas efetuadas junto dos habitantes mais idosos da área geográfica que se pretende representar.” Este processo obriga cada agrupamento a proceder à recolha efetiva junto dos mais velhos, o que pode levantar algumas questões. A época que este organismo situou como padrão “atemporal” reporta-se aos finais do século XIX e inícios do século XX, considerando ainda o ano de 1910 como limite cronológico das recolhas, fundamentando que a partir desta data se verificaram “mudanças profundas na sociedade portuguesa”, que reverteram no enfraquecimento, do que a FFP considera terem sido “os verdadeiros usos e costumes da nação” (Soromenho 2003, p. 250). Também Vasconcelos (2001) comenta uma comunicação proferida pelo, então, presidente da FFP, no VI Congresso de Folclore da Região de Turismo do Ribatejo, ao afirmar que a viragem do século constitui a “época forte do folclore”, porque nesse tempo havia grande “contágio entre o povo e o meio ambiente, as pessoas cantavam com a passarada”, o traje era então (. . .) mais rico“. A implantação da república terá trazido alguma liberdade, mesmo aos trajes, “as saias usavam-se pelo tornozelo ou um bocadinho acima; depois veio a liberdade, com a implantação da República, a religião a enfraquecer, e as saias começaram a subir, a subir, e ainda não pararam” (Vasconcelos 2001 p. 430).

Para que a recolha, a que a FFP se refere, pudesse ser efetuada através de testemunhos orais, dos mais velhos que possam ter ouvido aos seus antepassados e assim ter sido transmitida por via oral, teriam que existir muitos centenários. Ora, são poucos e cada vez menos, os que ainda estão vivos e que podem testemunhar relatos que ouviram aos seus antepassados que viveram no período até 1910. Também o recurso a documentos escritos ou imagem que possam fazer prova, poucos poderão existir sabendo que a literacia não era uma prática comum entre o povo e menos ainda o registo fotográfico, pois a máquina fotográfica não era um dos objetos comuns no quotidiano rural na época. Podemos

concluir que a metodologia para a pesquisa e recolha documental que é determinada pela FFP, torna-se cada vez mais difícil, senão impossível de realizar.

## **5.5. Emergência das manifestações folclóricas**

O folclore faz parte da paisagem cultural portuguesa sendo, em alguns contextos, das poucas manifestações culturais tornadas acessíveis à maioria das populações. O folclore deixou de ser uma tradição e pertença apenas dos seus protagonistas e passou a ter uma apropriação por um quadro social diferente da origem. A institucionalização do folclore veio alterar o carácter da dança como momento de lazer e interação social, em particular, no meio rural, passando a ser executada por uns e vista por outros que nela só participam como meros espetadores. As exibições públicas, produzidas por ranchos ou grupos etnográficos são sustentadas por recriações etnográficas, de carácter revivalista, evocando símbolos e memórias do passado e que tanto se dirigem ao público residente como a outros visitantes. Durante estes eventos, em festas e romarias, “os papéis confundem-se é cada vez mais difícil distinguir os turistas dos locais, pois estes podem comportar-se como turistas no seu próprio espaço.” (Sarmento, 2010, p.58)

A cultura popular e as suas produções estão cada vez mais atentas ao mercado e às regras da procura e da competitividade. Dessa forma, tentam dar resposta ao que os seus públicos vão solicitando, nomeadamente através da adequação dos horários aos tempos de lazer contemporâneo, redução da duração do “espetáculo” adequando-o ao nível de atenção num tempo modulado pela instantaneidade, introdução de recursos e soluções técnicas que, a seu ver, valorizam o carácter espetacular. Nesta conjuntura e, de acordo com Vasconcelos (2001) como se pode exigir que o artesanato, as danças e a música popular se conservem “genuínos” numa época em que o plástico e tudo o que é imediato é que prevalece.

As antigas rusgas de chulas e viras que se iam cantar e dançar às feiras e romarias foram substituídas pelos ranchos folclóricos, que na maioria das vezes, eram/são ensaiados por uma figura de referência da terra. Uma parte destes grupos produzem criações que alimentam fantasias e imaginários de quem os vê. Não obstante, em alguns lugares, onde

ainda ecoam memórias de um fazer tradicional, os ranchos podem conservar ainda um pouco do sabor de autenticidade (Vasconcelos 2001, 413).

Os ranchos folclóricos são constituídos por grupos de pessoas amadoras que têm em comum o gosto pelo folclore, mas tiram o seu sustento de outras atividades profissionais. Em muitos casos os grupos estão inseridos em contextos urbanos, geograficamente distantes da região que representam, no entanto, cada agrupamento tenta resgatar para si os sinais de autenticidade das tradições e do folclore e qualificam o seu grupo como representante do verdadeiro folclore da sua região. Sarmiento, (2010) refere que o conceito de “autêntico” e “tradicional” estão frequentemente associados o que nem sempre é o mais correto porque “a manutenção da autenticidade é um fenómeno diretamente ligado ao processo de continuidade e mudança, base de qualquer cultura.” No entanto a procura de autenticidade poderá “levar ao renascimento cultural das tradições, à renovação da identidade local e até à invenção de novas tradições e identidades” (Sarmiento, 2010 p.58). Podemos dizer que o folclore se expôs a novos desafios de produção cultural, aderiu a novas práticas sociais e a outros sistemas de comunicação. O folclore pretende ser um meio de recriação de uma tradição tendo perdido atualmente esse sentido. O folclore deixou de ser uma prática exclusivamente do contexto rural, passou também a ser uma prática dos meios urbanos. Uma grande parte dos ranchos e grupos etnográficos já se encontram em zonas urbanas e os seus elementos já não são trabalhadores rurais, mas sim operários ou de outros setores da economia. Estas mudanças vêm afirmar os movimentos migratórios da população portuguesa, no entanto as representações da cultura tradicional de origem, continuam e remetê-las para o contexto rural, feito de memórias que conservam consigo, desde que saíram do meio rural para os centros urbanos, (Castelo-Branco & Branco, 2003, p. 17). Como refere Vasconcelos (2001) os grupos podem ter um papel diferenciador neste processo de divulgação e transmissão das tradições culturais. Pode ser através das suas exibições e exposições que os grupos possam vir ajudar a uma tomada de consciência que os tempos de hoje são diferentes do que eram “naquela época”, os comportamentos e as vivências de hoje não podem ser uma cópia dos comportamentos e dos padrões de vida de ontem, o que não impede de continuar a manter viva a memória de uma tradição dos seus antepassados e trazê-la para o presente. “A

cultura propõe também modelos, enquanto processos de continuidade da tradição, de modo a construir-se novos modos de vida” (Reimão,1996, p. 314).

Ainda que se viva numa época de globalização tal não implica uma existência niilista, sem elementos diferenciadores e agregadores, que produzam um sentimento de pertença, proteção e identificação. Esse sentimento de identidade e pertença surge cada vez mais nos discursos do cotidiano na medida em que as sociedades contemporâneas estão sujeitas a constantes processos migratórios, que concorrem para o romper do enraizamento que pode conduzir a um desgaste e falta de interesse de valores de componentes culturais e levar à desvalorização da cultura vigente, entre as gerações mais jovens. A globalização existe num paradoxo entre a uniformidade e a diversidade cultural, entre a vivência global e a necessidade de diferenciação.

## 6. QUADRO METODOLÓGICO

| ' ' | | ' ' |

## **6.1. Justificação do enquadramento metodológico**

Para uma melhor compreensão do estudo desenvolvido, importa situá-lo no que se refere à sua natureza. O estudo realiza-se no campo da Educação Social enquadrado nas Ciências Sociais Humanas. As transformações sociais que decorreram nas últimas décadas do século XX, fomentadas pelos fenómenos da globalização, lançaram grandes desafios às ciências sociais em interdisciplinaridade com outras áreas. A educação social enquanto disciplina agregadora de perspectivas disciplinares e de projetos de intervenção abre novos horizontes para a investigação. A função do educador social apoia-se na criação e dinamização de espaços de mediação necessários a uma socialização efetiva. É desta forma, portanto, uma área de interações e de relações com as pessoas com quem se trabalha, pelo que importa nunca esquecer “(...) que devo respeito à sua autonomia, à dignidade e à identidade” (Freire, 2006, p. 26). Assim, a Educação Social visa desenvolver projetos de intervenção em articulação com as competências e saberes de cada uma das partes, de forma integrada, com comunidades em situações de crise de identidade provocadas pelos desafios contemporâneos, indo ao encontro daquele que é o principal objetivo do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Neste sentido, o tema do presente estudo resultou da identificação destas características no território sede do RCU que corresponde também, ao território de intervenção do autor enquanto técnico superior de animação sociocultural. Contudo, é de salvaguardar que, embora o tema tenha surgido no contacto profissional, com esta comunidade, o estudo nunca se desenvolveu em contexto profissional de forma a manter o distanciamento e garantir a imparcialidade necessária para desenvolver o estudo e obter os resultados conclusivos.

## **6.2 Desenho metodológico**

Para a realização do estudo surgiu uma preocupação importante, no que se refere à metodologia de recolha de informação a utilizar tendo em conta os objetivos do estudo que remetem para uma melhor interpretação da população que se pretende pesquisar, tanto no meio sociocultural onde vivem, nos modos de vida assim como nas dinâmicas

locais em que estão envolvidos. Figueiredo (2000) entende que uma metodologia adequada permite ao investigador encontrar métodos de pesquisa de informação e a encontrar diretrizes para o trabalho em campo.

Tendo em conta a natureza da temática – processo de construção identitária – as características do território e dos sujeitos, optou-se pela abordagem do estudo de caso por se considerar que permite uma compreensão aprofundada sobre a realidade que se escolheu analisar. Assim, de modo a compreender a forma como as questões de identidade emergem e se desenvolvem nos contextos selecionados o desenho metodológico dividiu-se em três momentos: i) análise documental e revisão bibliográfica, ii) observação participante e iii) análise dos dados recolhidos. De uma forma mais detalhada podemos afirmar que num primeiro momento houve um investimento ao nível da análise documental para melhor caracterização e compreensão do contexto territorial e das organizações em análise, ainda nesta fase, procedeu-se à revisão da literatura referente à área em estudo, tanto de natureza teórica como da investigativa foi fundamental em todo o processo da investigação para uma melhor conceptualização do estudo. De modo a satisfazer os objetivos propostos, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica para aprofundar o conhecimento sobre o folclore, etnografia e a identidade cultural que permitiu organizar de forma mais estruturada as estratégias para a recolha de dados. “Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação”. Ambas estão muito próximas uma da outra, o que as diferencia é a “natureza da fonte” a pesquisa bibliográfica “remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema” por sua vez a “pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. “(Silva, Almeida, e Guindani, (2009 p.5) Numa segunda etapa passou-se à fase da observação participante. Durante o período de observação foram recolhidas notas de campo, nos vários momentos de contacto com os grupos, que contribuíram para um maior conhecimento, individual e coletivo que permitiu uma reflexão mais consistente. Para conhecer melhor a opinião individual e motivações de cada elemento realizaram-se entrevistas ao mesmo número de elementos, da amostra, de ambos os contextos. Na terceira fase, foi feita a análise de conteúdo aos dados recolhidos.

Optou-se pela análise qualitativa porque permite uma gestão que entra em linha de conta com informações que não são de outra forma consideradas. Desta forma, procurou-se conferir uma maior profundidade aos resultados do estudo.

O presente estudo caracteriza-se pela utilização de procedimentos metodológicos e técnicas de investigação que permitiram o cruzamento de dados para uma melhor interpretação dos factos referente ao objeto de estudo apresentado e chegar a resultados conclusivos. Como refere Coutinho (2011) o investigador que opta por uma metodologia “qualitativa ausculta as opiniões individuais” através de entrevistas, observação participante e “pressupõe ser fundamental atender às características individuais dos intervenientes” porque tudo depende da forma como estes participam. (Coutinho, 2011, p 204). A única forma efetiva de entender o papel dos grupos folclóricos na construção identitária dos jovens, de ambos os contextos, foi estar com eles por um período de tempo, conhecê-los e ser reconhecido por eles de forma a efetuar a recolha de dados, que combinou a observação participante com a entrevista, o que facilitou o melhor conhecimento de ambos os grupos. Neste sentido considerou-se que a observação participante seria a mais apropriada para os objetivos do estudo, porque esta é a melhor forma de entender na totalidade a maneira como vivem os indivíduos pertencentes a um determinado grupo social. Para Malinowski, a observação participante “só é possível através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e acontecimentos da vida da aldeia”. (Malinowski, 1978, XIII, citado por Figueiredo, 2000, p.2).

De seguida procura-se articular os fundamentos metodológicos eleitos com os objetivos do trabalho desenvolvido.

### 6.2.1 Estudo de caso

A presente investigação tem o seu foco, de estudo, em dois grupos, com características culturais similares, embora inseridos em contextos distintos. De acordo com (Yin 1998, citado em Carmo, Carmo & Ferreira, 2008) o que define esta abordagem como um estudo de caso é a abordagem empírica adotada e a “[investigação de] um fenómeno atual no seu

contexto real” mesmo quando “os limites entre determinados fenómenos e os seus contextos não são claramente evidentes”, o estudo de caso é a “estratégia preferida quando se pretende responder à questão, como ou porquê” (Yin 1998, citado em Carmo, H. e Ferreira, M. 2008, p. 234). Na opinião de Coutinho (2011) o estudo de caso examina um caso, ou mesmo um pequeno número de casos, de uma forma detalhada e no seu contexto natural reconhecendo o seu grau de complexidade recorrendo a métodos que se entendam apropriados porque a finalidade é “preservar e compreender o caso no seu todo e na sua unidade” (Coutinho, 2011 p. 293). O estudo em questão foca-se em dois grupos; 1 - urbano; 2- aldeia. O grupo inserido em meio urbano continua a conservar algumas tradições culturais da região de origem, com uma participação significativa de jovens descendentes destas famílias. Parte da comunidade persiste em manter algumas práticas culturais resistindo às influências pelo contacto permanente com outras culturas. O segundo grupo está inserido em pleno contexto rural, com vínculo próximo do que ainda poderá existir da tradição cultural de origem, numa região do interior do país, onde a desertificação continua a ser uma realidade em pleno século XXI e que tem vindo a ser confrontada, com as mudanças sociais, económicas e culturais.

Para atingir os objetivos propostos, a estratégia que se entendeu ser a mais pertinente para recolha de dados foi o método etnográfico, este admite uma vasta combinação de técnicas e recursos metodológicos que dão maior ênfase às estratégias interativas na observação participante, nas entrevistas assim como nas conversas informais, ou mesmo no uso da tecnologia, para a recolha de dados.

### **6.3. Método etnográfico**

O método etnográfico é uma modalidade de investigação em ciências sociais que surge na antropologia cultural e sociologia qualitativa e se encontra na área da metodologia interpretativa qualitativa. (López, 1999, p. 46) entende que este modelo se apresenta como “alternativo à investigação tradicional utilizada pelos cientistas sociais para estudar a realidade social.” O método etnográfico pretende “descrever a totalidade de um fenómeno” e compreendê-lo no seu contexto real e na perspetiva dos que nele estão

implicados permitindo a aproximação e recolha de dados, “das respetivas fontes” através da observação participante, da entrevista e de outros documentos com o objetivo de “investigar dados descritos, palavras escritas e/ou orais” dos participante para conhecer e entender como se definem a eles próprios. (López, 1999 p. 46). Uma das características do método etnográfico é que privilegia o estudo de um conjunto de pessoas, entre as quais, o interconhecimento e a interação entre elas. Na opinião de Afonso (2005) o estudo etnográfico não tem como objetivo testar hipóteses a seu respeito, mas sim centrar “o foco na investigação na exploração da natureza de fenómenos sociais específicos.” (Afonso, 2005 p. 64)

Os estudos etnográficos supõem um período de tempo em contacto direto com os indivíduos nos seus contextos, na opinião de Carmo e Ferreira (2008) “Qualquer grupo humano que viva em conjunto durante um certo período de tempo, desenvolve uma cultura própria, entendida como um conjunto de padrões de comportamento e crenças que permite compreender o modo de agir dos elementos do grupo em questão”. (Carmo e Ferreira 2008, p.237). Nos estudos etnográficos a ideia de cultura é central, assim, o estudo etnográfico foi a estratégia que se entendeu ser a mais adequada para a recolha de dados e atingir os objetivos propostos. O contacto direto com ambos os grupos, durante um ano foi crucial para uma eficaz recolha de dados que permitiram compreender melhor as suas vivências e chegar a resultados conclusivos.

A estratégia etnográfica privilegia “A presença prolongada do investigador nos contextos que são objeto de investigação”. Esta estratégia é também conhecida “por observação participante, trabalho de campo ou pesquisa no terreno”, nas quais “o investigador procura ativamente a interação com os atores, com o objetivo de recolher informação que enriqueça e complemente a observação” (Afonso 2005, p. 63). Neste estudo, apesar das limitações de recursos e tempo, foi possível uma permanência prolongada no contexto urbano e pontual no contexto rural. Esta vivência participada nos processos de socialização e de inter-relação foi fundamental para a compreensão das dinâmicas observadas.

## 6.4. Observação participante

A metodologia de recolha de dados utilizada foi a observação participante, que como referem Quivy e Campenhoudt, (1994) é a que melhor responde, de um modo geral, “às preocupações habituais dos investigadores em ciências sociais”. Esta é uma das variantes da observação direta e “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva.” Este método permite ao investigador estudar pormenorizadamente os seus modos de vida sem que a sua presença interfira nas dinâmicas do grupo. As principais vantagens da observação participante é a “apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem.” (Quivy e Campenhoudt, 1994 p.197).

Para uma melhor perceção dos factos e uma melhor análise de resultados entendeu-se utilizar a mesma metodologia para ambos os grupos em estudo. Ainda assim foi necessário proceder a algumas adaptações que resultaram de um menor tempo de contacto com o grupo de contexto rural, por questões relacionadas com a distância geográfica que separa o local de residência do observador e a localização do grupo de contexto rural. Este constrangimento não possibilitou dedicar o mesmo tempo de observação ao RCR e ao RCU. Ainda assim e com um menor número de presenças para observação, foi possível adequar as abordagens de modo a garantir a recolha de dados necessária para a realização do estudo. A recolha foi resguardada uma vez que o estudo Etnográfico “combina observação e participação a outros procedimentos” de recolha de dados (Flick, 2005, p. 148). Tanto as conversas, durante algumas viagens com os elementos do grupo, assim como as entrevistas, completaram a recolha de dados.

O período de contacto com os dois grupos ocorreu entre setembro de 2017 e setembro de 2018. Os momentos de observação nos ensaios do RCU aconteceram uma vez por semana, às sextas feiras entre as 21.30 e as 00.30. Durante o período de outubro a dezembro não se realizaram ensaios com regularidade semanal, já que segundo os responsáveis de ambos os ranchos, RCU e RCR, os ensaios regulares não se justificam, uma vez que não há atuações nesses meses. O RCU aproveita este período para preparar as suas festas de aniversário e natal, que acontecem no mês de dezembro e que são comemorados em simultâneo. Este é um momento muito apreciado pelo grupo. A

presença semanal no ensaio do RCU foi um momento privilegiado para criar relação e interação com os elementos do grupo.

As deslocações para observação dos ensaios do RCR, que decorrem aos sábados entre as 21.30h e as 23.30h, efetuaram-se em vários fins de semana. Apesar da presença não ser prolongada no tempo, o convívio foi intenso na medida em que permitiu o convívio ao longo do dia e não apenas nos momentos do ensaio. Perceber as dinâmicas quotidianas no contexto rural foi útil para compreender o papel do RCR na vida dos jovens que o frequentam. Durante este período foi possível observar o mesmo tipo de práticas, dança com os mesmos reportórios, nos dois contextos.

Numa fase inicial a observação centrou-se na recolha de dados que permitiram identificar alguns elementos caracterizadores das interações entre os elementos do grupo. A recolha destes elementos foi importante para identificar as relações de parentesco e caracterização do grupo. Os ensaios têm sempre uma presença significativa de participantes, uma média de 25 a 35 elementos por ensaio.

Após algumas semanas de presença e observação nos ensaios, no RCU, alguns elementos do grupo lançaram o desafio para dançar com eles, não podendo declinar o convite foi aceite o desafio, indo ao encontro daquilo que se entendem ser as práticas associadas à observação participante. Esta reconfiguração de papéis permitiu uma maior aproximação e relação com o grupo em geral.

Também o acompanhamento aos grupos nas deslocações, em dias de atuação fora da zona de residência, foram momentos privilegiados de observação. Estas deslocações possibilitaram contactar com outros ranchos, das várias regiões do país, que mantêm nos seus elencos um número significativo de jovens. Desta forma foi possível alargar a visão sobre alguns fenómenos relacionados com as dinâmicas folclóricas.

Um outro momento de observação que se revelou muito proveitoso na recolha de dados foi a participação nos festivais anuais de ambos os grupos. Durante estes eventos foi possível identificar e recolher um conjunto de dados que permitiram perceber melhor as razões por que os jovens referem este tipo de evento como um dos pontos altos do ano. Também a constatação das tarefas atribuídas aos jovens no acompanhamento aos grupos convidados foi importante para poder compreender a relação estabelecida entre ambos os

grupos, o que têm em comum e o papel que desempenham individualmente no contexto do rancho a que pertencem.

## **6.5 Notas de campo**

Durante o período de observação foram recolhidas notas de campo, nos vários momentos de contacto com os grupos, que contribuíram para um maior conhecimento, individual e coletivo e que permitiu uma reflexão mais consistente.

O registo das notas de campo, resultantes da observação, foram redigidas após os momentos de observação. De acordo com Quivy (1994), como nem sempre é possível, nem desejável, tomar notas no próprio momento, a solução encontrada consistiu em transcrever os comportamentos observados imediatamente após a observação (Quivy, 1994, p. 199). Os dados obtidos e necessários para caracterização dos elementos dos grupos, nomeadamente no que se refere à compreensão do papel da influência familiar na participação no RCU, optou-se por recorrer ao programa informático Excel da Microsoft, que permitiu mais facilmente sistematizar e relacionar a informação, tornando mais claros os vínculos de parentesco entre os indivíduos. A partir desta sistematização, a que se juntaram as notas de campo, percebeu-se que seria necessário aplicar algumas entrevistas para complementar informação que de outra forma não estaria acessível.

## **6.6 Entrevista etnográfica**

Para conhecer melhor a opinião individual e motivações de cada elemento para clarificar algumas questões, de forma a obter os dados necessários para a discussão dos resultados, foram realizadas entrevistas aos participantes dos dois grupos em estudo.

Na opinião de Bogdan e Biklen (1994) em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante ou mesmo com a análise documental e outras técnicas. A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos no discurso do próprio sujeito, o que permite ao investigador desenvolver uma ideia “sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (Bogdan e Biklen 1994,

p.134). A vantagem de conjugar a observação e entrevista na recolha de dados, na opinião de Silvestre e Araújo (2012), é o facto de permitir controlar o risco de subjetividade do investigador, ou deixar-se influenciar mais pelo seu ponto de vista ou experiência na interpretação de dados, “do que pelo ponto de vista e experiência dos sujeitos de pesquisa”. A grande vantagem na recolha de dados por entrevista é permitir obter “dados com grande riqueza e profundidade e a partir do ponto de vista dos sujeitos de pesquisa, (...) transmitida ao pesquisador na linguagem do próprio” (Silvestre e Araújo 2012 p.155).

Foi criado um guião de entrevista semiestruturado com perguntas abertas que ajudaram a orientar a entrevista e torná-la mais objetiva. (Anexo B) “A Entrevista semiestruturada utiliza-se quando é importante obter dados comparáveis de diferentes participantes” (Coutinho, 2011, p. 291). O guião foi orientado para três objetivos e organizado em três grandes blocos: (I) **A Relação com o rancho**; (II) **Motivação para pertencer ao rancho**; (III) **Identidade e pertença**. Para cada objetivo foram definidas quatro ou mais perguntas encadeadas sequencialmente.

Importa frisar que pelo facto do RCR ter um número superior de elementos com idades compreendidas entre os 10 e os 32 anos, optou-se por realizar sensivelmente o mesmo número de entrevistas em cada grupo, num total de 33 entrevistas (16 no RCU e 17 no RCR).

O tempo de duração de cada entrevista variou entre os 15 e os 20 minutos com recurso à gravação áudio, com autorização prévia de cada entrevistado e posteriormente transcritas (ver anexos D e E). Cada entrevista foi transcrita na íntegra, mantendo a confidencialidade e o anonimato dos entrevistados assim como qualquer referência que identificasse outros elementos do grupo. As respostas que resultaram das entrevistas foram tratadas usando a análise de conteúdo.

Os dados recolhidos em cada grupo foram inseridos num documento Excel da Microsoft e analisados separadamente consoante cada grupo do contexto em estudo.

As respostas foram analisadas e agrupadas de acordo com cada categoria. A interpretação dos resultados foi feita a partir da quantificação das respostas, agrupadas por categoria e posteriormente feita a leitura qualitativa a partir do número de respostas obtidas por categoria.

Foram também efetuadas outras entrevistas relevantes: à professora que teve um papel preponderante na criação do RCU, (Anexo C) ao autarca do RCR para perceber quais as políticas locais para a juventude do concelho (Anexo A)

Para uma fiel leitura e análise qualitativa optou-se por citar expressões e frases, proferidas pelos entrevistados, para uma melhor ilustração dos resultados (Anexos D e E).

As notas de campo obtidas durante a observação participante ajudaram numa melhor leitura e interpretação dos dados obtidos com as entrevistas, já que na opinião de Silva, Almeida e Guindani, (2009) devem ser usados e valorizados os documentos que resultaram da pesquisa porque a riqueza da informação que podemos extrair deles “justifica o seu uso” (Silva, Almeida, e Guindani, 2009 p.2)

O tratamento dos dados recolhidos junto dos grupos facilitou a leitura e interpretação dos dados, através das categorias provenientes das respostas, permitiu conhecer o tipo de relação e a motivação subjacente à frequência e permanência nos grupos folclóricos.

## 7. OBJETO DE ESTUDO

| ' ' | | ' ' |

## **7.1. Critérios de escolha dos grupos em análise**

Para a seleção dos dois grupos em análise foram definidos alguns critérios que garantissem, a recolha de informação necessária para efetuar o estudo. Um dos grupos teria de estar inserido num contexto urbano e outro em contexto rural, com uma particularidade em comum, ambos teriam de representar as tradições culturais através do folclore, das danças e cantares da região originária dos antepassados do RCU. Cada grupo, deveria ter uma componente significativa de jovens com idades entre os 10 e os 31 anos; com uma atividade regular e disponibilidade para participar voluntariamente no estudo. Sabendo que os momentos de observação incluíam todas as atividades que envolvessem a participação do grupo, ensaios, atuações, festivais e outras atividades a presença de um elemento estranho ao grupo teria de ser autorizado pela direção, assim como, pelos elementos do grupo.

A escolha do RCU teve na sua origem o facto de se ter assistido às suas atuações e de se ter verificado que incorporava um número significativo de jovens. Tendo em consideração o contexto sociocultural, em meio urbano, onde o grupo está inserido e desenvolve a sua atividade, suscitou a questão relacionada com a motivação e o interesse destes jovens e o que os leva a participar num rancho folclórico, um costume normalmente associado a práticas culturais de contexto rural e, no caso, de uma área geográfica muito específica. Sabendo que a maioria destes jovens nasceram e cresceram neste contexto urbano seria expectável que os seus gostos e interesses estivessem mais direcionadas para as culturas urbanas, nesse sentido, a participação num grupo folclórico poderá denunciar motivações relacionadas com questões de natureza identitária.

Após exploração do território – numa freguesia situada na zona Oriental de Lisboa – verificou-se a existência de quatro ranchos com características idênticas que representam a mesma região, contudo, considerou-se que RCU reunia as melhores condições para a realização do estudo, o horário dos ensaios facilitariam a escolha de uma metodológica que permitisse a observação participante a partir do paradigma antropológico de modo a garantir uma recolha de dados capaz de informar sobre as motivações subjacentes à participação dos jovens neste grupo folclórico.

Após formalização e autorização para levar a cabo os procedimentos necessários para o desenvolvimento do estudo, o primeiro contacto direto, com o grupo aconteceu em julho de 2017, com a observação de um ensaio a que se seguiu a apresentação e esclarecimento sobre a presença e participação de um elemento exterior a desenvolver trabalho investigativo. O acolhimento do grupo permitiu dar seguimento ao trabalho de recolha de dados e reforçou os motivos para a escolha deste grupo.

A seleção do RCR, ocorreu de forma distinta já que a escolha decorreu de uma indicação sugerida pelos dirigentes do RCU procurando ir ao encontro das premissas necessárias para levar a cabo o presente estudo. Assim, o grupo escolhido em contexto rural teria que representar as danças e cantares da região e ter um número significativo de jovens a participar nas atividades do grupo. Desta forma chegou-se ao RCR que segundo este dirigente, seria um bom recurso para realizar a outra parte do estudo. Neste contexto, a escolha metodológica teve de ter em consideração constrangimentos de deslocação e permanência no contexto, que não permitiram a observação participante nos mesmos moldes que se desenvolveram no contexto urbano, contudo, foi possível adequar as abordagens de modo a garantir a informação necessária com um menor número de presenças no contexto. O primeiro contacto com o RCR e com a região aconteceu em janeiro de 2018. Este dia coincidiu com a realização do jantar, convívio anual que é organizado pelo grupo. Este foi um momento privilegiado para contactar e conhecer o grupo. A forma de abordagem e primeiro contacto que se estabeleceu com o grupo foi muito similar aos moldes adotados junto ao RCU. Foi feita a apresentação do investigador ao grupo tendo em conta as motivações associadas ao desenvolvimento de um trabalho no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. O momento de celebração permitiu uma mais fácil aproximação ao grupo e permitiu ainda assistir a uma das atividades desenvolvidas pelo grupo no auditório municipal, “o cantar das janeiras” um evento organizado pela autarquia local. Este momento também favoreceu a aproximação ao grupo que permitiu estabelecer o diálogo com alguns elementos do grupo, que serviram para criar empatia e referências pessoais.

Apesar de existirem outros ranchos no concelho, cerca de 12, o grupo que foi seguido para além de ser o primeiro rancho folclórico criado no concelho e ter acolhido várias gerações ao longo de cerca de 70 anos, e por sua vez, um dos que tem um maior número

de jovens, com idades entre os 10 e os 32 anos. E por último o facto do grupo ensaiar aos sábados à noite o que facilitaria as visitas para observação e recolha de dados.

## **7.2 Rancho de Contexto Urbano: freguesia da zona Oriental de Lisboa**

O RCU foi fundado em dezembro de 2005, por um grupo de cerca de 32 elementos, ligados ao folclore. Uma figura em particular foi relevante na criação, na direção artística e como ensaiadora: uma professora, nascida e criada numa aldeia do concelho do contexto rural, desde muito jovem se dedicou a causa do folclore e das tradições culturais da região onde nasceu e, quando se mudou para Lisboa, levou consigo essa vocação e gosto, consultar (Anexo C).

O RCU é composto por 50 elementos, na sua maioria, oriundos da região do concelho do RCR ou descendentes de famílias da mesma região. O grupo integra um número considerável de crianças e jovens, com idades entre os 2 e os 31 anos, descendentes destas famílias que vieram para Lisboa nas décadas dos anos 60 e 70 do Século XX.

Paralelamente à criação do grupo foi constituída a associação no dia 6 de dezembro de 2005, “uma associação sem fins lucrativos e tem como objetivo fundamental a defesa, conservação e divulgação da cultura popular do concelho de (origem)” Possui escritura pública, estatutos e regulamento interno que regem o seu funcionamento. Atualmente tem cerca de uma centena de sócios efetivos e auxiliares, na sua maioria pessoas originárias da região e tem sede própria numa freguesia da zona Oriental de Lisboa. Os órgãos sociais da associação são eleitos por um período de dois anos. A atual direção iniciou as funções a 23 de fevereiro de 2018, e terminam o seu mandato em 2020. Atualmente há 5 jovens que integram cargos nos três órgãos sociais da associação: 3 na direção, 1 no conselho fiscal e 1 na assembleia geral. A associação está filiada na Fundação INATEL, é sócia da Associação do Distrito de Lisboa para Defesa da Cultura Tradicional Portuguesa (ADLDCTP) e sócia efetiva da Federação do Folclore Português. Foi-lhe concedido o Estatuto de Utilidade Pública em 19 de dezembro de 2014. Durante o período que a sede não tinha espaço físico para a realização dos ensaios, estes efetuavam-se nas instalações cedidas por uma escola local, às sextas feiras a partir das 21h30.

### 7.3. Caracterização do RCU

Dos 50 elementos que integram o grupo, 17 são jovens e crianças com idades entre os 10 e os 31 anos, os restantes 33 elementos têm idades entre os 32 anos e os 80 anos, existindo vários casos em que os elementos apresentam laços de parentesco entre si.

A partir da análise efetuada aos laços familiares, existentes dentro do grupo, concluiu-se que existem 11 agregados ou núcleos familiares e só 4 elementos não têm ligações familiares no grupo. Estas relações de familiaridade caracterizam-se da seguinte forma: 5 agregados compostos por casal com 1 ou 2 filhos; 1 agregado composto por casal com 2 filhos, 2 netos e laços familiares a outros elementos do grupo; 1 agregado composto por pai, 2 filhos e 2 netos; 2 agregados com 1 progenitor (mãe) e 1 ou 2 filhos; 1 núcleo de 6 elementos com laços de parentesco entre si (irmãos, cunhados); 2 irmãos sem grau de parentesco a outros elementos do grupo; e por fim 4 elementos sem qualquer grau de parentesco entre si ou a outros elementos do grupo.

Os 50 elementos estão distribuídos pela tocata, cantata e dança. A tocata conta com 10 elementos (1 mulher e 9 homens); 4 na cantata (3 vozes femininas e 1 masculina); 27 na dança (12 homens e 15 mulheres) e 9 crianças, (2 rapazes e 7 raparigas, com idades entre os 2 e os 11 anos). Dos 17 jovens que fazem parte do estudo 3 pertencem à tocata, são tocadores de concertina, e os restantes 14 dançam no rancho.

Os instrumentos musicais adotados pelo grupo, considerados pela direção como sendo os mais característicos na região, são: um violino; duas violas; um banjo ou bandolim; um cavaquinho e quatro concertinas.

O grupo pretende preservar e divulgar a cultura popular do concelho de origem através dos trajes, dos cantares, das danças e das recriações etnofolclóricas que integram o seu repertório. É evidente a constante preocupação que o grupo tem, em melhorar as suas atuações recriando quadros etnográficos, transportando assim, para o presente, as vivências dos seus antepassados.

Como se pode verificar nos documentos oficiais do grupo, “os trajes que envergamos reportam-se à segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX”. Os trajes mais característicos e usados pelo grupo, são os de trabalho, confeccionados com linho, sirguilha, serrubeco e burel.

A maior parte das danças do seu repertório são danças de roda a exceção da “Chula”, da “Quadrilha” e do “Fado Mandado”. Estas apresentam uma configuração e uma movimentação diferente das restantes. Os cantares mais característicos da região são os “cramóis”, segundo a descrição feita nos documentos do grupo, eram entoados a quatro vozes e muito escutados numa das aldeias do concelho, considerada como a mais serrana da Serra de Montemuro.

Desde a sua constituição que o grupo tem vindo a divulgar o seu trabalho, um pouco por todo o país, com maior destaque no distrito de Lisboa. Das atividades regulares do grupo destacam-se as atuações de norte a sul do país; a organização do seu festival anual que se realiza em maio e considerado um dos momentos mais aguardados pelo grupo.

No que respeita ao financiamento, segundo o presidente da associação e do RCU, o grupo tem despesas mensais fixas para isso precisa de garantir a sua sustentabilidade.

O grupo tem o apoio, logístico e financeiro, da Junta de Freguesia local; da Câmara Municipal do concelho de origem, das cotas pagas pelos sócios ou de alguma atuação que seja cobrado um valor simbólico e voluntário. Organizam ainda, pontualmente, bailes para a comunidade com o objetivo de angariar fundos para a sua sustentabilidade. O grupo todos os anos tem por costume cantar as janeiras em vários locais da cidade, nas ruas. Esta iniciativa para além de manter uma tradição, quase em desuso, contribui também para reunir fundos para o grupo.

#### **7.4 Rancho de Contexto Rural: Serra de Montemuro**

O RCR foi fundado em maio de 1949, numa aldeia do concelho. Dois dos seus fundadores e naturais da terra, mantiveram-se em funções no grupo por várias décadas e só em 1980, por via do falecimento de um dos seus fundadores, a direção artística mudou. A partir desta data o grupo continuou a sua atividade com a orientação dos ensaios a cargo do elemento mais antigo no grupo que já se revelava um promissor ensaiador.

O Grupo mantém-se em plena atividade desde a sua fundação e, em maio de 2019, comemorou o seu 70º aniversário. Atualmente o grupo agrega 55 elementos, 29 mulheres

e 26 homens, com idades entre os 10 e os 83 anos. O rancho integra 14 elementos na tocata e cantata e 38 dançadores entre homens, mulheres e crianças.

A cantata ou cantoria é constituída por dois cantadores, uma voz feminina e uma masculina, normalmente acompanhados pelo coro. Os instrumentos que incorporam a tocata são as concertinas, violino, violões, cavaquinho, ferrinhos, flauta de cana e bombo. Os trajes que envergam reportam à época de 1890 os mais característicos da região são os trajes de ir à festa ou romaria; o traje dos noivos; traje domingueiro para ir à missa e de tarde bailar no adro e no terreiros; traje dos pastores; trajes de trabalho e trajes dos senhores abastados.

Quando o grupo foi fundado as danças que executavam eram recolhidas pelos seus responsáveis e representavam as que se dançavam nos bailes da região. Quando surgiu o Cancioneiro de Vergílio Pereira, em 1950, o grupo aproveitou algumas das letras e músicas do cancionero para melhorar o seu repertório artístico. No entanto conservaram as danças recolhidas pelo seu fundador, como é o caso do “Malhão de Pias” uma dança muito típica da região. No que se refere às “cantas” teriam sido originalmente canções religiosas que sofreram adaptações à sua forma, cantadas por mulheres no final do dia quando regressavam dos trabalhos árduos do campo, entoavam-nas “como se fosse um canto em ação de graça” (Pereira, V. 1950, p.87, 88).

Desde a sua fundação já passaram várias direções e ensaiadores pelo grupo, atualmente a direção artística e de ensaios estão a cargo do atual presidente da direção da associação. O rancho organiza todos os anos um grande evento internacional, o Festival Internacional de Folclore que envolve uma produção artística muito complexa. Todos os anos uma parte significativa dos elementos mais jovens do grupo participam ativamente neste evento. É também um momento aguardado com grande expectativa por todos os seus membros. Este evento tem um grande impacto, não só no concelho mas também nos concelhos vizinhos que se associam a esta iniciativa promovendo atuações, nos seus municípios com os grupos estrangeiros que participam no festival, como forma de alargar as oportunidades de receber estes grupos oriundos de outras culturas, e de outros continentes, nas suas comunidades.

Embora do RCR tenha sido fundado em 1949, só foi formalizado como Associação de Recreio e Grupo Folclórico, em agosto de 1960, na altura ainda com sede numa aldeia do

concelho onde foi fundado, como se pode confirmar no artigo 2º dos estatutos que tinham como objetivo:

“O seu fim é proporcionar recreio e instrução aos associados e especialmente organização de festas culturais e artísticas, entre todos eles.

A Associação terá o nome de (.....) e cultivará a música canto e danças, apropriadas, não excluindo a formação moral e religiosa, segundo a tradição da Nação e os costumes da freguesia, como o desenvolvimento intelectual dos seus associados.” (artº 2º dos Estatutos da associação à data de 12 de agosto de 1960)

O Artº 3º do mesmo documento refere ainda que “Podem ser admitidos Sócios todos os indivíduos do sexo masculino, maiores, e ainda menores quando devidamente autorizados por seus pais e tutores que tenham bom comportamento moral”. Estes dois artigos dos estatutos são reveladores da política de espírito vigente na altura fomentada pelo Estado Novo que impedia a mulher de participar em atos associativos.

Em 2016 foram feitas alterações aos estatutos na denominação e atualizados alguns artigos que se verificou estarem descontextualizados, como era o caso do artigo 2º, acima citado e que foi atualizado passando a ter o seguinte objetivo:

“A Associação tem por objetivo proporcionar recreio e instrução aos seus associados e apoiar crianças, jovens, deficientes, idosos e à família, bem como a prevenção e a reparação de situações de carência, de disfunção e marginalização social e o desenvolvimento da comunidade e a integração e promoção social, e o seu âmbito de ação abrange o concelho de (...)” (artº 2º dos Estatutos da associação à data de 28 de abril de 2016, Livro 11, docº 7, folha 15).

Também o artigo 3º foi reformulado, como se pode verificar no mesmo documento da escritura, “Para realização os seus objetivos a associação propões criar e manter:

- a) O Grupo Folclórico (...) mantendo o mesmo nome;
- b) Programas culturais e artísticos;
- c) Programas recreativos e desportivos;
- d) Atividades de tempos livres de crianças e jovens e população adulta;
- e) Atividades de apoio familiar e de integração social comunitária.

Houve a necessidade de atualizar e ajustar o objeto social da associação à realidade atual do século XXI, com um contexto sociocultural e uma realidade diferente da que existia na época da formalização e constituição da associação em 1960.

O RCR é sócio efetivo da Federação do Folclore Português; Sócio da Associação de Defesa da Etnografia e do Folclore da Região do Douro Sul – Lamego (ADEFRDS-L); está inscrito no Registo Nacional do Associativismo Jovem (RNAJ) - Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e foi-lhe concedido o Estatuto de Utilidade Pública em Diário da República, em março de 2003. O grupo está ainda inscrito na Fundação INATEL. A Associação integra o CIOFF (Internacional Council of Organizatios FOLK Arts) desde 2013.

A associação desenvolve outras atividades de apoio familiar e de integração social comunitária. Mantém um protocolo com a autarquia e presta apoio no transporte de crianças e jovens, nas suas carrinhas, das aldeias para as escolas do concelho. Esta medida é também uma forma de proporcionar empregos, ainda que seja temporário, a alguns jovens, do rancho, que fazem o transporte e acompanhamento das crianças.

O RCR tem ainda o apoio financeiro e logístico da autarquia local que é prestado aos ranchos e grupos culturais e desportivos do concelho, as receitas provenientes das cotas dos sócios assim como outros donativos e patrocínios de instituições locais.

## **7.5 Caracterização dos elementos dos grupos alvo do estudo**

### **7.5.1 Jovens do RCU**

O grupo-alvo do estudo são todas as crianças e jovens, que integram o grupo, com idades compreendidas entre os 10 e os 32 anos, à data de início do estudo, no total de 17 elementos 9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, 2 têm entre 10 e 13 anos, 3 entre os 14 e os 18 anos, 7 entre os 19 e os 25 anos e 5 entre os 26 e os 32 anos. A ocupação dos elementos da amostra divide-se entre o estudo (oito estudam, cinco no 2º e 3º ciclo do ensino básico e quatro no ensino superior) e o trabalho (nove estão empregados e têm

as seguintes habilitações literárias: cinco são licenciados, três têm 12º ano e um é trabalhador estudante). No que se refere à naturalidade dos 17 jovens, 12 nasceram e vivem na freguesia, 3 nasceram e vivem noutras zona no concelho de Lisboa, 2 nasceram e vivem num concelho da periferia de Lisboa. No entanto, embora estes 5 não tenham nascido na freguesia, têm mantido uma relação com este local através de laços familiares. É de salientar que todas as vivências e interações sociais destes jovens têm-se estabelecido, tanto em contexto educativo como nas interações sociais, sempre em contexto urbano.

A relação destes jovens com a região de origem dos seus antepassados tem vindo a ser consolidada desde a sua infância durante o período de férias escolares ou em visita com os familiares. Dos 17 jovens só 2 deles não têm as suas raízes familiares no concelho do contexto rural, mas sim, em dois concelhos vizinhos. Todos os outros 15 têm na sua origem raízes, paterna ou materna, na região. Todos eles costumavam e continuam a ir, durante o período de férias escolares para casa dos seus avós, maternos ou paternos, que vivem nas várias aldeias que constituem o concelho, na Serra de Montemuro. Este facto tem contribuído para que todos eles continuem a manter uma relação muito próxima com a região e com o meio rural. É muito perceptível a afinidade que alguns destes jovens mantêm com o meio rural. Numa conversa com um dos jovens, quando se referia à aldeia dos seus pais e aos bens que a família aí detém, expressa claramente um sentimento de apropriação que não se delimita só às questões do lazer, às festas e bailaricos, mas também à valia económica que retira do que a terra lhes dá assumindo assim a atividade agrícola como sua também.

### 7.5.2 Jovens do RCR

Dos 55 elementos, que fazem parte do grupo, 32 têm idades entre os 10 e os 32 anos. Dos 32 jovens selecionados para a amostra, 17 são do sexo masculino e 15 do sexo feminino, 8 estão empregados, 4 desempregados 2 concluíram a licenciatura e estão à procura do primeiro emprego. Dos 20 estudantes, 16 frequentam o 2º e 3º ciclo do ensino básico e

ensino secundário, 4 frequentam o ensino superior, 2 são alunos de licenciatura e 2 de mestrado.

Os 32 elementos seleccionados para o estudo, nasceram e vivem no concelho do contexto rural, à exceção de 3 jovens que residem num dos concelhos vizinhos. A maioria dos jovens afirmaram que também os seus pais e avós nasceram e vivem no concelho ou nos concelhos vizinhos.

Os 32 elementos desempenham tarefa distintas no rancho: cinco integram a tocata, 3 tocadores de concertina e dois tocam viola, os restantes 27 fazem parte do grupo de dançadores. Toda a vivência destes jovens tem-se estabelecido neste território tanto em contexto educativo como nas interações sociais com o meio envolvente.

## 8. ANÁLISE DOS DADOS

| ' ' | | ' ' |

Apresenta-se de seguida uma análise dos três grandes blocos da recolha de dados retirados das notas de campo que resultaram da observação durante o acompanhamento aos dois grupos. Esta análise é feita separadamente entre os dois grupos primeiro é apresentado o RCU e de seguida o RCR feita só com um olhar.

## **8.1 Rancho Contexto Urbano**

### **8.1.1 Relação com o rancho**

Ao longo do período de observação e de entrevistas foi possível identificar um conjunto de elementos que parecem reforçar a ligação simbólica e sociocultural dos jovens ao rancho. De entre as mais significativas apresentamos a relação que o rancho permite estabelecer ao território de origem, o reforço das redes sociais e familiares que o rancho proporciona durante os momentos de ensaio e o papel que uma estrutura como o RCU tem na construção de uma identidade associada a quem pertence (por sangue ou terra). A afinidade que os jovens têm com o rancho está muito sustentada em dois fatores: primeiro todos os jovens são descendentes de famílias naturais da região; segundo a ligação que mantêm com a região desde crianças, na visita ao território no período de férias escolares, hábito que continuam a manter. A relação com a região de origem dos seus ascendentes e o contacto com a terra, o rural e as tradições, que ainda perduram na região, estimularam, e contribuíram, para a sua participação no rancho. E, por conseguinte, contribuiu para a formação da sua identidade.

Embora esta comunidade tenha vindo para o território há cerca de 60 anos, no processo de êxodo rural que afetou milhares de portugueses, continuam a conservar alguns dos hábitos e costumes do contexto de origem. Este facto está naturalmente relacionado com a concentração de famílias com origens territoriais próximas se manterem no território de acolhimento.

Ainda que algumas famílias, ou seus descendentes, tenham organizado as suas vidas optando por ir viver para outros lugares, dentro ou fora de Lisboa, continuam a manter ainda alguma ligação com este local.

Esta relação com o rancho é também sustentada pelas dinâmicas sociais que se estabelecem dentro do grupo, pelas afinidades, pelo que têm em comum. Para além das atividades relacionadas com a performance do rancho, ensaios, atuações ou outras, o plano de atividades anual do grupo contempla outras iniciativas de carácter mais lúdico tais como a comemoração do dia do pai, o dia da mãe e o dia da criança, organização de bailes, à luz do que ainda se faz na região, com grupo de música tradicional da região de origem. Estes bailes concorrem para diversos propósitos, angariar fundos para o grupo e proporcionar momentos de convívio e lazer que vão ao encontro dos interesses da comunidade. Ainda que as suas vivências diárias ocorram em contexto urbano mantêm uma forte ligação e referência do rural. Um saudosismo e uma vontade de transportar as tradições da sua terra para o contexto de acolhimento, que os mantêm ligados às origens. Embora os bailes estejam associados às vivências do rural, continuam a reinventá-los no contexto urbano, com uma presença significativa de jovens, não só do rancho, mas também de outros jovens da comunidade.

Um facto curioso observado nestes bailes é que para além das danças a par, as valsas que são muito características desta região, existem também as danças de grupo como é o caso da “contradança”, muito característica da região, executada por oito pares e orientada por um mandador que, durante a dança, vai dando indicações aos restantes bailadores sobre o que devem fazer. Cada bailador não sabe ao certo qual é a ordem que vai ser dada pelo mandador o que os obriga a estar atentos às indicações. Esta dança tem uma coreografia com algum grau de complexidade, contudo, é dançada por uma grande maioria que a sabem executar e se chegam à frente para bailar quando a dança é anunciada. São os elementos, do público, casais ou outros presentes na sala os que manifestam o maior interesse por esta dança, devem-na ter aprendido ainda jovens nos bailaricos da terra. Segundo foi apurado, em conversas com o ensaiador e outros elementos do grupo, esta dança era bailada segundo regras definidas muito específicas que por vezes originava alguns descatos por aqueles que não tinham tido a oportunidade de a ter dançado.

Segundo a opinião da maioria dos jovens, o momento de convívio mais esperado do ano é a comemoração do aniversário do grupo, em dezembro, que é celebrado conjuntamente com o jantar convívio de Natal. Estes momentos de convívio e lazer contribuem para o reforço de laços entre os elementos do grupo, fortalecem o espírito de grupo e de

interajuda. Numa conversa com o LM (Consultar anexo D) quando se referia às relações no grupo, dizia “somos como uma família, nós cuidamos uns dos outros” a opinião deste jovem espelha o sentimento de interajuda que existe no grupo.

O dia de ensaio tem também um papel que não deve ser menosprezado porque satisfaz o propósito de “pôr a conversa em dia”. Este momento tem uma importância no âmbito dos assuntos relacionados com a sua terra e a sua gente, já que se abordam temas que vão desde o clima à produtividade do cultivo. Pelo que foi observado, em várias circunstâncias, este espaço é potenciador de trocas e interações. É nestes períodos, antes do ensaio, que os mais velhos conversam sobre questões geralmente relacionadas com o quotidiano ou ainda, os acontecimentos mais recentes ou mais comentados lá na terra. Enquanto isto, os mais novos agrupam-se consoante a faixa etária ou interesses, formando pequenos núcleos no espaço da sala de ensaio, discutindo temas relacionados com as suas redes sociais, proferindo alguns comentários sobre desporto, assuntos relacionados com a escola ou até mesmo algum namorico ou galanteio que tenha ocorrido entre amigos em comuns. Enquanto que os mais pequenos optam por brincadeiras, entre si, provocando algum ruído na sala, mas todos conseguem conviver e respeitar o espaço de cada um. A primeira hora, de cada ensaio, é absorvida por estas trocas sociais que se evidenciam ser um espaço útil e necessário para consolidar a coesão do grupo.

Geralmente os ensaios iniciam com uma intervenção do presidente da direção, e também elemento do rancho, transmitindo informações relacionadas com as atuações ou outros eventos agendados. A partir do momento em que o ensaiador dá início ao ensaio, o foco de atenção de todos é direcionado para ele. Inicia com algumas notas referentes ao plano de ensaios para o dia e chama os elementos que vão dançar a próxima dança. Nos ensaios está bem expresso o respeito que todos, mais novos e velhos, demonstram pelo ensaiador, já que todos escutam atentamente as indicações e aceitam os reparos ou correções por ele proferidos. Todos estão focados no mesmo objetivo manifestando a vontade de melhorar o seu desempenho.

No primeiro ensaio após uma atuação é, normalmente, exibido o vídeo dessa atuação, enquanto decorre a visualização o ensaiador vai comentando, cada passagem, faz alguns reparos sobre atitudes ou erros que aconteceram nessa atuação. Todos os elementos escutam-no atentamente e chegam mesmo a referenciar alguns erros cometidos pelos

próprios ou por outro colega. Ainda que possa haver alguma discordância, da parte de um ou outro elemento, aparentemente não se verifica nenhuma tensão no grupo. É bem visível a vontade que todos têm em melhorar o seu desempenho e que o contributo de cada um é o sucesso do grupo. A vontade de melhorar os resultados obtidos em cada uma das suas exposições é manifestamente uma preocupação de todos e bem perceptível na opinião dos jovens. O facto de o grupo ser federado remete-os para uma responsabilidade acrescida. O grupo tem de marcar pela diferença e tem de ser capaz de responder aos requisitos e orientações dadas pela Federação de Folclore Português. Como refere um jovem “Lutamos muito para conseguirmos ser federados” este comentário revela um sentimento de conquista coletiva e por outro lado uma responsabilidade pelo facto de serem um rancho federado. Há uma constante preocupação com os aspetos mais relacionados com a imagem e a apresentação do grupo e o que é considerado a autenticidade do folclore, das tradições e dos costumes referentes à época e à região que representam. Há uma vontade constante de atualizar o seu reportório com novas danças, melhorar as suas atuações, recrear novos quadros etnográficos. Uma constante preocupação na forma como se apresentam em palco, para que o seu trabalho seja valorizado e reconhecido pelo público.

Em conversas com alguns jovens no que se refere às regras orientadoras estabelecidas pela FFP, relativamente ao desaconselhamento do uso de objetos de ornamentação do gosto pessoal de cada um, tais como: piercings, unhas pintadas, tatuagens em zonas do corpo que estejam visíveis e outras marcas corporais contemporâneas, pelo argumento de que não eram usados na época a que se reportam. Estes argumentos deixam transparecer alguma necessidade de encontrar uma identidade própria para justificar o que é a tradição e os costumes.

Embora estes jovens tenham nascido em pleno século XXI ou ainda nas últimas décadas do século XX, na plenitude do uso das novas tecnologias, expressam uma opinião concordante com estes princípios proferidos por estes organismos reguladores do folclore.

### 8.1.2. Motivação para pertencer e permanecer no rancho

Um dos aspetos que mais nos interessou perceber, tendo em conta a questão subjacente nesta tese, foi o da identificação das motivações que levam os jovens de um contexto urbano a pertencerem a uma instituição com referenciais culturais que remetem para o tradicionalismo e para a ruralidade.

A maioria destes jovens pertencem ao rancho desde a sua origem, dezembro de 2005, tendo alguns transitado, com as suas famílias, de um outro rancho existente na mesma freguesia, conjuntamente com cerca de 32 elementos que se desligaram deste para criar o atual RCU. Alguns destes jovens começaram ainda em criança acompanhando os pais ou familiares para os ensaios e assim foram despertando o gosto pelo folclore. Ou seja, resultou de um hábito familiar – o acompanhamento aos ensaios – que se transformou numa pertença sem que ao longo deste processo tenha havido, necessariamente, uma escolha consciente de fazer parte do rancho. No entanto a decisão de continuar no rancho é tomada mais tarde, no período da adolescência, é nesta fase que, geralmente, decidem continuar no rancho porque criaram amigos, aprenderam a gostar ou mesmo por sentimento de pertença ao grupo. Porém, os jovens que entraram recentemente vieram através de amigos ou familiares, mas voluntariamente ou por referências culturais à região, como é o caso do jovem que está no grupo há apenas um ano, mas já traz consigo uma experiência, por ter pertencido a outros grupos e uma dedicação ao folclore da região. De facto, foi possível, através da análise das relações familiares entre os elementos do RCU, perceber que todos os indivíduos apresentam relações de parentesco com alguém do rancho. Assim, podemos dizer que existem cerca de 11 núcleos familiares, com diferentes graus de parentesco entre si, como se pode verificar na análise de dados feita a seguir.

### 8.1.3 Identidade e pertença

Os laços familiares existentes entre os jovens, as relações de amizade que foram sendo criadas e o sentimento de pertença ao grupo podem ter um peso significativo na identificação das razões pelas quais continuam no rancho. Também o convívio é

claramente uma razão muito forte para que estes jovens continuem no grupo, como se pode observar, na análise das entrevistas que é feita no ponto seguinte.

Durante o processo de observação pôs-se uma questão a dois dos jovens do grupo, se sentiam alguma inibição ou vergonha quando têm apresentações na sua zona de residência, sabendo à partida que podem ser vistos pelos seus amigos e colegas de escola. A sua resposta foi clara e objetiva, “não tenho qualquer problema nem me sinto mal com isso” e afirmam ainda que lhes é “indiferente aquilo que os outros pensam”. Um outro jovem a quem foi colocada a mesma questão, numa conversa informal, assumiu que numa fase da sua adolescência, por vezes teve alguma inibição em revelar aos colegas que dançava num rancho, chegando mesmo a não ir a atuações, na sua zona de residência com receio que os colegas a observassem. Atualmente não tem qualquer inibição nem está preocupada com a opinião que outros possam ter sobre o folclore. Estes dados demonstram a relação e o compromisso que tem com o grupo assumindo-o com parte integrante da sua identidade.

Nas várias saídas realizadas pelo RCU para atuações em festivais ou eventos que contavam com atuações de outros ranchos, da mesma ou de outras regiões, alguns jovens do RCU assistiam atentamente às atuações dos outros grupos e posteriormente faziam alguns comentários referentes à atuação desses grupos, com referências à atitude, durante a atuação de elementos dos grupos, ao rigor referente à forma com que atuam, aos trajes, às danças e até mesmo às encenações, mais ou menos arrojadas. Fazem-no com um olhar crítico e muito focado nos aspetos etnográficos no que se refere ao rigor e ao que será a tradição do que o outro grupo apresentou. Valorizam muito os aspetos cénicos, encenação ou recriação e muito críticos no que se refere às questões etnográficas numa perspetiva do que poderá ser a autenticidade e a forma como o outro interpreta ou representa aquela a tradição.

## **8.2. Rancho Contexto Rural**

Como já foi mencionado o tempo de observação no RCR foi menor, devido aos constrangimentos referidos anteriormente, no entanto foram realizadas várias visitas ao

RCR para observação nos ensaios, nas atuações e ainda noutros momentos que envolveram a participação do grupo, com destaque para o Festival Internacional de Folclore organizado pelo RCR que permitiu recolher informação relevantes sobre o grupo.

### 8.2.1 Relação com o rancho

A relação destes jovens com o RCR parece estar relacionada com as relações familiares, ou relações de amizade, que mantêm com outros elementos do grupo, ou apenas por encontrarem no rancho uma oportunidade de sair e conhecer outros lugares, dentro e fora do país.

Os dias de ensaio representam para estes jovens um momento de encontro semanal, não só uma oportunidade de rever os colegas, mas também um ensejo de lazer e simultaneamente um motivo para sair da sua aldeia ao sábado à noite e estar com os amigos. Mesmo os que não têm meios para se deslocarem até à vila, onde acontecem os ensaios, o rancho garante o seu transporte, em carrinhas próprias que os vai buscar e levar às aldeias onde moram, o que pode, de alguma forma, ter influência na opção de escolha pelo RCR e não por um dos outros que existem no concelho.

Está também muito perceptível a necessidade de ocupação dos tempos livres, de sociabilização e, sobre tudo, o facto das atuações lhes permitirem conhecer outros lugares e pessoas, e conjuntamente o orgulho de mostrar aos outros as tradições culturais da sua região.

A maioria destes jovens, nasceram e vivem na mesma aldeia, onde também nasceram e viveram os seus pais e avós. Talvez por esse motivo quase todos revelem um sentimento de apego e pertença à sua terra. Ainda que reconheçam atrativos nos grandes centros urbanos, deixam transparecer que a aldeia é a sua zona de conforto, onde se sentem seguros.

## 8.2.2 Motivação para pertencer e permanecer no rancho

Ainda que as modernas tecnologias de informação e comunicação tenham chegado a estas regiões, faltam respostas de espaços que promovam a socialização entre as populações, principalmente os mais jovens, uma situação ainda muito frequente nas zonas do interior do país. A relação com a região estabelece-se através de uma convivência de proximidade, diária com o contexto rural, no entanto e ainda que estejam inseridos num meio rural, a maioria não tem um contacto direto com a atividade agrícola, ou uma relação direta com o trabalho rural. Todos os jovens estão, ou estiveram, integrados no sistema de ensino obrigatório, técnico profissional ou ensino superior, alguns já inseridos no mercado de trabalho. O facto destes jovens continuarem a manter um contacto próximo com o contexto rural e com o que ainda possa perdurar das tradições culturais da região, não é garantido que constitua motivação para pertencer ao rancho. O rancho é sobretudo uma forma de ocupar uma parte do seu tempo livre, num território onde as ofertas são mais escassas e vai ao encontro dos seus gostos pela música e dança da sua terra, contribuindo assim para uma maior valorização das tradições culturais da sua região.

A dinâmica semanal do ensaio, que reúne mais novos e mais velhos, embora com interesses e formas distintas de participação, mas com objetivos em comum.

À medida que vão chegando, à sede do RCR, uns afinam os instrumentos ou começam a exercitar as vozes em articulação com o ritmo e a melodia da concertina, do violino, dos ferrinhos e do bombo, enquanto outros conversam ou executam algumas tarefas que lhes são atribuídas, no âmbito da atividade do rancho. Enquanto os elementos mais velhos aproveitam para pôr a conversa em dia, muito à semelhança do que acontece no RCU.

O método de ensino das danças, para os que estão a iniciar, é feita como uma passagem de testemunho, são os elementos mais antigos no rancho que ensinam as danças aos recém-chegados. Os ensaios acontecem de uma forma descontraída, como refere o ensaiador, pretende-se tornar os ensaios momentos mais descontraídos, uma estratégia para motivar os mais jovens a participar no rancho. Este método não inviabiliza o propósito e objetivos pretendidos para os ensaios, esta forma de ensaiar o rancho está em conformidade com a intencionalidade da dança tradicional e como o povo a dançava, nas

festas e romarias, na eira ou no largo da aldeia, depois de um dia de trabalho sem preocupações estético e coreográficas.

Os momentos de pausa, antes e durante o ensaio, são pretexto para conversa e convívio, os temas abordados entre os jovens são muito semelhantes aos temas preferidos pelos elementos do RCU, muito sustentados pelas vivências do dia-a-dia na escola, no relacionamento com os amigos e temas relacionados com festas locais, que aconteceram ou estão para acontecer.

Durantes a saída em autocarro, para atuações foi possível verificar que os mais jovens têm preferência pelos lugares nas últimas filas do autocarro que potencia um maior convívio entre eles. Esta prática já está naturalmente assumida por todos os elementos do grupo, mais novos e mais velhos e não invalida a convivência entre todos.

Um momento que permitiu uma maior recolha de informação e um maior conhecimento sobre o jovem, aconteceu durante o Festival Internacional de Folclore, organizado pelo RCR. Este festival é organizado anualmente e conta com a participação de grupos convidados vindos de várias partes do mundo, numa média de 7 países em cada ano. Pelo que foi observado, durante 4 dias, houve uma divisão deste tempo entre a preparação do festival e a interação dos elementos do RCR com os outros grupos convidados. Ao longo de duas semanas os elementos do RCR mais jovens e mais velhos, cooperam, com grande dedicação, para que o festival se realize. É bem visível o entusiasmo coletivo, nem mesmo o cansaço, que por momentos possa aparecer é bastante para desanimar o grupo. Ao longo de duas semanas cada grupo convidado é acompanhado por dois jovens do RCR que lhes prestam toda a assistência necessária nas deslocações para as atuações assim como em outros momentos. Os momentos de espera são sempre pretexto para convívio entre todos, mesmo quando surgem dificuldades na comunicação, isso não impede o diálogo porque é resolvido de imediato através do código gestual ou recorrem à ajuda de um elemento de outro grupo para auxiliar na tradução que facilita a comunicação e estimula a interação entre todos.

Ao longo de duas semanas, os grupos estrangeiros convidados e jovens do RCR estão todos alojados nas instalações de uma escola local. As salas de aula são transformadas em camaratas para alojar os grupos, as refeições são confeccionadas na cozinha e servidas no refetório da escola. Durante estas duas semanas todos os momentos são vividos com

uma grande intensidade, nos corredores ouvem-se as concertinas, os tambores as flautas e vozes que dão alma aos cantares de cada país, uma amálgama de músicas e culturas diferentes. Nos primeiros dias cada grupo mantém uma postura mais reservada, relaciona-se pouco com os restantes grupos, no entanto a partir do segundo dia a música e a dança já se partilham nos corredores e nos espaços exteriores da escola, todos se esforçam para dançar e cantar as danças e músicas dos outros, numa verdadeira partilha de culturas.

Foi possível observar situações pontuais de diferenças culturais entre alguns grupos, sob o olhar atento dos jovens do RCR. Diferenças culturais relacionadas com hábitos alimentares, questões religiosas, ou forma distintas de relacionamento social entre homens e mulheres. Culturas diferentes, mas que têm uma linguagem em comum, a música, a dança. O festival é para os jovens do RCR, um momento único não só de convívio, mas também de reflexão sobre a cultura do “outro”. O Festival Internacional de Folclore representa, para estes jovens, um espaço de convívio e de aprendizagem, um contributo para o seu desenvolvimento pessoal, um momento esperado com grande expectativa e que pode contribuir para a sua continuação no rancho.

### **8.3. Apresentação dos resultados da análise de conteúdos das entrevistas**

Apresentam-se de seguida os resultados da análise das entrevistas realizadas em ambos os contextos. Como foi referido no ponto 5 que apresenta as metodologias de recolha e tratamento de dados, as questões colocadas nas entrevistas, conforma guião em anexo, foram organizadas em três blocos: (I) **A Relação com o rancho**; (II) **Motivação para pertencer ao rancho**; (III) **Identidade e pertença**.

#### **8.3.1 Resultados das entrevistas do RCU**

Para perceber a antiguidade e tempo de permanência dos jovens no rancho, e perceber o grau de vinculação de cada elemento ao rancho, foi formulada a seguinte questão: **Há quanto tempo está no rancho?** As respostas a esta questão variam entre os que estão no

rancho há treze anos e um que está apenas há um ano. Seis estão no grupo há treze anos, desde a sua constituição porque transitaram do outro rancho; cinco estão no grupo entre oito e doze anos, os restantes estão no rancho entre um e três anos.

**Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?** Esta questão procurou perceber se os vínculos familiares também se refletem nas escolhas ou até mesmo na frequência dos jovens no rancho nos ensaios e atuações. Concluiu-se que oito jovens pertencem a um agregado familiar constituído por casal ou um progenitor com filhos; quatro pertencem a um agregado familiar alargado constituído pai e mãe, filhos, tios e primos e com relações de parentesco a outros elementos do grupo; dois dos jovens são irmãos, mas não têm nenhum familiar no grupo e apenas três não têm qualquer grau de parentesco a outros elementos do grupo. Como se pode verificar, há uma vasta rede familiar no rancho, esse sentimento de família está manifesto na frase do RD (consultar entrevista anexo D) “Vim para cá através da família, aqui constituí família e a família cada vez está maior.” O sentimento de família que é referido está muito presente no discurso dos entrevistados, este é um dos aspetos que poderá influenciar na permanência, dos seus elementos no RCU.

Para perceber o nível de participação e interesse dos jovens nos ensaios, semanais, formulou-se a questão: **Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?** A esta questão onze responderam que são muito assíduos e raramente faltam; seis faltam pontualmente por questões profissionais ou porque os pais têm de faltar e eles não têm possibilidade de se deslocarem sozinhos, à noite, para os ensaios.

Para a pergunta: **Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?** Onze referem que costumam colaborar com o rancho noutros momentos fora dos dias e horas dos ensaios e seis mencionam que não, a não ser na altura do festival anual ou pontualmente nos dias de comemorações festivas.

Para perceber como cada um teve conhecimento da existência do rancho, que poderá ter influenciado a sua entrada para o grupo, foi formulada a questão: **Como teve conhecimento do rancho?** As respostas subdividem-se em quatro categorias, seis transitaram de outro rancho, com os seus familiares para constituir o RCU; cinco, entraram após a constituição do RCU porque tinham familiares que pertenciam ao RCU;

três entraram através de amigos que pertenciam ao rancho e três entraram a convite de um ensaiador do grupo.

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?** A maioria dos jovens identificou vários fatores que contribuem para o seu desenvolvimento pessoal: O primeiro aspeto mais evidenciado, com nove respostas, é que o rancho os ajuda a valorizar as tradições culturais da região e motiva-os a uma maior vontade de pesquisar e conhecer melhor as tradições dos seus antepassados e as tradições dos outros. O segundo aspeto mais valorizado está intrínseco nas duas categorias que obtiveram o mesmo número de respostas, sete, “O companheirismo e o convívio que existe no grupo” e “O respeito pelo outro, mais novos e mais velhos”. O facto do rancho envolver vários grupos etários, com refere a SA (consultar entrevista anexo D) “ajuda-nos desde pequeninos a lidar muito com pessoas diferentes, pessoas mais velhas, pessoas mais jovens e saber integrar os miúdos mais pequeninos e fazê-los crescer”. O convívio e o companheirismo estão muito presentes na opinião da maioria dos jovens, há mesmo quem deixe transparecer que se sente protegido no grupo, este sentimento está bem perceptível na expressão utilizada pela SP (consultar entrevista anexo D) "encontrei também no rancho um porto de abrigo” esta frase traduz o espírito de interajuda muito presente no grupo. A seguir estão as duas categorias com seis respostas : “Saber respeitar e aceitar os outros e as suas ideias” e “ajuda-nos a trabalhar em equipa e para o mesmo objetivo; seis consideram que é uma oportunidade de conviver e conhecer outras pessoas, dentro e fora do rancho, conhecer outras regiões dentro e fora do país e reconhecem ser um contributo para o seu desenvolvimento pessoal; cinco consideram que o trabalho que é desenvolvido no rancho os ajuda a trabalhar em equipa, na qual todos trabalham para um mesmo objetivo; três identificaram que a exposição em público, nas atuações, contribui para a desinibição que, por conseguinte, vai ter reflexos positivos na vida académica dos jovens. Como refere SB (consultar entrevista anexo D) “se calhar para fazer uma apresentação na escola já não sentem tanta vergonha porque já estão habituados à exposição”; dois deles referem que o rancho os ajuda a desenvolver o sentido rítmico e o gosto pela música e dança; um acha que o rancho o ajudou a fomentar o espírito associativo dentro e fora do rancho: “ao nível do associativismo foi aqui que eu o vi pela primeira vez, porque o

rancho é uma associação” MN (consultar entrevista anexo D). Curiosamente este jovem faz parte de um dos órgãos sociais da associação constituída pelo RCU.

Para perceber o que os motivou a entrar no rancho foi colocada a seguinte questão: **Por que motivo veio para o rancho?** Para esta questão as respostas dividem-se em cinco categorias, é de destacar que muitos apresentaram dois motivos por que vieram para o rancho. Nove responderam porque já cá andava um familiar e costumavam ver as atuações; seis responderam que vieram “Por vontade própria e por estarem habituados a ouvir e dançar aquelas músicas quando iam de férias aos bailes lá terra”; Três responderam que foram influenciados por amigos que pertenciam ao rancho; três vieram por convite direto de um dos ensaiadores; seis referiram que eram muito pequenos, vieram com os pais ou familiares e nem sabiam bem o que era um rancho, como diz o FF (consultar entrevista anexo D) “Eu no início nem sabia bem o que era um rancho, mas como os meus pais vieram eu não ia ficar sozinho em casa, com 6 anos.” O mesmo refere que no início queria brincar durante os ensaios, o que levava o ensaiador a zangar-se com ele. Uma outra situação curiosa contada que se refere à entrada de alguns pais para o rancho, que é o caso da MN (consultar entrevista anexo D) “quem começou por entrar fui eu e a minha irmã mais velha e ao fim de um ano, entraram os meus pais e a minha irmã mais nova”. Um outro caso é relatado pelo FF (consultar entrevista anexo D) que veio através do irmão “Primeiro veio ele para cá sozinho e depois viemos nós os três, eu e os meus pais. Como se pode verificar, com estes dois exemplos, também é frequente os pais integrarem o elenco do RCU como uma consequência da vinda dos filhos para o rancho, o que facilita nas saídas para atuações, uma das normas estabelecidas pelo rancho diz que: os menores têm de ir a cargo de um adulto, com a devida autorização dos encarregados de educação.

Como foi visto anteriormente, na maioria dos casos, os elementos da amostra estão no grupo desde criança, tendo em conta que os pais já pertenciam ao rancho e eles acabaram por ser também integrados no grupo, inicialmente na figuração e mais tarde começaram a dançar ou a integrar a tocata, veio contribuir para que as relações de parentesco dos jovens com outros elementos do rancho, sejam maioritariamente constituídas por um ou os dois progenitores e irmãos e, muitos deles, com laços familiares a outros elementos do

grupo. Pode-se verificar ainda que dos dezassete elementos da amostra, só três não têm laços familiares a outros elementos do grupo.

Para a questão: **Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?** Treze responderam que não saíam do rancho. Na maioria das respostas está muito presente um sentimento de pertença ao grupo, deixam mesmo transparecer que ir para outro rancho seria uma traição para com o grupo: “deixá-los para trás para ir para outro rancho, acho que não. É uma injustiça” CI (consultar entrevista no anexo D). A possibilidade de abandonar o rancho seria como abandonar os amigos que ali criaram e tudo o que ali aprenderam, CI (consultar entrevista anexo D) conclui dizendo “Foi o meu primeiro rancho, é o primeiro, é aquele rancho que marca para a vida, não é? foi onde eu aprendi a dançar”. Só dois consideraram a possibilidade de sair, um dia, mas teria de ser para um rancho que representasse uma região que gostassem, como por exemplo a região do Minho.

Face à questão: **De que atividades do rancho gosta mais?** Surgiram respostas que se agruparam em seis categorias, tendo em conta que muitos referenciaram duas ou mais atividades. A maioria, oito preferem as atuações, seis preferem as atividades de convívio fora do âmbito dos ensaios; cinco preferem o festival anual organizado pelo grupo; três preferem as atuações no norte do país ou longe; dois preferem as festas de natal e aniversário do grupo e um prefere os bailes que são organizados pelo grupo e abertos a toda a comunidade.

Para a questão: **O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?** As respostas dadas deram origem a seis categorias: cinco responderam que é o convívio com as pessoas; três é o facto de dançar em palco; dois responderam que é o festival anual e dois por gostar de dançar, com as pessoas que gosta; e por fim um prefere as saídas e um refere que o que o mais o atrai é o “O rigor como se trata a tradição”.

As respostas que resultaram da questão: **Porque continua no rancho?** Foram agrupadas em cinco categorias, duas das categorias obtiveram o maior número de respostas, sete responderam que uma das razões por que continuam no rancho é pelo convívio e pelo gosto de estar com os amigos que ali criaram. Uma refere claramente que “não é a questão da tradição que a leva a continuar no rancho, mas sim os amigos que lá tem, desde muito pequena quando integrou o rancho e nem sequer tinha ainda a consciência do que era um

rancho e ainda não percebia o que era isso da tradição” MO (consultar entrevista anexo D). A outra categoria com o mesmo número de respostas; sete referem que uma das razões que os faz continuar no rancho é o sentimento de pertença e compromisso com o grupo. O sentimento de pertença está expresso num dos testemunhos obtidos nas entrevistas: "Porque me sinto fazer parte do grupo e pela identidade que encontro aqui” SG (consultar entrevista anexo D). Existe claramente um compromisso com o grupo, como refere um outro jovem que integra um dos órgãos sociais do rancho, "porque gosto do que faço e cada vez mais estou envolvida com o rancho, na organização, por isso continuo" MN (consultar entrevista anexo D). O rancho já faz parte da rotina semanal destas pessoas, como diz a SA (consultar entrevista anexo D). “porque já faz parte da minha vida, crescer aqui é normal, eu adoro dançar”; seis referem que as razões que os faz continuar no rancho é porque gostam de dançar e do ambiente familiar que existe no rancho; cinco responderam que continuam no rancho por gostar da tradição do folclore e gostar de dar continuidade às tradições e representar a região dos seu antepassados; dois dizem que continuam no rancho porque já faz parte da sua vida, cresceram no rancho e por isso é normal que gostem de dançar e, por tudo isso, vão continuar no rancho.

Para a questão: **Já pensou alguma vez sair do rancho? Se sim porquê?** As respostas dividem-se entre os nove que responderam “Não nunca pensei em sair” e os cinco que responderam “Sim, já pensei em sair”. Três afirmam que numa fase mais difícil das suas vidas, que coincidiu com a entrada para o ensino superior, sentiram-se divididos entre o estudo e o tempo para dedicar ao rancho. Também dois jovens revelaram que numa fase da adolescência por vezes não lhes apetecia ir para os ensaios e até mesmo às atuações, mas acabaram por ultrapassar essa fase e prevaleceu a vontade de continuar no rancho.

No que se refere à questão: **Se já participou noutro rancho?** Sete nunca participaram em nenhum outro rancho; seis vieram juntamente com os familiares, e outros elementos do outro rancho, para criar o RCU; quatro já participaram num outro rancho.

Para a questão: **Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?** Onze responderam que se sentem mais próximos das pessoas da sua idade por terem mais coisas em comum e falarem sobre os mesmos temas, enquanto os outros seis responderam que comunicam de forma igual com todos, mais velhos e mais novos, e sentem-se próximos de todos por igual.

### **Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?**

Dez destes jovens têm outras formas de ocupar os seus tempos livres para além do rancho, dois estão ligados a atividades etnográficas numa outra instituição; a maioria dos elementos de sexo masculino estão, ou estiveram envolvidos em atividades desportivas enquanto os elementos do sexo feminino estão, ou estiveram ligados ao associativismo ou atividades religiosas na sua paróquia, só um pequeno grupo não tem outra atividade para além do rancho. Podemos concluir que estes jovens estão também integrados em atividades, em contextos distintos, com outras pessoas das suas relações sociais.

**Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?** Para esta pergunta foram apresentadas quatro hipóteses, por ser **“Uma tradição da região dos antepassados”**; **“Uma tradição de família”**, **“O convívio”** ou **“O gostar daquele estilo de música e dança”**. Foi pedido a cada entrevistado que priorizasse cada uma destas hipóteses, entre o 1º e o 4º lugar, considerando o grau de importância que cada uma tem no que se refere à motivação que os faz continuar no rancho.

A maioria das respostas colocaram **“O convívio”** em 1º lugar. Curiosamente, os que não responderam **“O convívio”** em 1º lugar colocaram-no em 2º lugar. A seguir o mais valorizado foi ser **“Uma tradição da região dos antepassados”** e o **“O gostar daquele estilo de música e dança”**, estas duas categorias estão muito próximas uma da outra, mas ainda assim, não foram tão valorizadas como o **“O convívio”**. Por último, com uma classificação muito baixa, o ser **“Uma tradição de família”**.

Conclui-se que mesmo aqueles que estão no grupo desde muito pequenos, porque os pais já lá andavam quando eles nasceram, ou porque alguém da sua família participou ou participa no rancho, afirmam que não é essa a razão que os faz continuar no rancho. Como comenta o CI (consultar entrevista anexo D). **“porque o meu pai é que pertenceu a um rancho e não foi por isso que eu fui.”** Não é por ser uma tradição de família, mas sim por opção própria ou gosto que foram ganhando ao longo do tempo e, sobretudo, muito enraizada nas relações amizade e sentimento de pertença, que foram estabelecendo dentro do grupo.

Alguns dos entrevistados referem que as quatro razões apresentadas acabam por estar interligadas entre si, no entanto o convívio é a razão mais referida e valorizada na opinião dos entrevistados. Com se pode observar no comentário da SA (consultar entrevista anexo

D). “Acho que se não fosse o convívio as outras coisas acabavam por não ser o suficiente para eu andar aqui (...) “mas se chegasse aqui e as pessoas que cá estavam, eu não me desse com elas, não vinha.”

O último conjunto de perguntas está relacionado com a identidade e pertença, para o qual foram formuladas quatro questões: **Identifica-se mais com as tradições culturais da região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?** Para esta questão onze responderam que se identificam mais com as tradições culturais da região dos pais/antepassados; cinco identificam-se mais com as tradições culturais do local onde nasceram e ou vivem, região de Lisboa. Para a questão **sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?** Ainda que todos tenham nascido e vivido em Lisboa as respostas estão divididas em três categorias, curiosamente o número de respostas foi igual para duas categorias. Seis responderam que se sentem pertencer a Lisboa, onde nasceram e vivem e seis responderam que tem um maior sentimento de pertença à região dos pais/antepassados. Um dos aspetos também referido, nas entrevistas, é que o rancho contribui para se sentirem mais próximos de região dos pais/antepassados, como recorda a SP (consultar entrevista anexo D). “Inicialmente o rancho era a atividade que me fazia estar mais próxima de lá, sentir-me se calhar mais integrada nos costumes de lá, nas tradições lá de cima”; no entanto, cinco sentem-se divididos responderam “Sinto que pertenço aos dois”, Lisboa e zona de contexto rural.

Na sequência deste conjunto de perguntas sobre o sentimento de pertença, a um local ou região, foi formulada a seguinte questão: **Se tivesses que escolher um local para viver qual escolherias Lisboa, região dos teus antepassados ou outra?** As respostas a esta pergunta dividiram-se em cinco categorias, sete preferiam viver em Lisboa ou onde nasceram e vivem; cinco escolheriam viver na terra dos seus antepassados e só um respondeu que conseguia viver tanto num como no outro lugar e só um respondeu que gostava de viver num outro local, mas na zona do norte e um respondeu “Não sei! estou dividido”.

Como se pode verificar no cruzamento das respostas das duas últimas questões, nem todos os que demonstraram um sentimento de pertença à terra dos seus antepassados escolheram este local para viver. Este facto poderá estar associado ao conhecimento e

consciência que têm no que se refere às condições de vida e isolamento que se vive nesta região, o sentimento de pertença que têm, à terra de origem da família, pode não ser o local preferido para viver.

Para perceber o conhecimento dos jovens relativamente a história das migrações e a presença das pessoas da região dos seus antepassados naquele local, assim como, as razões que tiveram na origem da vinda destes para Lisboa, na segunda metade do século XX, formulou-se a questão: **Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local e a sua relação com a região de origem dos teus antepassados?** A maioria, doze, responderam que conhecem; um respondeu que não conhece e dois referiram que conhecem mais ou menos. Para os que responderam que sim, conhecem a história, só o HJ (consultar entrevista anexo D) mencionou que conhece porque nasceu lá, mesmo no antigo bairro, todos os outros tiveram conhecimento da existência do antigo bairro e a sua origem através de testemunhos dos pais ou avós. O facto da maioria dos entrevistados só ter conhecimento do bairro através de testemunhos de familiares, deve-se ao facto da maioria destes jovens terem nascido e crescido, no local, após o realojamento, ou porque nasceram fora do bairro, porque os pais saíram deste local, para outras zonas de Lisboa, ou para os arredores, quando constituíram família e ouviram os pais ou os avós relatar histórias vividas no bairro, como é o caso da MN (consultar entrevista anexo D) que diz “Conheço porque tanto os meus avós maternos como os paternos viveram aqui, no antigo bairro”. Embora o rancho tenha sido constituído após o realojamento, ele surgiu com o objetivo manter viva e presente a tradição cultural da região de origem e contar a história daquelas pessoas que trocaram as suas aldeias pela cidade de Lisboa. Como refere SA (consultar entrevista anexo D) “Conheço através do rancho porque é uma das coisas que normalmente mencionamos, se não fosse o rancho provavelmente não sabia”. Também o GE (consultar entrevista anexo D) diz “Conheço! A minha mãe contou-me uma vez. Nós temos uma música que é “Eu não sei que me quer Lisboa, que tanto chama por mim, sem eu nunca ver Lisboa nem Lisboa ver a mim”. É muito frequente as letras da música popular narrarem vivências e factos que marcam o quotidiano do povo e que acabam por ser um testemunho e património imaterial, da tradição oral que é passado de geração em geração.

## 8.4 Apresentação dos resultados da análise de conteúdos das entrevistas do RCR

Relativamente a antiguidade dos elementos do RCR as respostas à questão **Há quanto tempo está no rancho**, as respostas variam entre o que está no rancho há 27 anos e os que estão há apenas um ano. Concluiu-se que um elemento dos entrevistados está no grupo há vinte sete anos, começou a participar no RCR aos quatro anos de idade porque acompanhava os pais que pertenciam ao rancho; um está no rancho há treze anos; quatro permanecem no rancho, entre oito e dez anos; dois estão do rancho entre três e cinco anos; quatro estão no grupo há dois anos e cinco estão há apenas um ano.

No que se refere questão: **Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?** Verificou-se que na maioria têm laços de parentesco a outros elementos do rancho; catorze são irmãos ou primos e com laços de parentesco a outros elementos do grupo; um pertence a um agregado familiar composto por casal ou um progenitor com filhos; um pertencem a um agregado familiar alargado com relação de parentesco a outros elementos do grupo; só um não tem qualquer laço familiar a outros elementos do grupo. Queremos salvaguardar que os dados são referentes aos dezassete elementos da amostra que foram entrevistados. No entanto foi observado que no total dos elementos do RCR, com idades dentro grupo etário em estudo, são irmãos ou primos e com relações de parentesco a outros elementos do grupo. As categorias casal com filhos e núcleo familiar alargado estão quase ao mesmo nível. Tal como no RCU também se verifica uma forte relação familiar entre os elementos do no RCR.

Para a questão: **Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?** Treze responderam que são muito frequentes e só um diz que falta às vezes por questões profissionais. A frequência nos ensaios, no caso do RCR, poderá estar relacionado ao facto do rancho garantir o transporte em carrinhas, das aldeias até à sede do RCR, só assim é possível garantir a presença dos elementos que moram nas aldeias, mais distantes do concelho, caso contrário, não teriam possibilidades de se deslocarem até à vila nos dias de ensaio.

**Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?** Treze dizem que costumam participar, principalmente no Festival Internacional, só dois responderam que

não costumam colaborar noutros momentos a não ser nos ensaios e nas atuações. A LPR (consultar entrevista anexo E) diz que "Para além dos ensaios participo noutros momentos com o rancho, nas reuniões da FFP, na organização do Festival Internacional anual, tirar as licenças e outras questões relacionadas com o secretariado". Também alguns destes jovens colaboram com o RCR em regime de estágio profissional enquadrado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) ou como assalariados recebendo consoante as horas que trabalham.

As respostas para a questão: **Como teve conhecimento do rancho?** Dez conheceram o rancho através de amigos, primos ou tios que já lá andavam; seis porque os pais, ou os avôs pertenciam ao rancho e traziam-nos para os ensaios; um começou a participar no Festival Internacional, como voluntário e acabou por entrar no rancho. Como se pode constatar o conhecimento da existência do RCR, na maioria dos casos, acontece através de familiares mais próximos ou amigos que já frequentavam o rancho.

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?** Para esta questão foram encontradas oito categorias, cinco referem que contribuiu para conhecerem novas culturas, conhecer outras regiões do nosso país; quatro referem que o Festival Internacional, é um momento muito esperado e que contribui, sem dúvida, para o seu desenvolvimento pessoal pelo contacto que têm com muitas outras culturas e uma oportunidade de conhecer as culturas dos outros; três acham que os ajuda a valorizar as tradições culturais, como refere a HMR (consultar entrevista anexo E) "Acho que acima de tudo o folclore é uma identidade, uma cultura e se nós interiorizamos isso e vivermos isto de uma forma muito especial, cada vez mais nos podemos sentir realizados."; três identificaram que as atuações ajuda-os a desinibirem-se em público e torna-os mais responsáveis; dois referem ainda que contribui para se habituarem a conviver, desde pequenos, com outro tipo de pessoas, pessoas mais velhas, com crianças e adultos; um refere ainda que "Depois de entrar aprendi coisas que nunca pensei que ia aprender" PRR (consultar entrevista anexo E); e no caso do PSR (consultar entrevista anexo E) "O rancho melhorou muito na minha relação com os outros" .

As respostas a esta questão são muito diversificadas e alguns identificaram mais do que um motivo, daí se puder concluir que o rancho tem contributos distintos para cada um dos participantes.

Para a questão: **Porque motivo veio para o rancho?** As respostas são muito variadas cinco dizem que vieram por vontade própria e pelo facto de gostarem deste estilo de música e dança, como refere a ICR (consultar entrevista anexo E) "Sempre quis vir para o rancho, mas os meus pais não me queriam deixar vir"; cinco vieram porque tinha lá amigos ou primos, como é o caso do PRR (consultar entrevista anexo E) que diz, "Como o meu primo já cá andava e eu também gostava de ter assim sábados, como não tínhamos nada para fazer assim vínhamos para ali para os ensaios e era também para dar assim umas voltas e conhecer mais e conviver com os amigos." Para este jovem é também uma forma de ocupar os dias de fim de semana. Quatro vieram por influência de dirigentes do RCR ou amigos, três começaram no rancho ainda muito pequenos porque acompanhavam os pais que pertenciam ao rancho, como é o caso da LFR (consultar entrevista anexo E) que vinha com os pais quando tinha 4 anos e permaneceu ao longo da sua infância, adolescência e fase de mulher adulta. Pelo que foi observado e nas conversas durante as entrevistas, os motivos que estão na origem da entrada, de uma parte significativa dos jovens, para o RCR estão muito ligados às relações de amizade e laços familiares que os une e determina a motivação para entrar para o rancho. Segundo a opinião de alguns dos elementos do rancho, principalmente os mais antigos no grupo, referem que muitos destes jovens entraram para o rancho por causa do Festival Internacional que acontece no verão, porque veem neste evento uma oportunidade de contactar com outras pessoas da sua idade, de países e culturas distintas. O impacto que o festival tem na dinâmica do RCR, principalmente junto dos mais jovens, durante duas semanas em pleno verão, proporciona o convívio com outros jovens de nacionalidades diferentes e lança-lhes outros desafios. Este evento é um momento muito esperado pelos mais jovens, uma forma de conhecer outras culturas, e sobretudo, pelo convívio que surge através das dinâmicas do festival. Está também muito perceptível que a entrada para o RCR é sentida como uma forma de ocupação dos tempos livres e uma oportunidade de conviver, sair e conhecer outros lugares.

Para a questão: **Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?** Dez responderam claramente que não trocavam o RCR por outro, como salienta o RSR (consultar entrevista anexo E) " Já temos um afeto uns com os outros e

noutro já era diferente"; só três responderam que consideravam essa possibilidade porque gostavam de aprender as danças de outras regiões ou se outro grupo da região lhes garantisse o transporte para ir aos ensaios.

**De que atividades do rancho gosta mais?** Sete responderam claramente que é o Festival Internacional de Folclore como refere JPR (consultar entrevista anexo E) "É do festival! É nessa altura que nós nos divertimos mais" e como confirma a JDR (consultar entrevista anexo E) "O festival é o momento mais marcante do ano, porque conheço pessoas dos outros países, desenvolvo o meu inglês"; cinco gostam mais "Dos ensaios não temos tanta pressão enquanto que no palco é diferente, tem de ser!" RSR (consultar entrevista anexo E); cinco preferem as atuações e as saídas para fora da região de residência.

Como já foi mencionado o Festival Internacional de Folclore é sem dúvida o momento mais desejado e esperado pela maioria dos elementos do grupo, principalmente os mais jovens, como o festival acontece em agosto, no período de férias escolares, proporciona-lhes vivências e forma de ocupação do seu tempo livre de maneira diferente.

As respostas para a questão: **O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?** Estão agrupadas em quatro categorias; sete responderam que é um pouco de tudo; cinco responderam que é o facto de poderem mostrar às pessoas como é que eram as tradições, os trajes e as danças da sua região e dos seus antepassados; seis referem que são as pessoas e o convívio o que mais os atrai no rancho; três referem que é o Festival Internacional de Folclore o que mais os atrai ou gostam de fazer.

Para a questão: **Porque continua no rancho?** As respostas dividem-se em cinco categorias, seis referem que continuam no rancho porque gostam das pessoas e do convívio que o rancho proporciona; seis referem que é por gostar das danças da região e poderem representar a sua terra; dois responderam que é o facto de conhecerem lugares novos; dois referem que são os laços familiares que se criam com as pessoas e o gostar de trabalhar em grupo.

As respostas a esta questão são muito variadas, no entanto o convívio e o gostar de dançar, principalmente as danças da região e representar a sua terra são as razões mais referenciadas nesta questão.

À questão: **Já pensou alguma vez sair do rancho? Se sim porquê?** Sete responderam que não e seis confessaram que já ponderaram sair, uns por questões profissionais outros

pelo tempo que tinham de dedicar aos estudos universitários, mas acabaram por ficar; um respondeu que se sair deste não vai para mais nenhum rancho. Ainda no âmbito desta temática, à questão: **Se já participou noutro rancho?** Doze responderam que nunca participaram noutro rancho e três já participaram noutro rancho.

Para a questão: **Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?** Nove responderam que se sentem próximos de todos em geral e dois assumem que se relacionam mais com as pessoas da sua idade!

Para a questão: **Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho? Qual?** Sete responderam que não têm outra atividade para além do rancho, no entanto três responderam que têm outras atividades fora do rancho. As respostas a esta questão revelam claramente as assimetrias existentes no que se refere à falta de respostas de atividade de ocupação de tempos livres para jovens da região, como já foi referido. Um outro fator que convém referir é a questão geográfica e a distância que separa as aldeias onde vivem e a vila, sede do concelho, onde acontecem algumas atividades culturais, desportivas e de ocupação de tempos livres. Embora estes jovens se desloquem diariamente à vila onde frequentam a escola, regressam no fim do dia às aldeias, no transporte que lhes é facultado pela autarquia ficando confinados à sua aldeia. Sendo difícil a deslocação por falta de oferta de transportes públicos, o rancho acaba por ser a única forma de ocupação de tempos livres que lhes garante as condições de deslocação.

**Das quatro questões: Qual é a razão mais forte porque continua no rancho? “Ser uma tradição da região dos antepassados”; “Uma tradição de família”, “O convívio” ou “O gostar daquele estilo de música e dança”,** Doze responderam claramente que é pelo convívio; onze por gostarem daquele estilo de música e dança; seis referem que é por ser uma tradição da região dos antepassados e só dois consideram que é também por ser uma tradição de família. Como se pode verificar, o convívio é a razão pela qual continuam no rancho. O gostarem daquele estilo de música e dança está logo a seguir ao convívio, naturalmente por estarem estritamente ligados. Em terceiro lugar é o facto de ser uma tradição da região dos antepassados. Por último vem o facto de ser uma tradição de família, conclui-se que esta não é uma das fortes razões por que continuam no rancho.

Para o conjunto de questões sobre a **Identidade e pertença** elaboraram-se as seguintes questões: **Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?** As respostas a esta questão foram todas afirmativas, todos se identificam com as tradições culturais da sua região.

**Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?** A maioria dos entrevistados demonstraram alguma hesitação nas respostas a esta questão, sendo que três afirmaram que se adaptavam facilmente a outra região como é o caso do PRR (consultar entrevista anexo E) quando diz "Aqui não temos tanto futuro como numa grande cidade". Três responderam que se adaptavam embora sentissem algumas dificuldades, como refere a HMR (consultar entrevista anexo E) "Adaptar-me-ia, mas a nossa cultura é sempre diferente." A mesma entrevistada conclui esta questão dizendo, "Se chegar ao momento e não tiver condições terei de sair, mas nunca daquela forma de abandonar, voltar às origens sempre que puder". Um respondeu que não se imaginava a viver noutra local.

Embora se verifique uma relação muito forte com a terra, não afastam a hipótese de vir a sair da região quando terminarem os estudos ou quando chegar o momento de reorganizarem as suas vidas. A opção de escolha de outro lugar para viver, está muito direcionada para os grandes centros urbanos do norte do país. Nenhum dos entrevistados demonstrou grande fascínio em trocar a sua região por Lisboa.

**Se tivesses que escolher um local para viver, qual escolherias, a região onde vives ou outra?** Sete ponderam escolher outra região para viver, mas justificando que só escolheriam por dificuldades de arranjar emprego na região. Como refere PRR (consultar entrevista anexo E) "Só se tivesse aqui uma empresa boa e que ganhasse, sim ficava". No entanto, outros referem "Viver aqui ainda não sei, mas quero manter sempre uma relação muito forte com a região de origem". Só um respondeu claramente que não sairia da sua terra e os restantes responderam que não sabiam.

**Conhece a história deste rancho, a sua origem?** Três responderam que conheciam mais ou menos "Conheço por alto"; três responderam claramente que não conheciam nada da história do rancho e só um conseguiu contar um pouco da história do rancho.

## 9. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

| | ' ' | | | ' |

## 9.1 Análise dos dados dos grupos RCR e RCU

A relação com o rancho folclórico, em ambos os grupos, está muito sustentada no tempo de permanência de cada indivíduo que varia consoante o vínculo familiar existente no grupo. Curiosamente, em ambos os grupos, os elementos que estão há mais tempo, pertencem a núcleos familiares alargados e iniciaram a associação ao grupo em criança, ou durante os primeiros anos de vida, porque os seus progenitores ou familiares muito próximos já frequentavam.

Os laços familiares que existem em ambos os grupos podem contribuir para a forte participação que se verifica nos ensaios. Os dias de ensaio acabam por ser um momento de convívio entre a família e amigos. Os que faltam pontualmente aos ensaios, na maioria dos casos, são jovens adultos que os compromissos profissionais os impedem de estar presentes nos ensaios ou nas atuações. No caso do RCR, o facto de lhes ser garantido o transporte permite-lhes uma maior assiduidade nos ensaios.

A disponibilidade e vontade de colaborar noutras atividades do grupo e fora das horas dos ensaios e atuações, pode estar relacionado com o sentimento de pertença, muito presente em ambos os contextos. Um dos eventos muito mencionado em ambos os contextos é o festival anual que cada grupo organiza. É um momento em que os jovens têm uma oportunidade de desempenhar um papel diferente, que vai para além da atividade do rancho. Assumem uma responsabilidade que lhes é atribuída – ser guia e responsável por acompanhar um dos grupos convidados durante todo o festival – um reconhecimento que lhes é conferido por mérito próprio ou por competências demonstradas e desempenhado com muito brio.

Um outro aspeto que se verifica nos dois contextos é o facto de alguns elementos se destacarem pela capacidade de liderança e começarem a ter um papel diferenciado e aglutinador dentro do grupo, tanto nas tarefas que lhes são atribuídas pelos dirigentes como no reconhecimento que lhes é conferido pelos elementos do grupo. Estes fenómenos de liderança são frequentes e naturais dentro dos grupos o que lhes permite dar continuidade aos projetos e mais tarde a ascensão a lugares de liderança no grupo.

A perceção daquele que é o contributo do rancho para o desenvolvimento pessoal dos jovens, tanto no contexto rural quanto no urbano, são muito diferenciados e alguns

identificam mais do que um motivo, daí se concluir que o rancho tem contributos distintos em cada contexto. Enquanto que no RCU se dá mais ênfase à valorização das tradições culturais e, por conseguinte, motiva-os a pesquisar e conhecer melhor as tradições culturais dos seus antepassados assim como a cultura e tradição dos outros, no RCR os jovens valorizam mais a oportunidade de conhecer novas culturas e outras regiões do país e as experiências que lhes proporciona o Festival Internacional de Folclore, são os aspetos mais mencionados e que entendem ser o mais relevante para o seu desenvolvimento pessoal.

Um outro aspeto que é destacado e muito valorizado pelos dois grupos é o companheirismo e o convívio que mantêm no grupo e ser isso uma oportunidade de conhecer outro tipo de pessoas e outras regiões do país. O respeito pelos mais novos e mais velhos e o espírito de ajuda são também valores muito presentes em ambos os grupos. As atuações são mutuamente valorizadas porque contribuem para a sua desinibição em público tornando-os mais responsáveis. É também referido que a sua participação no grupo o ajudou a melhorar a relação com o outro. Ainda assim, a maioria menciona o convívio como um contributo para o enriquecimento pessoal, porque é a partir do convívio que se conhece o outro e se fortalecem as relações de amizade.

Os motivos que estão na origem da vinda destes jovens para o rancho são um pouco diferentes de um para o outro contexto. No caso do RCU está muito enraizada na família, a maioria iniciou ainda em criança porque os pais ou algum familiar já pertencia ao rancho ou por influência de outro familiar ou amigo. No entanto está muito presente a relação que mantêm com a região desde criança, nos períodos de férias quando iam às festas aos bailaricos lá na terra. As memórias de infância revelam ser uma das motivações para a pertença ao rancho. No caso do RCR a vinda para o grupo ocorreu por já lá terem amigos ou familiares, mas sobretudo porque é uma oportunidade de conviver, sair e conhecer outras pessoas e lugares fora da região de residência.

O sentimento de pertença ao grupo está muito presente e é referenciado em ambos os contextos. A maioria dos elementos do RCU não deixaria o grupo para ir para outro, porque seria considerado quase como uma “traição” ao grupo e aos amigos. No entanto os que ponderam essa possibilidade justificam-na porque gostariam de aprender as danças de outras regiões do país. No RCR são também poucos os jovens que pensam nessa

possibilidade, mas só no caso de outro rancho da região lhes facilitasse também o transporte para se deslocarem para os ensaios. A permanência no grupo origina um sentimento de pertença, que os estimula a continuar e não querer mudar para outro rancho. A maioria respondeu que nunca pensaram em sair, os que ponderaram vir a sair fundamentam que foi numa fase da adolescência ou a dificuldade de conciliar o estudo com o tempo a dedicar ao rancho.

As atividades mais apreciadas pelos elementos do RCU são as atuações e as atividades de convívio que o grupo organiza entre eles. Para os elementos do RCR as suas preferências recaem para o Festival Internacional de Folclore e a seguir as atuações e as saídas para fora da região de residência. Verificam-se preferências em comum as atuações pois elas concorrem para dois objetivos, o culminar de todo o trabalho de muitas horas de ensaio e conseqüentemente uma oportunidade de sair e conviver. Mas para o RCU o que mais os atrai é o convívio e dançar em palco, enquanto que o RCR sente que é um pouco de tudo, no entanto destacam o facto de ser uma oportunidade de mostrar aos outros as tradições culturais da sua região.

As razões que os levam a continuar no grupo estão muito ancoradas no convívio e gostar de estar com os amigos que ali criaram, este sentimento é comum em ambos os grupos. No caso do RCU é muito referido o sentimento de pertença e compromisso que têm com o grupo e uma vontade de trabalhar mais para melhorar as apresentações, esta é também uma das razões que os faz continuar no rancho.

Relativamente à sua participação noutra rancho a maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, responderam que nunca participaram num outro rancho.

O RCU sente-se mais próximos das pessoas da sua idade por terem mais coisas em comum e falarem sobre os mesmos temas enquanto que a maioria dos elementos do RCR referem que se sentem próximo de todos, mais jovens e mais velhos.

No que se refere a outro tipo de ocupação de tempos livres, para além do rancho, as respostas ilustram claramente as assimetrias existentes entre os dois contextos. Enquanto no contexto urbano os jovens mantêm outras ocupações, não ligadas ao rancho, o mesmo não acontece no contexto rural, porque a ausência de meios de transportes, para se deslocarem das aldeias até a sede concelho limita-os de poderem participar. Este facto

reflete a diferença de oportunidades, no que se refere a ocupação de tempos livres dos jovens, entre os meios rurais e os centros urbanos.

Os ranchos folclóricos acabam por desempenhar um duplo papel, a representação de uma cultura local e uma alternativa de ocupação de tempos livres para os jovens, que vêm, nestes grupos, uma alternativa para quebrar o isolamento e a monotonia que se vive nas regiões do interior.

Verificamos também que a razão mais forte porque continuam no rancho é o “convívio”, e curiosamente esta opinião é comum a ambos os grupos que reconhecem ser o convívio, a razão mais forte que os move a continuar no rancho. No RCU a ideia de convívio está ligada à partilha de uma pertença cultural e a existência de um espaço comum, adequado à interação, à promoção de sociabilidade entre família e amigos com afinidades em comum. Enquanto para o RCR a ideia de convívio está mais relacionada com a possibilidade de estar entre pares, o que é particularmente pertinente num território envelhecido onde as oportunidades de “estar” e confraternizar com outros jovens são muito reduzidos.

Enquanto que o RCU considera que a segunda, a razão de continuar no rancho é o facto de ser uma tradição da região dos antepassados o RCR entende que em segundo lugar é o “gostar daquele estilo de música e dança” que está muito ligada ao convívio. Em terceiro lugar o RCU elegeu o “gostar daquele estilo de música e dança” enquanto que o RCR entende que em terceiro lugar é o facto de ser “uma tradição da região dos antepassados”. Concluiu-se que tanto no contexto urbano como na rural não reconhecem que é a “tradição de família” a razão mais forte porque continuam no rancho, ambos os grupos colocaram em quarto e último lugar este critério, contrariamente ao que seria expectável, sabendo que os laços familiares estão muito presentes em ambos os grupos.

A maioria dos entrevistados do RCU identificam-se mais com as tradições culturais da região de origem dos seus antepassados do que com as tradições culturais da região onde nasceram e vivem. Esta identificação está muito enraizada nas memórias de infância e adolescência, muito presentes em todos eles e que faz parte da sua identidade. Ainda assim há alguns elementos, embora mantenham essas memórias de infância à região dos pais e antepassados, identificam-se com as tradições da região urbana onde nasceram e vivem. No entanto os elementos do RCR identificam-se apenas com as tradições culturais

da sua região, onde nasceram e sempre viveram. É evidente que a identidade de cada indivíduo resulta das relações e interações que vai estabelecendo, influenciada pelos lugares onde passa ou vive e por consequência, intervêm na formação da sua identidade. Enquanto o jovem do contexto urbano tem referência identitária aos dois contextos, os jovens do rural as referências culturais e identitárias mais evidentes são as do seu contexto de origem, contudo, imporá notar que na contemporaneidade, há outras referências que resultam do contacto com outras realidades, ainda que de forma distanciada ou virtual, com as quais podem contactar tirando partido do contacto com o exterior que pode ser proporcionado pelo rancho.

No RCU nem todos os que demonstraram um forte sentimento de pertença à terra dos seus antepassados, escolheriam este local para viver, pelo conhecimento e consciência que têm do isolamento daquela região do interior. O sentimento de pertença a um lugar, pode não ser o local escolhido para viver. No entanto alguns manifestam essa vontade caso encontrassem emprego na região.

No caso do RCR e, embora preservem uma relação muito forte com a terra, não afastam a hipótese de um dia vir a sair da região, quando terminarem os estudos ou quando chegar o momento de reorganizarem as suas vidas. A opção de escolha de outro lugar para viver, está muito fundamentada na falta de oportunidades de emprego, na região onde vivem, vêm como alternativa para viver, os grandes centros urbanos, do norte do país.

A maioria dos jovens do RCU conhecem a história do antigo bairro, e a sua origem, através de testemunhos dos pais ou avós que lhes contaram a história da vinda dos seus antepassados para Lisboa e especificamente para aquele local.

Embora a constituição do RCU seja recente ele surge como uma consequência de outros, que existem na mesma freguesia, representantes da mesma região, mantêm viva uma tradição cultural da região de origem e a história daqueles que trocaram as aldeias da Serra de Montemuro pelo trabalho nas fábricas em Lisboa. Esta explicação é habitualmente feita no início da apresentação do rancho nas atuações públicas.

No caso do RCR a maioria dos jovens não conhece bem a história do rancho nem a sua origem, os únicos que conseguiram contar um pouco da história do rancho, são aqueles que estão no rancho desde pequenos porque os pais pertencem ou pertenceram ao rancho. Nesta questão o RCU tem um maior conhecimento sobre a vinda do seu antepassado para

aquele território, no caso dos jovens do RCR a curiosidade sobre a história do rancho não acontece, possivelmente por estarem mais centrados nas questões atuais do grupo e menos no passado do rancho.

Temos a consciência que neste estudo se abordam conceitos com uma ligação a um outro tempo e a uma realidade diferente que relembram práticas culturais antepassadas, no entanto, continuam a ser reinventadas por coletivos de indivíduos tanto nos contextos rurais, originários, como em meios urbanos. Estes coletivos mobilizam indivíduos, nascidos em contexto urbano e em meio rural e que mantêm um sentimento de pertença a uma cultura de referência, baseada numa tradição cultural da região dos seus antepassados e procuram celebrá-la através de atividades performativas específicas, Como refere (Pereira, 2002, p.112) “algo que reenvia [diretamente] para a importância da memória coletiva e do papel das associações na preservação - [reconstrução] e celebração desta”. Importa aqui mencionar o papel que o movimento associativo tem conquistado como modelo de sociabilidade e na forma como as pessoas se relacionam em plena modernidade, tanto nos meios rurais como nos urbanos. A interação entre os filiados acaba por se constituir como um espaço gerador de relações onde os sujeitos se influenciam mutuamente, acabando por desenvolver uma pertença a um coletivo que influencia não só a identidade dos indivíduos, mas também da própria estrutura associativa. Importa refletir sobre o impacto que tem o movimento associativo enquanto promotor de dinâmicas culturais, originárias ou outras, como veículo para a participação e motor de transformação social.

Os grupos podem ter um papel diferenciador neste processo de divulgação e transmissão, do que são ou terão sido as tradições culturais e ajudar a uma tomada de consciência que os tempos de hoje são diferentes do que eram “naquela época”. Os comportamentos e as vivências das sociedades contemporâneas não podem ser uma cópia dos padrões de vida do passado, o que não é impeditivo de continuar a manter viva a memória de hábitos e tradições dos seus antepassados e trazê-los para o presente.

O associativismo, ao adquirir personalidade jurídica, pode ter um papel fundamental e diferenciador na defesa do património cultural das regiões e alavancar novos processos de desenvolvimento local, ancorados em elementos culturais que conjuguem tradição

cultural e desenvolvimento local, em territórios onde a desertificação continua a ser uma realidade, mas com características turísticas distintas e muito ricas. No entanto, também nos territórios dos meios urbanos estas organizações de base local podem ter um papel diferenciador. Importa ponderar uma intervenção em articulação com profissionais das ciências sociais e os desafios que lançam à Educação Social, como refere Timóteo e Bertão (2012) “A Educação Social é também considerada como ação socioeducativa ou ajuda educativa a pessoas ou grupos em situação de maior vulnerabilidade social ou em situação de risco”. Um compromisso entre instituições locais e profissionais do trabalho social e educativo “um alargamento de fronteiras da Educação Social” para novos contextos e aproximação a outras populações específicas particularmente as organizações de base local, no caso das associações que sustentam os grupos folclóricos, podem desempenhar um papel ativo através da sua participação na vida comunitária e social, através de projetos de desenvolvimento local que valorizem as regiões e o coletivo”. A Educação Social será a ação educativa com vista à capacitação dos sujeitos, dos grupos e das comunidades para uma integração social consciente.” (Timóteo & Bertão, 2012, p.13-15).

## **9.2. Conclusão**

No final deste estudo, podemos concluir que o procedimento metodológico por que optámos permitiu fazer a ponte entre a análise bibliográfica e os resultados obtidos pela análise de dados que possibilitaram a formulação de conclusões relativas à população em estudo que pretendia perceber quais os motivos que estão na origem da participação e permanência dos jovens num rancho folclórico, habitantes em contextos urbanos e rurais, se resulta de uma herança cultura, de uma tradição familiar, a necessidade de ocupação de tempos livres ou o gosto por esta expressão performativa/artística e em que medida influi nos processos de construção identitária dos jovens de ambos os contextos.

A análise bibliográfica possibilitou apurar os fenómenos sociais, que sucederam nas regiões do interior do país, viram partir as suas gentes nos meados do século passado e,

desde então, a sangria populacional tornou-se imparável e alteraram as paisagens demográficas dos territórios de partida, assim como os de acolhimento destes migrantes. Porém, ainda que as comunidades de migrantes possam integrar novos valores materiais e imateriais, isso não é sinónimo de rejeição da sua identidade de origem se continuarem a manter e preservar os referenciais identitários do grupo cultural de origem, mantendo assim uma identidade coletiva de tradição e de memórias.

A contínua participação dos descendentes destes migrantes nos ranchos motiva a uma maior valorização das tradições culturais e a uma maior pesquisa sobre a etnografia, bem como o conhecimento de outras culturas e regiões do país.

Foi possível concluir que os motivos que estão na origem da participação dos jovens no rancho folclórico está muito ligado ao convívio e às amizades que estabelecem nas dinâmicas do grupo, por encontrarem afinidades em comum e o facto de ser uma tradição da região dos seus antepassados que os remete para memórias que guardam desde criança. Memórias da aldeia e das vivências de infância e o contacto com a natureza e a singeleza de uma região que lhes traz lembranças de hábitos e tradições contadas pelos seus antepassados.

O sentimento de pertença e identidade ao rancho e à região é sustentado e completado pelo convívio e amizades estabelecidas que os remete a um sentimento de família que encontram e reconhecem no grupo.

O cruzamento dos dados empíricos, com a revisão da literatura forneceram elementos que apontam o conceito de família como uma componente da génese dos ranchos folclóricos, desde a sua origem, muito enraizado numa prática familiar, em muitos casos, pode-se mesmo dizer que o rancho folclórico é uma extensão da esfera familiar. Melhor dizendo, a integração das crianças nas atividades do rancho resulta também da vontade de conciliar maternidade com atividades lúdicas. O facto de terem ido para o rancho durante a infância poderá ter sido uma escolha da família mas a razão de continuarem lá, já é uma escolha pessoal. Apesar dos laços familiares que subsistem em ambos os grupos a maiorias destes jovens não sentem que a sua participação no rancho seja “uma tradição de família”, mas sim uma opção ou gosto que foram obtendo ao longo do tempo e que os levou a encontrar traços identitários que permitiram a cada um reunir-se afetivamente e emocionalmente,

ao grupo, tendo como referência a região de origem dos seus antepassados e que funciona como um vínculo de pertença, de solidariedade e de proteção.

No que se refere à ocupação de tempos livres, verificam-se assimetrias entre os dois contextos. No caso dos elementos do RCU quase todos os elementos mantêm outras ocupações de tempos livres e estão inseridos em contextos e grupos sociais distintos, por conseguinte, convivem e relacionam-se com ambos os contextos, apropriações identitárias e pertenças diferentes. Pode dizer-se que têm mais do que uma identidade, que se ajusta, tendo em conta os contextos ou grupos em que estão inseridos. Por outro lado os elementos do RCR, pela ausência de oportunidades para participarem noutras atividades de tempos livre, o rancho desempenha um duplo papel, a representação de cultura local e uma alternativa à ocupação de tempos livres, que lhes possibilita quebrar o isolamento e a monotonia que se vive nas regiões do interior e, por sua vez, com menos oportunidades de alcançar outras apropriações identitárias e pertenças diferentes.

Importa salientar que o facto de terem um sentimento de pertença à região, não significa que seja o local eleito ou ideal para viver. Sobretudo quando se trata de uma região do interior, onde o isolamento e o fraco investimento para a criação de emprego e melhores condições de vida, continuam a reforçar o afastamento das suas populações, principalmente dos mais jovens, por não encontrarem oportunidades para darem continuidade às suas áreas de formação profissional e académica e, com efeito, pode pôr também em causa a prosseguimento de algumas tradições e manifestações culturais.

Tendo em conta este estudo de caso, parece que os grupos folclóricos em causa desempenham na vida destes jovens, funções distintas, mas complementares. Isto é, no contexto urbano a possibilidade de múltiplas identificações servindo o rancho como a âncora desse processo de construção identitária. No contexto rural, por outro lado, o rancho oferece a possibilidade de abertura, contribuindo para o contacto e integração de outras realidades e práticas culturais.

## 10. REFERÊNCIAS

| | ' ' | | | ' |

- AFONSO, N. (2005) *Investigação Naturalista em Educação*. Edições ASA.
- Almeida, R. (1957) *Inteligência do Folclore*. Livros de Portugal.
- Alves, V. (2003) *O SNI E OS RANCHOS FOLCLÓRICOS*. In Castelo-Branco, S. & Branco, J (ED.) *Vozes do Povo, A Folclorização em Portugal* (pp.191-205) Celta Editora.
- Azevedo, J. (1992). Perspetivas psicossociais no estudo da identidade. *Sociologia*, 111-119. Consultado a 27/04/2019, em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/238.pdf>.
- Barreto, A. (1995) Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995, *Análise Social*, vol. xxx (134), Consultado em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223388784X1kPT5fa3Yr88TD2.pdf>. a 30/12/2019.
- Barreto, A. (2002) *Mudança social em Portugal: 1960-2000: Working papers*. Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora
- Capitão, C. Heloani, R. (2007) identidade como grupo, o grupo como identidade. *Aletheia* [online], n. 26, pp. 50-61.
- Cardoso, A.; Perista, H. (1994). A cidade esquecida: Pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 15, (pp. 99-111)
- Carmo, H.; Ferreira, M. M (2008). *Metodologia de Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, J. (1999) O folclore do Alto Minho: Abel Viana e o romantismo naturalista. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 9, 53-62.

- Castelo-Branco, S. e Branco, J. (2003) Folclorização em Portugal: uma perespectiva. In Castelo-Branco, S. & Branco, J (ED.) *Vozes do Povo, A Folclorização em Portugal* (pp 1-21) Celta Editora.
- Coelho, M. (2015) Uma história. In. Prodac *Comunidades em Construção*. (pp.53-67), Lisboa: Edições Santa Casa.
- Coutinho, M. C (2011) Métodos de investigação em Ciências Sociais. Coimbra. Almedina.
- Damasceno, J. (2010) *Museus para o povo português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0195-3>
- Detry, B. (2001). A formação da identidade na Adolescência. In B. Detry & F. Simas (Eds.), *Educação, Cognição e Desenvolvimento*. Textos de Psicologia Educacional para a Formação de Professores (pp. 219-240). Lisboa: Edinova.
- Ferreira, S. & Gomes, A. (Coods.) (2015) Prodac: Comunidades em Construção. Edições Santa Casa.
- Fialho, J. (2017) A Construção da Identidade Social e Profissional Através da Ação das Redes de Sociabilidade Laboral. *Revista Argumentos*, (14), n.1, 138-162, Montes Claros.
- Figueiredo, F. (2000) Reflexões acerca da metodologia de pesquisa em antropologia social, *Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente*, Vol. IV (21).
- Flick, V. (2005) Métodos Qualitativos na Investigação Científica. Ed. Monitor
- Fonseca, M. L. (2005). Migrações e Território, Estudos para o Planeamento Regional e Urbano. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Freire, P. (1996) PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – Saberes Necessários à Prática Educativa. *PAZ E TERRA Coleção Leitura*.
- Freitas Branco, J. (2003), Folclorização em Portugal: Uma perspectiva, in CASTELO BRANCO, S.; FREITAS BRANCO, J., (org.), *Vozes do Povo*. Celta Editora.

Fróis, K. (2004) Globalização e Cultura a identidade no Mundo de Iguais. *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, 62, 1-9

Godinho, P. (1998) "A Festa dos Rapazes: nova arquitectura do género num meio em mudança". *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa, FCSH/UNL, pp.241-254.

Guimarães, J & Neves, T (2013). A COMUNIDADE DANÇA? Reflexão sobre projetos de intervenção artística em contextos rurais. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, 40, 147-163.

HALL, S. (1992) *Identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, Rio de Janeiro

Lages & Matos (2008) Portugal percursos de interculturalidade, Raízes e estruturas volume (I), (p.16). (Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Leal, J. (2000) *ETNOGRAFIAS PORTUGUESAS (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.  
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/4339/1/Etnografi...pdf>

López, G. (1999) O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. *Textura*, nº1, pp 45-50.

Martins, J e Gomes, P. (2011) Identidade, desvio e reputação no grupo de pares. *Antropológicas*, (12) (pp.67-73)

Mendes, N. (2000) Cinfães 1900. Monografia do Concelho de Cinfães, volume III, Lelo Editores.

Moreira, F. (2006) CULTURA PORTUGUESA – ENSAIOS. Coleção CULTURA 5, CEL – Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, p. 117-124.

Neves, S. P. & Faria, L. (2009). Auto-Conceito e autoeficácia: semelhanças, diferenças, inter-relação e influência no rendimento escolar. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Edições Fernando Pessoa.

Pereira, Inês. (2002). Identidades em rede: construção identitária e movimento associativo. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (40), 87-106.

[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292002000300007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292002000300007&lng=pt&tlng=pt).

Pereira, M. G., Pedro, I., Amaral, V., Martins, A. M & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência, *Análise Psicológica* 2 (XVIII), 191-201.

Pereira, V. (1959) Cancioneiro de Cinfães. Edição de Junta de Província do Douro, Comissão de etnografia e História (serie A) VIII.

Perspectiva. In *Castelo-Branco, S. & Branco, J. (ED) Vozes do Povo, A Folclorização em Portugal* (1-21). Celta Editora.

Pestana, M. (2012) *Armando Leça e a Música Portuguesa 1910-194*. Edições Tinta-da-china, Lda.

Pordata (março de 2019) <https://www.pordata.pt/>

Quivy, R e Campenhoudt, L. (1994) Manual de investigação em Ciências Sociais. *Gradiva*.

Reimão, C. (1996) A Cultura Enquanto Suporte de Identidade, de Tradição e de Memória, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n" 9, 309-321. <https://run.unl.pt/handle/10362/6927> .

Roubaud, M. (2003) O Verde Gaio: Uma Política do Corpo no Estado Novo. In *Castelo-Branco, S. & Branco, J. (ED) Vozes do Povo, A Folclorização em Portugal* (337-353). Celta Editora.

Sarmiento, C. (2010) *A cultura popular portuguesa e o discurso do poder: práticas e representações do moliceiro*. e-cadernos CES. <http://journals.openedition.org/eces/607>;

Silva, J., Almeida, C. e Guindani, J. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas, *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I nº 1.

Silva, S. (2002) Identidades culturais na pós-modernidade. Um estudo da cultura de massa através do grupo Casaca. Consultado em Biblioteca On-line de Ciências de Comunicação, em <http://www.bocc.ubi.pt> a 19/06/2019.

Silvestre, H. C. e Araújo, J. F (2012) Metodologia para Investigação Social. Escolar Editora.

Soromenho, M. (2003), A Federação Do Folclore Português, A reconstituição do folclore em democracia, in CASTELO BRANCO, S. FREITAS BRANCO, J, (org.), (2003), *Vozes do Povo – A Folclorização em Portugal*, (pp. 245- 251). Oeiras: Celta Editora.

Sousa, A. (2015) Reencontro, cooperação afirmação identitária da comunidade. *In Prodac Comunidades em Construção*. (pp.68-83) Lisboa: Edições Santa Casa.

Sprinthall, N.A.; Sprinthall, R.C. (1993) Psicologia Educacional. Lisboa. McGrawHill (p. 135 a 162)

Stefani, J. & Salvagni, J. (2011) Uma Abordagem Sociológica e Filosófica do Conceito de Identidade. *Tempo da Ciência* (18) 36, 21-34.

Timóteo, I e Bertão. A (2012) EDUCAÇÃO SOCIAL TRANSFORMADORA E TRANSFORMATIVA: CLARIFICAÇÃO DE SENTIDOS. *Revista do Centro de Investigação e Inovação em Educação*, volume 2, (1).

<https://core.ac.uk/download/pdf/47140989.pdf>

UNESCO (1989) Recomendação Para a Salvaguarda da Cultura. [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao %20sobre a salvaguarda da cultura tradicional.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf).

UNESCO (2003) Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da Humanidade. Paris. <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

Vasconcelos, J. (2001) *Estéticas e políticas do folclore*, *Análise Social*, vol. XXXVI (158-159), 2001, p. 399-433.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218726664Q6sKS3ko1Pj02TZ0.pdf>

Villar, M. B. C. (2008). A Animação Sociocultural e o Movimento das cidades Educadoras. In Pereira, J. D. L, Vieites, M. F. & Lopes, M. S. (coords.), *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI* (pp. 43 - 51). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

2

## ANEXOS

| | ' ' | | | ' |

**ANEXO A**  
**Entrevista ao Vice-Presidente da Autarquia do RCR**

| | ' ' | | | ' |

## **Entrevista ao Vice-Presidente da Autarquia do RCR**

**Dia 5 de agosto de 2018**

### ***Qual é o número de habitantes no concelho de Cinfães***

Cerca de 20.000

### ***Quantos jovens entre os 10 e os 18 anos***

Eu julgo que o último senso está mais ou menos atualizado, nesse sentido, apesar de termos uma redução muito forte na nossa população juvenil, mas os últimos dados do Censos estão mais ou menos atualizados. É obvio que nós estamos aqui numa região em que a juventude não tem trabalho necessário para se inserir, alguns ainda ficam outros após o estudo secundário, avançam para a universidade e depois seguem o seu tramites. Temos uma diminuição muito forte ao nível da população, embora sejamos um dos concelhos do distrito de Viseu, julgo que somos o 4º com mais população, mas os últimos dados, vinte mil e quatrocentos e não sei quantos. De um censos para o outro houve aqui uma diminuição bastante alargada, temos a parte da serra com menos jovens, isso é obvio, as aldeias serranas têm muito menos juventude, daí também que mesmo a nível do folclore alguns ranchos folclóricos, como o caso do da G...., tenha sentido essa dificuldade da juventude que saiu, quer para Lisboa, para os estudos Universitários, ou mesmo para o estrangeiro, concretamente para a Suíça e não tenham elementos suficientes para o rancho folclórico. Temos aqui uma novidade que é uma triste novidade, falta juventude na parte alta do concelho. Na parte baixa temos uma diminuição de facto ao nível da juventude, isso nota-se ao nível da população escolar, notasse também ao nível da natalidade, apesar dos apoios que estamos também a dar na natalidade, mas está-se a notar uma diminuição das turmas do 5º ano e depois mesmo no secundário. Portanto há aqui uma diminuição, eu direi drástica no nosso país, mas nós aqui já estamos a sentir bastante essa diminuição da população jovem no concelho.

De aldeia a aldeia, eu não tenho os dados corretos, poderei depois dar-lhe esses dados mais em corretos, mas notamos uma diminuição muito forte ao nível dos jovens, mesmo a nível da população estudantil estamos a notar uma quebra, uma diminuição.

***Mas essa diminuição que fala nota-se logo no 1º ciclo?***

Sim começamos logo a notar desde o 1º ciclo. Por exemplo em N...., temos lá um complexo novo, aliás os nossos complexos escolares foram todos feitos naquele balance da candidatura que se realizaram. Nós temos complexos escolares distribuídos por todo o concelho, e N... que aqui há uns anos atrás lutava por uma EB2-3 neste momento tem um complexo escolar e com salas vazias. É uma vila, mas aí também já há uma certa dificuldade no rancho folclórico de N.., Eu estou já a indicar um bocadinho para o folclore para ficar com a ideia a nível da juventude, eles até lançarem um rancho infantil, para fazer a caminhada para o rancho adulto, mas nota-se uma diminuição bastante forte ao nível da natalidade o que implica, mais tarde, a diminuição da população juvenil e concretamente na população escolar.

***Os jovens, até aos 18 anos mantem-se depois dos 19, saem do concelho, é isso que acontece?***

Acontece bastante isso e hoje também porque, é obvio que com este incentivo ao estudo até ao 12º ano e a obrigatoriedade do estudo até ao 12º toda a população jovem vai para a escola, nós aqui, graças a Deus temos pouco abandono escolar porque nós estamos a dar apoios às famílias nesse sentido, pagamos transportes escolares. Há uns anos a esta parte, pagamos apoio aos estudantes que vão para o ensino superior, de acordo com o escalão a que eles pertencem, portanto isto é um apoio para a própria família, mas notamos que a partir do 12º ano, os jovens vão para a universidade ou para o mundo do trabalho e começam a afastar-se um bocadinho daqui (*do concelho*). Por um lado, é prejudicial para o desenvolvimento local, mas também por outro lado é um benefício para eles, porque aqui não conseguiriam arranjar trabalho “*correspondendo*” com a sua situação.

***A autarquia, tal como acontece em muitos municípios é o maior empregador do concelho?***

Sim a câmara é a maior entidade empregadora mas já temos aqui também a nível das instituições de solidariedade social, temos várias distribuídas pelo município, já começa a haver aqui outras instituições, como o caso das IPSS, que também são grandes entidades

empregadoras. Alguns jovens também se mantêm mais, aqueles ligados com as áreas da saúde fisioterapia, da geriatria etc., portanto alguns jovens conseguem trabalho nessa área também porque as instituições de solidariedade social têm necessidade deles, portanto é outra área logo a seguir às IPSS, que têm maior empregabilidade. Além disso temos também, e isso foi um “forcing” no sentido de fixar alguma população jovem, especialmente aqueles que chegam ao 12º e não têm nenhuma continuidade dos estudos, a fábrica de calçado que temos a funciona. Inicialmente demos formação àqueles que estavam interessados em ir para a fábrica do calçado porque os proprietários assim o exigiam, se não tivessem formação teriam de ser eles a dar a formação e não acredito que viessem para (*o concelho*) dar formação para depois arrancar com a fábrica. Nós colocamos todas as condições para tentar fixar aqui alguma juventude. O que se nota também alguns casais jovens, mesmo já com cursos superiores começam a lançar-se aqui (*no concelho*) em termos de produtos endógenos, em (...) no caso do mel, por exemplo: um casal jovem que têm uma empresa ali em (...) ganhou dois prémios internacionais a nível do melhor mel, portanto, começa a haver já aqui alguma interligação com a parte agrícola e já indivíduos com alguma formação até universitária começam a pegar em determinadas quintas para começar a avançar com os produtos.

***Que ofertas de espaços de lazer e ocupação de tempos livres, para jovens, existem nas aldeias ou aqui mesmo na sede do concelho?***

A nível de atividades a câmara tem de lançar algumas atividades mesmo a nível do concelho, o programa cultural do auditório que pára no fim de junho e começa em setembro e já vou explicar porquê, mas tem algumas atividades no sentido de dar mostra aos jovens de algo que eles poderão encontrar aqui e julgam só encontrar nas grandes cidades, como é o caso do cinema, temos cinema de 15 em 15 dias. Temos diversos tipos de espetáculos no auditório, desde o teatro à música, ao fado etc. Isto na época de inverno. Também na época de inverno, concretamente as aldeias que têm os ranchos folclóricos, há sempre alguma atividade ensaios ou outras, na tentativa de captar os jovens para a cultura. A nível central, aqui de (...*concelho*), é obvio que há esta distância enorme, entre a G... e aqui que são 20 quilómetros ou daqui a S.... que são 20 km também, às vezes há uma dificuldade que eles venham à cultura durante o Inverno. Durante o verão as coisas

são um bocadinho diferentes, para além das atividades que a câmara lança, como é o caso do S. João, da Expo Montemuro, o Douro Green que é o festival da Juventude, nós temos a nível das nossas aldeias atividades de verão, desde as festas populares aos festivais de folclore, atividades com produtos endógenos, as feiras das tradições etc. Portanto, há uma panóplia de situações que tentam cativar não só os próprios jovens mas também os outros. Há sempre a integração ao nível das orquestras, não só as do rancho mas também as outras, através das bandas, por exemplo, as nossas bandas têm uma quantidade enormíssima de jovens. Nós temos cinco bandas musicais mas especialmente quatro, têm na sua maioria jovens que também já têm formação musical. Temos também aqui a academia de artes que cativa alguma coisa, as próprias bandas, localmente têm escolas de música e que vão cativando também alguns jovens que se lançam e têm ganho prémios internacionais, temos dois jovens que ainda agora foram premiados no estrangeiro, a nível de duas bandas a de Ne..... e a de T....., aqui em (*no concelho*). Também houve um que foi premiado na Eslovénia, portanto começa a haver aqui uma grande panóplia de opções de escolhas que os próprios jovens têm e de facto podem avançar não se sentindo menos capazes do que os próprios jovens que eles encontram no mundo estudantil universitário. Temos aqui uma panóplia de situações não é para cativar os jovens para a sua residência oficial porque aqui não poderiam mas pelo menos para os cativar a ter uma ligação forte à sua terra com todo este tipo de dinâmicas, não esquecendo também o Folk C.... (*Festival Internacional de Folclore*). Também é outra atividade grande, não sendo diretamente da câmara, embora seja com o nosso apoio, é o RCR que o está a realizar e que também cativa de certo modo para esta situação.

***Muitas vezes a procura dessas atividades de lazer, como acabou de dizer, na área das artes ou do desporto também tem a ver com as possibilidades que os jovens têm em se deslocar. Acha que a distância geográfica entre as aldeias é efetivamente uma dificuldade?***

No interior do país nós sentimos uma dificuldade terrível que é a nível da mobilidade e de transportes. É obvio que nós aqui temos distâncias muito grandes ao centro da vila, não temos transportes públicos eficazes para todas as aldeias do concelho, às vezes cria-se aqui uma dificuldade para os próprios jovens virem às atividades que se realizam no

próprio centro, no baixo concelho não se nota tanto. Hoje os jovens já começam a ter alguma mobilidade porque os pais já têm meio de transporte, muitas vezes eles até tiram a carta e juntam-se e vão, mas ao nível do público nós estamos com essa dificuldade, alias a Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa (CIM TS) está a fazer um estudo sobre mobilidade interna a nível da CIM nós aqui que temos um concelho que tem montanha e rio, serra e vale é complicada esta mobilidade. Ao nível das estradas estamos com estradas mais ou menos em todas as localidades e com bom piso, estamos a colocar piso em todas elas, mas torna-se difícil às vezes, essa situação, essa é uma das dificuldades que nós sentimos e que se calhar outros concelhos também sentem, no interior do país.

***Quantos ranchos há no concelho, federados e não federados?***

Se não estou em erro são 12, o da G..... que neste momento está inativo, por falta de elementos, é uma população já muito envelhecida, com muita migração, eu estive lá no domingo passado a ver “*um espetáculo de variedades*” era uma enchente, com os emigrantes de lá que vêm nesta altura de verão passar as suas férias, mas esse é um dos ranchos que neste momento está inativo. Temos 2 em T..., com rancho de S. C... o rancho de N... o rancho de F.. o rancho de S... e 2 na sede do concelho, de T... que é juvenil e o de V.... D...

O rancho de V.... D... é um outro exemplo interessante, na freguesia de P..., uma terra que durante a semana uma população residual, no fim de semana enche porque é uma terra de brasileiros e comerciantes da cidade do porto.

***Mas são emigrantes brasileiros?***

Portugueses que estiveram no Brasil e que regressaram e, portanto, sediaram-se no Porto ao nível da restauração, cafés pastelarias etc. mas ao fim de semana vêm ali. O rancho ensaia no Porto, mas está sedado em V... D.... e vem fazer as atuações também aqui em Cinfães. É um bocadinho diferente do rancho Casa do Concelho e do RCU, (*ambos em Lisboa*). Eu tenho a impressão que neste momento são 11 que estão ativos. Só os daqui são 9.

***Será possível saber o número de jovens, entre os 10 e os 31 anos, que pertencem a cada um dos ranchos. Tem esse levantamento, ou como o poderei obter?***

Não tenho esse número, mas contactando diretamente com os grupos consegue-se fazer essa estatística. Eu vou tentar arranjar-lhe isto, contactando com os diversos grupos. Neste momento não tenho essa estatística.

***Com o envelhecimento da população os ranchos têm dificuldade em mobilizar jovens para os grupos?***

Aqui debate-se também uma dificuldade concretamente ao nível dos nossos ranchos, julgo que todos eles, os jovens mantêm-se mas chegam a uma determinada altura, ou altura do namoro, ou a altura da ida para a universidade e começam a afastar-se um bocadinho dos ranchos. Então ficamos com um grupo de pessoas que gosta e fizeram a sua vida no próprio rancho e que se mantêm e que depois há os mais pequenos que fazem essa própria caminhada.

Nós estamos aqui numa terra de muitas tradições, muita cultura especialmente ao nível do folclore e das canções mais no aspeto do campo e da agricultura, da ceifa etc. Isso ainda se mantém bastante e os mais velhos vão dando essa nota ainda também, julgo que hoje já um bocadinho diferente, do que era antigamente, porque há muito mais dispersão ao nível cultural, mas essa marca ligada a tradição ainda se mantém muito. Por isso muitos deles, mais tarde, são capazes de voltar ao grupo, ao rancho e isso nota-se um bocadinho em Lisboa por esta tradição se manter num ambiente citadino, sinal que essa vivência das tradições está a ser continuada através dos avós, pais e filhos, há ali aquele *feeling* de ligação. Mas nota-se um bocadinho isto: às vezes os ranchos têm alguma dificuldade ao nível dos componentes, precisamente por causa disto, há uma determinada altura que há uma pequena interrogação de se manter ou não.

***Na sua perspetiva qual será a razão mais forte que leva estes jovens, daqui do concelho, a participar num rancho folclórico?***

Acho que é o gosto pela dança, pela tradição em si, porque se eles não tiverem esse gosto, pela dança pela tradição e pelo traje e pela sua manifestação cultural. Eles abandonam e alguns abandonam logo no início, porque não gostam deste traje e gostam mais daquele, não é tanto pelo traje em si é mais pelo gosto musical, tradicional o modo da dança o gosto pela própria dança e isto tem de lhe ser incutido, não só a nível dos ensaios, mas a

nível da explicitação da cultura que foi a cultura dos seus avós, dos seu antepassados, para eles tentarem fazer essa interligação. Se nós perdermos aqui este elo cultural, ao longo dos tempos, não se consegue chamar os jovens e retê-los ali no próprio grupo. Portanto tem de se lhes dar esta interligação cultural. Com as minhas filhotas, estão sempre a dizer, “ai eu vou deixar, eu vou não sei quando!” e enquanto lhe poderia dizer, vais continuar, não e digo-lhe tu deves olhar para aquilo que foram os antepassados, o que é que nos deixaram, antigamente as coisas eram completamente diferente do que é hoje, as pessoas faziam as coisas com sacrifício para no final dançar, mas era de uma alegria extraordinária, hoje com tanta diversidade cultural como é obvio que se eles não tiverem essa ligação às raízes torna-se mais difícil.

Eu acho que os ranchos folclóricos têm que lançar, de facto, as crianças logo desde início, dentro do próprio rancho, mas dando-lhe esta vertente cultural. Começando-lhes a contar a história, e a história daquele povo que eles estão a representar, porque isto é que é fundamental senão as coisas perdem-se e chega a uma determinada altura não há o gosto que eu tenho aquela tradição.

***Acha que as políticas educativas, locais, deveriam incluir esta disciplina nos currículos.***

Acho que sim! Isso é fundamental e naquelas disciplinas opcionais, que muitas vezes são lançadas nos programas e julgo que agora vai também alterar, estive a ver há dias e vai haver aqui algumas opções mais regionais e mais locais. Eu quando estava na escola tentei dar nota sempre, da tradição não só do aspeto do folclore, porque as nossas tradições são diversificadas, como já deve ter tido a oportunidade de ver, como as nossas orquestras típicas, a (...) às vezes até mandava os alunos fazer determinados trabalhos relacionados com estas tradições. Isto para que eles tivessem conhecimento sobre a história local que é muito importante ser dada na escola. Pode ser um conhecimento mínimo, mas que eles tenham esse conhecimento, da história local que isso é fundamental. Eu acho que a nível dos currículos nem sempre isso transparece, porque em Portugal os currículos são lançados e têm sempre em vista o exame final, perde-se esta interligação local e regional. E esta (*região*) onde nós estamos, num espaço geográfico onde estas tradições do folclore são muito vincadas, desde o M... de C... , B..., R..., C... e de C... D... (*aqui o autarca citou os concelhos vizinhos*). Portanto toda esta orla aqui da Serra de Montemuro tem

tradições belíssimas, não só folclore mas também outras. Mais concretamente no folclore acho que as escolas, nas suas atividades e nos planos de atividades anuais deveriam ter alguma vertente interligada com isto. Concretamente aqui com a escola secundárias, às vezes têm algumas atividades em que ou fazem já algumas danças de alguns dos nossos ranchos têm, vestem os próprios trajes, isto é também uma maneira de mostrar precisamente a tradição e eu gosto de tentar levar as crianças e os jovens a ter gosto nisto e deveriam fazer mais. Poder-se-ia a nível local, ter 45 minutos de uma disciplina opcional onde de facto viesse ao de cima as diversas tradições e entre elas também o folclore. Acho que era fundamental nas escolas. Era alimentar o gosto por esta tradição.

***Acha que o folclore, tal como o temos hoje, no palco como espetáculo, perde um pouco daquilo que era o popular?***

Eu tenho uma ideia do folclore e da forma como ele poderia ser apresentado, diferente daquilo que a própria federação apresenta. Tem que haver rigor, na minha opinião, a nível do traje e dar mostra daquilo que eram os nossos antepassados, ao nível das diversas áreas ou funções que eles exerciam. Acho que deveria haver mais interligação entre o público e o próprio folclore. O dançar em palco é diferente do que é o dançar na eira ou dançar no terreiro. Eu acho que hoje, julgo que as orientações não são estas ao nível da federação, mas em contrapartida acho que deveria uma interligação maior entre as danças realizadas em palco e o público ali presente, especialmente ao nível de determinadas danças que o público até sabe dançar. Por exemplo: nós hoje vemos o teatro e eles saem do palco e interagem com o público e começam a falar com os que estão no palco. Eu acho que esta interligação, esta miscigenação de situações seria importante, até para cativar o público e para interligar os dançarinos e os que estão em palco com o próprio público em si, porque há aqui um afastamento coisa que não existia anteriormente. Eu não tive oportunidade de dizer isto, aqui há tempos, quando tivemos aqui uma conferência sobre o folclore. Se calhar o sr. da federação que estava presente não ficaria muito contente com esta situação e eu também não quero levantar situações conflituosas, mas é a minha opinião. Era o que eu via quando era criança, as pessoas saíam das eiras quando andávamos a malhar o centeio e no final depois de limpar a eira era ali em pleno terreiro que dançavam ao toque do realejo. Eu acho que há aqui algo que tem de ser estudado e ser feito, isto se calhar

também é uma maneira de cativar os próprios jovens. A gente às vezes vê que a namorada está no palco mas o namorado está cá fora, portanto se houver aqui uma interligação destas situações a motivação se calhar poderá ser diferente, porque o namorado também se sente inserido e chega a uma determinada altura que ele diz “Tu sais porque eu não ando, eu não gosto disto”. Dá-me a sensação que se calhar nós deveríamos começar a pensar nela para haver aqui uma forma, não quer dizer que haja uma adesão maior, mas se calhar, cativa mais e motiva mais aqueles que estão a ver. Eu gosto muito de ver o folclore, mas as minhas filhotas e a minha esposa dançam e eu estou ali assim a olhar. E depois o que é que se tenta fazer a interligação com o público, é numa valsa que até se chama o público para ir lá ao palco, é importante também isso, a nível dos ranchos de folclore não é muito habitual, há essa proibição é muito rígido, mas em contrapartida em vez de ser uma valsa, que não tem nada a ver com o folclore, se calhar poderia ser uma dança folclórica e que eles viessem para o terreiro e dançar, acho que esta interligação falha muito e eu que já estou há 20 anos um pouco ligado à situação do folclore e ao nível do país, agora ultimamente é que não, também não tenho tempo para tudo mas, eu notava um bocadinho isto, não é desfasamento mas há aqui algo que é um corte e que não deixa fazer a interligação. É muito bonito ver-se em palco, mas se calhar se o palco viesse à plateia não seria pior. É a minha ideia!

***Muito obrigado pela sua disponibilidade, pelo tempo que dispensou e pelos preciosos contributos que deu para o trabalho.***

**ANEXO B**  
**Guião de entrevista**

| | ' ' | | | ' |

## Guião de Entrevista

Dia \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2018

Nome: \_\_\_\_\_ Rancho de: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

### Identificação/Ocupação

Habilitações Literárias:

Origem/Naturalidade:

Relação com a região do contexto rural:

Que papel/tarefa desempenha no grupo:

#### (i) Relação com o rancho

*Há quanto tempo está no rancho?*

*Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?*

*Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?*

*Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?*

*Como teve conhecimento do rancho?*

*De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?*

#### (ii) Motivação para pertencer ao rancho

*Por que motivo veio para o rancho?*

*Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país? De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.)?*

*O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?*

*Por que continua no rancho?*

*Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porquê?*

*Já participou noutra rancho?*

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?*

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?*

*Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?*

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive (RCR)/ A tradição da região dos antepassados (RCU)*
- 2. Uma tradição de família;*
- 3. O convívio;*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;*

### **(iii) Identidade e pertença para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

*Sente que pertence mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?*

### **Identidade e pertença (para os jovens do RCR)**

*Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive ou outra?*

*Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?*

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia região onde vive ou outra?*

*Conhece a história deste rancho e a sua origem?*

*Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?*

ANEXO C  
**Entrevistas à professora H.**

| ' ' | | ' ' |

## **Anexo A entrevista Profª H**

### **Entrevista 1ª parte**

**Data 16 de janeiro de 2018**

#### **Breve apresentação da profª H**

*Nasceu numa aldeia de uma da freguesia do concelho do (Contexto rural)*

*Foi viver para uma aldeia(...) com a bisavó e a madrinha. Viveu lá até aos 13 anos. Sempre foi boa aluna, mas a família, com quem vivia, não tinha possibilidade de a pôr a estudar. Voltou para casa dos pais e na altura fez a 5ª e a 6ª classe e depois foi estudar para o Externato Liceal do concelho, o único que havia na altura, até ao antigo 5º ano do liceu. Optou por tirar o curso de professora no Magistério Primário em Lamego durante 3 anos, entre 1975 e 1978.*

*Durante o curso assistiu a peças representadas por outros alunos, finalistas do Magistério Primário, viu uma peça que achou muito interessante e pensou logo em fazê-la também na sua freguesia.*

**H.** Na altura havia muitos jovens, encontrávamo-nos todos os domingos no adro da igreja, antes e depois da missa. Foi então que pensaram montar a peça para apresentar às pessoas quando terminava a missa.

Quando a peça ficou pronta deparamo-nos com um problema, como ela tinha dois intervalos não sabíamos como ocupar o público durante esse tempo.

Foi então que surgiu a ideia do folclore. Como uma das jovens que fazia parte do grupo, tinha o pai que era tocador de violino no grupo folclórico da aldeia de P..... (*o novo rancho, o dissidente do rancho folclórico RCR*) como ela costumava assistir aos ensaios com o pai sabia algumas danças que ensaiou para dançar durante os intervalos. Eram os mesmos elementos do grupo que dançavam também, o que tornava difícil a gestão da troca de roupas.

Mas as pessoas gostavam muito de ver e repetimos o espetáculo várias vezes. Passava-se um cesto, no intervalo e as pessoas davam dinheiro que revertia a favor das obras da igreja.

Quando acabou a peça ficou um vazio, mesmo o padre, que não acreditava em nós inicialmente, viu a peça e gostou. Foi então que o padre nos entregou a bíblia para estudar e propôs que as peças fossem baseadas na bíblia. Ideia que não despertou interesse aos elementos do grupo.

Surgiu a ideia de criar um rancho, aproveitando as danças que já sabíamos e mais algumas que as pessoas da terra – que já nos tinham visto dançar- se prontificaram a ensinar-nos. Na minha aldeia havia uma senhora que nos ensinou imensas coisas. Quer das danças quer das cantigas e da construção de artesanato. Ou seja, as pessoas vinham até nós, enquanto que numa fase anterior fomos nós que tivemos de ir ter com as pessoas para elas nos ensinarem, agora eram elas que vinham até nós para nos ensinar. Foi assim que começou, o que é hoje, o rancho folclórico de T..... (rancho de uma freguesia do (*concelho co contexto rural*) que na altura era o (da Casa do Povo de...) Inicialmente tentamos juntar a Casa do Povo na tentativa que fosse um apoio.

Quando a Casa do Povo terminou (penso que por decisão política, pós 25 de abril) o rancho constituiu-se como associação que é hoje o (Rancho Folclórico de T.....).

Todos os elementos do grupo eram os que pertenciam à peça de teatro, que agora enveredaram para a criação do rancho, cerca de 35 a 40 elementos, habitantes das várias aldeias ali à volta. (*isto no final da década de 70*).

Aliás, haviam uma questões políticas, no tempo do salazarismo, que dividiam a freguesia por um ribeiro que a atravessava, o ribeiro de B...., “eram os de lá e os de cá, e os de lá nunca se deram muito bem com os de cá”. Havia jovens das aldeias de um lado e do outro, que não se juntavam, daí que, com a participação destes no teatro e depois no rancho, esta divisão começou-se a esbater, deixando de haver os de lá e os de cá.

“O início foi praticamente às cegas!”

A falta de experiência, dos elementos do grupo sem orientação, no que se refere a capacidade de investigar sobre o passado e tradições, levou a que se tivéssemos feito alguns erros, embora tendo em conta a inexperiência, até fizemos muito. Nós nem eletricidade tínhamos quanto mais forma de investigar, quer no folclore, quer nas questões relacionadas com a etnografia: trajes, tecidos e outros artefactos. Era necessário dinheiro para os trajes, comprar tecidos, calçado etc. “*Nem tudo se fez correto*”. Depois das coisas

feitas, mesmo erradas havia sempre pessoas, da terra, quem vinham dizer que “não era bem assim, porque as saias tinham uma barra no fundo, de veludo, daquela gente que tinha mais dinheiro” e “os aventais só eram pequeninos quando se ia a missa porque os aventais de trabalhar eram quase metade da saia”. Então nós começamos a perceber que tínhamos muito dinheiro gasto e que nem tudo estava certo. Estes erros fizeram com que o grupo começasse a ter uma maior preocupação com estes aspetos. A pouco e pouco as coisas foram-se alterando e modificando de forma que - embora não tenha sido no meu tempo o rancho depressa se conseguiu federar. Este foi um dos primeiros a ser federado, penso que o primeiro foi o de P...., o novo, e depois o rancho folclórico de T.....

Eu abandonei o grupo em 1980, estive pouco tempo, penso que dois anos, acho que foi criado em 1978. Depois outras pessoas lhe deram continuidade, até aos dias de hoje. “Esta foi a minha primeira experiência com os ranchos”.

A separação do RCR e do que é hoje o “Rancho Novo”, teve a ver com a ida de uma professora para a aldeia de P... Morava onde estava o (RCR) e foi para o grupo “é normal, os professores temos a mania de meter o nariz sempre nestas coisas”. Ela depressa percebeu que nem tudo estava certo e, como não conseguiu mudar as coisas, de modo a eles deixarem o bonitinho e tornarem o grupo com mais rigor, saiu e levou alguns elementos do grupo consigo. Ela e esses elementos vão dar origem ao que é hoje o “Rancho Novo”. Tudo isto aconteceu antes de 1978, antes da formação do grupo de T...

***Até esta data, 1978, antes da constituição da Federação de Folclore Português, o rigor da pesquisa que fala, não existia, quem é que se ocupava ou controlava o rigor da pesquisa?***

A Federação quando se formou teve esse papel manter, ou pelo menos tentar manter, esse rigor, ao nível da pesquisa das danças, das músicas e cantigas. Mas no início da Federação, presidida pelo Sr. A....., que federou o Rancho Novo e também o de T... não tinha o mesmo rigor, nem era preciso fazer um processo tão complicado como se faz agora para entregar à Federação. Agora é um processo bastante complicado. Atualmente com o presidente D.... que é muito rigoroso, muito conhecedor destas questões, está a ser mais difícil federar os grupos.

Em 1980 casei e vim morar para Lisboa, para esta freguesia, vim para uma escola de um bairro aqui perto, morava em frente à escola e depois para a escola A..... e dessa passei para aqui, escola J....., e aqui fiquei. Nunca mais tive vontade de sair daqui porque depressa percebi que nesta zona era tudo (dos concelhos da Serra de Montemuro) “portanto até estava em casa, eu até estava no meio dos meus, era aqui que me procuravam quando precisavam de alguma coisa de mim!” e eu procurava-os na casa (do concelho que estava sedeada na freguesia) que é hoje o C....., quando queria encontrar alguém procurava as pessoas lá, nos bailes, ao fim de semana. E aqui fiquei efetiva depois de ter ficado efetiva noutras escolas, mas fui sempre conseguindo uns destacamentos para esta escola.

A certa altura, não sei precisar a data, organizou-se uma comissão de pessoas do antigo bairro, que ajudada pela (... uma instituição de solidariedade social), pela atual diretora, Dr<sup>a</sup> A... Digamos que era uma comissão instaladora que conjuntamente com a (instituição de solidariedade) chegaram à conclusão de que uma das formas de enraizar as pessoas que viviam na zona era trazer a sua cultura, de origem, para junto delas e foi daí que surgiu a necessidade de formar um rancho e uma banda. A música e a dança, “as vertentes mais culturais, mais representativas” que deixaram na sua terra e que não tinham aqui, onde moravam. Então vamos trazer isso que tanta paixão provoca nas pessoas para junto delas, para os bairros que habitam”. Foram-me chamar para vir organizar o rancho e o professor J... da zona de L... para organizar a banda de música. Depois a escola de música alargou muito. O rancho era só infantil, só estive com ele dois anos, “mas devo dizer que até hoje foi o rancho que mais saudades me deixou”. “Tinha uma tocata que era um fenómeno, até me liam o pensamento” eram uns tocadores muito bons e extraordinariamente atentos e os miúdos, bailadores, numa determinada coreografia que dependia do par da frente, quando este “se baralhava” bastava eu olhar para os tocadores que eles paravam imediatamente. Ensaíávamos à sexta feira à noite, com poucas condições de trabalho.

A participação das crianças no rancho passava por inscrição e pagavam uma mensalidade, embora nós, eu e a comissão, tentássemos convencer a diretora da instituição, que não aparecia ninguém se tivessem de pagar - desenganamo-nos porque eles pagavam e vinham - embora uma quantia irrisória. A diretora defendia que o “folclore era um tipo

de dança como outro e desenvolve imensas capacidades. Se forem para a natação, danças de salão ou ginástica têm de pagar, portanto a dança folclórica não é menos do que as outras atividades”.

Nós pensávamos que a dança folclórica, sempre feita por carolice e a título gratuito não iria funcionar. Ela tinha a versão dela e o que é certo é que funcionou.

***E essas crianças vinham de famílias oriundas daquela região ou de famílias de outras regiões e que moravam também no bairro.***

Sim! Todas as crianças, embora nascidas na freguesia da zona oriental, vinham de famílias com raízes (nos concelhos do contexto rural) Não sei se era uma condição da instituição, para poderem participar no rancho, mas creio que não.

***Isto foi no início dos anos 80***

Não, eu vim para Lisboa em 1980 estive ainda uns anos a trabalhar antes, portanto foi mais tarde.

***Mas ainda havia o antigo bairro.***

Sim, todos estes miúdos vinham do bairro de barracas, o antigo bairro. Neste rancho tanto a tocata como a cantata eram formadas por adultos, só os dançadores é que eram crianças. Alguns destes miúdos pertenciam ao rancho e simultaneamente à banda de música. Esta comissão mais tarde deu origem a uma associação (que continua no bairro) que iniciou na (instituição local) e se autonomizou e se instalou num espaço próprio cedido pela autarquia.

A primeira dança que ensinei no grupo foi a “Silva verde” dança que sabia do rancho da minha aldeia.

Já tinha tido a experiência do rancho de T(...) no que se refere aos erros cometidos por falta de conhecimento. Pensei, agora não posso fazer a mesma coisa, da primeira vez não sabia, mas isso deu-me experiência para outras vezes. Por isso propus à direção que se fizesse uma coisa com rigor, que se fizesse um levantamento consultando os grupos que estão nos três concelhos de onde os residentes no bairro são oriundos, para explicar o projeto, pedir autorização para dançar as modas que eles dançam, e usar os mesmos trajes,

embora as músicas sejam de cariz popular, não se pode chegar a um grupo trazer uma música e dizer isto é nosso! Não isto não é meu! Fui eu que tive esse trabalho de fazer a ponte com os outros grupos e fiz a recolha.

Na altura foi a (inst, de solidariedade) que proporcionou os meios, apoiou esse trabalho de recolha dado que a tal comissão instaladora não tinha os meios. A inst, de solidariedade arranjou uma câmara, ainda com cassetes VHS e pagou-me o transporte para eu ir explicar o projeto aos grupos. Os de R... era o grupo de S..... P.... P... e o grupo de C D era o Rancho folclórico de C... (aldeia do concelho), e em (concelho contexto rural) era o grupo folclórico de T.... Foi com essas recolhas que eu selecionei as mais fáceis para as crianças e ensinava-as aos meninos. Na altura em que saí já tinham feito várias atuações. As idades variavam entre os 9 e os 14 anos.

Os trajes eram feitos pelas próprias famílias. Depois mais tarde foi autorizada, pela (inst. solidariedade) uma verba para comprar tecidos para trajar dois pares. Optei por um de C... aldeia do concelho, mais rico e um de T..., mas pobre, de trabalho. Como havia na (inst. de solidariedade) um atelier de costura, foi lá que foram confeccionados esses dois trajes. Portanto quando saí só havia um par de dançadores trajados, o outro ainda não estava terminado.

A primeira vez que foram dançar à freguesia de T (...) na zona da Malhada, foi criada uma grande expectativa nas pessoas da terra, porque era um grupo de Lisboa, com crianças ensaiados pela H.... uma pessoa da terra.

Os ensaios com pessoas que não têm este sentido de espetáculo com público, torna-se complicado às vezes.

***As pessoas criaram uma grande expectativa nesta apresentação, porquê? Qual era a expectativa das pessoas?***

Eu sempre fui respeitada e muito acarinhada na minha freguesia. Tanto cá como lá sempre me respeitaram muito. Eu sou uma pessoa simples, às vezes as pessoas até me criticavam pela minha simplicidade, até a minha própria mãe. Eu costumava dizer, não é aquilo que a pessoa parece, ou aquilo que a pessoa aparenta que mostra aquilo que a pessoa é. O que mostra aquilo que a pessoa é, é a obra que faz, a obra que deixa. Isso é que são as marcas da pessoa. Eu dizia sempre a obra está ali.

***A H. saiu daqui, do grupo da (...) e depois?***

A comissão instaladora organizou-se como associação, que é hoje a (A....) fizeram eleições para eleger os corpos gerentes, tornou-se autónoma e a (*Instituição*) passou só a ceder o espaço para os ensaios e atividades da associação.

Foi então que (*segundo a entrevistada, por divergências de opinião e da forma de orientação do grupo, decidiu sair. Ainda que o tenha alertado para o os inconvenientes que poderiam surgir com o afastamento da prof<sup>a</sup> H, o Presidente da associação não cedeu e acabou por sair. Esta situação criou ali algum atrito na associação*).

Passado algum tempo foi criada a casa (*de um dos três concelhos do contexto rural*), formaram um rancho e convidaram-me para fazer parte desse projeto. Posteriormente, já com o rancho constituído ensaiavam na fábrica da N..., uma vez que havia pessoas que trabalhavam lá. Queriam um rancho que representasse o concelho (...).

Já tinham alguma música e danças, mas nada de especial.

Aconselhei-os a fazerem uma recolha pelo concelho para depois começar a formar uma coisa e raiz. Foram eles que fizeram essa recolha, uma vez que eu não tinha essa possibilidade, fizeram a escolha dos trajes, com a minha opinião. As escolhas das danças e as músicas fui eu que as fiz conjuntamente com a direção. Eles colaboraram muito, também já tinha apoio financeiro, tinham pessoas muito dinâmicas que arranjavam apoios. Estive 7 anos com o grupo, inicialmente nas instalações da Fábrica (..) e depois vieram para aqui para a Escola J(...)

Como já tinha tido a experiência no (*grupo anterior*) fui com mais cuidado. Eles é que tinham de vir até mim, o meu papel era só ensaiar, embora os ajudasse em muitas outras coisas. Era eu que apresentava o espetáculo nas atuações. (...).

Ao fim de 7 anos surgiram algumas (*divergências com elementos da direção e resolveu afastar-se do grupo*). Os ranchos daqui, não têm que ser uma cópia, uma imitação dos de lá, mas têm de ser tão bons como os de lá ou melhores. Como não aceitavam bem estas opiniões, achei que era a altura de me retirar. Eles continuaram, acho que ainda continuam.

***As danças dos três concelhos são as mesmas, os grupos dançam as mesmas danças, iguais?***

(...) “têm algumas coisas comuns” são muito próximos, têm algumas cantigas que se cantam num lado e que se cantam no outro, com ligeiras diferenças na música e na dança, mas há modas que são semelhantes. Dentro do concelho de (*contexto rural*) algumas mantêm a cantoria igual mas a forma de dançar é diferente, não quer isso dizer que tenha sido inventada, isto é como nos contos, “*quem conta um conto acrescenta um ponto*” basta uma pessoa vê-la dançar de uma forma, mas quando a levaram para uma outra freguesia já a levaram de uma maneira diferente, porque ou não a perceberam bem ou dava-lhes mais jeito dançá-la daquela maneira. As duas são válidas, não se sabe qual delas é a mais verdadeira. O Cancioneiro só tem o registo das músicas, das danças não há registos, as pessoas é que a foram passando de boca em boca, registos escritos não há.

No concelho de R... (*um dos três concelhos*) é diferente, só teve durante muito tempo dois ranchos o de S. P.... e o rancho de C... e mais tarde surgiu um terceiro o rancho de A... e posteriormente um outro de C..... dissidente do inicial.

Mas há duas modas que são comuns aos três concelhos, uma delas é a contradança ou quadrilha ou marca, a outra é o fado à desgarrada.

A contradança varia em todos até dentro do próprio concelho, mas mantém algumas características que são comuns. O fado não varia na forma de cantar, mas varia também na coreografia. Uma vez que o ritmo do fado não dá para fazer muita coisa, os passos são sempre os mesmos, mas as formas da coreografia, os desenhos que faz, podem variar entre sim, pode ser mais ou menos elaborado.

### ***A elaboração da coreografia tem a ver com a criatividade de cada grupo?***

Não! Nos primórdios pode ter a ver com a criatividade de quem a começou a dançar. A contradança houve alturas que teve a ver com a criatividade do marcador, a contradança num baile era a rainha das danças.

Num baile um marcador mandou a contradança a seu jeito, o marcador que vinha a seguir tinha de introduzir algo de diferente, tinha de integrar algo de novo e da sua criatividade, nunca alterando a formação original. É uma moda (dança) com formação geométrica, em quadrado, tendo como referência as cabeceiras, pode alterar a forma ou as vezes que se movimenta para a esquerda ou direita, mas não alterar o esquema geométrico da coreografia. Mais esquerda ou menos esquerda, roda ou menos roda ela tem pontos chave.

Há partes que são essenciais, sem essas partes ela não é contradança. Mas as rodas as voltas e as trocas que se fazem são tudo feitos. (*Natural do concelho*) que se preze sabe dançar a contradança! Aquilo é lindo! há muitas músicas para a contradança, umas mais bonitas que as outras. Provavelmente aquela é a dança mais antiga nos três concelhos. Ela remonta ao tempo do Imperador Napoleão. Eram os soldados de Napoleão, que a dançavam nos palácios e depois as pessoas do povo foram apreendendo e dançando nos terreiros. Há alguns grupos que ainda mantêm algumas palavras daquilo que eram os francesismos. Há alguns marcadores que ainda conservam essa essência. Enquanto ao fado à desgarrada era uma forma de dizer ao outro aquilo que se queria, podendo até ofendê-lo e o outro respondia-lhe à letra.

***Depois do rancho da Casa (concelho de C... veio o da Casa do concelho de (contexto rural)***

Eu ainda estava no rancho da casa do (*concelho de C...*) e começou-se a criar-se a casa do concelho de (*contexto rural*). Eu pertencia à comissão instaladora. Atualmente ambas estão no mesmo local, (*na mesma freguesia*) são separados pela linha do comboio.

Já havia a casa de (*concelho contexto rural*) mas não tinham rancho.

Aqui foi tudo criado de raiz a partir de mim. Enquanto no anterior era a direção que se ocupava de muita coisa, aqui tudo dependia de mim. Foi muito trabalhoso e exigente.

A 1ª direção até funcionou muito bem, enquanto que a 2ª (*já foi diferente*).

Aqui estive sete anos, não consegui ser federado porque na altura os estatutos da Federação de Folclore Português não autorizavam, só era permitido aos grupos residentes no estrangeiro, grupos de emigrantes, mas não era concedido aos ranchos que representavam uma região e estavam sedeados numa outra (região) do país. Por isso não chegou a ser federado. O grupo era bom, sabia estar em palco e sabia envergar o traje com dignidade. Por exemplo uma mulher que fume tem uma grande dificuldade em esconder-se para fumar, porque na época as mulheres não fumavam.

***Até aqui, ao rancho de (contexto rural) a maior parte dos elementos do grupo eram jovens e, já tinha nascido cá, mas tinham ainda raízes naquela região, mas também podiam não ter qualquer ligação àquela região?***

Só no (RCU) é que houve essa abertura. Mas nos outros também não havia esse problema, não havia pessoas de outras terras que fossem procurar. Penso que nunca aconteceu um caso desses, de pessoas que fossem procurar e não pudessem entrar, pelo menos que eu tivesse conhecimento.

***Todas as pessoas, que pertenciam a estes três ranchos, eram todas moradoras nesta freguesia ou vinham de outras freguesias?***

Todos eram daqui da freguesia mais especificamente com origem no antigo bairro. Embora muitos já não morassem cá, mas já tinham morado. Atualmente há pessoas que vêm de vários sítios, de fora da freguesia.

***Como foi a saída deste rancho?***

Houve uma oportunidade do grupo se deslocar à Polónia para participar num Festival Internacional de Folclore, no âmbito do CIOFF. A direção recusou redondamente porque não tinha dinheiro para pagar as viagens. Foi lançado um desafio ao grupo para arranjar dinheiro para as viagens, O grupo conseguiu esse dinheiro através de várias iniciativas que fez. Na Polónia o grupo teve um convite para ir a França, surgiu a mesma questão, a falta de dinheiro, o grupo também conseguiu o dinheiro para ir, sem que a direção tivesse qualquer despesa. Os elementos da direção não acompanharam o grupo em nenhuma das vezes. O grupo teve o 3º convite para voltar à Polónia.

Estas experiências de participar em Festivais Internacionais de Folclore são espetaculares e muito ricas, só participando é que se pode perceber. A importância de trabalhar com outras pessoas com culturas e hábitos diferentes, que trabalham com rigor e muita disciplina. Trabalhamos sobre um lema “Um por todos, todos por um” era em cima do palco que tinham de mostrar isso. Fomos três vezes ao estrangeiro a festivais, três anos seguidos, trabalhamos muito para isso.

Como a direção não concordava com estas saídas, para o estrangeiro, desenrolaram-se algumas situações que me desagradaram e que me levaram a sair, uma vez que já não havia condições para continuar a trabalhar. *(A entrevista foi interrompida para ser finalizada numa outra data).*

## **2ª Parte da entrevista (continuação)**

**Dia 3 de maio de 2018**

*Depois do rancho da casa do (concelho do contexto rural), surgiu este, o atual (RCU) e quantas pessoas saíram de lá na altura, que vieram com a H.*

Saíram 32 pessoas e a estas juntaram-se mais algumas. Houve algumas pessoas que entraram de novo já para aqui para o (RCU).

Depois de sairmos da casa do (...) cumpriram-se todos os compromissos existentes até ao final do ano e depois do último compromisso que houve devíamos ter ido colocar os utensílios que acompanhavam alguns trajes e não fomos. Todos os utensílios, referentes à atuação do rancho, ficavam guardados na sede da casa do (...).

*Mas durante tudo isso já estava a trabalhar na formação do outro rancho o novo (RCU)?*

Sim já estávamos a ter reuniões, criar os estatutos e tratar de tudo! Quando o outro acabou já tínhamos tudo formado e eu acabei por estar a representar os dois, o de onde tínhamos saído e este.

Os jovens que andavam no outro vieram juntamente com as famílias. Este grupo começou com umas características diferentes em relação aos jovens. Já o outro era formado por famílias inteiras, as famílias, por exemplo: o A... e a Z... vieram com as 3 filhas que já estavam no outro grupo, vinham trazer as filhas, ainda muito pequeninas, a M... era muito pequenina e a outra mais nova acho que ainda não era nascida. Punham-nas nos ensaios e iam (*passar*) um bocadinho para o (...) foi então que começamos a dizer, “acabem, mas é com o namoro e venham para o pé das meninas porque elas querem-vos aqui. Também aconteceu a mesma coisa ou semelhante com as do meu irmão. Que eram pequeninas, elas é que queriam andar no rancho. Mas lá as crianças só podiam entrar acompanhadas pelos pais.

*Lá havia essa regra?*

Elas tanto andaram que convenceram o meu irmão, (..) a minha cunhada também se convenceu e foram todos. E foi assim depois a filha mais nova da Z.. e do A.... também acabou por vir que nessa altura já lá andava a avó.

### ***A avó e o avô?***

Nessa altura era só a avó, ela é que ficou responsável pelas netas mais velhas para elas poderem entrar. Os meus três filhos também começaram ali, embora eles já tivessem participado noutros ranchos. Foram porque eu e o meu marido também estávamos. Esta foi uma forma de encontrar uma solução para as atuações fora do país, iam os pais que tomavam conta dos filhos e não tinham de se preocupar onde os deixar. E assim ficava tudo tranquilo onde estavam uns estavam os outros. Por sua vez nos outros grupos também havia jovens com quem eles podiam conviver e fazer amizades. Esta foi a razão que levou estes jovens ao grupo.

### ***Acha que estes jovens foram influenciados pelo facto de terem começado em pequenos a ir com a família para a participação no rancho?***

Sim! Teve esse peso. Aqui neste grupo começaram outras que entretanto nasceram, os filhos do C... já nasceu neste rancho, depois as filhas da S..., foi a mesma forma de atuar, entretanto foram crescendo e ficaram no grupo.

No entanto houve outras crianças que vieram para o rancho: a C... e a irmã, veio primeiro a C... que era minha aluna na altura, e arrastou a irmã, (...).

Juntamente com a C... vieram mais dois jovens que eram da mesma turma, dois gémeos, o I... e a J.... A J... penso que ainda lá anda. E o B C... e o T..., que já sabiam algumas danças que eu ensinei nas minhas aulas, eles ficaram à minha responsabilidade, como não tinham lá os pais. O BC.. saiu na altura que eu sai. O T.... já tinha saído. A C... e a irmã ficaram, I... tocava e a J... dançava. Como o I.. era bastante rebelde, tinha alguma dificuldade em acatar aquilo que se pedia, gostava de fazer aqueles penteados com desenhos e de andar com as calças ao fundo do rabo, (...) houve uma altura que foi necessário negociar com ele, estes comportamentos (...). Portanto estes jovens tiveram na escola, um bocadinho de formação do que era o folclore e o que era a etnografia. Eu até fiz com eles a demonstração do linho, a demonstração da trança, mostrei várias peças de linho, chita, cotim, dos calçados, brinquedos etc, portanto eles estavam despertos para este tipo de cultura. Daí que quando saíram da escola estavam em vantagem porque já sabiam dançar, pelo menos algumas modas.

***A H. falava nas suas turmas, desta questão da etnografia?***

(...) aqui se vê que a formação, o perceber o que é que representa esta “cultura menor”, é assim que é considerada, leva a que as crianças sejam atraídas por ela. Estes jovens não abandonaram assim de qualquer maneira. O I... foi um bocadinho pela sua rebeldia, e também a família não ajudava muito, (...) umas vezes trazia umas peças da roupa e não trazia outras, o que se tornou um bocadinho difícil gerir, (...). O T... morava em (...) e sofreu alguma pressão familiar para ir para os escuteiros, e como o tempo não dava para tudo teve de optar e foi para os escuteiros.

***Neste momento quais os jovens que ainda estão desde o seu tempo.***

O LM foi uma revelação que veio para lá muito pequenito, “assim todo virado para dentro” hoje consegue-se arrancar um sorriso àquele miúdo, e em termos de dança fez uma evolução fantástica. Veio porque tinha lá o avô (...) mas ele é que pediu ao avô para vir, foi negociado com o avô e eu disse “*traga, traga se ele tiver jeito*”. Ele abriu, começou a conviver mais com os outros, na altura ele dava-se mais com o FF que é da idade dele. O FF e o irmão. Essa família veio para aqui, não veio do outro, veio de novo para este, vieram todos, muito pequenos. Foi através do G..., o filho mais velho que veio toda a família. Porque o G... participou numa marcha, ele saiu do 4º ano e foi-se embora, eu encontrei-o na escola e disse-lhe “olha lá, eu gostei muito do que tu fizeste na marcha, o que é que tua achas de vir para o rancho” respondeu, eu até queria mas o meu pai não quer, “mas se tu queres vir, do teu pai trato eu” dá-me o contacto que eu falo com ele. E eles acabaram por vir os quatro, foi assim que eles vieram. O G... começou a dançar com a C.... e depois é que passou a tocar concertina.

Esta forma de integrar os jovens, de integrar as crianças depois, acompanhá-los aos ensaios e as famílias entrarem e permanecerem aí, é diferente do que acontece no RCR ou o que acontece num outro grupo qualquer.

Este grupo funcionava como uma escola de vida para crianças, jovens e adultos.

***Tinha essa a intencionalidade inicial?***

Se estão ali os pais, estão ali os filhos, se eles crescem ali, se estão ali alguns avós, (...) há crianças, há jovens, há velhos, há gente adulta. Convivendo todos, aprendem a

respeitar-se, a desculpar-se e a estar na vida de forma completamente diferente. Mesmo os velhos aprendem a respeitar os jovens, que normalmente acham que são sempre irreverentes e a perceber que *-afinal ele até disse uma coisa acertada, o moço até tem jeito*. O contrário também, a canalha também aprende a respeitar os velhos (...) isto é uma escola de vida. Digamos que isto é uma família mais alargada do que a que a que cada um tem (..)

Quando saímos do outro rancho estávamos todos muito estressados e houve necessidade de fazer tudo de novo, comprar tudo novo, arranjar tudo novo, foi uma tarefa muito difícil. Fazer tudo de novo e ocupar todas as pessoas, é preciso haver um projeto forte para toda a gente se embrenhar naquilo e esquecer o que se comenta lá fora, as tricas etc, porque estamos todos unidos em torno de um objetivo comum.

Surgiu um concurso da Fundação INATEL: era pôr em palco uma representação, em 12 minutos, uma vivência do local de origem de cada grupo, nós estávamos em Lisboa concorreremos a Lisboa. (...) Numa visita à terra, nas férias da Páscoa, em conversa com o meu pai e com outras pessoas que eu já conhecia, fez-se uma recolha e surgiu um serão - O serão da Aldeia - esse serão integrava os mais velhos, as crianças os homens da aldeia, todos os elementos do rancho. Aquilo passava-se em casa de uma família e havia pessoas que não tinham nada a ver com aquela família. Os serões eram assim, na casa onde se fizesse o serão iam lá todos. Onde é que se fazia o serão? Na casa que estivesse mais quente, que tivesse cozido o pão, havia bolo, às vezes com um bocadinho de carne gorda por cima e as pessoas iam ali para trabalhar, as mulheres a fazer trança e os homens para bater as cartas ou falar sobre as fainas agrícolas ou simplesmente dar uma prosa (dois dedos de conversa). A representação do serão passava-se em casa dos meus pais, eu fazia de filha, (...) *(com a minha atuação conduzia todo o enredo da representação)*

Isto é tudo muito bonito, mas a dada altura é preciso dar-se mais, explicar mais coisas. É preciso saber de onde é que a gente vem, para onde é que queremos caminhar e por onde é que vamos caminhar. É aqui que entra a formação, os colóquios, o falar do ciclo da trança, do ciclo do linho e da lã. Vierem pessoas, exteriores ao grupo, falar de como se faziam estas tarefas. Falar dos trajes, porque se usa o lenço, porque se usa o avental, etc, perceber tudo isto. Nós tínhamos um lema “Só se faz bem aquilo que se conhece bem”.

Se eu ando a representar e não conheço, se não sei porque é que visto, o que representam as minhas roupas, se não sei os pormenores, se alguém me aborda fico a olhar para o ar e não sei responder. Foi-se passando toda essa mensagem. No final dos tempos em que eu lá estive já não era bem assim, porque algumas pessoas achavam que sabiam tudo, “há umas fases assim na vida”. Começou-se a abandonar, no plano de atividades, o colóquio e tudo o que tinha a ver com a formação.

***Esses colóquios serviam para os jovens se aproximarem e terem maior conhecimento sobre as tradições e sobre o folclore?***

Sim! Sempre se respondeu às perguntas que eram feitas. Às vezes não se tinha resposta para todas. Às vezes parávamos, sentávamos no meio dos ensaios para falar e todos íamos pensar numa forma para encontrar a resposta àquela questão, mas de uma forma coerente para nós, se nos perguntarem “respondemos fazemos isto porque pensamos deste maneira”. Se as danças eram danças no final dos trabalhos, nos caminhos de regresso, nos terreiros as pessoas iam dançar com os utensílios agrícolas nas mãos, com os cestos á cabeça? (...). Não, pousavam tudo o que traziam com elas e só depois começavam a dançar (...)

***Acha que os jovens que hoje frequentam o rancho têm presente essa consciência e preocupação?***

Na altura tinham, (...) hoje não sei como é.

***Na altura havia algum jovem que tinha essa preocupação de se dedicar a uma pesquisa sobre as tradições?***

Não isso foi uma coisa que nunca se conseguiu, eu sempre tentei, mas nunca se consegui. Eu até lhes dei o exemplo da recolha que fiz para montar o serão na aldeia, dos retalhos, dos bocadinhos que fui juntando. Se eu não soubesse essas histórias nas conversas com as pessoas, nunca tinha conseguido montar aquilo.

Várias vezes lhes pedi “que nas férias falassem com os velhotes sobre as canções sobre outros coisas” mais nunca trouxeram nada.

***As danças trouxeram-nas do rancho anterior, ou integraram novas danças.***

Umás trouxemo-las, outras foram os jovens deste grupo a escolher, a tentar ensaiar. Aprender assim só através de uma cassete de vídeo não é propriamente fácil porque nem sempre as filmagens são feitas de forma que dê para ver tudo como é. Por exemplo a “Ramaldeira” foram as filhas do A... que a escolheram e quiseram ensaiar, o “Vira das ceifeiras” a moda com que se entrava, foram as minhas sobrinhas que a escolheram e a tentaram ensaiar. A ramaldeira fui eu a casa do A..., (...) como eramos muitos, tentamos aprendê-la e ensiná-la no ensaio, mas como no vídeo nem todos os pares faziam igual, nós tivemos de ir pela lógica (...)

***Algumas das danças foram aprendê-las com algum dos ranchos de lá?***

Aprendíamos as danças através de cassetes vídeo de fraca qualidade.

***A H. esteve quanto tempo à frente do RCU?***

Estive 9 anos, desde o início, 6 de dezembro de 2005 e saí em dezembro de 2014.

Foi criada a associação com estatutos próprios, feitos por mim e (*por alguns elementos do grupo*). As reuniões para criar estes documentos foram sempre feitas em (...) *explica todos os passos para a constituição da Associação e todo o processo até a escritura*).

Havia sempre jovens nos cargos dos órgãos da associação. Não se podia fazer uma direção só com jovens, mas tentava-se que estivessem sempre jovens envolvidos.

***O facto de a H. ser professora e trabalhar estes temas, em sala de aula com os seus alunos, era também uma forma de cativar alunos para integrar o rancho?***

Não, não tinha isso como objetivo. Uma vez que eu tinha esse conhecimento e na expressão físico motora, temos um bloco de atividades rítmicas e expressivas, tinha formação para poder explorar esse bloco, trabalhava essa área. Acho que nós como professores do 1º ciclo falhamos se não trabalharmos esses blocos, (...). Nós não temos bons atletas, não temos bons artistas porque não os formamos desde tenra idade. Por causa do peso que nos carregam em cima do português e da matemática, descoramos todas as outras áreas. O desenvolvimento físico de uma criança ou começa cedo ou fica seriamente comprometido. E a questão das artes é exatamente a mesma coisa, se não se começa desde pequeno a desenvolver a veia artística das crianças (...)

Sempre me entristeço quando se quer desvalorizar uma coisa e diz-se “isso é folclore” eu não queria colaborar nisso, eu queria que os alunos que passassem pela minha mão, pelo menos não usassem esse termo com o sentido pejorativo que toda a gente lhe dá.

**ANEXO D**  
**Entrevistas aos elementos do RCU**

| ' ' | | ' ' |

## Entrevista a LM - RCU

**Dia 22 de junho de**

**Nome: LM Rancho: RCU**

**Idade: 18 anos**

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** Estuda 9º ano

**Origem/Naturalidade:**

Freguesia Zona Oriental Lisboa – nasceu e vive andou na escola.

***Relação com a região do contexto rural?***

*Costuma ir passar férias desde criança, para casa dos avós, desde muito novo, desde que nasci, ainda em bebé, com meses. Agora há já alguns anos que não vou porque os meus pais têm tido menos tempo de férias.*

A minha mãe e o meu tio têm mesmo uma casa deles, depois vai passar para mim para a minha irmã e para os meus primos. Depois passa a ser mesmo nossa. A casa está a precisar de obras, o chão está a cair.

***Que papel/tarefa desempenha no grupo***

Dança

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho:***

Há sete anos, vai para os oito, eu tinha 10 anos.

***Com que frequência participa nos ensaios - costuma faltar aos ensaios?***

Raro faltar.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Não

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Contribui para conhecer gente nova, para ficar com mais cultura, nós viemos para aqui porque acima de tudo, a dançar sinto-me livre e à vontade. Às vezes a vida não corre muito bem e uma pessoa vem para aqui e anima-se um bocado, descontraí um bocado não pensa nas coisas más e “não sei quê”. Por exemplo, houve uma altura, quando morreu

uma prima minha, que era muito chegada a nós, e nós (*ele a mãe e irmã*) vínhamos para aqui na mesma e sentíamo-nos bem não pensávamos nessa situação. Acho que é muito bom, e acima de tudo somos uma família, trabalhamos todos para o mesmo, cuidamos uns dos outros. Por exemplo, a minha irmã é filha da minha mãe, mas qualquer elemento do rancho está sempre preocupado com ela, acho que acima de tudo é muito bom.

***Acha que esse ato de solidariedade que existe é um ponto forte no rancho?***

Exato! “Sim é um ponto de vantagem” para estarmos mais unidos, acima de tudo nós aqui, pelo menos eu tenho várias amizades, que se não fosse o rancho não iria ter.

***Como teve conhecimento do rancho?***

Através dos meu avós, eles andavam cá e eu comecei a ir ver, eles sempre quiseram ter um neto no rancho, agora têm dois, eles sempre quiseram ter, diziam a minha mãe para ela ir comigo ver os festivais e eu fui e depois comecei a ganhar gosto até que pedi a eles para dizerem à, na altura era a professora H... a diretora do rancho, e foi através deles e depois entrei, passados uns anos. Os meus avós ainda são vivos e estão cá em Lisboa.

## **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

Quis experimentar, para ver se gostava, eu quando ia aos festivais gostava muito de ver dançar e das músicas, eram giras e achei engraçado experimentar, depois ganhei o gosto à coisa. Mas não vim o porque “ah! vim porque os meus avós querem” nunca me forçaram a tal, eles gostavam e gostam, mas nunca me forçaram, eu vim porque quis experimentar.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Sim! Tanto que, eu já disse várias vezes, eu gostava muito de dançar num rancho do Minho e tenho origens no Minho, mas eu gosto é mesmo de dançar. Se por algum motivo eu tivesse de sair deste rancho eu iria procurar outro rancho para dançar.

***Portanto está aqui só pelo gosto de dançar?***

Pelo gosto de dançar, exato.

***Ser este ou outro rancho seria indiferente?***

Indiferente!

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.)***

São coisas diferentes! Os ensaios, são giros como momento de convívio, as atuações quando é muito longe vamos conhecer, sítios novos, por exemplo, já passei por muitos sítios, que se calhar se não fosse com o rancho não passava, mas esses momentos como é o caso dos jogos de futebol (*que o grupo organiza pontualmente*) são muito importantes também para nos divertirmos, e para sairmos um bocado do contexto do folclore e unir mais o grupo e puxar mais o grupo, em vez de “há nós vamos para a atuações porque é obrigatório, ali não, cada um vai porque gosta de jogar à bola, e por exemplo é muito engraçado, porque as raparigas “não pescam nada de futebol” ou não gostam de futebol, mas vão porque foi o rancho que organizou, se fosse outra coisa qualquer não iam mas com é o rancho fazem o esforço de ir jogar e depois ir estar com os elementos do rancho, conviver e divertirmos-mos todos. Cada momento tem o seu interesse!

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

É de poder fazer uma coisa que eu gosto que é dançar, com as pessoas que eu gosto, com a minha irmã, com a minha mãe e com os meus amigos. Eu já conhecia o FF antes de vir para cá e agora conheço muita gente e às vezes não os vejo (*durante a semana num outro sítio*) só os vejo aqui no ensaio. Às vezes falamos de outras coisas nossas que não tem nada a ver com o rancho. O MD é meu vizinho, mas agora ele com a faculdade e eu com a escola não nos vemos, depois chegamos aqui aos ensaios cumprimentamo-nos falamos um bocado, com a CQ é a mesma coisa, eu acho que é por causa disso. Eu gosto de dançar, mas o grupo, a união do grupo e a amizade do grupo também chama por mim. “Aquela cena do eu se calhar ia para outro rancho”, mas se eu não me adaptasse às pessoas ou não gostasse das pessoas, se calhar ia, mas ia contrariado ou deixava mesmo de ir.

***Porque continua no rancho?***

Porque gosto de dançar. *Eu já tive algumas chatices mas depois eu pensei melhor e:* “primeiro porque eu amo aquela terra (X) e representá-la para mim é um orgulho, porque se eu pudesse ir viver para lá ia”, já disse muitas vezes à minha mãe se eu pudesse ir viver para lá ia. Poder representar é um orgulho, eu vejo o rancho como um desafio para nós todos, cada vez melhor. Se eu começar a sair e depois sai o outro, andamos aqui a trabalhar ao longo de anos, porque isto levou anos para sermos federados, vai por água abaixo e

acho que não é justo para as outras pessoas eu sair porque fiquei triste por não ter dançado as danças todas ou por ficar de fora, acho que é injusto. A razão de eu não sair deste rancho é mesmo a entrega que nós todos temos por isto, porque nós aqui entregamo-nos mesmo à coisa. Aquela questão do “ah as tatuagens”, os pírcingues isso aí estamos a demonstrar a vontade que temos em fazer melhor e o carinho que temos por isto. Porque se nós não tivéssemos carinho dizíamos assim “não podes fazer pírcingues - então vou-me embora”, e não nós aceitamos porque sabemos que é o melhor para o rancho!

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porquê)?***

Eu já tive algumas chatices, mas depois eu pensei melhor e fiquei.

***Já participou noutra rancho***

Não só neste.

***Sentes uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

É normal! Tenho mais proximidade com os da minha idade. Muitas das vezes tenho conversas normais com pessoas mais velhas. Por exemplo nós temos o Sr. C... que muitas das vezes nós chegamos ao pé dele e conversamos com o O... também. A SA que não tem muita diferença de idade da nossa, mas muitas vezes temos conversas com ela, com a SB também com o RC, com o D... por exemplo não tem a nossa idade é um bocadinho mais velho, mas estamos sempre na brincadeira com ele e é como se fosse da nossa idade. Agora claro temos respeito (...) Claro não temos sempre o nosso grupinho dos jovens, é normal mas também falamos com as outras pessoas, os mais velhos e temos simpatia com eles.

***Tens outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Tinha o futebol, agora já não. Em princípio vou ter outra vez, mas neste preciso momento não. E participo no Futsal da P... mas os horários são compatíveis.

***Entre o rancho e as outras atividades que tem lá fora, o que prioriza?***

Muitas das vezes sim! Por exemplo o futebol não! E isso acontecia muitas vezes quando eu jogava, chegava aqui e dizia “não vou a atuação”. Mas por exemplo da P., se eles tiverem um torneio e eles precisarem mesmo de mim eu vou. Agora eu priorizo o rancho! Por exemplo eu na semana passada, no sábado, eu tinha aquilo do Futsal ( *uma participação do 4 elementos do rancho num evento organizado por um projeto local*) de

tarde e a atuação do rancho também a tarde, se fosse preciso, não foi preciso graças a Deus, se fosse preciso eu não ia aquilo do Futsal para ir a atuação.

***Para si o rancho está a cima de tudo?***

Não de tudo, mas quase de tudo!

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- *A tradição da região dos antepassados;*
- *Uma tradição de família;*
- *O convívio;*
- *O gostar daquele estilo de música e dança;*

1º Gostar de dançar

2º O convívio

3º A tradição de região

4º Tradição de família.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Urbano)**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Identifico-me muito com as de lá de cima, porque imagina eu aqui podia ir para discotecas ou para bares ouvir música, mas prefiro ir a um baile como aqueles que às vezes há “como tu já foste a um” eu prefiro ir a um baile do que por exemplo a uma discoteca, é uma coisa que eu gosto mais. Por exemplo lá na terra também há discotecas, lá não há com tanta frequência como aqui, mas há, se eu for lá para cima eu quero é ir aos bailes. Muitas vezes vão lá bandas de música que não é tradicional do tipo Rock (e não sei o que) e eu prefiro ir ouvir uma orquestra de músicas de lá, de músicas tradicionais do que ir ver um concerto das músicas novas das músicas modernas.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

Eu acho que pertenço aqui, agora (...) eu acho que o meu coração está mais lá (*na terra*) do que aqui. A minha paixão está mais lá do que aqui. Lá é totalmente diferente, uma pessoa pode não conhecer a outra, mas a pessoa diz sempre um olá, um bom dia, aqui as pessoas passam na rua e muitas vezes não se falam. Lá posso não conhecer a pessoa de

lado nenhum, mas a pessoa vem sempre a falar comigo, e as pessoas mais idosas são muito simpáticas e acima de tudo a comida, eu gosto muito dos enchidos.

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Sei que tem muito de gentes de (X) e de R... que vieram trabalhar para aqui e para viverem perto das fábricas, vieram aqui viver para as barracas e daí veio o antigo bairro (X)

***Como teve esse conhecimento, foi através de quem?***

Dos meus pais e do meu avô que também veio para cá para a fábrica da Manutenção Militar trabalhar, que ele me contou que vinha muita gente lá de cima a pensar que vinha para melhor e muitas das vezes vinha para pior e foi por isso. Essa parte eu sei, mas não sei tudo.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?***

Lá sem dúvida!!!

## Entrevista a RD - RCU

**Dia 6 de julho de 2018**

**Nome: RD Rancho: RCU**

**Idade: 31**

### Identificação/Ocupação

**Ocupação:** Trabalha

**Habilitações Literárias:** 12º ano e curso técnico profissional

**Origem/Naturalidade:** Freguesia Zona Oriental Lisboa

#### ***Relação com a região do contexto rural:***

Através dos avós e dos pais. A minha mãe nasceu em (X) o meu pai é que nasceu aqui na zona onde agora é a Expo. Os meus avós paternos já cá estavam a trabalhar na fábrica da (X). Todos os anos vamos lá passar férias, no Natal, na Páscoa e depois nas férias de verão.

#### ***Como aconteceu esta relação com região?***

Quando era pequeno, nas férias escolares, os meus pais mandavam-nos para lá para a parte dos avós maternos, quando os avós paternos iam para lá de férias naquela quinzena íamos também para junto deles, zonas diferentes, mas sempre no distrito de Viseu.

Da parte do meu pai é (aldeia A) e da minha mãe é (aldeia Y) mais chegado ao concelho (de X) da parte do meu pai é mais chegado a *(a um concelho vizinho)*

#### ***Que papel/tarefa desempenha no grupo?***

Dança

### **(i) Relação com o rancho**

#### ***Há quanto tempo está no rancho?***

Desde a sua criação, 12 anos *(veio com outros elementos do outro rancho)*

#### ***Relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Tenho familiares aqui no rancho. Casei no rancho, quando entrei para o rancho a (minha esposa) dançava comigo, entretanto fomos-nos conhecendo, mais tarde casamos, temos filhas e cá continuamos, conhecemos-mos mesmo no rancho.

Vim para cá através de família aqui constitui família e a família cada vez está maior.

***Com que frequência participa nos ensaios, costuma faltar aos ensaios?***

Com o trabalho, nem sempre consigo ir, pois trabalho por turnos. Aos fins de semana, quando há atuações, venho quando posso.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Não

***Como teve conhecimento do rancho***

Pertencia ao anterior rancho e sai com outros elementos para formar este rancho.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Ao nível de felicidade é muito bom! O convívio entre nós aqui, com as pessoas do próprio rancho e com pessoas de outros ranchos. Nós, ainda no rancho (anterior) fomos 3 vezes ao estrangeiro, parecendo que não, mas o convívio com as outras pessoas, torna mais emotivo o andar (*no rancho*). E depois é uma felicidade que a gente tem, em ir aos ensaios, ir as atuações, é uma felicidade que vem de dentro, é assim, só quem anda é que consegue perceber.

Ao nível de enriquecimento é bom, uma pessoa está ativa, o aprender uma dança não é só saber dançar é também o pensamento, lembrarmo-nos, na semana a seguir o que é que a gente ensaiou. Quando é danças novas não é fácil aprender logo, não é. E ajuda a pensar. (...). E mesmo para as pessoas mais velhas estarem ativas e também a nível físico é uma mais valia.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

O meu tio veio para o (*outro rancho*) e depois convidou-me para ir a uma atuação a terra, “Olha vai até vê os avós e tudo” fui eu, gostei do convívio com a malta e levou-me a assinar os papeis e já estou cá já não sei há quantos anos.

Quando eu estava lá no norte de férias, *em (X)* o meu avô andava lá no (RCR) de, que agora em Agosto há uma atuação onde a gente vai, o meu avô da parte da minha mãe, o meu avó materno, tocava viola, entretanto ele faleceu há aí uns 7 ou 8 anos, o irmão dele que tocava aqui no rancho de (*um outro rancho da freguesia*) tocava violino, eles eram mais ligados à música o meu avô era da tocata o meu tio também tocata e a minha avó

quando eu entrei para o rancho de (...) também tocava pandeireta. Eu e o meu irmão é que andávamos sempre para dançar. Eu nunca me puxou para a música, hoje em dia sinto falta, gostava de ter aprendido, se calhar era uma mais valia para mim, mas foi coisa que nunca me puxou e eles tocavam bem tanto o meu avó viola, o meu tio violino, o meu avô tocava não era só de ouvido mesmo a nível de estudos era uma pessoa culta.

O meu avô tocava no rancho e também andava naquelas bandas, não era bandas aqueles conjuntos que há lá no norte, faziam “uma data de bailes” e eu o meu irmão e a minha avó acabávamos por ir com eles, quando a minha avó também ia acabávamos por ter de ir também atrás deles. E depois nós acabámos por ganhar o gosto.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Para ser sincero, para ir para outro rancho tinha de me sentir mal neste, alguma coisa que me tivesse feito sentir mal para ir para outro rancho, isto não é como um trabalho, vou sair deste para outro para ir ganhar mais ou melhores perspetivas de vida. Por exemplo eu hoje moro aqui, se mudasse para (X) mudava a minha vida para lá e se perguntasse que rancho escolhias se calhar escolhia o de (RCR), havendo lá outro. Agora aqui zona também há vários, mas neste eu sou feliz e até hoje não tenho assim nada, isto é, como tudo, há altos e baixos, há coisas que agente gosta menos ou gosta mais, mas tentamos sempre remediar a coisa.

***Porque continua no rancho? (Hoje punha a possibilidade de deixar de dançar no rancho?)***

Não! Não punha porque sinto-me feliz em andar no rancho e sinto-me feliz em ver a felicidade também dos outros. Se virmos bem a maior parte das pessoas que cá andam porque são felizes.

***De que atividades do rancho mais gosta?***

Eu gosto muito de dançar, tocata nunca experimentei, como lhe disse nunca tive aquele gosto em aprender, mas gostava de aprender a tocar concertina, por exemplo, mas para brincadeira não para tocar assim no rancho. Gosto mesmo é de dançar.

O festival é a atividade de que mais gosto, acaba por ser a mais importante delas todas entre aspas, as outras atividades, comemorativas já não puxam tanto. A que mais gosto é o festival sim! Ou quando a gente vai ao norte, acabam por ser atuações diferentes.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

O que me atrai mais é o convívio com as pessoas, sinto-me com se fosse a minha família, para mim é a minha família.

***Porque continua no rancho?***

É como já tinha dito antes, sinto-me feliz no rancho! Gosto de dançar e pronto, é a minha família.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Não! sair do rancho nunca ponderei.

***Já participou noutra rancho?***

Sim eu antes de andar neste rancho andava no rancho de (,,) desde pequenino. A minha avó, o meu tio, o meu avô da parte da minha mãe também andava no rancho, mas mesmo em (X), eram de lá e andavam lá no rancho. Fomos atrás da minha avó para o rancho de (...). Depois é assim, em miúdos às vezes não é fácil lidar com o rancho, através de colegas, “ah! vamos para o rancho” hoje em dia já é diferente, por exemplo na minha altura eu queria jogar à bola e depois os nossos colegas queriam andar de bicicleta, e durante uns anos afastamo-nos, andava eu e o meu irmão, “somos gémeos” depois entrou o meu irmão mais novo e depois por coincidências da vida saímos. Passados uns anos o meu tio que entrou para este rancho, na altura, convidou-me para (o rancho anterior) o meu tio, a minha prima (...) e o meu primo (...) também andava (num outro rancho de)

***Com que idade é que entrou para o rancho de (1º rancho)?***

Era pequenino, com a idade que a minha filha tem hoje. Lembro-me de vir assim para o rancho, eramos pequeninos andávamos por ali e começamos a dançar algumas danças, e era assim.

***Mas foi criado cá e como é que estavas no rancho (de uma aldeia do concelho)?***

Porque o rancho da (aldeia X) ensaiava cá. É tal e qual como o nosso rancho daqui, (...) ensaiávamos aqui (numa instituição local), tínhamos os ensaios no (...) ao fim de semana, como a minha avó morava no (numa freguesia vizinha) acabávamos por, ou ela nos vinha buscar, ou o meu pai trazia-nos aqui, e depois tínhamos as atuações ficou sempre um bichinho.

***É bailador desde criança?***

Desde pequenino se calhar nem 6 anos tinha.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Eu dou-me bem com todos, com mais velhos ou com mais novos

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Sou (...) de futsal isso às vezes também interfere com o rancho, mas tento sempre conciliar.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

O 1º acaba por ser uma tradição de família. “se nós formos a ver vamos sempre atrás dos nossos antepassados.” E o gosto do estilo de dança; 2º do convívio a 3º a tradição da região dos antepassados e 1º o gostar daquele estilo de música e dança, punha em último, mas acaba por ser a primeira porque foi a razão por que para cá vim. Todas elas estão interligadas. Porque enquadram-se todas.

Mas acaba por ser uma tradição de família, porque se nós formos a ver a gente vai sempre atrás dos nossos antepassados. Isto é como por exemplo quando se fala da agricultura. Quem não percebeu de agricultura, eu hoje quero aprender agricultura porquê? Porque os pais foram antigos agricultores, vai um bocado atrás da tradição.

E também fui criado com este tipo de música, por exemplo: eu quando vou para a terra, aqui no dia a dia ouço outro tipo de música, mas quando vou lá para cima para o norte gosto de ouvir música “Pimba”. E quando a gente vai lá aos bailes é um gosto que a gente tem de ir aos bailes e ouvir aquele tipo de música, é totalmente diferente.

(...) no ano passado fomos a um baile, a X...(um concelho vizinho do contexto rural), e um senhor que estava lá a tocar ofereceram-nos um CD e eu meto na carrinha, a minha própria filha já pede para pôr a música a tocar, vão crescendo nisto, a gente fala que vamos até ao rancho, elas querem logo vestir as roupas.

As filhas andam no rancho desde a barriga da mãe. (...) Elas vão aprendendo a dançar e a gostar deste estilo de música.

### (iii) Identidade e pertença *(para os jovens do Rancho de Contexto Urbano)*

#### **Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?**

Identifico-me mais com as de lá, por exemplo nunca me deu para ir para uma marcha. Gosto de ver as marchas, vou sempre ver as marchas, fado também gosto do fado, são coisas que se calhar não nos puxa. Por exemplo nunca tive ninguém que me puxasse para ir cantar fado. Ao nível do rancho como me puxaram para ali a pessoa acaba por ir atrás.

#### ***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

É assim, eu tenho uma costela de lá outra cá, mas gosto muito de lá (*da terra*). Sempre que posso vou para lá. Se me dissessem “há lá o teu trabalho, ia já para lá” É totalmente diferente lá, em termos de vida, de ares, de pessoas é melhor, aqui passo por uma pessoa, bom dia boa tarde não há! Lá não, sempre que agente passa por uma pessoa quer seja de manhã ou à tarde há uma saudação, lá é diferente.

#### ***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Conheço mais ou menos. Como eu nasci aqui conheço, eu vivi aqui mesmo (*numa freguesia vizinha*) depois fui embora para fazer a 1ª classe.

As minhas avós moravam aqui. Conheço de os ouvir falar conheço. Agora ver o (*antigo bairro*) lembro-me de vir aqui, mas era muito pequenino. Mas lembro de histórias que o meu pai contava, eles tinham aqui casa. A maior parte das pessoas falam que as casas não eram de tijolo e a casa do meu avô era casa de tijolo. Vieram para cá trabalhar, não eram pessoas de posses não, mas vieram para cá e começaram a trabalhar e a ter as suas coisas, não eram pessoas 100% pobres.

#### ***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?***

Era para lá a região dos antepassados

## Entrevista a SA do RCU

**Dia 16 de junho de 2018**

**Nome: SA Idade: 29 - RCU**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Licenciada

**Origem/Naturalidade:** Nasceu numa freguesia de Lisboa

**Relação com a região do contexto rural:**

Desde pequena que tem uma relação forte com região dos seus antepassados, através dos avôs paternos e maternos.

***Que papel/tarefa desempenha no grupo:***

Dança e neste momento tenho o cargo de tesoureira da direção, da associação. Já fui vice-presidente, secretária da direção, já fui secretária da assembleia geral.

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho?***

Estou no rancho desde que começou, mas alguns de nós andavam no outro e eu comecei lá e estou neste desde que iniciou. Talvez aos 16 anos.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)?***

É muito assídua aos ensaios, é um prazer, mas também um compromisso, por ser dirigente também me obriga mais a participar e a dar um bocadinho o exemplo.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Sim como pertença à direção faço muitas vezes esse trabalho, nós reunimos normalmente uma vez por mês.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Uma das melhores coisas que existe no rancho é o convívio entre várias fchas etárias. Ajuda-nos desde pequeninos a lidar com muito com pessoas diferentes, pessoas mais velhas, pessoas mais jovens, a saber integrar os miúdos mais pequeninos e fazê-los crescer. E depois o convívio com muitas pessoas também é muito bom, até no trabalho apanhamos muita gente diferente e aqui no rancho com 50 pessoas nós já apanhámos

peessoas diferentes, cada um com as suas particularidades e conseguimos adaptar-nos todos uns aos outros. Acho que o rancho nos faz isso, muitas vezes nós também temos algumas atividades, festas de natal (*e outras*) e isso também nos faz perder muito a vergonha, às vezes os pequeninos, primeiro têm vergonha mas depois vão crescendo nisto e atuações à frente de imenso público e depois no dia a dia se calhar para fazer uma apresentação na escola já não sentem tanta vergonha porque já estão habituados à exposição. Para mim em termos de desenvolvimento foram coisas que me ajudaram muito, de certeza.

***Como teve conhecimento do rancho?***

Eu tive conhecimento do rancho através da minha tia, porque a minha tia andava no outro rancho da casa de (X) e os meus pais entraram por minha causa, porque eu na altura era menor de idade e eu para entrar eles também tinham que entrar, eles entraram porque eu e a minha irmã queríamos entrar e eles entraram também.

***Mas isso é uma regra para entrar no outro rancho, os pais terem que entrar para se responsabilizarem pelos filhos?***

Era uma regra e aqui acaba por ser também um bocadinho, se as crianças forem menores alguém tem de se responsabilizar por elas, portanto convém algum dos pais, pelo menos, andar no rancho. Não é bem uma regra, mas é quase como se fosse, quando vem alguma criança pedimos sempre que algum dos pais entre também, para ser o responsável por ela, nas saídas. Por exemplo o MD quando entrou o pai e a mãe ainda não estavam no rancho, ele era muito pequenino, e ele entrou e ficou encarregue à minha mãe, que era também tia e madrinha dele, mas foi uma exceção porque era uma pessoa que se conhecia.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

**Por que motivo veio para o rancho?**

Porque quis, costumava ver as atuações com a minha tia, que já cá andava

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Não era indiferente de certeza, neste é onde eu me sinto em casa, nós crescemos aqui e conhecemos praticamente toda a gente, mais de metade do rancho é da minha família por isso...

***Sente aqui também o peso da família?***

Acaba por ser um momento em que nós próprios estamos com pessoas da nossa família, se não fosse o rancho se calhar víamo-nos só de mês a mês, assim é uma forma de estarmos todos, de nos vermos todos. E há outras pessoas que não são da família, mas já é como se fossem. Já nos conhecemos há 15 anos, há pessoas aqui que já vêm do outro rancho, a MO por exemplo tinha 3 anos quando entrou no outro rancho, agora já está na faculdade, por isso, quer dizer, não é da família mas é quase como se fosse, uma pessoa habituou-se desde pequenina a ela.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?***

O encontro de tradições, que é o nosso festival anual é o que nos dá aquele orgulho maior, porque é quando nós trazemos outros ranchos e é um evento que somos nós a organizar e que estamos a expor um bocadinho daquilo que fizemos durante o ano. Em termos de folclore é que é o mais importante. Em termos de convívio as nossas festas de natal são sempre muito engraçadas e divertidas! É um momento muito bom de convívio.

***O que mais te atrai ou gostas de fazer no rancho.***

*(resposta não perceptível na gravação áudio)*

***Porque continua no rancho?***

O rancho já faz parte da minha vida. Para mim já é o normal, à sexta feira ter o ensaio, os fins de semana ter atuações, cresci aqui é normal eu adoro dançar, continuo a ir a *(Terra)* identifico-me com aquele sitio, costumo ir la mais ou menos 2 vezes por ano, nas férias, normalmente no verão e às vezes na pascoa.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Sim quando estava na faculdade era difícil conciliar, havia alturas em que tinha de estudar muito e acabava por faltar aos ensaios e a atuações, às vezes era preciso e eu ia, e tinha de estudar acabava por ficar revoltada porque estava a prejudicar um bocadinho a parte da faculdade em detrimento *(para não prejudicar)* do rancho. São fases, depois passou e consegui fazer, mas houve alturas em que me sentia dividida.

***Já participou noutra rancho***

A não ser o da casa de (...) do outro rancho de onde viemos para formar este mas outro não.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Acabamos por estar mais próximos das pessoas que são mais da nossa idade porque acabamos por ter mais coisas em comum e falamos mais sobre os mesmos temas, mas mesmo assim acho que temos uma boa relação com a faixa etária dos nossos pais, as pessoas que são mais ou menos das idades deles, as pessoas já estão há tantos anos connosco que nós já conhecemos quase como da família, acho que sim, acho que é com quase toda a gente.

***Tem de ocupação de tempos livres para além do rancho***

Não

***Quatro razões por que continua no rancho:***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

É o convívio! Acho que se não fosse o convívio as outras coisas acabavam por não ser o suficiente para eu andar aqui, isto é, eu até poderia gostar muito de representar as tradições da (*Terra*) mas se chegasse aqui e as pessoas que estavam, eu não me desse com elas, não vinha.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano)**

***Sente que pertence mais a Lisboa/ ou a região de seus antepassados?***

Eu identifico-me mais com a região onde nasci, Lisboa, do que a região de (X), eu nunca vivi em (X) não sei o que é viver um ano inteiro lá, não sei o que é viver num meio rural, sempre vivi aqui. Portanto identifico-me com a região de Lisboa, mas acho que se devia preservar as tradições que se viviam antigamente e no caso específico de (X), mas não me imaginava a viver lá. Sinto que pertença a Lisboa completamente!

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, Marvila, e a sua relação com a região dos antepassados?***

Sim, eu por andar aqui no rancho muitas vezes é referido que é uma zona para onde os cinfanenses vinham muito na altura e, como estavam cá já outros, iam vindo sempre mais para as zonas onde já haviam, até por uma questão de ajuda entre pessoas, sim era uma zona onde sempre houve imensas pessoas de (*concelho contexto rural*). Conheço através do rancho porque é uma das coisas que normalmente mencionamos. Se não fosse o rancho provavelmente não sabia.

***Se tivesses que escolher um local para viver qual escolhias Lisboa, região Cinfães ou outro?***

Se tivesse de escolher um local para viver escolhia Lisboa, sem dúvida.

## **Anexo - Entrevistas a SP do RCU**

**Dia 22 de junho de 2018**

**Nome: (SP) Idade: 25 - RCU**

### **Identificação/Ocupação**

**Ocupação:** Trabalha

**Escolaridade:** Licenciada

**Origem/Naturalidade:** Lisboa/Zona Oriental

#### ***Relação com a região do contexto rural?***

Os meus pais são de uma aldeia do concelho de (contexto rural), mãe da aldeia da (G...) pai da aldeia de (S...) desde pequenina que vamos para lá de férias, inicialmente com os meus pais e posteriormente sem a presença dos nossos pais, e acabávamos por nos envolver. A minha avó trabalhava no campo tinha animais, fazia o trabalho agrícola e nós íamos com ela e ajudávamo-la dentro das nossas possibilidades, claro, fomos habituadas ao meio rural e o trabalho rural, na vida do campo, ainda agora, e sempre que temos disponibilidade sempre que temos uns diazinhos de pausa lá vamos nós até à terra.

#### ***Que papel/tarefa desempenha no grupo***

Danço e faço parte da direção, sou secretária da direção. Há 2 anos atrás entrei para a direção como vogal. Este ano no início do ano houve novamente eleições e fiquei como secretária até 2020.

### **(i) Relação com o rancho**

#### ***Há quanto tempo está no rancho***

Desde 2006, há 12 anos, entrei em fevereiro de 2006.

#### ***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Uma irmã

#### ***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)***

Eu por mim estava sempre cá, nos ensaios e vinha a todas atuações, a única condicionante que tenho é por causa do trabalho, que nem sempre me permite ir às atuações e ir aos ensaios é essa a questão, eu ando sempre a tentar trocar os turnos para conseguir vir, mas

nem sempre é possível. Mas acho que consigo participar em 95% das atividades desenvolvidas ao longo do ano.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Sim! Ainda esta semana tivemos reunião de direção, às vezes organizamos algum convívio para os elementos do rancho, “sempre que posso vou, faz parte ir”, nem sequer coloco a possibilidade de não ir, só não vou se não puder mesmo.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

O rancho desde o início que foi uma atividade muito importante para mim, porque a relação que eu tive com (*a aldeia do contexto rural*) e com a minha avó sempre foi muito próxima e nós tínhamos muitas saudades sempre que vínhamos, aliás sempre que voltamos para Lisboa, ainda hoje, nós choramos. Às vezes até poderemos ir lá na semana a seguir, mas não sei há qualquer coisa que não sei explicar que acabamos sempre por chorar na vinda para Lisboa. Inicialmente o rancho era a atividade que me fazia estar mais próxima de lá, sentir-me se calhar mais integrada nos costumes de lá, nas tradições lá de cima, inicialmente começou por ser isso. Para além disso eu sempre gostei muito de dançar e sempre gostei muito de folclore e fazer parte de um rancho sempre foi algo que eu queria muito. Com o passar dos anos e às vezes a vida também acaba por nos pregar algumas partidas e temos alguns momentos menos bons. Encontrei também no rancho um porto de abrigo, inclusivamente a antiga presidente que estava cá no rancho a pessoa que ensaiava o rancho, sempre teve em atenção as pessoas do rancho, os problemas delas e as necessidades delas e acabou por ser uma pessoa que me apoiou muito numa fase da vida em que eu precisei, eu e a minha irmã, ela e todos os outros elementos. O que acabou também por ser um porto de abrigo, uma família que tínhamos aqui, um grupo que nos protege que nos integra que nos faz sentir bem. Com a minha presença no rancho também acabei por gostar de desenvolver esta questão da etnografia dos costumes, no fundo saber um bocado mais sobre o folclore, não só sobre a nossa região, mas depois também sobre outras regiões e sobre os costumes que existem a nível nacional, por exemplo, também me fez impulsionar o pensamento nesse sentido. Depois também estabelecemos laços de amizade, eu aqui considero que são todos meus amigos, mas depois alguns levo-os lá para fora, (...) às vezes acabamos por nos encontrar lá fora, acabamos por fazer atividades todos juntos, pode também estar relacionado com a idade e com a faixa etária em que nós

estamos. Depois temos também o que nós chamamos o grupo dos mais novos, os mais jovens que no período de férias acabam por se encontrar e juntar.

A nível de desenvolvimento na minha vida pessoal, esta questão de termos de dançar em palco também acaba por desenvolver em nós competências e capacidades de saber estar em público, não ter vergonha em estar em frente de uma plateia, acho que passa um bocado por aí.

#### ***Como teve conhecimento do rancho***

Foi através da professora H, ela era professora da minha irmã, convidou a minha irmã e depois convidou-me a mim.

#### ***Acha que o contacto que teve desde infância com o contexto rural teve alguma influência para vir para o rancho?***

Eu acho que isso teve muita influência. Acho que se os meus avós não fossem de um meio rural se calhar nunca teria vindo para o rancho. Creio que não estaria aqui hoje. Porque a questão do folclore perante a sociedade ainda é vista, os ranchos ainda são vistos com um bocadinho discriminatório, associado ao mau folclore que há por aí e se calhar se a minha educação não tivesse sido com base nesta questão do campo, com a questão dos ranchos, que há lá em cima, e eram muito comuns. Era mais lá que eu assistia aos ranchos e aos festivais de folclore e acredito que não estaria aqui hoje. Acho que o facto de ter a família lá em cima, esta questão de ter contacto com o campo com a etnografia, ajudou muito a aproximação.

#### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

##### ***Por que motivo veio para o rancho?***

Eu vim porque na altura era como se fosse um sonho tornado realidade. Eu sempre quis, quando era pequena, dançar num rancho. Dançar num rancho com uma saia assim de roda e a entrada para o rancho permitiu-me realizar essa vontade que eu tinha. No fundo era um sonho de criança.

##### ***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Não! Eu não sei se alguma vez vou conseguir trocar este rancho. Havia só uma região pela qual eu poderia trocar ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Eu gosto muito da região do Minho. Pelas danças e pelos trajes é a única região, mas só irei trocar este grupo

por outro se algum dia tiver aqui algum conflito ou alguma confusão, fora isso acho que não. Se saísse deste possivelmente iria para outro grupo.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

Eu gostar gosto muito de tudo. Gosto muito do nosso festival anual porque é um momento especial. Gosto sobretudo das atuações.

Também gosto daqueles momentos festivos, como é o caso do dia da mãe, do dia do pai, das atividades extra ensaios, extra atuações, também gosto bastante.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

Sobre tudo o espírito que existe entre todos, entre a grande maioria, acima de tudo é isso que me atrai mais.

***Porque continua no rancho?***

Porque gosto desta questão do folclore, porque gosto muito de dançar, porque do ponto de vista da saúde é uma forma de praticar exercício físico.

***Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porquê?***

Equacionei “e se um dia”.

Equacionar sim! mas pensar em sair não.

***Já participou noutra rancho?***

Tive uma experiência lá em cima, que era um rancho infantil da terra dos meus pais, uma vez consegui ir com eles a uma atuação, ainda era pequenina tinha p´rai 12 anos, se calhar nem isso, mas foi uma coisa esporádica.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Não eu sinto proximidade com toda a gente em geral, embora às vezes passe mais tempo com as que são da minha idade, não é, por uma questão de termos conversas mais similares, interesses em comum, mas de um modo geral não sinto que com os mais velhos não tenha relação nenhuma, tenho uma relação com todos, claro adaptada à faixa etária de cada um, não sinto que haja essa exclusão.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Dou catequese, sou catequista, tenho a questão da igreja e das atividades da igreja da paróquia, onde participo. Já pertenci ao grupo de jovens da igreja, com as atividades relacionadas com o coro e com a catequese em geral.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

1. *A tradição da região dos antepassados;*
2. *Uma tradição de família;*
3. *O convívio;*
4. *O gostar daquele estilo de música e dança;*

1º - O gostar daquele estilo de música e dança

2º - O convívio

3º - A tradição da região dos antepassados

4º - Uma tradição de família

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Identifico-me mais com as da região de (*contexto rural*)

**Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?**

Uma pergunta muito difícil mas vou responder com o que me vai na alma!

Eu sentir sinto que sou de cá de Lisboa, foi cá que eu nasci, agora eu tenho um pedaço muito grande lá em cima e que mexe muito comigo e com o meu coração, quando as pessoas me perguntam - és lá de cima do Norte? Eu tenho sempre a tendência de responder “não eu não sou do norte eu sou de cá de Lisboa, os meus pais é que é que nasceram lá e eu sempre fui lá muitas vezes, agora eu sou de cá, portanto eu acho que me sinto como pertencendo cá, se bem que, às vezes quando vou lá para cima também acabo por me sentir muito como pertença de lá, por isso é que eu digo que a pergunta não é fácil, é um bocado ambígua para mim. Eu não sei se é a vontade de eu querer pertencer cá, eu acho que estou bem integrada cá, não é essa a questão, não sei se é eu querer pertencer cá e ser 100% de Lisboa, mas eu sinto isto, embora eu seja de cá foi aqui que eu nasci, sempre vivi, foi cá que eu estudei, é cá que eu trabalho, mas sinto que tenho um pedaço, uma costela grande lá.

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Eu conheço assim superficialmente, isto aqui foi constituído por muitas pessoas que vieram lá de cima das nossas zonas, à procura de melhores condições de vida, mas há aqui uma parte sobre a história da (freguesia) que eu desconheço. O meu pai quando veio cá para Lisboa ainda chegou a morar no bairro chinês, nas barracas que existiam e lembro de as pessoas falarem muito que as pessoas vinham para cá e era para as barracas que vinham viver. Ainda hoje, na zona onde moramos, a casa foi-nos atribuída porque o meu pai morava aqui nas barracas e depois mandaram as barracas abaixo e deram-lhes casa, eu tenho a noção que em todo o bairro tal como no bairro das (S...) que é onde eu moro, uma grande parte das pessoas que lá moram são provenientes lá de cima, quando conhecemos uma pessoa nova, daqui, tem origens lá de cima, ou mais de (*contexto rural*) ou mais de (*D. outro concelho do contexto rural*) mas com origem nesta zona. É esta a parte da história que eu conheço.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?***

Acho que seria Lisboa! Eu vou explicar: eu acho que a qualidade de vida, viver lá em cima é muito mais libertador do ponto de vista da mente, é muito menos stressante, é muito menos cansativo, acho que dá mais anos de vida, acho que ao nível da qualidade de vida é melhor. Eu vejo-me a viver lá, mas a maior parte das vezes não me vejo a viver lá por alguns motivos. A experiência que eu tenho lá da terra dos meus pais, uma aldeia onde as pessoas são muito intrometidas na vida umas das outras, isto é logo um fator que eu não gosto. Depois a questão do emprego, enquanto eu aqui num quarto de hora ou 20 minutos chego ao trabalho, eu lá para ir trabalhar só poderia trabalhar mesmo em (*sede do concelho do contexto rural*) que é muito difícil, o hospital mais perto seria Penafiel, Porto ou Viseu, isso seria ter de ir por estradas ruins e seria difícil. Assim é bom ir lá de vez em quando.

## Entrevista a SB do RCU

Dia 7 de set. de 2018

Nome: SB Rancho: RCU

Idade: 31

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** Licenciada

**Origem/Naturalidade:** Freguesia Zona Oriental Lisboa - viveu algum tempo e andou na escola.

***Relação com a região do contexto rural:?***

É mais nas férias, quando lá vou, desde pequeninha que vou lá de férias e que gosto, sempre fui habituada e parece-me que não há férias sem ir lá. É habitual!

***Que papel/tarefa desempenha no grupo***

Sempre dancei.

### (ii) Motivação para pertencer ao rancho

***Há quanto tempo está no rancho***

Desde que foi fundado. Vim do outro rancho.

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho.***

Sim, uma parte dos elementos do grupo são famílias.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)?***

Muito assídua

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Sim, este ano fiquei responsável pela comemoração do dia da mãe, do pai, do dia da criança e sempre que é preciso. Vamos todos mudando de tarefas, temos a direção e depois cada pessoa vai tendo a sua tarefa consoante a sua disponibilidade.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Para já o termos de conviver com outras pessoas, com opiniões diferentes com realidades deferentes, acabamos por ter de conviver e aceitar como são. E ao mesmo tempo, somos pessoas individuais, mas inseridas no grupo, tem de haver aqui um trabalho de equipa um

esforço conjunto para conseguirmos levar tudo para a frente. E acaba por nos desenvolver em termos pessoais criando esse tipo de atitudes e competências que de outra forma não desenvolveríamos ficávamos mais por casa e não tínhamos este companheirismo.

***Como teve conhecimento do rancho, através da tua família?***

Não! Por acaso até foi ao contrário, eu e a minha irmã é que viemos primeiro. Queríamos entrar no rancho e na altura eramos menores não podíamos entrar sozinhas acabamos por chatear tanto os meus pais que eles acabaram por entrar, ainda no outro rancho deveria ter uns 14 ou 15 anos.

## **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

Lá está, como estávamos habituadas a passar férias (*na terra*) estávamos muito habituadas a ouvira e acabamos por tomar este gosto. Gostávamos de participar num rancho e acabamos por pedir aos nossos pais para fazermos parte.

Porque gostava da música, da dança e queria fazer parte de algum, que eu sempre assisti e nunca tinha feito parte.

***Mas porque veio para este? Há tantos ranchos, do Minho, ou de outras regiões?***

Este por ser lá da terra, por ser da nossa zona.

***Se este rancho não fosse lá da zona não ias para o rancho?***

Quer dizer, se fosse do Minho talvez fosse, mas por ser lá da zona identifico-me mais, com este, por ser mais familiar. Por exemplo com os ranchos aqui da zona não me identifico tanto e acabo por não ter aquele interesse e se calhar não ia.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Não! Acabamos por criar laços de amizade com as pessoas e acabo por estar aqui também pelas outras pessoas.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

É dançar. O palco, o estrelado.

***O que mais o atrai ou gosta de fazer no rancho?***

Gosto muito da música, também fui habituada a ir aos bailes lá da terra e acabámos por ouvir muito estas músicas, tanto que determinadas melodias que eles tocam ficamos com

aquela nostalgia, essa parte gosto bastante. Também dos trajes, embora os nossos sejam pobres, mas acabo por gostar bastante.

***A sua forte relação com a terra/região teve influência para a participação neste rancho?***

Sim, sem dúvida.

***Por exemplo se tivesse tido uma relação com a região do algarve?***

Sim acho que me iria identificar mais com essa zona.

***Porque continua no rancho?***

Pelo convívio e porque gosto,

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Sim!

***Já participou noutra rancho?***

Sim no rancho anterior.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Não só dos da minha idade, mas os pais da minha idade (*mais com os que também pais*), também depende, nós enquanto dançamos estamos todos juntos acabamos por nos relacionar mais porque criamos ali um núcleo diferente.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Agora não.

***Quatro razões por que continua no rancho:***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

O convívio e a tradição da região dos antepassados!

O convívio! Quer dizer, são as duas. Os convívios também advêm. Gosto de manter a tradição e tudo mais, mas depois o convívio que resulta dali também é bom. Provavelmente se andasse num rancho que gostasse muito, mas se não me identificasse

com as pessoas, se não houvesse aquela ligação se calhar também já tinha deixado. Tem de ser o complemento uma da outra.

**(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Urbano)**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

De lá (*da terra*)

*Sente que pertence mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

Eu pertenço aqui, mas gostava de pertencer lá! Pertencer, não viver, mas pertencer. Eu quando falo em (*lá da terra*) é como se fosse a minha terra. Falo com outras pessoas e digo “ah vou para a minha terra” (...) agora escolher, aquele sentimento que apesar de não ter nascido lá, há uma certa ligação com aquele local.

*A sua relação com aquela região contribui-o par a tua identidade?*

Sim! Sem dúvida.

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

Sim.

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?*

Eu nunca experimentei morar lá a não ser nas férias. Mas provavelmente seria aqui, não sou daquelas pessoas que diz “aquilo só nas férias”, mas acho que me adaptava facilmente morar lá.

## Entrevista a MN RCU

**Dia 22 de junho de 2018**

**Nome: MN Rancho: RCU**

**Idade: 22**

### **Identificação/Ocupação**

**Ocupação: Estuda**

**Estuda / habilitações literárias: Mestrado**

**Origem/Naturalidade: concelho zona grande Lisboa**

***Relação com a região do contexto rural:*** Avós e pai de uma aldeia do concelho de (X...), a minha relação com a terra foi nas férias e desde que entrei no rancho passou a ser também através do rancho.

***Que papel/tarefa desempenha no grupo;***

Dança

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho?***

Há 14 anos entrei ao 8 tenho 22 anos. Entrei para o rancho por causa dos meus avós paternos.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios).***

A minha frequência já foi maior, mas agora pela força das circunstâncias venho menos, estudo, estou envolvida em muitos projetos na faculdade, sempre me envolvi em muita coisa por isso dificultou um bocadinho vir, mas venho sempre que posso.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Quando temos reuniões de direção.

E agora, este ano, em janeiro, entrei na direção, sou vogal, tenho uma responsabilidade acrescida tenho mesmo a responsabilidade de vir e fazer por ir, mas às vezes não é bem como nós queremos. Eu antes já tinha pertencido ao conselho fiscal, desde que sou maior que pertenco aos corpos diretivos da associação.

### ***Como teve conhecimento do rancho?***

Foi exatamente pela minha avó, porque eu sabia que a minha avó andava no rancho e às vezes via-a trajada, quem começou por entrar fui eu e a minha irmã mais velha e ao fim de um ano, entraram os meus pais e a minha irmã mais nova, fomos nós as primeiras a entrar e achamos piada. Não assistia aos ensaios, mas as vezes vias os espetáculos.

### ***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Contribuiu muito. Há aqui um todo, para já o nível do conhecimento da cultura portuguesa que a maioria das pessoas não têm, sensibilidade para detetar no dia a dia e também o gosto por aquilo que é a nossa história, quem foram os nossos antepassados e aquilo que eles faziam e isso teve muita importância na pessoa que sou. E também ao nível do associativismo foi aqui que eu o vi pela primeira vez, porque o rancho é uma associação, e o meu pai sempre esteve envolvido na associação e na direção e tudo mais, essa parte também mexeu um bocadinho em mim. Entretanto na faculdade fiz parte da associação de estudantes, faço parte, neste momento, da Federação Académica de Lisboa, *esse caminho cresceu muito aqui*. E depois é claro as pessoas deste grupo é quase como se fossem família, nós damos-nos mais, às vezes, coma as pessoas daqui do que com a própria família, convivemos mais e gostamos muito uns dos outros. Eu diria que o rancho tem uma grande importância do que sou hoje em dia. E penso em continuar, só se não puder continuar, é algo que gosto de fazer, tenho gosto em fazer.

Se calhar houve uma altura em que era mais pequenina, os jovens são cruéis e não gostam não acham piada e gozam, mas hoje em dia lido bem com isso e se é algo que eu gosto não faz sentido não participar só pelo que os outros acham.

## **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

### ***Por que motivo veio para o rancho?***

Até acho que foi mais por influência da minha irmã mais velha. E pronto e fomos! Talvez por ver aquilo que eles faziam e também talvez pelos festivais internacionais, CIOFF, eles foram na Polónia e na França, se calhar foi também por isso que despertou algum interesse, poder viajar, e poder mostrar aos outros países a nossa cultura e ver também a cultura dos outros países e depois quando entramos ainda fomos ao festival CIOFF na Polónia com a minha irmã ainda bastante pequenina, com 5 anos acho eu, fomos de autocarro e foi incrível. Também foi se calhar isso que despertou o interesse. (...) Não foi

por nada em específico não sei, pelo menos não relembro que tenha isso. Gostar de dançar eu gostava, mas as danças são completamente diferentes das que se dança noutro sítio.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Não! Dançar é dançar aqui, eu gosto de dançar, sem dúvida, mas o papel do grupo é muito mais do que só o gostar de dançar, se calhar se me dissessem se fossem todas as outras pessoas e formassem um novo grupo, aí se calhar sim, porque já aconteceu no outro anteriormente, claro que muitas das danças que já dançávamos, representamos a mesma zona, mas a força das circunstâncias fez com que nós tivéssemos de sair, mas a vontade era tanta e o gostar de estar uns com os outros e gostar de fazer aquilo formamos um novo rancho e portanto, claro que dançar eu tenho gosto e gosto muito, o grupo em si, as pessoas é que nos fazem vir aqui todas as sextas-feiras e querer ensaiar e querer atuar e tudo mais, pelo menos na minha perspetiva. Agora não era capaz de sair daqui e ir dançar para os Arcos de Valdevez, não era.

***Identifica-se te mais com o grupo, do que com a parte etnográfica?***

Sim, São muitos anos, a maioria com as mesmas pessoas, é muito tempo e há um afeto muito grande com as pessoas e com o grupo em si. Apesar que as próprias tradições, que nós defendemos, têm um papel muito importante é efetivamente algo que eu gosto e que de hoje em dia percebo mais e sei avaliar o que está certo e está errado e comparar com outros ranchos, também é já alguma experiência e não vou ao festival só atuar e a ficar a olhar para o lado, gosto de ver os outros dançar também ampliar aquilo que sabemos.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc?)***

Muito sinceramente é muito complicado escolher. Todos os momentos envolvem convívio, são tipos de convívio diferentes. Agosto das atuações claro que sim porque efetivamente é onde nós nos expomos perante o público, temos pressão acrescida mas é aí que mostramos o que trabalhamos aqui todas as sextas-feiras é para termos um bom desempenho nas atuações é aí que é um exponencial daquilo que nós fazemos, se calhar se tivesse que escolher escolhia as atuações. Porque aí tem de haver não só o gosto, mas também rigor, temos de saber trajar, saber estar, portanto envolve toda uma complexidade de saber estar em palco, é preciso alguma teatralidade. Se tivesse de escolher escolhia as atuações.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

Se virmos na perspectiva do rancho aquilo que mais me atrai são as atuações, não é. (...) embora os convívios também sejam importantes, como os jogos de futebol,(...) as festas de Natal, que fazíamos antes, com muitos teatros e muitas danças, isso era algo de muito giro, e que nós gostávamos muito de fazer esse tipo de momentos acabam também por me atrair muito (...).

***Porque continua no rancho?***

Pelo menos para já tenho condições para o fazer, estou a estudar e em princípio vou continuar, mas quando começar a trabalhar, se for trabalhar para o Alentejo é impossível continuar. (...) porque gosto do que faço e cada vez mais estou envolvida com o rancho na organização, por isso continuo, também tenho cá a minha família são momentos que passamos em família, com os amigos, sim é muito por isso que continuo.

***Se não tivessem cá os pais vinhas sozinha?***

Não sei! Talvez.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porquê)?***

Sinceramente penso que não. Nós como qualquer organização temos os nossos conflitos, as pessoas às vezes são complicadas com personalidades muito diferentes, já houve alturas em que as coisas não estiveram assim tão fáceis e que se ponderou se haveria de continuar se valia a pena ou não, mas acho que quando se tem gosto arranjamos sempre forma de se conseguir arranjar as coisas.

***Já participou noutra rancho?***

Sim no anterior.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da tua idade ou de todos em geral?***

Aqui a faixa etária não é determinante, porque se calhar dou-me tão bem com pessoas da minha idade como de outras. Com a Ester que é uma pessoa mais velha ou que é de uma faixa etária superior mas é uma pessoa muito jovem (...) claro que afinidade acabo sempre por ter com as pessoas mais novas porque é assim eu já entrei há 14 anos e já fui criança e nós na altura dávamo-nos todos, mas muito sinceramente acho que a faixa etária aqui acaba por importar pouco porque as pessoas, estávamos aqui sempre muito jovens e

as pessoas acabam por fazer aquilo que gostam e gostar daquilo que fazem, facilita muito as relações entre nós.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Faço parte, neste momento, da Federação Académica de Lisboa. (*Falou da sua participação na associação de estudantes como já tinha falado anteriormente*) Eu sou uma pessoa que gosto de fazer muita coisa, sempre tive o meu tempo muito ocupado para além do rancho, não é fácil conciliar, mas vai-se conseguindo. Mas são compreensíveis, (...) queremos continuar no rancho, mas temos outras prioridades, mas isso as pessoas compreendem.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

1. *A tradição da região dos antepassados;*
2. *Uma tradição de família;*
3. *O convívio;*
4. *O gostar daquele estilo de música e dança;*

1º O convívio

2º A tradição da região dos antepassados

3º O gostar daquele estilo de música e dança

4º Uma tradição de família (este não é o mais relevante na minha escolha)

**(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano)**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Não me identifico muito com a região de onde nasci e vivo (*concelho perto Lisboa*). Claro que a pessoa é ribatejana e defendo isso, mas diria que me identifico mais com a tradição (*dos meus pais e avós*) porque explorei muito essa parte do que a própria tradição da minha zona, claro que conheço o básico, mas não conheço muito mais. E a nível de tradições do país, que conheço quase tudo não é a que eu gosto mais, acho piada, mas não trocaria. Não trocaria o dançar pelo Ribatejo em vez daquela zona.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

Onde nasci, cá.

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Conheço porque tanto os meus avós maternos como os paternos viveram aqui, no antigo bairro (*antigo*), portanto vieram lá de cima, as pessoas vinham à procura de melhores condições e tinham várias opções ou vinham para Lisboa ou emigravam e isto é o que se vê muito nas famílias. Os meus tios alguns foram para o Porto outros foram para França e outros vieram para Lisboa, é muito a tendência, as pessoas fugiam do campo para procurar melhores condições de vida. Portanto o bairro (X...) acabou por acolher muitas dessas pessoas, não nas melhores condições mas eram as que havia, um bairro de barracas. Tanto a minha mãe como o meu pai viveram nesse bairro e andaram na mesma escola, esta zona acaba por ter alguma conexão porque eles conheceram-na bem, porque viveram aqui a sua infância. Mas sim conheço a história.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?***

Lisboa sem dúvida! viver no campo não, porque tudo aquilo que eu faço e farei a nível profissional, no campo não!

## Entrevista a FF RCU

**Dia 16 de junho de 2018**

**Nome: FF Rancho: RCU**

**Idade: 17**

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** Estuda 12º ano

**Origem/Naturalidade:** Lisboa/Marvila

**Relação com a região do contexto rural:** Costumo ir para lá desde que nasci, fui lá batizado, costumo ir lá quase todos os meses, nos fins de semana, costumamos ir lá muitas vezes durante o ano. Também temos algum cultivo e gosto de lá estar, Alhões (aldeia dos pais) é uma aldeia que ainda tem muita gente, muitos jovens, no verão há entre 14 e 25 anos deve haver aí 20 ou 30 jovens.

**Há alguma razão forte que o faça ir para lá?**

Os meus avós que vivem lá, normalmente as festividades o Natal a Páscoa, está lá a família toda, quase sempre. Também é verdade que somos uma família muito grande e estamos muitas vezes juntos, gosto de estar com toda a gente, muitos primos. Tenho lá um tio que vive mesmo lá que tem dois filhos, um deles já é casado e tem uma menina e outro com 20 e poucos anos, só esses é que vivem lá. A... é uma aldeia desenvolvida, costumamos estar sempre no convívio, a andar de bicicleta. Quando começa o período de férias vou para lá.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

Dança

### (i) Relação com o rancho

**Há quanto tempo está no rancho**

Há 11 anos, quando o rancho tinha um ano.

**Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)?**

Falta pouco. Venho porque gosto e venho com os meus pais.

**Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho**

Não

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Pelo ensaiador, pelo ensaiador que tínhamos antes, a obediência, o saber que tenho de obedecer às pessoas mais velhas, o convívio com as pessoas porque há pessoas de todas as faixas etárias e com cada pessoa também se aprende alguma coisa, principalmente com os mais velhos e torna uma pessoa melhor.

***Acha que este convívio entre pessoas mais novas e mais velhas, contribui para respeitar os mais velhos?***

Sim contribui para os respeitar mais, para aprender coisas que eu não sabia, contar histórias que eles contam e também com as coisas do rancho, aprender as coisas de antigamente, o que as pessoas faziam antigamente.

***Como teve conhecimento do rancho***

Através do meu irmão. Primeiro veio ele para cá sozinho e depois viemos nós os três, eu e os meus pais. Eles diziam que eu no início andava sempre a correr de um lado para o outro, que não aprendia nada, adormecia aí nas escadas, tinha 6 anos.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

Os meus pais vieram e eu vinha com eles

***Motivo forte para que vieste para cá, veio de livre vontade ou vinha só por causa dos teus pais?***

Eu no início nem sabia bem o que era um rancho, mas como os meus pais vieram eu não ia ficar sozinho em casa com 7 anos. Depois acabei por vir e gostar e pronto fiquei cá. Também na minha altura havia mais crianças do que estes miúdos que há agora.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Eu não me imaginava noutra rancho. Porque já estou habituado ao convívio com estas pessoas, não sei, nunca imaginei essa possibilidade.

***De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?***

Os eventos que eu e o MD temos feito, o jogar à bola por exemplo é um convívio sem ser o rancho. Depois mesmo no rancho acho que o festival é assim o ponto máximo. Gosto quando vamos para longe, para atuações longe, por exemplo quando vamos para o norte às vezes calha eu estar lá na terra por isso já não vou no autocarro, normalmente quando

vamos para longe vamos no autocarro, vamos todos juntos ou a fazer alguns jogos ou assim e pronto. Agora estas duas atuações que temos agora em Cantanhede e dormir lá. Acho que vai ser engraçado, nunca dormimos fora, desde que estou no rancho.

Eles dormiram fora quando foram à Polónia, mas foi 2 ou 3 anos antes de eu entrar, mas eu nunca dormi fora, assim fora com as pessoas do rancho.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

(n respondeu)

***Porque continua no rancho?***

Porque gosto do convívio, gosto das pessoas que cá estão, gosto de dançar. Pronto é isso! E gosto da evolução que o rancho tem, gosto de dançar, mas também gosto que sejamos os melhores, ou pelo menos tentarmos ser melhor, o sermos federados ou isso assim.

***Se o rancho não fosse federado seria indiferente para ti?***

Não, não seria indiferente gosto que seja porque foi um passo importante para nós e estar sempre a melhorar. Melhorar é bom!

***O facto de o ensaiador por vezes ser muito rigoroso nas atuações, no rigor das coisas, isso às vezes não o chateia?***

Antes quando eu era miúdo que andava “p’rai” a correr de um lado para outro até que ficava sem energia e às vezes adormecia nas escadas, nessa altura a professora H. que era a ensaiadora na altura, retilava e zangava-se bastante comigo, porque eu não sabia dançar, não sabia nada, eu nem sequer levantava os braços. Eu ficava chateado, mas nada de mais.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Nunca pensei em sair do rancho, porque aqui também tenho amigos aqui também me divirto.

***Já participou noutra rancho***

Não

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Mais proximidade, que comunico mais com as pessoas da minha idade, mas com as outras pessoas acho que também me dou relativamente bem com toda a gente e falo com toda a

gente e tento ser bom para toda a gente e interessado. Mas sim sinto mais proximidade com as pessoas da minha idade, claro.

***Tens outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Jogava Futsal. Mas deixei de jogar há pouco tempo e mais nada.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

1º Gosto do convívio, se fosse um rancho muito monótono que as pessoas quase não conversassem talvez não me sentisse tão atraído por andar cá.

2º E das tradições gosto de saber como é que as pessoas faziam antigamente. Eu sempre gostei de fazer o serão, não sei se já alguma vez ouviu falar. O serão eu sempre gostei de fazer isso, porque era um quadro que as pessoas faziam antigamente. Basicamente nós estamos a imitar isso e eu gostava de fazer.

***Por ser uma coisa mais teatral?***

Não! Porque também era uma coisa fora do rancho. *(quando o FF diz “fora do rancho” quer dizer para além das danças que habitualmente dançam, por sair da rotina,)*

E gosto do estilo de música e assim. O Minho há muita gente que gosta do rancho do Minho porque tem os trajes mais bonitos e assim, não ligo muito aos trajes do Minho, eu gosto, do meu traje, gosto dos trajes que o rancho tem, gosto das danças e em relação ao melhorar, cada vez temos mais danças, vamos aperfeiçoando as nossas e isso eu gosto. É basicamente isso.

### ***(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano***

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Gosto mais de lá, eu vou para lá o verão todo. Porque lá *(na aldeia)* em todas as terras, agora a partir do início de junho em cada fim de semana há festa em algum lado. Há festas até ao final de setembro, há festa em todo o lado.

As marchas costumo ver na televisão, no ano passado foi a 1ª vez que fui ver à avenida, e não achei nada de especial, nunca gostei de ver aquilo preferia estar a fazer outra coisa. Na avenida é diferente ver as pessoas e assim, mas os bailaricos de lá é melhor.

*Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

De lá!

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

Sei que (*aqui na zona*) há muita gente de (*la da terra*)

*Mas sabe porquê?*

Porque tiveram que migrar, como agora é normal emigrar para fora do país, nessa altura migravam para Lisboa, acho que foi essa a razão.

*Se tivesses que escolher um local para viver qual escolherias Lisboa, região a antepassados ou outro?*

É difícil, isso depende de muitas coisas. Não sei porque nunca vivi lá, viver mesmo viver lá! Vou lá passar férias, mas viver mesmo viver lá não. Eu vou lá ajudar os meus pais, temos lá terrenos, na altura da erva, mas nunca tive a sensação de viver lá! Nunca soube mesmo, mesmo viver lá, portanto não faço ideia onde é que iria gostar mais. Lá teria mais liberdade, mas não sei mesmo o que é viver lá!! Não sei! Não sei!

## Entrevista a CI do RCU

**Dia 20 de julho de**

**Nome: CI - Rancho de Lisboa**

**Idade: 20**

### Identificação/Ocupação

**Ocupação:** estudante trabalhador

**Habilitações Literárias:** 11º

**Origem/Naturalidade:** Lisboa

**Relação com a região do contexto rural:** Os meus pais pertencem a (*um concelho da Serra de Montemuro*) são de (*uma aldeia do concelho*) do outro lado da montanha, em relação com (*o Concelho de Contexto Rural*) não tenho nenhuma, tenho avós que estão a morar no distrito de *Viseu*, (*Concelho Contexto Rural*), em N..., os pais do meu pai. O meu pai estudou na escola de uma (*aldeia*) a escola já não existe, *já esta fechada* o meu pai passou lá uns anitos, ele e o meu avô é que era do concelho de (...). O meu pai nasceu cá, tinha 1 ou 2 anos quando foi lá para cima, foi criado lá em cima e depois a minha mãe e o meu pai conheceram-se e vieram cá para baixo.

**Costuma ir lá de férias?**

Sim vou todos os anos, temos lá uma casa na (*aldeia*), vamos no verão, em outubro fazer a vindima, o meu pai tem lá quintas e também, agora raramente, pelo Natal, de vez em quando vou ao Porto onde tenho também família e às vezes passo lá a Páscoa, de vez em quando com os meus padrinhos ou nós os 4 sozinhos.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

Só danço.

### (i) Relação com o rancho

**Há quanto tempo está no rancho?**

Vai fazer 2 anos.

***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Só os meus pais e a minha irmã

***Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?***

Sempre que posso, agora estou a participar menos. Por exemplo no domingo houve uma festa ali ao pé da Igreja, eu não fui dançar porque agora vou poucas vezes ao ensaio não convém, dançar, mas fui lá, fiquei a ver, estou sempre presente quando posso. Quando há as festas ou bailes eu tento ir mesmo. Até tento sair mais cedo do trabalho para ir é uma coisa que eu gosto muito, dos bailes eu gosto muito disto, destes bailes,

***Mas começou a gostar dos bailes lá ou aqui?***

Foi lá, agora por exemplo, nas férias de verão é conhecido haver lá muitos bailes em várias terras, eu gosto dessas festas, e dos bailes.

***Já ia a esses bailes antes de estar no rancho?***

Sim eu ia.

***E acha que esse gosto que foste criando pelos bailes influenciou a entrada para o rancho?***

Não, não! A entrada para o rancho foi porque eu conhecia o LM e o FF ( 2 jovens do rancho) depois ao pais do FF conheciam os meus pais (são da mesma aldeia) eram amigos chegados, diziam para nós entrarmos, “não sei o que nem sei que mais” foi passado um tempo e a minha irmã entrou convenceram a (minha irmã e ela entrou, depois eu deixei de trabalhar, no (...), tinha algum tempo e comecei também a ir a alguns ensaios, comecei a gostar e disse que queria participar no rancho, também fiquei depois foi o meu pai e agora a minha mãe também, Pronto estamos lá os quatro, foi tudo por conhecimento deles. O meu pai, antes de conhecer a minha mãe, andava no rancho de (na aldeia) (...). O que ele fazia era o que faz agora levava aquela palha a “caroça” (*traje típico da região, usada pelos pastores, feita de junco*).

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Não.

***Como teve conhecimento do rancho?***

Através do (A..) e da (esposa), eles são amigos dos meus pais e da mesma aldeia e do FF e do LM.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

O conviver com as pessoas, fazer novas amizades e também ajuda a esquecer um bocado a vida de trabalho, esquecer coisas más, isso é uma coisa boa para a nossa cabeça, estamos distraídos, quando vamos para longe conhecemos coisas novas também estamos à conversa e isso faz bem a uma pessoa.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

Os meu pais também já me tinha convencido para eu ir para o rancho porque eu antes não sabia dançar, não sabia mesmo nada, quando ia as festas ficava lá encostado, só via as outras pessoas dançar e ficava a ouvir a música “e prontos” disseram “vai assim aprendes a dançar, assim danças nos bailes, em vez de estares encostado”. Foi também por querer aprender a dançar que quis vir para o rancho. Dançava no ranho e aprendia a dançar assim com as outras pessoas no baile.

***Acha que foi essa a motivação?***

Sim os meus pais estavam sempre a pedir para vir para o rancho para aprender a dançar.

***Mas veio de livre vontade?***

Sim!

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

(Silencio, hesitou) Não! É assim se eu estou naquele rancho, se eu sair daquele rancho, depois não vou para outro ou fico naquele ou não vou para lado nenhum. Não há nenhuma razão, é assim, eu gosto daquilo sim senhor, mas sair dali para ir para outro, não sou dessas pessoas, sair de um rancho para ir para outro “podem ter motivos para sair”, mas se eu tiver algum motivo saio mas não vou para outro.

***Vamos supor que aquele acabava, ficava com vontade de ir para outro?***

Não, não ficava. Se aquele continuar e estiver lá estou, se o tempo não me deixar também saio, mas tento ir aos bailes deles, às festas, mas sair daquele rancho não. Foi o meu primeiro rancho é o primeiro é aquele rancho que marca para a vida, não é, foi onde eu aprendi a dançar, conheci estas pessoas que não conhecia, só conhecia os pais do FF e o LM, são pessoas espetaculares e deixá-los para trás para ir para outro rancho acho que não, é uma injustiça.

***De que atividades do rancho mais gosta por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.?***

As que eu gosto mais é quando fazem o baile deles e o aniversário, em dezembro e gosto das saídas é o que eu gosto mais.

***O que mais te atrai ou gostas de fazer no rancho?***

As saídas, mais as saídas mais lá para cima, eu gosto da zona do norte, de vez em quando há saídas lá para cima eu tento ir com eles. Eu não gosto muito de estar cá em baixo e como tenho muitas saudades de ir lá para cima tento sair com eles, nestas oportunidades de ir lá para cima, para respirar outro ambiente. É o que eu gosto mais é das saídas.

***Porque continua no rancho?***

É o que eu digo, (..) posso deixar de dançar no rancho, mas deixar de sair com eles e de ir a festas que eles fizerem eu não vou deixar. É uma coisa que ficou agarrado a mim. Eu conheci aquelas pessoas, são umas pessoas “cinco estrelas” sempre ajudaram, sempre compreenderam as situações e agora virar as costas, por alguma coisa, não. Se for pelo trabalho, mas isso eu também consigo tentar ir a festas e isso, mas sair dali do rancho não.

***Sente-se mais preso às pessoas ou ao rancho em si, das danças, por ser uma tradição.***

Às pessoas, às danças não. Porque por exemplo há algumas danças que eu já tentei dançar, mas não gosto muito, portanto não é por causa das danças, “é mais por as pessoas” por serem mais simpáticas.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porquê)?***

Não nunca!

***Já participou noutra rancho?***

Não nunca me tinha passado isso pela cabeça!

***Sente uma maior proximidade com as pessoas, do rancho, da sua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral, de vez em quando fico com as pessoas da minha idade, depois fico com as outras pessoas, varia.

***E naqueles momentos quando não estás a ensaiar?***

Mais com os da minha idade.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho?***

Sim, na (P...) quando posso.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

1º: O gostar daquele estilo de música e dança.

2º: O convívio

3º: A tradição da região dos antepassados

4º: Uma tradição de família, porque o meu pai é que pertenceu a um rancho e não foi por isso que eu fui.

***Se aquele grupo, com as mesmas pessoas, deixasse de dançar aquelas músicas, mas sim outro tipo de outro tipo coisas, continuava na mesma?***

Isso é uma pergunta difícil, não sei responder a isso.

Se dançassem outro tipo de músicas? Deixavam o rancho e começavam a tocar outra coisa? Não sei!

***Mas com as mesmas pessoas e continuavam todas as sextas-feiras a ensaiar?***

Sim, se calhar não, se calhar saía. Porque eu gosto de coisas antigas e aquelas danças são antigas e a maneira de as dançar são antigas, se calhar saía daquele rancho, não deixava de falar com eles, nem nada, mas deixava de dançar.

***Gosta mesmo daquele estilo de dança e música?***

Gosto!

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Sim, mais daquela região! Cá em Lisboa não ligo muito ao fado nem a marchas nem nada disso, eu ligo mais lá em cima. Da comida, gosto da comida de cá, é boa tanto a de cá como a de lá de cima gosto de tudo, mas agora dança e de vezes que Lisboa tem não ligo muito a isso. Identifico-me mais com as de lá de cima.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

A zona lá de cima. Porque tenho a maior parte da família lá em cima, é o espaço que eu mais gosto. Não é muito tempo que eu passo lá em cima, mas quando eu passo tento aproveitar ao máximo. Onde eu pertenço é lá em cima, não é cá em baixo.

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Não! Nunca me contaram, nem sei se os meus pais sabem. Os meus pais conhecem muita gente (aqui) que é de lá de cima. Eu quando vejo pessoas lá em cima chego cá em baixo e vejo essas mesmas pessoas.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?***

Lisboa não escolhia para viver, mas também não escolhia lá a zona da aldeia porque, não é do ambiente, é porque é um sítio que não dá para viver. “*precisa-se de ter um trabalho*” e ter muita coisa, mas na zona que eu vivia era no Porto ou Viseu porque fica lá em cima e também porque está mais perto da aldeia das zonas mais históricas, eram os sítios que eu escolhia, mas agora para viver nestes locais não. Só mesmo para passar férias, só se tivesse assim uma grande quinta, ou um bom trabalho para viver.

***Nota:*** Por fim o entrevistado diz mesmo que se tivesse que escolher entre Lisboa e uma zona lá de cima claro que escolhia lá em cima, mas numa cidade no Norte.

## Entrevista a MO do RCU

Dia\_20\_de junho 2018

Nome: MO Rancho: RCU

Idade:18 anos

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** 1º ano de G... na Univ. de Lisboa

**Origem/Naturalidade:** Concelho perto Lisboa

#### **Relação com a região do contexto rural:**

Nas férias com os pais e avós. Costumo ir passar férias na zona, na G..., terra dos avós paternos, que também pertenceram ao rancho, já não pertencem porque reformaram-se e passam muito tempo lá na terra.

#### ***Que papel/tarefa desempenha no grupo:***

Dança

### (i) Relação com o rancho

#### ***Há quanto tempo está no rancho?***

Estou cá desde os 4 anos e tenho 18, há 14 anos que cá estou.

#### ***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Sim os pais e irmã.

#### ***Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?***

Venho com os meus pais, se não viesse com eles não vinha sozinha de A.... para aqui sozinha.

#### ***Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo? Às vezes***

#### ***Como teve conhecimento do rancho?***

Os meus pais, vinham cá trazer e levar as minhas irmãs e depois acabaram por cá ficar também e eu vim com eles tinha 4 anos.

Primeiro veio a minha irmã mais velha, penso que veio com os meus avós.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Pelo convívio e a relação que mantem com os elementos do grupo é uma forte motivação. O conhecer outras pessoas e lugares.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

Vim com os meus pais, porque a minha irmã já cá andava também e eu vim com eles tinha 4 anos.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Sim se as danças fossem giras e atrativas sim.

***Que danças de outras regiões gosta?***

Gosto das danças da região onde vivo, Ribatejo e também das danças da região do Minho.

***De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?***

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

Embora goste de dançar e das atuações, mas a razão mais forte é o convívio com as pessoas.

***Porque continua no rancho?***

Porque gosto das pessoas e dos amigos que tenho aqui. Se agora viessem outras pessoas, todas de novo, para o grupo, que eu não conhecesse, desistia.

***Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porquê?***

Na adolescência às vezes queremos sair à sexta feira, mas temos que vir ao ensaio. São fases! Depois também pelas questões sociais da adolescência, os colegas gozarem connosco, por andar no rancho.

***Os teus colegas da escola e amigos sabem que estás no rancho, costumam falar com eles sobre isso, eles costumam ver as tuas atuações?***

Sim sabem! Não falo do rancho de propósito, mas sim sabem, e também já me viram dançar, não tenho problemas com isso. Quando era mais nova evitava dizer para, evitar os comentários. Às vezes sentia alguma inibição, com os meus colegas da escola, até houve uma vez que não quis ir dançar a um espetáculo que era perto na zona onde moro, com vergonha que os meus colegas me vissem. Eles não sabiam e podiam gozar comigo,

mas agora já não. Se me perguntarem ou falarem nisso eu digo, mas não vou a falar de propósito sobre isso assunto.

***Já participou noutro rancho?***

Veio do outro rancho com os pais.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Das pessoas da minha idade, Claro! Mas dou-me bem com todos,

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual? Não***

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

1º Pela família, porque tenho cá os meus pais.

2ª Depois também o convívio, porque o convívio faz o rancho!

3ª A terceira razão são as tradições da região dos antepassados, é esse objetivo do rancho.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Urbano)**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Não sei, identifico-me mais com a parte Urbana.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados? Onde vivo!***

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Sim conheço! Os meus familiares moraram aqui, os meus avós.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?***

Cá onde estou a viver.

## Entrevista a SG do RCU

**Dia** 6 de julho de 2018

**Nome:** SG - Rancho RCU

**Idade:** 22

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** Licenciada

**Origem/Naturalidade:** Lisboa

*Relação com a região do contexto rural?*

Só de férias com o namorado.

*Que papel/tarefa desempenha no grupo?*

Dança

### **(i) Relação com o rancho**

*Há quanto tempo está no rancho?*

1 ano

*Relação de parentesco com outros elementos do rancho?*

Sim o meu namorado.

*Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)?*

Muito frequente.

*Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?*

Não

*De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?*

Uma forma de conhecer mais pessoas, dentro e fora do grupo, e também de conviver, conhecer outras pessoas e outros locais e regiões do país a história desses locais.

*Como teve conhecimento do rancho?*

Veio para o rancho através do namorado.

Não tinha conhecimento da existência do rancho, nem sabia que ensaiava naquela escola.

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

*Por que motivo veio para o rancho?*

Por curiosidade, pediram-me para experimentar. "Sempre gostei muito de dança"

*Veio com o namorado "X..." que está na tocata do rancho.*

*Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?*

Só iria para outro rancho por um motivo muito forte. Já estou habituada a estas pessoas, e a conviver com elas.

***De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?***

1º O gostar de dançar no palco e poder mostrar às pessoas como era antigamente e o convívio que se estabelece entre as pessoas contribui para descontrair e gostar de estar em palco.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?*** Dançar em palco

***Porque continua no rancho?***

Porque me identifico com o que se faz no rancho e identifico-me com as tradições, porque me sinto fazer parte do grupo.

Tenho um sentimento de pertença ao grupo. Pela identidade que encontro aqui.

***Já pensaste alguma vez sair do rancho (se sim porque):*** Não

***Já participou noutra rancho:***

Já tinha tentado entrar num rancho que está sediado na freguesia (o 1º que foi criado pela profª H ). Mas como o rancho já tinha muitas raparigas e precisavam de rapazes, acabei por não entrar.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Sinto uma maior proximidade com as pessoas da minha idade ou com a família do meu namorado.

***Tens outra ocupação de tempos livres para além do rancho, Qual?***

Sim já tive, agora neste momento não mas já pertenci a uma banda (da A.. uma banda de uma associação local).

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

1º O convívio e a forte identidade que sinto com o grupo.

**(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

Lisboa.

*Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

Lisboa

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

Sim, conheço

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro?*

Lisboa

## Entrevista a HJ do RCU

**Dia** 23 de julho de 2018

**Nome:** HJ      **Rancho:** RCU

**Idade:** 31

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** 12º

**Origem/Naturalidade** Lisboa/ nascido e criado no antigo bairro

#### *Relação com a região do contexto rural?*

Os meus pais têm raízes e são de uma terra perto de Concelho de (...)

O meu avô já andava no rancho de (lá aldeia), tocava violino, são federados. Ficou aquele bichinho do avô tocar violino, o meu tio tocava Banjo, a minha tia anda com a banca, é só figurino, ainda continuam no rancho. Eu comecei a dançar no rancho dos pequenos e só depois passei para o rancho dos adultos. Andei lá muitos anos. Com o trabalho não dava para ir às saídas, mas disse: se precisarem de mim estou disponível. Entretanto fiquei um bocadinho mais velho e pensei que dançar já não é para mim. Falei com eles, conhecia malta daqui fui aprender concertina para a INATEL, tirei dois cursos, pratiquei uma horinha na concertina, depois aprendi as outras que faltavam e pronto tenho evoluído desta maneira na parte da tocata. (*saiu de um dos ranchos local e veio para o RCU*).

Ficou-me aquele bichinho desde pequenino, tenho fotografias com o meu avô e aquilo tudo. E comecei no rancho da (um dos 4 ranchos da freguesia), comecei a dançar aos 10 ou 11 anos. Na altura era o Sr. (B...) é que ensaiava, já não era a professora (H...) já na (A...) havia dois ranchos o rancho dos pequenos e o rancho dos grandes. Eu sempre gostei da concertina.

As minhas famílias vieram lá de cima de (*aldeia dos pais*) para aqui. Como muitas pessoas daquela região.

#### *Que papel/tarefa desempenha no grupo*

Tocata/ concertina

## (i) Relação com o rancho

### ***Há quanto tempo está no rancho***

Acho que vai fazer 3 anos em outubro

### ***Relação de parentesco com outros elementos do rancho.***

Não tenho

### ***Com que frequência participa nos ensaios costuma faltar aos ensaios.***

Sempre que posso

### ***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Não

### ***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Sim, sem dúvida! Pelos conhecimentos que a gente tem é uma boa escola, isto é bom para novos, para velhos, para todo o tipo de idade, não há uma idade especial, isto é bom para toda a gente, eu acho, pelo convívio, pelos conhecimentos, pelas pessoas por tudo. É uma mais valia para tudo, só há aspetos positivos.

### ***Como teve conhecimento do rancho***

Conhecia malta daqui.

### ***Porque motivo veio para o rancho?***

Tinha muitos vizinhos que andavam lá na altura, no rancho da (da A....) malta também lá de cima, incentivaram-me e acabei por ir. Os meus pais, deixaram-me ir, fui, gostei e fiquei, os meus amigos estavam todos lá e fui ficando.

### ***O que acha que teve maior influência na sua entrada para o rancho, os seus amigos ou esse bichinho que já vinha através do avô?***

Acho que foram os dois, embora já tivesse esse bichinho trazido pelo meu avô gostava e queria, mas se não tivesse sido incentivado se calhar não tinha ido, só por minha iniciativa não ia. “olha vou procurar um rancho”

### ***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Neste tenho amigos que estão comigo, não estou com eles diariamente porque o trabalho não permite, mas estou com eles muitas vezes, é aquela amizade que pendia mais para aqui, mas no outro lado também tenho amigos, é mais pela questão dos amigos.

***De que atividades do rancho mais gosta por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

Eu gosto de todas, também quando fazem jogos de futebol, eu tento participar na medida do possível, há uma coisa que é verdade, se eu tiver trabalho não vou deixar de ganhar o meu para vir para aqui, mas isso eu expliquei logo ao principio e todos aceitaram, mas desde o momento que eu tenha um tempinho livre é para aqui que eu venho.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

Acho que é um todo, não é só os trajas, tocata, as pessoas, é tudo é o global. Assim de repente não estou a ver. É a convivência!

***Por que continua no rancho***

É a convivência!

***Já pensaste alguma vez sair do rancho (se sim porquê)***

Só se o trabalho não permitir, se tiver de ir para algum lado.

***Já participou noutra rancho***

Sim (num outro da freguesia)

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Do grupo em geral, dou-me bem com os da minha idade, mas também com as outras pessoas que são mais velhas, também têm muito para nos ensinar, para nos dizer. É no geral!

***Tens outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Às vezes jogo à bola com os meus amigos, mas não é nada de importante, a gente combina para jogar uma bolada e pronto.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

As quatro estão certas, as quatro são boas razões, mas se tivesse que escolher uma delas era a tradição e em segundo o convívio.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

Eu gosto mais da cultura de lá! É diferente, mas nasci aqui também me consigo adaptar à daqui. Se escolher escolhia os dois lados. Aqui é bom, mas lá é melhor, só que lá está, a malta fugiu de lá para encontra melhores condições de vida, lá não há, por exemplo a minha profissão, trabalho em elevadores, se quiser ir para lá tenho que escolher outra profissão, lá é para esquecer, morria à fome, aqui tenho o meu ganha pão, o meu sustento, lá é só agricultura.

*Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

Sem ser estas questões do trabalho, sinto-me mais de lá.

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

Eu nasci mesmo no antigo bairro, mesmo na (na rua X) do bairro

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro.*

Escolhia lá! Se não fosse esta questão do trabalho.

## Entrevistas a GE do RCU

**Dia 6 de julho de 2018**

**Nome: 4 Gonçalo GE Rancho: RCU**

**Idade: 22**

### Identificação/Ocupação

**Ocupação:** Trabalho temporário

**Habilitações Literárias:** Licenciatura

**Origem/Naturalidade.** Freguesia Zona Oriental Lisboa – nasceu e vive

**Relação com a região de Cinfães:** “Nasci aqui, mas fui criado lá, só vinha cá para ir à escola” nasci e 13 dias depois fui para a (aldeia). Assim que acabava a escola ia para lá. Estudar lá é difícil, de autocarro é 1h30 de viagem. Se se arranjasse trabalho lá mudava-me para lá. Os meus avós do, lado da minha mãe, são de (A...) e do lado dos meus pais são de lá e os meus pais também do lado do meu pai são de (outra aldeia vizinha). De férias e alguns fins de semana vou sempre para lá.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

Inicialmente dancei agora concertina na tocata

### *(i) Relação com o rancho*

**Há quanto tempo está no rancho**

Estou há 12 anos, entrei 6 meses depois do início do rancho.

Andei aqui na Escola João dos Santos, vim cá para me inscrever nas marchas, encontrei a Profª H.. que me perguntou o que vinha aqui fazer. Disse-lhe que me vinha inscrever nas marchas e ela perguntou-me se eu gostava de dançar. E respondi “gosto” “então olha sext-feira às 9.30 aqui”. Depois vim para o rancho para dançar e dancei três anos, depois comecei a ter aulas de concertina, eu deveria ter 10 anos quando entrei.

**Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?**

Sim, pais, irmão e primos e namorada, a A.. é prima do meu pai e a Ad... também.

**Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?**

Muita frequência.

***Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?***

Não tem nem teve nenhum cargo na direção ou nos órgãos diretivos da associação.

Às vezes a minha mãe pede-me para ajudar, por exemplo nos bailes para estar no bar a vender bebidas.

***Como teve conhecimento do rancho?***

Através da D... quando me convidou, eu nem sabia da existência do rancho.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

“Então não contribui!”

Isto aprende-se muito. Por exemplos estes miúdos agora andam sempre na brincadeira, eu também era assim,! Mas com o tempo fui aprendendo que é preciso respeitar os mais velhos, porque isto de dançar não é fácil. Eu antes pensava assim “ah isso é fácil vocês è que não sabem dançar”

***Foi difícil para ti aprender as danças?***

Não, eu vim para aqui e ao fim de três meses de ensaios fui atuar no CCB

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

**Por que motivo veio para o rancho?**

Foi por convite da D...H. eu nunca tinha imaginado nem sabia o que era isto de um rancho. Eu vim para aqui a ao fim de três meses de ensaios fui logo dançar para o CCB, ainda me lembro! A primeira vez a tocar concertina foi no colégio da S...

**Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?**

Ah não! Aqui é diferente. “se este acabasse! Mas este não vai acabar! *(fala com uma convicção que o seu rancho nunca vai acabar, notasse quase um sentimento de pertença e apropriação ao grupo que a possibilidade de o rancho acabar está completamente fora de hipótese)*

**Mesmo que este continua-se, mas tivesses um convite para ir para outro rancho.**

Não! eu continuava neste, já estou habituado a este.

**De que atividades do rancho gosta mais? *(por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)*?**

Das atuações, dos comes e bebes, do convívio.

Uma vez fomos para Matozinhos e os outros ranchos ninguém tocava músicas antes de começar o desfile, nós começamos para lá a tocar e formamos logo um bailarico. O pessoal juntou-se lá um pouco e começou tudo a dançar. O convívio é bom!

Eu gosto de todas as atividades.!

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

Eu gosto particularmente do festival! (*o Festival anual organizado pelo grupo*)

Nós somos bons, mas também vêm grupos bons. É uma oportunidade de conhecer grupos bons. Para ser sincero já fui a festivais, aqui perto, vão lá alguns ranchos que nem lembra ao menino Jesus.

E gosto de ser Guia, dos outros grupos, fazem-se amizades novas e depois quando há permutas eles vêm cá e depois nós vamos', já nos conhecem. Uma vez vieram cá uns de Lamego, quando lá fomos ofereceram-me um salpicão e um bocado de (...) a mim e á A....

***Porque continua no rancho?***

Eu gosto de andar aqui pelos amigos. Agora deixar isto assim não, só se me chateasse muito.

***Já pensaste alguma vez sair do rancho (se sim porquê)***

Não.

***Já participou noutra rancho?***

Não.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Eu dou-me com todos, principalmente os mais velhos, como é o caso da D. M... a A... estou sempre na brincadeira com elas. Como estou ali ao pé da cantoria dou-me com todos.

O pessoal mais novo, pronto! Abordamos uns temas que estamos todos dentro do assunto.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Não.

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***

**3. O convívio;**

**4. O gostar daquele estilo de música e dança;**

1ª O convívio

2ª A tradição da região dos antepassados

3º Uma tradição de família

4º O gostar daquele estilo de música e dança

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

As tradições da terra de origem dos pais/antepassados sem dúvida!

Só fui uma vez às maracha de Lisboa porque a S... me pediu muito.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

A aldeia da minha mãe A... / à região dos pais/antepassados

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Conheço, a minha mãe contou-me, uma vez, nós temos uma música que é “Eu não sei que me quer Lisboa, que tanto chama por mim, sem eu nunca ver Lisboa, nem Lisboa ver a mim”. Então eles começaram a vir para cá, o pessoal. E começaram a dizer que isto aqui era muito bom que se ganhava mais qualquer coisa e começaram a vir uns atrás dos outros. Tanto que o Sr. C... chegou aqui pela primeira vez saiu ali na (estação de comboio) olhou aqui para cima, era só barracas e disse eu para estar aqui vou para a minha terra isto é só barracas. O pessoal começou a vir para cá e depois quando iam lá diziam às pessoas que isto aqui era bom e ganhava-se mais dinheiro e tudo mais e se calhar havia outras condições e uns puxavam os outros.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro.***

A aldeia da minha mãe A... !! Se eu tivesse lá um bom emprego e ia para lá (*constituir família.*) Agora lá é todos os fins de semana luta de bois. Se fosse para lá comprava animais

## Entrevista a FL do RCU

**Dia** 20 de julho de 2018

**Nome:** FL **Rancho:** RCU

**Idade:** 27

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** 11º

Está a Trabalhar

**Origem/Naturalidade:** Lisboa, Freguesia do RCU

**Relação com a região do contexto rural:** Família de (concelho da Serra de Montemuro) a relação é quase a 100% só não é porque tenho de viver cá.

*Escolhia aquela região para viver?*

Se pudesse sim, gosto muito mais da terra, dos ares de lá é tudo diferente.

A minha família é todos da mesma aldeia, (..), a última aldeia do concelho de (..) , a norte. Os meus pais e avós todos de lá. Tudo da mesma aldeia.

*Que papel/tarefa desempenha no grupo*

Na tocata, toca concertina

### (i) Relação com o rancho

*Há quanto tempo está no rancho*

Desde início do ano, há meio ano.

*Tem uma grande relação com a música e com a etnografia.*

Paixão! Só

*Essa paixão veio de onde?*

Já a minha família, o meu avô era cantador ao desafio, cantador de chula, o meu avô paterno, tocava concertina o meu avô materno tocava banjo e violão, a terra do meu bisavô paterno, o meu bisavô paterno não é de C... (*uma aldeia*) e do concelho a seguir, já pertence a (*ao concelho R...*) uma terra que se chama (S. M.....) aí a tradição forte é cantar a chula e os violinos, já cá corre no sangue.

*Mas os seu pais também dançaram no rancho?*

Não, para o rancho só vim eu.

*Relação de parentesco com outros elementos do rancho.*

Não.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios.***

Sempre que posso.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Não.

***Como teve conhecimento do rancho***

Sim já o conheço desde a fundação! Conhecia a malta daqui!

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Eu sinto-me bem em andar aqui! Estive uma temporada afastado, estive 12 anos num rancho como tocador e cantador, no Rancho da A..., (*um dos ranchos quatro da mesma região*) saí de lá estive. Há p'raí uns cinco anos sem andar nos ranchos, tive vários convites, ranchos dali e daqui, até ranchos do Minho. Gosto dos ranchos do Minho mas não mexe comigo não é a minha zona, tive o convite da zona, este rancho, que conheço a malta, gosto da maneira como eles lidam com o folclore, lidam de uma maneira exemplar, e voltei para cá e fazia-me falta, fazia-me falta este bichinho que está cá dentro.

## **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Porque motivo veio para o rancho?***

Pela maneira como eles tratam o folclore. Tratam-no como deve ser, com respeito.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Só neste, não vejo outro rancho, da minha zona como é lógico. Tenho que estar num rancho que pertence à minha zona, aquela zona que eu gosto e que mexe cá dentro. Não me via noutro. O rancho da (A...) foi o único rancho em que estive, depois fiz um ano no rancho da (*uma das outras da região e sediado na freguesia*). Eles estavam um pouco em baixo, mas foi só uma “passagenzinha” e aceitei aqui o convite.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.(sorri)***

Eu desde que esteja a tocar estou bem! Seja em festas ou em atuações. Gosto de ir para o palco trajado, isso gosto! Sinto-me bem naquilo!

***O que sente quando vai para o palco?***

Sinto que estou a manter as minhas origens. Sinto que estou a continuar.

***Sentes-te orgulhoso por isso?***

Sinto! (*expressa um grande orgulho, pela expressão facial, seguido de um silêncio que é espelho de alguma emoção e um sentimento muito forte no que está a dizer*)

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho.***

Em temos do que se faz, do trabalho que a gente faz? Aqui neste rancho, precisamente, é a forma como eles trajam! É seguir o exemplo tal e qual como era. Eu estava num rancho que não seguia este exemplo, era trajar (...) é o taje que está por fora e o resto não interessa. Aqui têm o cuidado do que se usa, a roupa interior, as meias, as ceroulas. Esse trabalho todo! Quando estive de férias estive com a minha avó, dizia, “ah! Isso é tal e qual como o teu avô usava, (e não sei quê) e o meu pai também usava assim” e isso dá-me gosto! Estou a fazer aquilo que os meus antepassados fizeram, e não deixar cair isso em esquecimento. É bom!

***Por que contínua no rancho?***

Nesta atividade? Não só no rancho? Também tenho outras partes, sempre dentro da onda do folclore, canto à desgarrada, tenho um colega que canta comigo à desgarrada e cantamos o fado, o fado à desgarrada.

É isto! É o não deixar morrer estas tradições que é uma pena deixar morrer isto!

***Acha que os jovens estão a deixar de ter interesse?***

Alguns! hoje em dia já não! Acho que começa a haver outra vez, isto é, como as modas, as modas de tempos em tempos voltam ao de cima. Eu toco concertina há 20 anos e quando comecei a tocar, malta nova não havia, era eu mais outro, aqui em Lisboa eramos dois, só o resto era malta velhota, hoje em dia tocadores concertina até se atrapalham.

***Há muitos tocadores de concertina?***

Ui! Até se atrapalham às vezes. Mesmo aqui na região de Lisboa, há muitos tocadores de concertina.

***Acha que está a renascer essa tradição? Por alguma razão em específico?***

Não sei foi uma febre que apareceu, de repente através das concertinas. Antigamente não havia as marcas que há agora, não havia as tecnologias que há hoje em dia para fazer instrumentos, isso também puxa a malta, não é. Concertinas com cores mais vivas, com design mais moderno e chama um bocadinho à atenção.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porquê)***

Não-

***Já participou noutra rancho***

Sim!

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral. Dou-me muito facilmente com malta mais velha, porque a maior parte das tocatas dos ranchos é malta mais velha, não sei dançar mas gosto de ver dançar e sei apreciar, mas quando vou a ver ranchos, para onde vá, a minha primeira atenção é para a tocata, para ver como é que eles estão a tocar e como estão a cantar.

***Nunca dançou?***

Dancei. No rancho onde eu tive, na (.....) dançava a contradança porque era o mandador da contradança.

***Sabe mandar a contradança?***

Sei, mas já estou destreinado, tenho que começar a treinar. O (O...) já está farto de me dizer, “*tens que começar a treinar, tens que treinar*”

Não é fácil tenho que estar muito concentrado.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Sim o grupo de concertina e o cantar fado à desgarrada.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

Pela tradição de família não é porque, quem me levou para o rancho foi o meu irmão, entrou, mas esteve lá dois anos e saiu, “*não era a coisa dele*” foi puxado por outras pessoas e eu fui atrás e fiquei.

Pela tradição familiar não é!

Agora pelo gosto de manter as tradições dos meus antepassados, Sim!

Pelo convívio, que é um espetáculo, Eu ainda agora saio do trabalho, saio às 11.00 da noite do trabalho, e vim direto par aqui. E a última também, gosto deste tipo de música.

Em 1º lugar: A tradição da região dos antepassados Em 2º : O convívio, neste caso porque há um bom convívio aqui.

**(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados***

As da região de meu concelho, (concelho vizinho)

Férias de verão eram lá em cima, sempre três meses.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

A minha terra (C...) muita malta que me *conhece*, “*ah mas tu já nasceste cá*” *sim mas o meu coração é de lá*, “*eu sou de (lá...)*!”

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Sim! Agora já não é tanto, que isto está muito mudado, mas aqui há uns anos a maior parte das pessoas daqui eram de (C.....). (X...) e (R....) dos três concelhos da Serra de Montemuro e alguns de Lamego! Era tudo da zona das Beiras. Os Minhotos não estão aqui tão concentrados aqui em Lisboa é mais nos arredores.

É o que é bom! Isto é que nos dá para matar as saudades lá de cima! São estes bocadinhos!

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro.***

Era lá! Sem dúvida!

***Acha que se não tivesses sido criado aqui e com contactos com estas pessoas, com esta comunidade daquela região serias diferente.***

Sim influenciou, o ter nascido e ser criado aqui, se não tivesse sido criado aqui se calhar não era a mesma pessoa.

## **Entrevista a CQ do RCU**

**Dia 7 de Agosto de 2018**

**Nome: CQ - Rancho: RCU**

**Idade: 22**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Licenciada

**Origem/Naturalidade:** Lisboa / freguesia da zona oriental de Lisboa

#### ***Relação com a região do contexto rural?***

Pais e avós da região: Mãe nasceu na aldeia da (G.) e o pai é da aldeia de (S....)  
a avó materna da aldeia da (G....) e o Avô da aldeia de (P....)

#### ***Que papel/tarefa desempenha no grupo:***

Dança e desde janeiro de 2018 que começou a pertencer ao concelho Fiscal da Associação.

### **(i) Relação com o rancho**

#### ***Há quanto tempo está no rancho:***

Entrei no rancho em 2005. Eu gostava muito de pertencer a um rancho folclórico e como na altura eu era aluna da professora H. que convenceu a minha mãe para eu pertencer ao rancho, e foi ela que me colocou lá no rancho, a mim e à minha irmã. Eu entrei primeiro, entrei numa sexta feira e na sexta feira seguinte a minha irmã também teve curiosidade e foi também. Entramos as duas ao mesmo tempo. Foi na altura em que o rancho se separou do (*outro rancho*).

#### ***Relação de parentesco com outros elementos do rancho.***

Só a minha irmã.

#### ***Com que frequência participa nos ensaios costuma faltar aos ensaios.***

Sim sou assídua, só agora no verão é que vou faltar porque vou para a casa da minha avó, na aldeia (*do contexto rural*).

#### ***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Mais no final do ano quando é preciso juntar é que eu disponho mais do meu tempo, fora dos ensaios e das atuações, além disso também participo mais nas atividades que às vezes

fazem como foi agora em maio um jogo de futebol, estas atividades que de vez em quando fazem.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

É assim, em primeiro lugar acho que me ajuda a ser uma pessoa melhor e também a não julgar logo as pessoas de imediato. É um grupo com muita gente, cada pessoa é diferente das outras e onde há muita gente às vezes há discussões, muitas vezes não têm a mesma opinião. A primeira coisa que me ajudou muito foi não julgar logo de imediato as pessoas. Além disso criei laços de amizade muito fortes, basicamente os meus amigos são os do rancho, o principal acho que é isso. Ensinou-me a ter também muita paciência, claro que às vezes ouvimos críticas que muitas vezes não são dadas da forma mais correta, isso aí acho que é preciso ouvir e calar. Críticas vindas dos ensaiadores, de alguma dança ou de alguma postura que às vezes tenhamos em palco que não é a mais correta, e também é preciso muitas das vezes ouvir e calar.

***Como teve conhecimento do rancho***

Através da (*ensaiadora anterior*) era aluna dela na altura.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Por que motivo veio para o rancho?***

Eu gostava muito de pertencer a um rancho folclórico e além disso a minha infância foi muito criada aqui, em (Concelho Contexto Rural) e na aldeia da minha avó e então sempre gostei muito destas coisas do antigamente, saber como é que as pessoas se vestiam como é que as pessoas faziam os trabalhos agrícolas, isto tido motivou-me a ir.

***Mas aqui, em miúda, costumava ir ver os espetáculos?***

Sim, e mesmo lá em Lisboa costumava ir ver, por exemplo os do Minho que não têm nada a ver com esta zona, mas eu gostava muito do que é o folclore, o folclore em si.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

(*Resposta não perceptível na gravação áudio*)

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

(*Resposta não perceptível na gravação áudio*)

***O que mais te atrai ou gosta de fazer no rancho?***

*(Resposta não perceptível na gravação áudio)*

***Por que continua no rancho?***

*(Resposta não perceptível na gravação áudio)*

***Já pensou alguma vez sair do rancho? Se sim porquê?***

Não! Já estive um pouco mais afastada do rancho há uns anos atrás, mas prendeu-se mais (...), mas foi p'raí um mês, dois meses, (...) e nessa altura estive mesmo mais afastada, mas não pensei propriamente em desistir.

***Já participou noutra rancho***

Quando era pequena, como estava aqui muitas vezes de férias frequentei o rancho infantil e juvenil de *(aldeia pero da aldeia dos avós)* quando eram os espetáculos aqui, de verão, eu ia porque gostava. Eu gostava de pertencer a um rancho e a minha mãe conhecia uma senhora que fazia parte do rancho, que é de uma aldeia de lá, e então a senhora arranjou-me uma roupa e eu ia com eles. Dançava! E a minha irmã também chegou a ir.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Eu acho que de todos. Nós em si somos uma família, apesar das adversidades que às vezes temos, por sermos um grupo grande e com pessoas muito diferentes, quando um está mal os outros todos ajudam! Há uma grande união.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Voluntária.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

*1º Eu acho que é mais a primeira “A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região do antepassado” e muito a chegar o “O convívio”*

***Das duas qual é a que pesa mais?***

*É um bocadinho difícil responder a isso, mas se calhar a 1ª “A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região do antepassado”*

*Acha que o facto de continuares no rancho prende-se com as vivências no passado aqui?*

Sim! Porque, “agora é muito a base de tratores e de máquinas” eu questiono muitas vezes, é uma curiosidade, como é que era antigamente, “*eu gostava de viver um dia como era antigamente*” gostava de saber como é que eram as coisas, as pessoas contam, mas uma coisa é viver como era na altura.

*Nas conversas com a avó falam, às vezes, como era antigamente?*

Ela às vezes conta e conta que ia levar carregos de castanhas até lá em baixo ao rio até ao Porto Antigo, a pé com um saco de 30 e 40kg de castanhas para ganhar sete escudos “*Saíamos daqui de manhã cedo quase de noite e voltávamos no fim do dia.*”

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano)**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

De cá (do contexto rural) sem dúvida! E se pudesse um dia, agora não, mas um dia gostava de vir para cá viver! Deixar mesmo Lisboa. Quando for reformada quem sabe.

*Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

Não! Eu tenho pena de não ter nascido cá! Porque eu sinto que sou mais de cá do que de Lisboa.

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

Sinceramente não! não sei!

**Mas os seus pais conhecem?**

Sim eu sei que aquilo era um bairro de pessoas que foram daqui, da região basicamente, de cá para lá, aquilo eram barracas. Eu se moro lá é porque os meus pais tinham lá uma barraca e depois a Câmara deu a casa.

A minha mãe foi para lá muito tarde, infelizmente, porque ela queria se ir embora só que a minha avó não deixava e então a minha mãe já foi para lá com 24 anos, ainda era solteira, ela foi para lá nos anos 80.

Eles conheceram-se lá em Lisboa, apesar de serem de cá e de aldeias vizinhas, eles conheceram-se lá num baile em Lisboa, num baile organizado (na casa do concelho de contexto rural). O rancho na altura fazia lá muitos bailes.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro.***

O contexto rural, região dos antepassados.

## Entrevista a MD do RCU

**Dia 6 de julho de 2018**

**Nome: MD Rancho: RCU**

**Idade: 22**

### Identificação/Ocupação

**Ocupação:** Estudante

**Habilitações Literárias:** 2º Ano Licenciatura

**Origem/Naturalidade:** Lisboa

**Relação com a região do contexto rural:** Meus pais são ambos de (X) e os avós também, tanto do lado da mãe como do pai. Desde pequeno que passo férias, de verão, Natal, Páscoa, pelo menos as de verão vamos sempre lá.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo?**

Danço e apresento as atuações.

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho***

Estou neste grupo desde o início, desde 2005, penso que seja 12 ou 13 anos, mas antes de andar neste grupo já andava no outro grupo desde os 4 anos.

***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Sim. Pais, tios, primos.

***Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?***

Por norma venho. Nesta altura de maio a junho não venho com muita frequência por causa das marchas, mas de resto sim. Há uma situação ou outra que pode haver um jantar ou uma situação ou outra, mas também não é grave.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Não muito. Geralmente ajudo o meu tio que é o ensaiador a programar algumas coisas e a pensar nas atuações, ideias para quadros etnográficos, danças novas é mais nessa área.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Primeiro que é sempre importante não esquecermos como é que foi o nosso passado, e principalmente o passado dos meus familiares que eram de (*lá da terra*), depois acho q

as tradições são importantes para o país se desenvolver e não se esquecer, ou seja, há desenvolvimento sim, sem esquecer como é que isto já foi e conseguirmos fazer uma ligação e ter noção da evolução e depois porque não podemos renegar o nosso passado, porque de facto existiu e faz parte. Por isso acho que é muito importante.

Depois outras situações desde que comecei a apresentar no grupo senti muito mais facilidade apresentar numa sala na faculdade era muito mais simples porque era para muito menos pessoas, este pequeno aspeto. E depois porque também sempre tive curiosidade em trabalhar para o melhor do grupo, ter ideias, para que isto não se torne muito monótono.

Eu ando no rancho desde os quatro anos, se isto fosse sempre igual se calhar chega aqui a uma altura que nós nos cansamos um bocadinho, outra vez o mesmo, outra vez o mesmo todas as sexta- feiras. O facto de pôr danças novas, quadros estenográficos, novas formas de entrar e sair acho que é importante. Ao ter essa curiosidade acabou por me criar aqui alguma capacidade de pesquisa nessa área que é um bocadinho difícil porque não há muitos documentos, muita informação sobre isso mas acaba por me criar esta capacidade de ver o que é feito por outros grupos, como é que era e depois tentar transpor, ou seja, aquele grupo faz isto assim, se calhar não podemos fazer tão igual mas podemos adaptar essa situação mais a nossa zona, acho que isso criou-me essa capacidade de adaptação e de pesquisa.

### ***Como teve conhecimento do rancho***

Entrei para o rancho através do meu tio e da minha madrinha que ainda andam aqui e só depois os meus pais. Eu não entrei pelos meus pais, como é normal, os meus pais entraram porque eu andava, eles vieram passados muitos anos.

## **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

### ***Por que motivo veio para o rancho?***

Em certa parte foi porque quis ir, porque os meus pais não andavam, portanto eu não tinha essa obrigação de ir, eu fui porque queria, não sei bem qual era a razão tinha quatro anos, mas penso que gostava porque os meus tios e as minhas primas andavam lá e tinha uma ligação muito forte com eles e depois porque era uma coisa que eu queria ir.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Não! Claramente que não!

Primeiro porque as pessoas que andam aqui, claro que há sempre elementos novos. Mas é um número reduzido de elementos novos claro, mas é sempre um número reduzido a maior parte das pessoas do grupo são pessoas que vêm já de há muitos anos e acabamos por criara aqui uma ligação é praticamente uma segunda família. E depois porque sinto que houve trabalho de várias pessoas: há trabalho meu, há trabalho de todas as pessoas que pertencem ao grupo e que estamos a evoluir e acho que as pessoas focam-se bastante no que se pretende fazer e gostam todas de fazer bem e não há assim grandes problemas de representação, (...) há zonas do país que eu acho muito interessante, por exemplo o Minho mas neste momento não trocaria.

***De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?***

É o festival, digamos que é um momento alto, um evento que nós organizamos, que o grupo organiza e acaba por trazer cá outros grupos, neste caso à freguesia do (RCU) mas poderia ser noutra sítio qualquer. Para além de trazer outros grupos à nossa freguesia, tudo o que seja bom, as pessoas gostam, é mérito nosso. Essa é a atividade principal e que dá mais gosto, chegar ao final do dia e pensar, foi bom, foi ótimo as pessoas gostaram os grupos eram bons, correu tudo bem, mais uma vez conseguimos organizar, porque se calhar é uma atividade de maior dimensão. Claro que aquelas atividades do jogo de futebol são importantes, para o grupo e dá gosto organizar, a ideia surgiu da minha parte, mas o objetivo era juntar as pessoas sem ser só porque hoje há ensaio ou hoje há atuação, era juntar as pessoas num ambiente diferente, mas que possamos conviver mais descontraídos. Claro que também dá gosto organizar estas atividades, mas são atividades mais pequeninas e mais fáceis de organizar, que não tem grandes dificuldades a realizar, e não tem a dimensão do festival.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

Tudo, o convívio as pessoas, família.

***Se fosse hoje, com a idade que tem, entraria para este rancho?***

Já falei sobre isso uma vez consigo! E também já comentei com outras pessoas. Se eu nunca tivesse pertencido a um grupo e hoje me convidassem a entrar, sem eu nunca ter vivido nada disto, se calhar não entraria, com a idade que tenho. Como entrei desde

pequeno acho que acabou por incutir em mim este gosto, porque eu com quatro anos claramente que não tinha gosto por representar (*a região*), que eu nem sabia o que era isso, acabou por incutir essa tradição, esse gosto pelas tradições e depois como já falei a relação que estabelecemos com as pessoas num ambiente muito bom muito favorável. É basicamente isso, acima de tudo poder representar as tradições e também as pessoas que acabamos por nos agarrar muito e acabam por ser um grande motivo, da permanência e o motivo por estarmos aqui. Sou sincero, no dia em que não me sentisse bem, a nível de ambiente podia gostar muito de representar o rancho e tudo, mas se não me sentisse com as pessoas não fazia sentido estar aqui a fazer um esforço.

***Por que continua no rancho?***

A principal de todas é gostar, acima de tudo, gostar disto, gostar de representar (*a nossa terra*) e de ter oportunidade de levar o nome de X.... que a mim não me diz tanto como às pessoas que lá nasceram e passaram por essas tradições mas que acaba por me dizer por saber que os meus antepassados, todos os meus familiares são de lá e nasceram lá, e muitos fizeram isto e portanto ter oportunidade de mostrar a outras pessoas, que como eu se não estivesse aqui não saberia, ter a oportunidade de conhecer o que é que se fazia em X... a maneira de vestir o que é que de dançava, acho que isso é o principal motivo, ter oportunidade de mostrar às outras pessoas como é. Às crianças que hoje em dia vivem aqui em Lisboa e nunca saíram daqui, não fazem ideia de metade das coisas que acontecem, ir por exemplo a uma escola e mostrar aos miúdos, que ficam encantados, isto existia?

***Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porquê?***

Sinceramente mesmo nunca! Se calhar houve ali alturas que às vezes acabamos por perder um bocadinho a vontade e não nos apetece tanto, não por algum motivo em especial, mas tem a ver com a idade, passamos ali uma fase (...) “ah hoje não me apetece ir prá ali apetece-me fazer outra coisa qualquer, não me apetece ir para o rancho”.

***Já participou noutra rancho?***

Sim no outro de onde viemos para criar este.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

No geral de todos, sim no geral damo-nos todos muito bem.

Acabamos por estar mais próximo da nossa idade. (...) mas existem pessoas de idade que têm um espírito muito jovem alinham nas nossas brincadeiras e, portanto, acabamos por nos darmos todos muito bem, não há assim grupinhos definidos.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Não só o rancho!

***Quatro razões por que continuas no rancho:***

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

1ª A tradição da região dos antepassados e o convívio

2. Gostar do estilo de dança

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho do Contexto Urbano)**

***Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?***

Acho que acabo por me identificar com as tradições de Lisboa porque nasci aqui. Gosto do que representamos no rancho, mas acho que acabo por me identificar, o rancho acaba por ser algo fictício que nós transportamos desde os nossos antepassados para os dias de hoje. Neste sentido identifico-me mais com as de Lisboa.

***Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?***

Lisboa

***Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?***

Sim! Não sei pormenor, mas sei vagamente, as pessoas vieram de (*lá da terra*) para aqui e viviam me barracas.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolheria Lisboa, região dos antepassados ou outro***

Lisboa, sem sombra de dúvida.

**Entrevista de CH do RCU**

**Dia 6 de julho de 2018**

**Nome: CH Rancho de Lisboa**

**Idade: 10**

**Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** 5º ano

**Origem/Naturalidade:** Lisboa

**Relação com a região do contexto rural:** Nas férias, os pais têm casa numa aldeia da zona.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança

**(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho:***

Um ano

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Pais e irmão.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios?)***

Muito frequente.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Não, só nos convívios.

***Como teve conhecimento do rancho?***

Através de amigos dos pais.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Conhecer amigos e aprender a danças.

***(ii) Motivação para pertencer ao rancho***

***Por que motivo veio para o rancho?***

Porque gosto! Primeiro vim eu, e o meu irmão vinha sempre cá trazer-me e vinha-me buscar, as vezes ficava aqui e acabou por entrar também para o rancho. Depois os meus pais acabaram por entrar também porque já cá andávamos os dois e iam às atuações e entraram.

*Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?*

Não sei!

*De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?*

Das atuações e das festas.

*O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?*

Dançar e o convívio os amigos.

*Por que continua no rancho?*

Porque gosto e tenho aqui a minha família

*Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porquê?* Não

*Já participou noutra rancho?* Não

*Sentes uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da tua idade ou de todos em geral?*

Dos da minha idade.

**Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?**

Sim tempos livres no grupo de jovens na (P,,)

*Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?*

- 1. A tradição da região dos antepassados;*
- 2. Uma tradição de família;*
- 3. O convívio;*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;*

O convívio e os amigos

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

Lisboa onde nasceu.

*Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

Lá a terra.

*A entrevista terminou neste ponto*

**ANEXO E**  
**Entrevistas aos elementos do RCR**

| | ' ' | | | ' ' |

## Entrevista a LPR do RCR

**Dia 21 de maio de 2018**

**Nome: LPR Rancho: RCR**

**Idade: 31**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Curso técnico na área da fisioterapia e massagem.

**Origem/Naturalidade:** Natural do concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** Sempre viveu no concelho, Os pais e avós são também da mesma região.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança e:  
Pertence a direção da associação do grupo.

**Há quanto tempo está no rancho:** Estou no grupo há 27 anos, comecei com 4 anos no grupo, os meus pais andavam no rancho e traziam-me a mim e o irmão, mas um dia puseram o meu irmão a dançar e ele fugiu.

**Relação de parentesco com outros elementos do rancho?**

Pai e mãe.

**Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios?)**

Muito frequente.

**Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho**

Para além dos ensaios participo noutros momentos com o rancho, reuniões da Federação de Folclore Português, na organização do festival anual, as licenças e outras questões relacionadas com o secretariado.

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal:**

Ajuda-me a conhecer melhor a história do país, principalmente desta zona, ajuda a conhecer as tradições. Quando fazemos a recolha sobre as tradições, através das entrevistas às pessoas da terra, para criar o dossier para sermos federados. Infelizmente estes hábitos estão a ficar em desuso e acabam por ser esquecidos.

“Se nós pararmos, 5 ou 10 minutos, à conversar com uma pessoa idosa eles contam coisas engraçadas que estão a ficar perdidas. Quando eles morrerem, morre tudo, vai tudo com

eles”. Os jovens não ligam às tradições, agora só usam as novas tecnologias, telemóvel, playstation etc. Antigamente encontrava-se muitas pessoas a caminhar a conversar, organizavam-se bailaricos.

***Como teve conhecimento do rancho?***

Os meus pais andavam cá e traziam-me

***Qual o motivo porque veio para o rancho.*** A grande motivação para vir para o rancho foi o facto de vir com os meus pais.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Se sair deste rancho não vou para mais nenhum.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

Da atividade do rancho que mais gosto é do convívio, todos se conhecem, brincam, é uma família.

***O que mais te atrai ou gostas de fazer no rancho***

Gosto muito dos ensaios, porque ajudo os que entram de novo a dançar.

***Porque continua no rancho***

Fico porque gosto, da oportunidade de conhecer Portugal e norte a sul, é muito importante para mim. Alguns jovens valorizam mais os passeios, por exemplo no ano passado quando foi a ida á Madeira apareceram muitos jovens, depois não apareceram mais. O rancho é também uma forma que o jovem tem de sair daqui opara fora. Não há muitas atividades que ocupem os jovens, a não ser o auditório que trás cinemas e outras iniciativas.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)***

(não respondeu)

***Já participou noutra rancho***

Não

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

De todos

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

(não foi feita a pergunta)

***Das quatro, qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados*
- 2. Uma tradição de família*
- 3. O convívio*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança*

Das 4 razões as que valorizo mais é 1º o convívio e depois a dança

Acho que das 4 todas ela tem influência porque tem de haver um equilíbrio.

É um misto de orgulho e afirmação das tradições e do convívio

*Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?*

Sim! Da região onde vivo

*Se mudasse conseguia adaptar-te facilmente à cultura de uma outra região?*

Não sei

*Conhece a história deste rancho a sua origem.*

Sim porque fiz a recolha com pessoas da região,

*Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?*

Sim, (referiu a recolha que esteve a fazer para candidatura a FFP que lhe deu o conhecimento sobre a origem do rancho)

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia a região onde vive ou outra?*

Não sei.

## **Entrevista a HMR do RCR**

**Dia 06 de outubro de 2018**

**Nome: HMR Rancho: RCR**

**Idade: 23**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Finalista Mestrado

**Origem/Naturalidade:** Concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** *Nasceu e sempre viveu – Pai não é do Concelho é de um concelho vizinho, e a Mãe é de do concelho contexto rural*

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança – (e pertence a aos órgão sociais da associação. É secretária da assembleia geral.)

### **(i) Relação com o rancho**

**Há quanto tempo está no rancho:** Há 13 anos, desde os 10 anos. Antes participava na Marcha, desde pequenina e depois vim para aqui.

**Relação de parentesco com outros elementos do rancho.**

É prima do sr. (,), presidente e ensaiador do rancho.

**Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios.**

Muita frequência.

**Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho**

Sim, no (Festival Internacional de Folclore organizado pelo grupo) é secretária da assembleia geral

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal**

Sim contribui cada vez mais. Acho que a cima de tudo o folclore é uma identidade, uma cultura e se nós interiorizamos isso e vivermos isto, de uma forma muito especial, cada vez mais nos podemos sentir realizados. Temos aquele gosto e ao fazermos isto é uma satisfação pessoal.

### **ii) Motivação para pertencer ao rancho**

**Como teve conhecimento do rancho**

Através do primo sr. (...) o (ensaiador e presidente da direção)

**Qual o motivo porque veio para o rancho.**

Eu acho que quando vim foi mais para experimentar, mas depois comecei logo a sair com eles, e estou aqui até hoje. Foi mesmo por vontade própria, o (V..) já era meu amigo, já andava tocava cavaquinho e depois foi tocar concertina.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Indiferente não! Este é especial.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

As saídas e o Festival Internacional o nosso festival! o folk (...) é o nosso “aus” (o momento mais alto do ano)

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho***

É como lhe disse, é o facto do folclore ser cultura ser arte, muito desvalorizado pelos jovens, embora agora já é um bocadinho mais, mas há uns anos era muito desvalorizado, era “parolo” e havia outras atividades mais interessantes. Mas o folclore é cultura é arte. É a mesma coisa, que é, nos andarmos numa banda filarmónica e nós andamos no folclore. (faz comparação entre ambos)

***Porque continua no rancho***

É o gosto e satisfação coletiva porque gosto muito de trabalhar em grupo, gosto muito de ver o grupo a trabalhar bem, como se representa a minha terra, aliás no meu trabalho já faço isso.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)***

No tempo da faculdade era muito complicado, não era que não me apetecesse a ir, mas era mesmo muito complicado conciliar e ficava triste por não poder.

***Já participou noutra rancho***

Não

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Sinto-me mais próximo das pessoas da minha idade, mantenho uma boa relação com todos, acho que isso é importante, mas os da minha idade é completamente diferente.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Não tenho!

***Acha que há uma falta respostas para ocupação de tempos livres para os jovens?***

Não! Não há é variada! Há o futebol, há a banda, há a academia de música há o ballet e á os ranchos nas várias freguesias. Se calhar os outros grupos mais pequenos, nas aldeias e que não são federados, não têm tantas oportunidades de sair mais vezes.

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

Ser uma tradição da região e dos nossos antepassados

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

***Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?***

Sim!

***Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

Facilmente não seria.

***Conhece a história deste rancho e a sua origem?***

Sim!

***Se tivesses que escolher um local para viver qual escolherias região onde vive ou outra?***

Não seria fácil, talvez aqui no norte, no Porto. Sair daqui não sei!! não sei!! Talvez, mas se tiver condições para continuar cá ficarei com todo o gosto. Se chegar ao momento e não tiver condições terei de sair, mas nunca daquela forma de abandonar. Voltar às origens sempre que puder.

***Na sua opinião acha que os jovens que estão cá desde pequeninos, que vieram com as famílias, com 2 ou 3 anos. Acha que foram influenciados, e foram gostando, ou haverá outra razão?***

Podem ter sido influenciados, mas depois criaram o gosto e mantiveram-se aqui.

***Na sua opinião porque é que os jovens, daqui da região, vem para o rancho?***

Acho que é também pelo convívio e pelas oportunidades que o rancho lhes pode dar a conhecer novas terras, novas experiências, conhecer outras pessoas, como nós trazemos

cá outras pessoas no folk (*Festival Internacional de Folclore*). Eu acho que o Festival Internacional também tem sido um bom incentivo de trazer pessoas para o rancho, porque eles vêm aquelas dinâmicas, até mesmo no voluntariado. Nós em cada anos temos mais pessoas. Juntando também algum gosto que têm pela música e pela dança tradicional.

***Se este jovem tivesse outras propostas de ocupação de tempos livres, vinham menos para o rancho?***

Sim! Acho que sim! Não vinham tantos, o rancho é aquilo que eu tenho ali que me pode levar para fora. Vêm por esta razão, mas depois habituam-se a acabam por ficar e gostar.

## **Entrevista a PRR do RCR**

**Dia 21 de Maio de 2018**

**Nome: PRR Rancho: RCR**

**Idade: 22**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** 12º ano

**Origem/Naturalidade:** Concelho de contexto rural.

**Relação com a região do contexto rural:** Nasceu e sempre viveu na região. Vive em S...(aldeia do concelho) com os pais e avós que também são da mesma aldeia.

#### ***Que papel/tarefa desempenha no grupo***

Dança e colabora com a associação do rancho (*no transporte de crianças para a escola, nas carrinhas do rancho*)

### **(i) Relação com o rancho**

#### ***Há quanto tempo está no rancho***

2 anos

#### ***Relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Sim! Irmão.

#### ***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios?)***

Muito frequente.

#### ***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Sim.

#### ***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

Muito mas, muito mesmo!

*"Depois de entrar aprendi coisas que nunca pensei que ia aprender"*

#### ***Como teve conhecimento do rancho?***

Através de primos e amigos e costumava ir assistir aos.

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

#### ***Porque motivo veio para o rancho?***

Foi o ensaio e o Sr. F...(ensaiador) tentou convencer-me várias vezes para vir para o rancho, depois acabei por entrar.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Neste momento não! ficava aqui. É pelo convívio pela família que se cria e abandonar assim não.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.?)***

Dançar os ensaios também são divertidos, as saídas e o trabalho de organização que faz no rancho.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

*(não respondeu)*

***Porque continua no rancho?***

Os amigos e a convivência que se cria aqui. Os laços familiares que se criam com as pessoas.

E pelas danças da região.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

não

***Já participou noutra rancho?***

Não

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da tua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral

***Tens outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Não

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

Os amigos a convivência e mesmo as próprias músicas e as danças por serem da região.  
Gosto de mostrar as danças da região.

**(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

*Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?*

**Sim, claro!**

*Se mudasse conseguia adaptar-te facilmente à cultura de uma outra região?*

Talvez.

*Conheces a história deste rancho a sua origem.*

Mais ou menos.

**Consegues fazer um breve resumo sobre a sua história?**

Não.

**Se tivesses que escolher um local para viver qual escolherias região onde vive ou outra?**

Onde estou a viver.

## Entrevista a PSR do RCR

**Dia 22 de abril de 2018**

**Nome: PSR Rancho: RCR**

**Idade: 27**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias: 12º**

**Origem/Naturalidade:** Aldeia do concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** Nasceu vive

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança e Pertence a direção da associação.

### **(i) Relação com o rancho**

*Há quanto tempo está no rancho?*

Anda desde 2010 há 8 anos.

*Relação de parentesco com outros elementos do rancho:* Namorada

*Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios? Muito frequente*

*Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho? Sim.*

*De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?*

O rancho melhorou muito na minha relação com os outros. Eu tinha muita vergonha de falar com as outras pessoas e a minha participação no rancho ajudou-me a melhorar a relação com as pessoas. Conheci muitas partes do país, criei novos amigos.

o rancho ocupa-nos muito, no verão, temos muito trabalho, temos saídas quase todos os fins de semana. Temos o Festival Internacional que nos ocupa muito tempo, antes e durante. “ou se gosta muito daquilo ou então não vale a pena”

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

*Como teve conhecimento do rancho*

Foi depois de ter feito uma transcrição de umas entrevistas que o Sr. (ensaiador do rancho) me pediu, umas recolhas etnográficas, gravações que tinha feito com pessoas mais velhas. Foi então que me causou o interesse por estas questões da etnografia. Sempre tive interesse pela fotografia, fotografia daqui da zona.

***Qual o motivo porque veio para o rancho.***

Para poder conviver e sociabilizar-se, estava numa fase difícil da minha vida, porque o meu avô tinha morrido, e eu convivia pouco, e uma vizinha é que me convenceu a vir.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Agora não! já estou habituado a este

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

O festival anual e das saídas.

***O que mais o atrai ou gosta de fazer no rancho?***

*((sem dados))*

***Porque continua no rancho?*** Porque gosto do convívio

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Por momentos sim.

***Já participou noutra rancho?*** Não

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

*(sem resposta)*

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Sim! Dinamizo atividades na minha aldeia- faço fotografia.

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

*(não foi feita a pergunta)*

***(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)***

*(sem dados para este bloco de perguntas)*

## Entrevista a ICR do RCR

**Dia 21 de Abril de 2018**

**Nome: ICR Rancho RCR**

**Idade: 18 anos**

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** a concluir o 12º ano

**Origem/Naturalidade:** Nasceu em Lisboa, mas vive numa Aldeia de um concelho vizinho.

**Relação com a região do contexto rural:** vive em A....(aldeia do concelho vizinho) há 13 ou 14 anos– pais também são da região. Foram para Lisboa e depois voltaram para A.....

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

Dança

### (i) Relação com o rancho

**Há quanto tempo está no rancho?** Há 2 anos

**Relação de parentesco com outros elementos do rancho.** Sim, tio e Prima

**Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios**

*(Sem informação)*

**Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho:** Não.

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal:**

*(Sem informação)*

**Como teve conhecimento do rancho:**

Através do Tio e da Prima, vim através deles.

**Qual o motivo porque veio para o rancho.**

Eu desde sempre quis vir para o rancho, mas os meus pais não me criam deixar vir (mais o meu pai). Eu sempre gostei de dançar e deste tipo de música.

**Na região do Concelho de A... também há muitos ranchos, nunca pensou em ir para lá?**

Não gosto porque são pessoas mais “enjoadas” acham-se melhor que os outros. Por isso é que eu nunca fui para lá e os meus pais não me deixaram ir para lá.

*De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.*

*(Sem informação)*

*O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho*

*(Sem informação)*

*Porque continua no rancho*

*(Sem informação)*

*Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?*

Não

*Já participou noutra rancho:*

Não os meus pais não me deixaram

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?*

*(Sem informação)*

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual*

*(Sem informação)*

**Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?**

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados.*
- 2. Uma tradição de família*
- 3. O convívio.*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança.*

O convívio é para mim o mais importante, é o convívio é a razão mais forte.. A tradição é também uma das razões porque continuo no rancho.

"Eu falo por mim" quando cá cheguei sentia muita vergonha, mas fui muito bem acolhida por todos, aqui damo-nos todos bem"

"Acolhem as pessoas mais novas como se estivéssemos aqui há muito tempo"

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

*(Sem informação para este bloco)*

## Entrevistas a RSR do RCR

Dia 8 de agosto e 29 set. de 2018 (*entrevista realizada em dois momentos*)

Nome: RSR Rancho de RCR

Idade: 16

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** 12<sup>a</sup>

**Origem/Naturalidade:** Concelho do Contexto rural

**Relação com a região de contexto rural:** Nasceu e vive – pais e avós também são de lá

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

Toca Guitarra/ Tocata

### **(i) Relação com o rancho**

**Há quanto tempo está no rancho?** Há 1 ano

**Relação de parentesco com outros elementos do rancho?** Sim

**Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)**

Muito frequente

**Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho**

Sempre que o grupo precisar participa, mais durante o Festival Internacional de Folclore.

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal**

É bom para conhecermos novas culturas, como é que é a cultura de cada país, conhecer cada região do nosso país, conhecer lugares novos e a conhecer coisas diferentes e daquilo que estamos habitados.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

**Como teve conhecimento do rancho**

Foi o Sr. A...(um colaborador mais velho do rancho) que andava sempre a convidar-me.

**Porque motivo veio para o rancho**

Por influência do sr. (A) que me influenciou a vir.

**Por sua iniciativa não tinhas vido para o rancho**

Se calhar não! Um dia vim assistir ao ensaio gostei e fiquei.

**Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.**

É diferente, uma pessoa já está habituada a lidar com as pessoas, já temos um afeto uns com os outros e noutra já era diferente. Se calhar eu não trocava, o que não falta são oportunidades de ir para outro.

*De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.)*

Dos ensaios, não temos tanta pressão, enquanto que no palco é diferente tem de ser.

*O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho*

O que gosto mais é das pessoas e do convívio.

*Porque continua no rancho*

Porque gosto! Gosto das pessoas, gosto do convívio, gosto de conhecer lugares novos

*Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)*

Não, desde que entrei não!

*Já participou noutra rancho*

Não

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?*

De todos em geral.

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual*

Agora não, mas já joguei futebol.

Acho que não há muita coisa para um jovem da minha idade fazer!

*Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?*

1. *A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados*
2. *Uma tradição de família*
3. *O convívio*
4. *O gostar daquele estilo de música e dança*

1º Gosto da música e pelo convívio.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

*Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive ou de outra região.*

Onde vivo. Pertence a nós é a nossa cultura

*O que é que sente quando está no palco a atuar?*

Que estou a mostra a nossa cultura aos outros.

*Se mudasse de região conseguia adaptar-te facilmente à cultura de uma outra região?*

Não sei

*Conhece a história deste rancho a sua origem? Não*

*Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?*

*Se tivesses que escolher um local para viver qual escolhias a região onde vive ou outro.*

Não me imagino a viver noutra local.

## **Anexo JPR Entrevista do RCR**

**Dia 4 de agosto de 2018**

**Nome: JPR - RCR**

**Idade: 16 anos**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias: 11º**

**Origem/Naturalidade:** - Aldeia do concelho de contexto rural.

**Relação com a região do contexto rural:** *(Nasceu e sempre viveu na aldeia mãe e avós maternos também nasceram lá, na mesma casa.)*

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

*Dança, (nunca teve outro papel)*

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho***

Desde sempre, basicamente, o meu pai já cá andava e eu vinha com ele, o meu pai andou aqui, depois o meu irmão também andou, entretanto o meu pai teve de sair, por questões profissionais, o meu irmão também teve de ir para o Porto, só fiquei eu. O meu irmão tem mais 7 anos que eu. Quando eu comecei a dançar tinha 6 anos mas já cá andava antes, levava a placa. *(placa que identificação do rancho)*

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho.***

Sim. Trouxe os meus primos, o PRR e o JRR para o rancho.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios.***

Sim, muito frequente.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Sim, quando é necessário por exemplo: há pouco tempo houve uma atividade no auditório, agora estou aqui no festival e sempre que é preciso alguma coisa eu cá estou.

***É uma pessoa muito dedicada ao rancho?***

Sim.

***Como teve conhecimento do rancho***

Através do meu pai que já estava no rancho.

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal**

Sim! por exemplo esta experiência que estou a viver agora, que é conviver com várias pessoas de vários países, várias línguas, muitas pessoas da minha idade nunca vão ter acesso a esse tipo de coisas, graças ao grupo tenho essa possibilidade e acho que isso também me dá certos valores que eu vou usar na minha vida futura.

***Acha que se não tivesses tido essa experiência no rancho era a mesma pessoa que és hoje?***

Não, era totalmente diferente! Por estar habituado a conviver com outro tipo de pessoas, com pessoas mais velhas, desde pequeno, com crianças, com adultos, com idosos, trocar a roupa na rua é esse tipo de coisas que fez com que eu me adapte a qualquer situação que haja na vida seja alegre, triste ou trabalhoso, com o meu tempo, claro, eu lá vou fazendo as coisas.

***Costumava ir ver os ensaios, com o seu pai?***

Na altura era muito pequenino.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Porque motivo veio para o rancho?***

*(Não sabe dizer porquê. Veio com o pai era muito pequeno.)*

Conforme fui crescendo veio também o bichinho e o gosto pelo folclore. Eu na altura era muito pequenino. No início quando o Sr. F. (o ensaiador) não me punha a dança eu ficava todo “embufado” (*chateado*) ele diz que naquela altura eu chateava-me com ele.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Eu não trocava este por nenhum, porque eu fui criado com este, fez parte da minha vida até agora também não vou trocar, agora. A maior parte das pessoas com quem eu convivo, agora, foram as pessoas que me ajudaram a trajar a primeira vez e que me ensinaram a dançar é totalmente diferente. E porque eu agora sei que ocupo um lugar totalmente diferente que iria ocupar se fosse agora para a outro grupo, porque já são vários anos e a confiança que depositam em mim.

***Se o grupo acabasse como é que se sentia?***

Ia ser muito estranho porque isto é o “hobby” da minha vida inteira era quase como perder um familiar. Eu sinto, se calhar nem todos sentem, mas grande parte das pessoas aqui tratamo-nos como uma família.

***Mas acha que essa é uma razão muito forte que o faz continuar a estar no rancho?***

Sim! Por exemplo. Se um familiar nosso falecer, seja um par ou seja outro, está sempre alguém presente no funeral, nunca falhamos, o grupo é que lá está não é a pessoa individualmente.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

É do Festival Internacional! É nessa altura que nós nos divertimos mais, porque nas saídas nós nunca temos grande tempo para conviver, com as outras pessoas, brincamos entre nós mas não temos tempo para brincar (*conviver*) com os outros. Porque nós chegamos, comemos qualquer coisa e atuamos e vamos logo embora, nunca temos tempo de conviver.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho***

É dançar!

***Tem prazer em dançar?***

Eu tenho!

***Porque continua no rancho?***

Porque gosto!

***Gosta mais de quê?***

De tudo! Gosto de dançar, gosto do companheirismo, gosto das aventuras.

***Mas acha que há uma razão mais forte?***

Acho que são todas estas razões que fazem a razão forte.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Não!

***Já participou noutra rancho?***

Não!

***Sentes uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Por acaso nós temos uma grande vantagem que é “nós nunca deixamos qualquer faixa etária de parte” tanto brincamos com o novo com o com o velho, porque normalmente as pessoas que vêm para o nosso grupo, se não for (*sociável*) aprendem a ser, é o companheirismo ninguém leva a mal, toda a gente brinca, tanto brinca a criança de nove anos como uma pessoa de setenta é igual. .

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual? Não!***

***Não tem porque não há ou por outra razão?*** Já tive. Sim há muitas coisas

***Mas na aldeia onde mora há?***

Na minha aldeia temos várias coisas! Temos um grupo de cantares, temos um rancho, temos um grupo de jovens, temos um grupo coral, temos um grupo de concertinas tudo a promover a cultura temos várias coisas.

***E nunca pensou em ir para esse rancho, da sua aldeia?***

Não! porque quando eu tive idade para pensar nisso já aqui estava.

Por uma questão pessoal, eu não me iria sentir bem ir para outro sítio

***Sentia-se infiel ao grupo?***

E não só, eu por o que vejo, porque conheço várias pessoas desses grupos, às vezes convivemos e é totalmente diferente. Era o que estávamos a falar, (*refere-se a uma conversa que tínhamos tido horas anterior a entrevista*) o nosso grupo é muito jovem e é isso que nos torna diferentes, porque é claro que, por acaso temos poucos idosos e são de brincar (*gostam de brincar*) porque há muitos idosos que andam nos grupos e não gostam de certas brincadeiras e este é totalmente diferente, chagar lá e não poder fazer certas e determinadas brincadeiras, piadas é totalmente diferente.

***Por exemplo se este grupo começasse agora a fazer danças do Minho, continuavs na mesma?*** Sim claro!

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

As últimas duas, o convívio e o gostar de dançar.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

***Se tivesses que escolher um local para viver qual escolherias região onde vive ou outra?***

Eu não me imagino viver numa cidade, de todo!

Eu se estiver em casa e se a porta da cozinha estiver fechada, já é uma aflição, mete-me aflição, estou habituado a sair, a andar sempre às voltas sem me preocupar se estou em sítios perigosos, se tenho pessoas atrás de mim porque eu não preciso de me preocupar com nada disso. Aqui é calmo, toda a gente conhece toda a gente.

***Não se imagina a morar numa outra cidade?*** Não! de todo!

***Para o futuro, depois de terminar o curso, imagina-se a morar naquela aldeia, a continuar a viver aqui? Sentes-te feliz a viver aqui?***

Sim! Sinto-me muito feliz

***Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

Adaptar-me iria adaptar-me, mas a nossa cultura é sempre diferente.

***Identifica-se com as tradições culturais daqui da região?*** Sim

***Se tivesses que escolher um local para viver qual escolherias região onde vive ou outra?***

Ia ser muito estranho! Nunca pensei grande coisa sobre isso, acho que iria ser muito diferente, eu sempre vivi aqui, claro que estou habituado. Eu ando aqui há muito tempo, já percorremos Portugal de lado a lado mas é sempre diferente, a nossa terra é sempre a nossas terras.

***Conhece a história deste rancho e a sua origem? Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?***

Foi fundado em 1949, a Amália Rodrigues pediu para cantar o nosso malhão de (...), em 2014 fez o seu 1º Festival Internacional de Folclore, apenas com 3 grupos estrangeiros, em 2015 começou a fazer com 9 grupos estrangeiros, mas ainda não tinha concorrido ao CIOF, em 2016 concorreu a avaliação do CIOF até 2018. Já foi 2 vezes à Hungria, uma vez a França uma vez a Espanha e também já foi à Madeira.

## **Entrevista a JDR do RCR**

**Dia 6 de agosto de 2018**

**Nome: JDR Rancho: RCR**

**Idade: 14**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações:** Literárias: 10º ano

**Origem/Naturalidade:** Aldeia do Concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** Vive na aldeia de (V...) a mãe é natural do (P..) o pai do concelho do contexto rural.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:**

Dança, só começou a dançar em 2018

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho:***

Mais ou menos á 3 anos

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho.***

O irmão o (X..) e a irmã que saiu agora há pouco tempo.

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios.***

É muito frequente.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho:***

Sim no Festival Internacional de Folclore.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Sim, porque é as nossas tradições do antigamente e podemos conhecer melhor como as pessoas viviam antigamente. Quando vou para o palco tenho vergonha e isto também ajuda.

***Como teve conhecimento do rancho***

Através do meu irmão que anda cá já há muito tempo.

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

**Porque motivo veio para o rancho?**

Eu vim para o rancho, não só porque o meu irmão estava cá mas também porque gosto de dançar, gosto de conviver com as pessoas deste rancho, conhecer pessoas de outros países e também a sensação de estar a mostrar para alguém, aquilo que gosto de fazer e pensar que elas estão a gostar.

E também vim para este porque é federado é mais rigoroso e conhecia as pessoas aqui e também porque é mais perto de onde eu vivo.

***E gosta que sejam rigorosos e exigentes?***

Sim! Há ranchos federados por alguma razão. Há outros que não são federados e não são tão rigorosos.

***Acha que é importante, para si estar num rancho federado?***

É minimamente importante, também não é o mais importante, o importante é mesmo o rancho em si, as danças e tudo mais. Acho importante porque se podem organizar coisas como este Festival Internacional de Folclore.

***O outro rancho onde estava não organizava festivais?***

Organizava, mas era completamente diferente deste.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Eu tenho uma relação de amizade com as pessoas daqui, acho que seria diferente estar noutra.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.?)***

O festival é o momento mais marcante do ano, porque conheço pessoas dos outros países, desenvolvo o meu inglês. Também gosto da gala final porque sabemos que concluímos o trabalho e conseguimos e a despedida que é um momento um bocado triste.

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

É as danças relembrar como as pessoas viviam antigamente e conviver com as pessoas.

***Porque continua no rancho***

Porque para conseguir as coisas é preciso trabalho sempre, acho que o rancho é o exemplo disso também. Por exemplo estas semanas têm sido muito cansativas, mas mesmo assim eu continuo aqui porque com certeza precisam da minha ajuda. E continuo aqui porque gosto de dançar, quero dançar e continua a fazer este tipo de festival e conhecer outras

peessoas. Acho que é isso! Eu gosto de dançar, e gosto de sentir que as pessoas gostam do que estão a ver.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)***

Sim! quando não dançava, mas continuei aqui.

***Já participou noutra rancho***

Sim! Andei no rancho de T.... Havia 3, um deles acabou e eu vim para este.

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral! dou-me com pessoas da idade do meu irmão (*o irmão é mais velho*)

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Lá (*na aldeia*) não tem quase nada é aqui que eu praticamente vivo não é lá, lá tenho só a minha casa e pronto e o resto é tudo aqui, (*na sede do concelho*)

Estou no basquetebol, tenho a catequese, as vezes tenho recolha de alimentos com a (...) na escola e também andava nos escoteiros de (X.... )

Há escoteiros em (Y...) em (Z...) e (C...) e acho que há mais.

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive (RCR)/ A tradição da região dos antepassados (RCU)***
- 2. Uma tradição de família;***
- 3. O convívio;***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;***

Acho que todos em geral! e o facto de eu querer estar aqui.

### ***(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)***

***Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, contexto rural***

Sim

***No futuro pensa em continuar aqui?***

Eu quero continuar aqui. Quero ir estudar para o (P...) mas quero continuar aqui no rancho. Viver aqui ainda não sei, porque a minha família está tudo no (P...), madrinha primos está tudo lá. Mas quer manter sempre uma relação muito forte aqui com a região do....(*contexto rural*)

## **Entrevista a MBR do RCR**

**Dia 29** de set. de 2018

**Nome: MBR Rancho RCR**

**Idade: 17**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias: 12<sup>a</sup>**

**Origem/Naturalidade:** Região Concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** Sempre vivi aqui em (...) A minha mãe é da R... o meu pai é do P..., mas sempre tiveram raízes cá. Os meus avôs também são de cá.

**Que papel/tarefa desempenha no grupo**

Danças

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho***

Desde março, abril de 2018, há mais ou menos 6 meses.

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho.***

Não tenho. Mas tenho aqui amigos, *a minha melhor amiga está cá.*

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios.***

É frequente.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Quando é preciso participo no Festival Internacional de Folclore.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Pelo convívio com as pessoas mais velhas, não só com elas, mas também com os mais novos. É uma relação interpessoal ajuda na responsabilidade. Também ajuda ao nível das línguas, *no caso específico do Festival Internacional*, uma forma de aprender com outras culturas.

***Como teve conhecimento do rancho***

A minha melhor amiga anda cá desde pequenina e andava sempre a dizer-me “vem e não sei quê” e eu fui deixando arrastar, mas eu gostava. É giro!

***Porque motivo veio para o rancho?***

Porque tinha cá a amiga. O meu pai também conhecia o Sr. (*ensaiador*)... e ele também me dizia, “anda vem experimentar”.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Eu acho que este vai ser sempre “aquele rancho” acho que não conseguiria estar noutra.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

Eu gosto de tudo, até dos ensaios é aprendizagem é interessante, tudo mesmo. O folclore que também é organizado pelo nosso grupo temos outra responsabilidade porque somos nós que organizamos. Nós trabalhamos para mostrar o nosso melhor.

***O que mais o atrai ou gosta de fazer no rancho?***

Como eu disse vim por vontade minha e não por vontade externa. Por isso não há nenhum aspeto que eu diga que não goste. Gosto um pouca quase de tudo.

***Porque continua no rancho***

Porque gosto mesmo! Estou a adorar tudo.

***Acha que foi uma descoberta***

Sim!

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)***

Não!

***Já participou noutra rancho***

Não!

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral, embora às vezes esteja mais com aquele grupinho das pessoas da nossa idade, mas são sempre atenciosas, para qualquer coisa que nós precisarmos.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Ballet há 5 anos, aqui no concelho.

***Acha que essa experiência, embora com outro tipo de dança, influenciou a vinda para o rancho?***

Eu gosto de experimentar novas coisas.

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

1. *A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados*
2. *Uma tradição de família*
3. *O convívio*
4. *O gostar daquele estilo de música e dança*

É o convívio e o gostar de dançar!

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

#### ***Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?***

Identifico-me sem sombra de dúvida com estas! Desde pequeninos que estamos habituados a ver ranchos e aí é isto que eu imagino e idealizo.

#### ***Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

Não tenciono ficar cá! mas tenciono continuar no rancho! Aqui não temos tanto futuro como numa grande cidade. Claro que quero conhecer outras coisas, mas nada me impede de deixar de morar cá.

Mudar de cidade efetivamente talvez. Mas lá esta, posso voltar sempre cá

#### ***Conhece a história deste rancho e a sua origem?***

Conheço alguma coisa não tudo. Não conheço a história muito aprofundada. Este rancho tem 69 anos

#### ***Acha que perdia o sentimento de pertença a este local?***

Não! É uma ligação muito forte!

## Entrevista a CSR do RCR

Dia 6 de agosto de 2018

Nome: CSR Rancho RCR

Idade: 12

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** 8º

**Origem/Naturalidade:** Uma aldeia do concelho de contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:**

*Sempre viveu na região. Vive numa (aldeia do concelho), um pequeno lugar no concelho de (do contexto rural). Pais e avós também nasceram e vivem na região*

**Que papel/tarefa desempenha no grupo?**

Dança

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho?***

Tinha 2 anos, há 10 anos.

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Sim! Avós maternos, mãe e pai, irmão, primos e tios.

***Com que frequência participa nos ensaios, costuma faltar aos ensaios?***

Muito assídua

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Quando é necessário.

***Como teve conhecimento do rancho***

Através da família.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Sim porque nós aqui, principalmente no festival, (no Festival Internacional) conhecemos pessoas novas e diferentes, tradições.

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Qual o motivo porque veio para o rancho.***

*Não sabe porque tinha apenas 2 anos e veio com os pais que já cá andavam.*

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

*Acho que não mudaria. Porque foi neste rancho que eu andei sempre.*

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

*Gosto de todas não há assim uma mais preferida, mas por exemplo gosto do Festival Internacional, porque gosto de conhecer pessoas novas e países que eu nem sequer ouvia falar.*

***Em relação a língua, como comunicam?***

Por gestos, pelo Google tradutor.

***O que mais a atrai ou gostas de fazer no rancho?***

O facto de nós podermos mostrar às pessoas como é que eram as tradições, os trajes, as danças.

***Mas de tudo o que é que a atrai mais?***

Mostrar às pessoas de agora como era a vida antigamente.

***Porque continua no rancho?***

Gosto de dançar, gosto de cá andar, gosto das pessoas novas. Gosto de estar com eles.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)?***

Não. De me chatear ao ponto de sair não!

***Já participou noutra rancho? Não***

***Sentes uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

Mais com as pessoas da minha idade!

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Na minha aldeia não há nada é um lugar muito pequeno, mas também não me apetece mesmo!

***Das quatro: qual é a razão mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

1º É o convívio a que punha em primeiro lugar.

Não é por ser uma tradição de família estou aqui porque gosto e sinto orgulho quando danço.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

***Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?***

Sim as da minha região, onde vivo e nasci.

***Se muda conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

Não sei

***Conhece a história deste rancho a sua origem. Não***

***Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?***

(Não conhece)

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhias região onde vive ou outra***

Não sei.

## Entrevista a PRR

**Dia 8 de agosto e 29 set. de 2018**

**Nome: PRR Rancho de: RCR**

**Idade: 18**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** 12º

**Origem/Naturalidade:** Região do RCR

**Relação com a região do contexto rural:** Nasceu e vive – pais e avós também são de lá

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho:***

Desde dezembro de 2017

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho:***

Sim, primos

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios***

Muita frequência.

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho***

Sempre que o grupo precisar, no Festival e outros.

***Como teve conhecimento do rancho***

O meu primo foi o primeiro (*a vir para o rancho*) mas eu já sabia que existia este grupo há muito tempo.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Nós aprendemos mais coisas, conhecemos outras pessoas outra terra é boa como cultura geral. “Depois podemos dizer já fui a tal sitio “é muito bom até.

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Porque motivo veio para o rancho.?***

Como o meu primo já cá andava e também gostava de ter alguma ocupação aos sábados, como não tínhamos nada para fazer assim vínhamos para aqui para os ensaios e era também para dar umas voltas e conhecer mais e conviver com os amigos.

***Acha que o facto de não ter nada para fazer ao sábado a noite também ajudou na decisão para vir para cá?***

Sim também ajudou muito!

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Eu não trocava, já estamos habituados aqui, só se um dia este acabar. Mas não acaba. Agora já criei aqui alguma amizade. Se sair daqui não vou para mais lado nenhum.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

Dos ensaios, das saídas, do festival, comer e beber um bom vinho, o Festival internacional ás vezes os ensaios também são engraçados e as saídas.

***O que mais te atrai ou gostas de fazer no rancho***

O convívio com o pessoal, as saídas e conhecer outras terras e o Festival.

***Porque continua no rancho:***

Pelo Festival Internacional e pelo convívio com o pessoal muito “fixe”.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)***

Já pensei, mas foi por uma proposta de trabalho. Mas se agora tiver uma proposta de trabalho não saio do rancho.

***Já participou noutra rancho***

Não

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral! Dou-me bem com toda a gente.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?***

Não

***Das quatro, qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***

2. *Uma tradição de família*

3. *O convívio*

4. *O gostar daquele estilo de música e dança*

Pelo convívio! A minha família não dança no rancho, mas assim em bailaricos, são todos uns “pimpões”, que é como que diz, dançam muito e muito bem até, valsas, (...) tanto do lado do meu pai como do lado da minha mãe dançam. Eu também dou jeito a danças, mas é mais danças de salão, nos bailaricos até dou jeito.)

***Costuma ir aos bailaricos?***

Sim na minha aldeia nas “festazitas” que costumam lá organizar.

### **Identidade e pertença (para os jovens do RCR)**

***Tem perspectiva para o futuro, de ficar cá ou sair para outra cidade?***

Ir para outra cidade á procura de outras oportunidades, se calhar em breve para Lisboa.

***Mas se tivesse oportunidades de trabalho aqui na região ficava cá ou saia na mesma?***

Se tivesse aqui uma empresa boas e que ganhasse bem sim ficava cá no concelho até pode aparecer assim um buraco. Mas é a nossas terras!

***Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive ou outra?***

Sim, da minha região.

***Se mudasse conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

Sim adaptava-me.

***Mas tem um sentimento de pertença aqui à terra?***

Sim tenho esse sentimento de pertença. Por exemplo quando agente vai, por exemplo para o P... e depois chegamos aqui a (.....) é diferente é mais calmo, pronto é melhor é a nossa terra é diferente. Nasci aqui e pronto!

***Conhece a história deste rancho a sua origem.***

Mais ou menos conheço por alto!

***Consegues fazer um breve resumo sobre a sua história?***

(conhece mal a história)

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhias região onde vive ou outra?***

(...) a terra onde vivo.

## Entrevista a RRR do RCR

Dia 14 de set de 2018

Nome: RRR Rancho RCR

Idade: 24

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** Licenciatura.

**Origem/Naturalidade:** Concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** Nasceu e viveu até à sua entrada na universidade em (X...)

**Que papel/tarefa desempenha no grupo?**

Dança e apoia na organização do festival anual como interprete e na logística relacionada com a sua formação académica.

### (i) Relação com o rancho

**Há quanto tempo está no rancho?**

2 anos

**Relação de parentesco com outros elementos do rancho?**

Primos e outros

**Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)?**

Venho sempre que posso.

**Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho**

Às vezes

**De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal**

Para conhecer outras culturas e tradições dentro e fora do país.

**Como teve conhecimento do rancho**

Já conhecia o rancho, mas comecei a participar no Festival Internacional e depois acabei por entrar no rancho.

### (ii) Motivação para pertencer ao rancho

***Qual o motivo porque veio para o rancho.***

Acabou por ser uma consequência de eu ter entrado no festival internacional, para ajudar, depois fui ficando porque gosto do folclore, das danças e dos cantares tradicionais e também pelas pessoas que fazem parte do grupo.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Na região de (...contexto rural) não me era indiferente seria com este que ficaria, agora que for para outro sítio e se eventualmente encontrasse outro grupo onde me sentisse confortável e à vontade sim integraria o grupo também. Sim experimentaria nem que fosse só para conhecer.

***De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.***

Gosto muito de dançar e gosto muito do convívio quando nos juntamos todos gosto. Acabamos sempre por cantar e dançar, eu gosto muito de dançar com eles, apesar de estar ainda a aprender as danças, mas gosto de dançar com eles!

***O que mais o atrai ou gosta de fazer no rancho***

Atrai-me o facto de ser uma representação das tradições das nossas terras. Acho que é muito importante porque conta um bocadinho da nossa história, o que nós fomos e depois vem também influenciar o nosso presente, sem nos apercebermos. Acho que nesse aspeto é importante conservar as tradições e a nossa história.

***Porque continua no rancho***

Acho que é mesmo o gosto que fui adquirindo pelo folclore em específico da nossa região, pelas pessoas e pelas amizades que vamos tendo com as pessoas.

***Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque)***

Não.

***Já participou noutra rancho***

Sim participei num rancho quando era mais nova, mas foi por um curto espaço de tempo e não havia a ligação que tenho agora com estas pessoas.

***Mas era criança?***

Era adolescente tinha 15 ou 16 anos por aí. (*um dos ranchos da zona contexto rural*)

***Sente uma maior proximidade com as pessoas da sua idade ou de todos em geral?***

De todos em geral.

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual***

Faço Yoga e algum exercício, mas faço sozinha em casa, lá em (*contexto rural onde mora*)

***Das quatro, qual é a razão mais forte porque continua no rancho:***

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados***
- 2. Uma tradição de família***
- 3. O convívio***
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança***

1º A tradição da região,

2º o convívio

3º e o gosto pela música e dança

### **(iii) Identidade e pertença (*para os jovens do Contexto Rural*)**

***Identifica-se com as tradições culturais de região onde nasceu e vive?***

Continuo a identificar-me com a região da onde nasci e vivo.

***Se mudasse conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

Continuo a identificar-me com a região de X... (*contexto rural*) mas também estou muito habituada ao estilo de vida urbano, a experiência de 6 anos que tive em (X... *a estudar*) fez-me sentir também bem na cidade. Uma das coisas que eu tinha receio quando decidi voltar para X... (*contexto rural*) para escrever a tese e ficar cá até terminar o mestrado e sendo uma nova experiencias tive um bocado receio disso, de voltar e pensar que já não me iria sentir bem, por ser demasiado sossegado e demasiado parado mas fiquei surpreendida porque me tenho sentido muito bem cá, até me apercebi que estava a precisar disto. Pensava que não me iria habituar e tinha um bocadinho de receio pensava que não era capaz de me adaptar, porque estava habituada a ir para aqui para ali. Estava a precisar! Não sei o que vai ser da minha vida no próximo ano. Quero ir para a Austrália durante um ano para viajar e trabalhar, mas depois não sei o que é que vai acontecer a nível profissional, não sei para onde é que eu vou ficar ou vou estabilizar, não sei o que é que vai acontecer. E por acaso já me passou pela cabeça tentar ficar em X... (*concelho*)

*contexto rural*) ou tentar encontrar algum projeto e investir ali na região, se calhar não viver lá permanentemente, mas ter lá alguma coisa lá, além da família que me vai manter ligada a X... (*região do contexto rural*) que era uma coisa que não me passava pela cabeça há um ou dois anos atrás, que era regressar a X... e viver lá e agora já reconsidero. Não sou das pessoas que fica com receio de mudar e ir para outro lado. Gosto de arriscar e não me importo de arriscar. Depois de estar estes 6 anos na cidade não me imaginava a voltar a viver num meio rural. Sinto-me uma cidadã do mundo. É nas nossas diferenças que encontramos semelhanças que não estávamos a espera.

***Conheces a história deste rancho a sua origem.***

Conheço por alto, tenho a noção do que é o que foi, mas por alto. Já conhecia o grupo, mas foi depois de entrar no grupo que conheci um pouco melhor. A informação vai sendo passada de forma informal.

***Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?***

Conheço algumas coisas, mas não conheço pormenores.

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolherias região onde vive ou outra?***

*(A resposta já foi dada na pergunta anterior)*

## **Entrevista a FRR do RCR**

**Dia 29 de set. de 2018**

**Nome: FRR Rancho RCR**

**Idade: 17 anos**

### **Identificação/Ocupação**

Habilitações Literárias: 12º

Origem/Naturalidade: *(de uma freguesia do concelho do contexto rural)*

***Relação com a região do contexto rural: Nasceu e vive, pais e avós também são da região.***

***Que papel/tarefa desempenha no grupo: Dança***

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho?***

Entrei em abril de 2018 há 6 meses.

***Relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Tenho um primo

***Com que frequência participa nos ensaios (costuma faltar aos ensaios)?***

Muito frequente

***Fora dos dias/horas de ensaio, costuma frequentar a sede do rancho?***

Não.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal***

Acho que é uma maneira de não ter vergonha. Conseguir estar a frente das pessoas sem ter vergonha e fazer amigos.

***Como teve conhecimento do rancho***

O rancho é muito conhecido em X... *(no concelho do contexto rural)*, mas depois da R... e a L... terem vindo disseram-me para eu vir também.

***Qual o motivo porque veio para o rancho.***

Porque gosto, eu quando era pequenina queria ir para um rancho.

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país.***

Não sei só dancei neste, nunca dancei noutro.

*De que atividades do rancho mais gosta (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc.*

Gosto de sair e de mostrar às pessoas. Nas atuações há mais aquela pressão, mas é divertido.

*O que mais o atrai ou gosta de fazer no rancho? É dançar!*

*Porque continua no rancho (está só há meses, não foi feita a pergunta)*

*Já pensou alguma vez sair do rancho (se sim porque) (está só há 6 meses, não foi feita a pergunta)*

*Já participou noutra rancho? Não*

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral? De todos!*

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual Não!*

*Das quatro, qual é a razão mais forte porque continua no rancho:*

- 1. A tradição da região onde nasceu ou vive/ A tradição da região dos antepassados;*
- 2. Uma tradição de família;*
- 3. O convívio;*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança.*

O convívio também o gostar da música e da dança.

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Contexto Rural)**

*Identifica-se com as tradições culturais da região onde nasceu e vive ou outra?*

Sim! É a nossa terra

*Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região? (não respondeu)*

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia?*

P...! Isto aqui é bonito, mas para fazer uma vida é um bocado complicado.

*Sente um sentimento de pertença aqui a esta zona?*

Tenho sim, tenho! é sempre a nossas terras.

*Conhece a história deste rancho e a sua origem?*

Não

*Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?*

## **Entrevista a VCR do RCR**

**Dia 21 de abril de 2018**

**Nome: VCR - RCR**

**Idade: 27 anos**

### **Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Frequenta Licenciatura

**Origem/Naturalidade:** Concelho contexto rural

**Relação com a região do contexto rural:** Nasceu e vive na região

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança

### **(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho?***

Há 8 anos

***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Tenho cá 2 primos

***Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?***

Sempre que pode e vem a casa.

***Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?***

*Não*

***Como teve conhecimento do rancho?***

Através dos meus primos

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

***Porque motivo veio para o rancho? (não foi possível obter a resposta para)***

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

Se tivesse um outro convite aceitava, também é bom conhecer novas tradições se novas danças.

*De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)? (não foi possível obter a resposta para)*

*O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?*

As tradições.

*Porque continua no rancho?*

Primeiro porque fui habituado a andar assim neste ambiente do rancho, porque o meu pai já andava e eu costumava ir ver os ensaios, e já foi desde aí, depois é também uma maneira de não se perder as nossas tradições, e para outras tradições conhecerem a nossa igualmente e nós as deles. É importante uma pessoa estar inserida neste ambiente. Uma forma de não acabar esta tradição,

*Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porque? (não foi possível obter a resposta para)*

*Já participou noutra rancho?*

Eu antes de andar neste rancho andava noutra. Um rancho também daqui da zona, o Rancho de N.....(de uma freguesia do concelho). Sai porque quis. Fui para aquele primeiro porque foi onde andou o meu pai, o meu pai imigrou e entrei eu tinha 10 anos e aos 18 ou 19 a nós vim para aqui.

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral? (não foi possível obter a resposta para)*

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?*

*(não foi possível obter a resposta para)*

*Das quatro, qual é a razão mais forte porque continua no rancho?*

- 1. A tradição da região dos antepassados;*
- 2. Uma tradição de família;*
- 3. O convívio;*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;*

Por causa dos antepassados e também uma maneira de **não** acabarem as tradições e os grupos. A segunda é o convívio

### **(iii) Identidade e pertença (para os jovens do RCR)**

*(não foi possível obter a resposta para este bloco)*

## Entrevista ICR do RCR

Dia 21 de abril de 2018

Nome: ICR Rancho de: RCR

Idade: 18 anos

### Identificação/Ocupação

**Habilitações Literárias:** está a terminar 12º ano

**Origem/Naturalidade:** : Nasceu em Lisboa mas vive em N..., num concelho de vizinho.

**Relação com a região do contexto rural:** vive em A.....há 13 ou 14 anos os pais também são da região de da mesma região. Foram para Lisboa e depois voltaram para A.... (para concelho vizinho do contexto rural)

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança

### **(i) Relação com o rancho**

*Há quanto tempo está no rancho?* Há 2 anos

*Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?*

Sim, Tio e Prima

*Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?*

(não foi obtida a resposta)

*Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?* Não

*Como teve conhecimento do rancho?*

Através do Tio e da Prima, vim através deles.

*De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?*

### **(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

*Porque motivo veio para o rancho?*

Eu desde sempre quis vir para o rancho, mas os meus pais não me criam deixar vir, mais o meu pai. Eu sempre gostei de dançar e deste tipo de música.

**Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?** Vim para este porque tenho aqui primos e tio

**Na região do Concelho onde vive também há muitos ranchos, nunca pensou em ir para lá?**

Não gosto porque são pessoas (...) menos “simpáticas” e acham-se melhor que os outros. Por isso é que eu nunca fui para lá e os meus pais não me deixaram ir para lá.

***De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)? (não foi obtida a resposta)***

*(não foi obtida a respostas)*

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho? (não foi obtida a respostas)***

***Porque continua no rancho? (não foi obtida a respostas)***

***Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porque? (não foi obtida a respostas)***

***Já participou noutra rancho?***

Não os meus pais não me deixaram

***Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral? De todos***

***Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual? (não foi obtida a respostas)***

***Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?***

- 1. A tradição da região dos antepassados;**
- 2. Uma tradição de família;**
- 3. O convívio;**
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;**

O convívio é para mim o mais importante.

### **Identidade e pertença (para os jovens do RCR)**

***Identifica-se com as tradições culturais da região onde nasceu e vive ou outra?***

***Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?***

***Se tivesse que escolher um local para viver qual escolheria região onde vive ou outra?***

***Conhece a história deste rancho e a sua origem?***

***Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?***

*(não foi possível concluir este bloco de perguntas na entrevista)*

**Entrevista RAR (*entrevista incompleta*)**

**Dia 21 de abril de 2018**

**Nome: RAR - Rancho de: RCR**

**Idade: 16**

**Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Estuda, 8º ano

**Origem/Naturalidade:** Num conselho vizinho

**Relação com a região do contexto rural:** vive

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** Dança

**(i) Relação com o rancho**

*Há quanto tempo está no rancho? Desde abril de 2018*

*Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?*

Irmão e primo

*Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?*

*(sem dados para esta pergunta)*

*Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?*

Não

*Como teve conhecimento do rancho?*

O meu avô já andava aqui, toca viola, nós eu e a L....., telefonamos para aqui e viemos, a minha avó já cá tinha andado também.

*De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?*

Nós sempre gostámos de dançar e foi uma oportunidade para nós vir para aqui.

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

**(Bloco de pergunta que não foi possível completar)**

*Porque motivo veio para o rancho?*

Porque gostávamos e esta foi uma oportunidade que tivemos.

*Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?*

Se tivéssemos transporte, talvez.

*De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?*

Especialmente o convívio

*O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?*

*Porque continua no rancho?*

*Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porque?*

*Já participou noutra rancho?*

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?*

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?*

*Das quatro: qual é a razões mais forte porque continua no rancho?*

- 1. A tradição da região dos antepassados;*
- 2. Uma tradição de família;*
- 3. O convívio;*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;*

O gostamos de dançar!

### **Identidade e pertença (para os jovens do RCR)**

**(Bloco de pergunta que não foi possível completar)**

*Identifica-se com as tradições culturais da região onde nasceu e vive ou outra?*

*Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar- se facilmente à cultura de uma outra região?*

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia região onde vive ou outra?*

*Conhece a história deste rancho e a sua origem?*

*Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?*

**Entrevista a LRR- do RC (*entrevista incompleta*)**

**Dia 21\_ de abril 2018**

**Nome: LRR    Rancho de: RCR**

**Idade: 16**

**Identificação/Ocupação**

**Habilitações Literárias:** Estudante 8º ano

**Origem/Naturalidade:** De uma freguesia do concelho

**Relação com a região do contexto rural:** *Nasceu e vive na mesma aldeia*

**Que papel/tarefa desempenha no grupo:** dança

**(i) Relação com o rancho**

***Há quanto tempo está no rancho?***

Entrou em abril de 2018

***Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do rancho?***

Avó e primos

***Com que frequência participa nos ensaios e se costuma faltar aos ensaios?***

(dados inconclusivos)

***Fora dos dias/horas de ensaio costuma colaborar com o grupo?***

(dados inconclusivos)

***Como teve conhecimento do rancho?***

Através de avó e primos.

***De que forma o rancho contribui, ou não, para o enriquecimento pessoal?***

**(ii) Motivação para pertencer ao rancho**

**(Bloco de pergunta que não foi possível completar)**

***Porque motivo veio para o rancho?***

***Seria indiferente participar neste ou num outro rancho, de uma outra região do país?***

***De que atividades do rancho gosta mais? (por exemplo: deslocações, os ensaios, as atuações, viagens, etc)?***

***O que mais o atrai ou gostas de fazer no rancho?***

***Porque continua no rancho?***

*Já pensou alguma vez sair do rancho? se sim porque?*

*Já participou noutro rancho?*

*Sente uma maior proximidade com as pessoas (do rancho) da sua idade ou de todos em geral?*

*Tem outra ocupação de tempos livres para além do rancho. Qual?*

*Das quatro, qual é a razões mais forte porque continua no rancho?*

- 1. A tradição da região dos antepassados;*
- 2. Uma tradição de família;*
- 3. O convívio;*
- 4. O gostar daquele estilo de música e dança;*
- 5.*

**(iii) Identidade e pertença (para os jovens do Rancho de Contexto Urbano**

**(Bloco de pergunta que não foi possível completar)**

*Identifica-se mais com as tradições culturais de região onde nasceu e vive, Lisboa, ou com as tradições da terra de origem dos pais/antepassados?*

*Sente que pertences mais a Lisboa/lugar onde vive ou à região dos pais/antepassados?*

*Conhece a história e a origem desta comunidade, neste local, e a sua relação com a região de origem dos seus antepassados?*

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia Lisboa, região dos antepassados ou outro.*

**Identidade e pertença (para os jovens do RCR)**

*Identifica-se com as tradições culturais da região onde nasceu e vive ou outra?*

*Se mudasse para outro sítio conseguia adaptar-se facilmente à cultura de uma outra região?*

*Se tivesse que escolher um local para viver qual escolhia região onde vive ou outra?*

*Conhece a história deste rancho e a sua origem?*

*Consegue fazer um breve resumo sobre a sua história?*

